

«Incrível»

THE TIMES

«Perturbador»

KIRKUS REVIEWS

«Impressionante»

THE OBSERVER

O THRILLER
MAIS
CHOCANTE
DO ANO

Laranja de Sangue

Sei que o que faço é errado.

Mas não consigo parar.

FENÓMENO BESTSELLER!

«Harriet Tyce é a nova
Paula Hawkins.»

Cosmopolitan

TOP
SEL
LER



«Incrível»
THE TIMES

«Perturbador»
KIRKUS REVIEWS

«Impressionante»
THE OBSERVER

O THRILLER
MAIS
CHOCANTE
DO ANO

Laranja de Sangue

Sei que o que faço é errado.
Mas não consigo parar.

FENÓMENO BESTSELLER!

«Harriet Tyce é a nova
Paula Hawkins.»

Cosmopolitan

TOP
SEL
LER

Para a minha família

Prólogo

Primeiro acendes um cigarro, o fumo elevando-se em espiral em direção ao teto. Atinge o fundo da garganta à primeira inalação, para depois se esgueirar para os pulmões e infiltrar-se na corrente sanguínea com um ligeiro formigueiro. Pousas o cigarro no cinzeiro e comesças a montar o cenário. Ajoelhado nas costas do sofá, amarras a corda à estante, com o fumo a subir-te ao rosto e a fazer-te arder os olhos.

Em seguida, enrolas um lenço de seda à corda, para a tornar mais macia, e dás-lhe um ou dois puxões, para te certificares de que está presa. Já fizeste isto antes. É um gesto muito praticado e ensaiado. Medido até alcançar a calibração perfeita. Só até certo ponto, não mais além. Não há queda. Apenas se pretende um pouco de morte.

O ecrã está montado, o filme que escolheste a postos para começar.

E o toque final, a laranja-de-sangue que puseste num prato. Pegas na faca, uma faca afiada com o cabo em madeira e a lâmina de aço meio descolorada, e crava-la na peça de fruta. Uma metade, um quarto. Um oitavo. A casca da laranja-de-sangue, a parte branca, a polpa escorrendo vermelha nas extremidades, as cores do pôr do Sol.

São todas as texturas de que necessitas. A pungência do fumo no ar, as figuras dançando no ecrã diante dos teus olhos. O amortecimento sedoso contra a rugosidade da corda. O pulsar do sangue nos teus ouvidos, à medida que estás cada vez mais próximo, o citrino adocicado na língua para te trazer de lá para cá, antes do ponto sem retorno.

Corre sempre bem. Sabes que estás em segurança, sozinho.

Atrás da porta trancada, apenas tu e esse êxtase glorioso que estás prestes a atingir.

A poucos batimentos de distância.

I

O céu de outubro estende-se cinzento por cima de mim e o meu *trolley* está pesado, mas aguardo o autocarro e dou graças a Deus. O julgamento está despachado, abreviado após argumentação jurídica com base na falta de elementos de prova. É sempre agradável derrotar a acusação, e o meu cliente ficou encantado. E a cereja no topo do bolo é o facto de ser sexta-feira. Fim de semana. Tempo em casa. Tenho andado a planeá-lo — esta noite tenciono fazer as coisas de maneira diferente. Um copo, dois no máximo, e depois vou-me embora. O autocarro chega e regresso ao trabalho, passando sobre o Tamisa.

Assim que chego aos escritórios do Inn's of Court¹, dirijo-me para a sala dos funcionários judiciais e fico à espera de que deem pela minha presença, na azáfama dos telefones que tocam e do zunido da fotocopiadora. Por fim, o Mark ergue o olhar.

— Boa noite, doutora. O solicitador ligou; estão muito satisfeitos por ter despachado o julgamento do assalto.

— Obrigada, Mark — replico. — As provas de identificação eram uma treta. Mas ainda bem que chegou ao fim.

— Belo resultado. Não tem nada para segunda-feira, mas chegou isto para si. — Aponta para uma pequena pilha de papéis pousada em cima da secretária dele, presa com uma fita cor-de-rosa. Não tem um ar particularmente impressionante.

— Ótimo. Obrigada. Do que se trata?

— De um homicídio. E é a advogada principal — responde-me ele, estendendo-me os papéis com um piscar de olho. — Parabéns, doutora.

Abandona a sala antes de eu ter tempo de lhe responder. Fico ali

especada com a pilha na mão, funcionários judiciais e estagiários a andarem de um lado para o outro, na azáfama típica de sexta-feira.

Um homicídio. Vou defender o meu primeiro processo judicial de homicídio. Aquilo que tenho almejado toda a minha vida profissional.

— Alison. Alison! — Com esforço, concentro-me nas vozes. — Vens tomar um copo? Nós vamos sair agora. — É o Sankar e o Robert, ambos advogados na casa dos 30 anos, com uma coleção de estagiários atrás. — Vamos encontrar-nos com o Patrick no The Dock.

Interiorizo as palavras deles.

— O Patrick? Qual Patrick? O Bryars?

— Não, o Saunders. O Eddie despachou agora mesmo um julgamento com ele e estão a comemorar. Aquele da fraude; até que enfim que acabou.

— Certo. Vou só guardar isto. Encontramo-nos lá. — Segurando a minha pasta nos braços, saio da sala, cabisbaixa. Sinto o pescoço a ferver e não quero que ninguém repare nas manchas vermelhas.

Na segurança da minha sala, fecho a porta e examino o meu rosto. Aplico batom e atenuo o rubor com um pouco de base. Tenho as mãos demasiado trémulas para pôr rímel, mas penteio o cabelo e ponho um pouco mais de perfume; não há necessidade de levar comigo o fedor das celas.

Empurro os papéis para a parte de trás da secretária e endireito a moldura que desviei sem querer. Copos à sexta-feira à noite. Mas só vou beber um.

Esta noite vai correr como planeado.

O nosso grupo enche metade da cave do bar, um lugar sombrio frequentado por advogados criminais e respetivos funcionários judiciais. Enquanto desço as escadas, o Robert faz-me sinal com o copo na mão e eu sento-me ao lado dele.

— Vinho?

— Vinho. Sem dúvida. Mas só um copo. Esta noite quero ir para casa cedo.

Ninguém comenta. O Patrick não me cumprimentou. Está sentado no lado oposto da mesa, entretido à conversa com uma das estagiárias — a tal Alexia —, com um copo de vinho tinto na mão. Distinto, bem-parecido. Forço-me a desviar o olhar.

— Estás gira, Alison. Cortaste o cabelo? — O Sankar está muito animado. — Não acham que ela está gira, Robert e Patrick? Patrick? — insiste, com mais ênfase.

O Patrick não ergue o olhar. O Robert para de falar com um dos funcionários judiciais mais experientes, assente com a cabeça e faz um brinde com a caneca de cerveja.

— Parabéns pelo homicídio! Advogada principal e tudo. Não tarda nada serás procuradora-geral. Eu não te disse, depois de te teres saído tão bem no Tribunal de Recurso no ano passado?

— Não exageremos — respondo-lhe. — Mas obrigada na mesma. Pareces bem-disposto. — A minha voz soa jovial. Não me interessa se o Patrick me viu chegar ou não.

— É sexta-feira e vou para Suffolk durante uma semana. Podias experimentar tirar férias, um dia.

Sorrio e assinto com a cabeça. É claro que sim. Uma semana na costa, talvez. Por momentos imagino-me a saltar as ondas, como naquelas fotografias divertidas que se veem num certo tipo de casa de férias. Mais tarde, comeria peixe frito com batatas fritas na praia, agasalhada por causa do vento de nortada típico de outubro, antes de acender o fogão a lenha na minha casa impecavelmente decorada. Mas, depois, lembro-me das pastas que tenho em cima da secretária. Agora não.

O Robert serve-me mais vinho. Bebo-o. A conversa flui à minha volta, o Robert gritando para o Sankar e para o Patrick, e depois novamente para mim, altos e baixos de piadas parvas e gargalhadas. Mais vinho. Mais um copo. Mais advogados a juntarem-se a nós, um maço de tabaco a rodar pela mesa. Fumamos lá fora, mais um, *não, não, agora compro-os eu, estou sempre a cravar-te*, e a procura de trocos e o subir de escadas trôpego para comprar tabaco ao balcão e *não há Marlboro Lights, só Camel, mas o que importa isso, sim, vamos beber mais um copo de vinho*, e

outro copo e outro, e shots de uma coisa viscosa e escura, e a sala e a conversa, e as piadas rodopiando cada vez mais rápidas à minha volta.

— Pensava que tinhas dito que querias ir cedo para casa. — Concentra-te agora. O Patrick está mesmo à tua frente. Visto de certos ângulos, faz lembrar um Clive Owen grisalho. Procuro-os, inclinando a cabeça para um lado e para o outro.

— Caramba, estás mesmo com os copos.

Tento agarrar-lhe a mão, mas ele afasta-se bruscamente, olhando em redor. Recosto-me na cadeira, afastando o cabelo do rosto. Já todos se foram embora. Como é que não dei por nada?

— Onde estão todos?

— Na discoteca. Na Swish. Queres ir até lá?

— Pensava que estavas a conversar com a Alexia.

— Oh, então viste-me quando chegaste. Não tinha a certeza...

— Tu é que me ignoraste. Nem sequer levantaste os olhos para me cumprimentar. — Tento disfarçar a minha indignação, sem grande sucesso.

— Então, não precisas de ficar irritada. Estava só a dar alguns conselhos profissionais à Alexia.

— Imagino... — Agora é demasiado tarde, o ciúme transborda de mim. Porque será que ele me faz sempre isto?

Caminhamos juntos até à discoteca. Tento agarrar-lhe o braço algumas vezes, mas ele esquia-se sempre, e antes de chegarmos à entrada empurra-me para uma esquina escura entre dois edifícios de escritórios, agarrando-me o queixo com firmeza.

— Não me toques quando estivermos lá dentro.

— Eu nunca te toco.

— Tretas, Alison! Na última vez que viemos aqui tu tentaste apalpar-me. Foste bastante óbvia. Só estou a tentar proteger-te.

— Tu queres é proteger-te a ti próprio. Não queres ser visto comigo. Sou demasiado velha... — A minha voz perde-se no ar.

— Se vais começar com essas coisas, é melhor ires para casa. Estou a

tentar proteger a tua reputação. Os teus colegas estão cá todos.

— Queres é curtir com a Alexia e estás a tentar livrar-te de mim. — Lágrimas escorrem-me dos olhos, a dignidade há muito perdida.

— Não faças cenas. — A boca dele está próxima da minha orelha, as palavras sussurradas. — Se fizeres uma cena, nunca mais te falo. Agora larga-me.

Ele afasta-me e dobra a esquina. Cambaleio em cima dos saltos altos, encostando a mão à parede para me apoiar. Em vez da textura rugosa de cimento e tijolo, sinto uma substância pegajosa precisamente no sítio onde pousei a palma da mão. Com o equilíbrio recuperado, cheiro a mão e vem-me um vômito à boca. Merda. Um palhaço qualquer espalhou merda na parede do beco. O cheiro desperta-me mais do que as palavras que o Patrick me disse numa voz sibilada.

Deverei encará-lo como um sinal para me ir embora? Nem pensar. De modo algum vou deixar o Patrick sozinho na discoteca, ainda por cima com a quantidade de mulheres jovens e famintas ansiosas por causarem uma boa impressão num dos solicitadores mais importantes dos nossos escritórios. Limpo a maior parte da porcaria num pedaço limpo da parede e dirijo-me para a Swish, sorrindo para o porteiro. Se esfregar as mãos durante muito tempo, talvez consiga livrar-me do fedor. Nunca ninguém saberá.

Tequila? Sim, tequila. Mais um shot. Sim, um terceiro shot. A música a pulsar. Agora a dançar com o Robert e o Sankar, agora com os funcionários judiciais, agora a mostrar aos estagiários como é que se faz, sorrindo, de mãos dadas com eles, rodopiando e dançando novamente sozinha, os braços acenando acima da minha cabeça, tenho novamente 20 anos e nenhuma preocupação. Mais um shot, um gin tónico, a cabeça às voltas para trás, entregando-se à batida da música, ao mesmo tempo que o cabelo me cobre o rosto.

O Patrick está aqui algures, mas não quero saber, não ando à procura dele, não faço a mais pequena ideia de que está a dançar muito juntinho à Alexia, com um sorriso no rosto que deveria ser só para mim. Vou

pagar-lhe na mesma moeda. Aproximo-me do bar, com um passo bamboleante. Estou com ótimo aspeto. O cabelo escuro afastado artisticamente do rosto, em boa forma física para alguém que tem quase 40 anos — à altura de qualquer tipa de 20 e tal anos presente na discoteca. Até mesmo da Alexia. Especialmente da Alexia. O Patrick vai ver, ah, vai arrepender-se, vai arrepender-se tanto, perdeu esta oportunidade, deitou tudo a perder...

Começa a tocar uma música nova, com uma batida mais forte, e dois homens empurram-me a caminho da pista de dança. Cambaleio e depois caio no chão, incapaz de deter o ímpeto, o telemóvel saltando-me do bolso e caindo com força no chão. Vou contra uma mulher com um copo de vinho tinto na mão que se espalha por todo o lado, pelo vestido amarelo dela abaixo e para cima dos meus sapatos. A mulher olha para mim com uma expressão de repugnância e afasta-se. Tenho os joelhos numa poça de bebida entornada e tento recuperar o controlo antes de me pôr de pé.

— Levanta-te.

Ergo o olhar e depois volto a baixá-lo.

— Deixa-me em paz.

— Não quando estás nesse estado. Vamos.

O Patrick. Apetece-me chorar.

— Para de te rires de mim.

— Não me estou a rir de ti. Só quero que te levantes e que te vás embora. Parece-me que já chega.

— Porquê ajudares-me?

— Alguém tem de o fazer. O resto dos teus colegas encontrou uma mesa e está a emborcar *prosecco*. Nem darão pela nossa falta.

— Vens comigo?

— Se te despachares. — Estende a mão e puxa-me. — Vai lá para fora. Já vou ter contigo.

— O meu telemóvel... — Olho para o chão.

— O que tem?

— Deixei-o cair. — Vislumbro-o debaixo de uma mesa, perto do início

da pista de dança. O ecrã está partido e pegajoso de cerveja. Limpo-o na minha saia e abandono a discoteca.

O Patrick não me toca enquanto caminhamos em direção aos escritórios. Não falamos, não discutimos o assunto. Destranco a porta, acertando no código do alarme à terceira tentativa. Ele segue-me para o meu gabinete, arrancando-me a roupa sem me beijar e empurrando-me de barriga para baixo sobre a secretária. Endireito-me e olho para ele.

— Não devíamos fazer isto.

— Dizes sempre isso.

— E estou a ser sincera.

— Dizes sempre isso também. — Ele dá uma risada, puxa-me para si e beija-me. Viro a cabeça para o lado, mas ele vira-me o rosto para ele. A minha boca está rígida por uns instantes, mas o cheiro dele, o sabor, toma conta de mim.

Mais força. Mais depressa. A minha cabeça embate nas pastas em cima da secretária enquanto ele me penetra por trás; detém-se por instantes e depois muda ligeiramente de posição.

— Eu não disse... — Começo por dizer, mas ele ri-se e manda-me fazer pouco barulho.

Uma mão agarra-me o cabelo e a outra pressiona-me contra a secretária, e as minhas palavras dão lugar a um soluço, a um arquejo. Uma e outra vez contra a secretária e depois as pastas caem e, ao caírem, derrubam a moldura e esta cai também e o vidro parte-se e aquilo é tudo demasiado, mas não o consigo parar e também não o quero parar, mas quero, e continua, continua e não pares, não pares, para, estás a magoar-me, não pares, continua, até que se ouve um gemido e ele está despachado, limpando-se e endireitando-se.

— Temos de parar de fazer isto, Patrick. — Levanto-me da secretária e puxo as cuecas e os collants para cima, ajeitando a saia por cima dos joelhos. Ele está a vestir as calças, a pôr as fraldas da camisa para dentro. Tento abotoar a minha camisa. — Arrancaste-me um botão — digo-lhe, os meus dedos trémulos.

— Tu consegues pregá-lo.

— Mas não o posso pregar neste instante.

— Ninguém dará por nada. Não está cá ninguém. Estão todos a dormir. São quase três da manhã.

Olho em redor do gabinete e encontro o botão. Enfio os pés nos sapatos, vou contra a secretária. A divisão está a andar à roda, a minha cabeça outra vez pouco clara.

— Estou a falar a sério. Isto tem de acabar. — Tento não chorar.

— Mais uma vez, dizes sempre isso. — Não olha para mim enquanto veste o casaco.

— Quero acabar com isto. Não consigo continuar a lidar com esta situação. — Agora estou mesmo a chorar.

Aproxima-se e segura-me o rosto entre as palmas das mãos.

— Alison, estás com os copos. Estás cansada. Sabes bem que não queres que isto acabe. E eu também não.

— Desta vez estou a falar a sério. — Afasto-me, tentando aparentar um ar autoritário.

— Veremos. — Inclina-se para a frente e beija-me a testa. — Agora vou-me embora. Falamos para a semana.

O Patrick vai-se embora antes de eu poder argumentar. Deixo-me cair na poltrona no canto da divisão. Se ao menos eu não me embebedasse desta maneira. Limpo o ranho e as lágrimas do rosto com a manga do casaco, até a minha cabeça pender sobre o ombro e eu apagar por completo.

¹ O Inns of Court é composto por quatro associações profissionais de escritórios de serviços jurídicos. Todos os advogados pertencem a uma delas. [N. T.]

2

— Mamã, mamã, mamã!

Tenho os olhos fechados e estou quentinha e deitada na minha cama, e é tão bom a Matilda ter vindo dar-me os bons-dias.

— Mamã! Dormiste na tua cadeira. Porque é que dormiste na tua cadeira?

Cadeira. E não cama. Cadeira.

— Abre os olhos, mamã. Diz olá a mim e ao papá.

E também não é um sonho. Abro um olho e torno a fechá-lo.

— Está demasiada luz. Demasiada luz. Por favor, apaguem as luzes.

— As luzes não estão acesas, mamã tonta. É de manhã.

Abro os olhos. É o meu gabinete, o local onde trabalho durante a semana, cheio de pastas, jurisprudência, detritos da noite anterior. A minha filha não deveria estar aqui à minha frente, a mão esticada em cima do meu joelho. Deveria estar aconchegada na cama em casa, ou sentada à mesa da cozinha a tomar o pequeno-almoço. Mas está aqui. Estendo a mão e pouso-a em cima da dela, antes de me tentar recompor.

Estou aninhada num dos lados da poltrona e, assim que me endireito, sinto o pé esquerdo dormente. Mexo as pernas e retraio-me quando o sangue regressa às extremidades. Mas não é o que me dói mais. Cenas da noite anterior explodem-me na mente. Vislumbro a secretária por cima da cabeça da Matilda, imagens desfocadas do Patrick a penetrar-me com força, ao mesmo tempo que ela se debruça sobre mim para me abraçar. Ponho os braços em redor dela e inalo o odor da sua cabeça. Isso acalma o martelar do meu coração, pelo menos um pouco. Não há motivo para me preocupar. Simplesmente adormeci no escritório

depois de ter bebido demasiado, nada mais. Foi só isso que aconteceu. Além de que acabei tudo com o Patrick. Vai correr tudo bem. Talvez.

Já me sinto com energia suficiente para encarar o Carl. Está encostado à ombreira da porta, tudo nele revelando desilusão, as rugas de expressão entre o nariz e a boca fortemente pronunciadas. Enverga calças de ganga e uma camisola de capuz, como de costume, mas os cabelos grisalhos e a expressão dura no seu rosto conferem-lhe um ar de alguém décadas mais velho do que eu.

Pigarreio, a boca seca, à procura das palavras que possam esclarecer tudo isto.

— Voltei aqui depois da discoteca, para vir buscar a pasta do processo judicial novo, e depois apeteceu-me sentar um pouco e quando dei por mim...

O Carl não sorri.

— Pois, calculei.

— Desculpa. Queria mesmo ter ido para casa mais cedo.

— Deixa-te disso, sei bem como és. Mas esperava sinceramente que desta vez te tivesses comportado como uma adulta.

— Desculpa. Não foi minha intenção...

— Calculava que estivesse aqui, por isso decidimos vir-te buscar para te levar para casa.

A Matilda começa a andar pela divisão. Antes de eu ter tempo de perceber o que se passa, esgueira-se para debaixo da secretária. Um grito repentino, um levantar apressado, uma corrida na minha direção.

— Mamã, olha, mamã, a minha mão, a minha mão, dói-me, dói-me...

— Os soluços abafam as palavras dela.

O Carl avança e agarra-lhe a mão, limpando-a com um lenço de papel, que depois estende na minha direção. Tem sangue.

— Porque é que há vidros partidos no chão? — A voz dele soa tensa, ao mesmo tempo que tenta acalmar a Matilda.

Levanto-me devagar, enfio-me debaixo da secretária e retiro a fotografia emoldurada que foi deitada ao chão na noite anterior. A Matilda sorri-me detrás dos estilhaços de vidro.

— A minha fotografia estava no chão. Porque é que estava no chão? — Chora ainda mais alto.

— Devo tê-la deixado cair sem querer. Desculpa, querida.

— Devias ter mais cuidado. — O Carl está zangado.

— Não sabia que vocês iriam aparecer.

Ele abana a cabeça.

— Deveria ser possível trazer a Matilda ao teu gabinete. — Ele faz uma pausa. — Além de que a questão não é essa. Não devia ser obrigado a trazer a Matilda ao teu escritório. Deverias ter ido para casa ontem à noite. Como qualquer mãe que se preze.

Não há nada que eu lhe possa responder. Limpo os vidros e embrulho-os num jornal antigo, e depois deito tudo no caixote do lixo. A fotografia da Matilda não ficou danificada, pelo que a tiro da moldura partida e a encosto à esquina do meu computador. Enfio as fraldas da camisa dentro da saia. O rosto do Carl exibe uma expressão furiosa, o sobrolho muito franzido, e depois a raiva dele dá lugar a uma expressão de profunda tristeza. Sinto um aperto na garganta, uma forte sensação de culpa e remorso, forte o suficiente para se sobrepor ao sabor ácido da minha ressaca.

— Desculpa. Não foi de propósito.

Ele fica em silêncio durante imenso tempo, o cansaço visível no rosto.

— Pareces exausto. Peço imensa desculpa, Carl — digo-lhe.

— E estou exausto. Demasiadas noites acordado até às tantas, à tua espera. Já deveria saber que não vale a pena esperar por ti.

— Podias ter ligado.

— E liguei. Não atendeste.

Magoada com o tom de voz dele, vou buscar o telemóvel à minha mala. São 12 chamadas não atendidas. E 15 mensagens. Apago tudo. É demasiado para a minha cabeça.

— Peço desculpa. Não volta a acontecer.

Ele respira fundo.

— Não vamos discutir à frente da Tilly. Estás aqui agora. Já estamos juntos. — Aproxima-se de mim, pousa a mão no meu ombro e, por

breves instantes, assento a minha em cima da dele. Então, aperta-me o ombro com força e dá-me um abanão. — Está na hora de irmos para casa.

Em seguida repara no meu telemóvel. Pega nele e examina o visor estalado.

— Sinceramente, Alison! Puseste uma película nova há poucos meses. — Suspira. — Lá vou ter de to arranjar outra vez...

Não discuto, seguindo-o obedientemente para o exterior do edifício.

A viagem até Archway é rápida, carros e autocarros circulando rapidamente pelas ruas vazias. Encosto a cabeça ao vidro da janela, contemplando os destroços da noite anterior. Invólucros de hambúrgueres, garrafas aqui e ali, um pequeno carro do lixo a deslocar-se de um lado para o outro, as escovas giratórias limpando os vestígios da noite de sexta-feira.

A Gray's Inn Road. Vedações em ferro forjado obscurecem a vista para os relvados extensos. Rosebery Avenue, Saddle's Wells — vêm-me à memória livros que li há muito. *No Castanets at the Wells*, *Veronica at the Wells*. Como se chamava mesmo o outro? *Masquerade at the Wells*, exatamente. Sei bem o que isso é, as máscaras, as vidas duplas. Cerro os punhos, os nós dos dedos a ficarem brancos. Estou a tentar não pensar em como terá corrido o resto da noite do Patrick. Teria acreditado em mim quando lhe disse que estava tudo acabado? Teria ido para casa, ou voltado a sair, em busca da minha substituta? O Carl levanta a mão do volante e pousa-a sobre a minha.

— Pareces tensa. Não tarda nada estaremos em casa.

— Peço muita desculpa, Carl. Sinto-me muito cansada. Estamos todos cansados, eu sei.

Viro-lhe a cara, tentando afastar o sentimento de culpa, ainda a olhar pela janela. Estamos a passar Angel, os restaurantes da Upper Street que começam bem e terminam mal num Wetherspoon na Highbury Corner. As floreiras penduradas a todo o comprimento da Holloway Road, habitações de estudantes por cima de lojas de comida indiana e a

curiosa fileira de lojas de roupa de látex para gostos que o Patrick certamente partilhará.

— O julgamento correu bem? — pergunta-me o Carl, interrompendo o silêncio assim que começamos a subir a colina em direção a casa. Sou apanhada de surpresa, o tom de voz dele mais simpático do que antes. Talvez já não esteja zangado.

— O julgamento?

— Aquele em que tens estado a trabalhar esta semana, o do assalto.

— Consegui despachá-lo antes... — As palavras soam-me distantes, como se atravessassem vários metros de água, a minha cabeça ao mesmo tempo pesada e leve.

— Quer então dizer que estás livre para a semana? Seria bom se pudesses passar algum tempo com a Tilly.

Já não estou submersa. Fui subitamente içada acima da superfície, estou engasgada e a tentar respirar. Ele continua zangado.

— Estás a tentar dizer-me alguma coisa?

— Tens andado muito ocupada nos últimos tempos.

— Sabes que isto é muito importante para mim. Para nós. Por favor, não comeces uma discussão.

— Não estou a discutir, Alison. Apenas disse que seria bom. Nada mais.

O trânsito abranda no cimo da Holloway e na saída para Archway. A minha casa. Onde está o meu coração. Enfio a mão no bolso, para me certificar de que o meu telemóvel continua no interior, mas evito consultar as mensagens para ver se o Patrick me contactou. Saio do carro e viro-me para a Matilda, com um sorriso firme no rosto. Ela agarra-me a mão enquanto entramos em casa.

Tomo um duche, esfregando do corpo todos os vestígios do Patrick. Tento não recordar a minha cabeça encostada ao tampo da secretária, ele insistente por cima de mim, a pressão que produziu calafrios rígidos em todas as minhas superfícies moles. Começo a comer a sanduíche de bacon que o Carl deixou a arrefecer em cima da bancada da cozinha,

concentrando-me no som da Matilda a brincar no jardim, pontapeando folhas e rodopiando no relvado, de um lado para o outro, para a frente e para trás. Ela é um pêndulo que oscila entre esta realidade e a outra que continua sem me contactar, por muito que diga a mim mesma que tenho de parar de verificar o telemóvel. Começo a abrir a pasta do homicídio e depois fecho-a. A tentação de me refugiar no trabalho é quase irresistível, esconder-me atrás dos depoimentos e do sumário em vez de confrontar a realidade da minha própria vida, e o quanto estou a dar cabo dela, as várias formas como magoo o Carl e a Tilly. Mas sei que só irei piorar a situação se for trabalhar agora. Fica para mais tarde.

Amigos para almoçar, o Carl a cozinhar — somente o melhor para as pessoas que ele conhece desde a faculdade. Uma perna de cordeiro a assar no forno, o aroma a alecrim intenso no ar. A cozinha toda lavada, uma autêntica moldura à espera do retrato. O Carl já pôs a mesa, guardanapos dobrados em cima dos pratos pequenos quase em cima dos talheres. O quadro no canto da divisão está limpo das atividades semanais — deixou de ser um sem-fim de aulas de natação, de compras no supermercado e de horários das reuniões do Carl, e agora diz simplesmente «Adoro o fim de semana!» na letra cuidada da Matilda, com o desenho de dois bonecos palito de mãos dadas, um alto e outro pequeno.

As bancadas da cozinha estão desimpedidas, as portas dos armários estão fechadas, uma série de superfícies imaculadas fazendo-me sentir inadaptada. Tento reajustar um ramo de lírios brancos que o Carl dispôs dentro de uma jarra, mas pedaços gordos de pólen amarelo caem em cima da mesa. Limpo-os com a manga e afasto-me rapidamente.

Vou ter com a Matilda ao jardim, admiro a teia de aranha que cobre a groselheira-negra e o amontoado de galhos na azinheira que só pode ser um ninho. «Mamã, estás a ver aquilo? Se calhar mora ali um pisco.» Talvez.

— Vamos ter de comprar comida, mamã. Para o passarinho poder alimentar os bebés.

— Está bem, querida. Compramos uns amendoins.

— Amendoins não. Explicaram-nos isso na escola. Os pássaros gostam de bolas de gordura com coisas lá enfiadas.

— Que porcaria. Que tipo de coisas?

— Não sei, sementes, minhocas, talvez?

— Perguntamos ao papá, querida. Talvez ele saiba. Ou podemos pesquisar.

O Carl chama-nos. Os convidados já chegaram e ele está a retirar o borrego do forno. Admiro a peça e vou buscar as bebidas ao frigorífico, ambos entregando-nos naturalmente aos papéis que representamos sempre que o Dave e a Louisa nos visitam. Almoçamos com eles ao fim de semana desde antes de as nossas filhas terem nascido, dias em que a luz dá lugar à escuridão enquanto estamos sentados à mesa a beber garrafa atrás de garrafa, empanturrados com os pratos confeccionados pelo Carl. Dou um copo de sumo à Flora, a filha deles, e tiro a rolha da garrafa de vinho.

— O Dave vai conduzir. Mas eu bebo um pouco. — A Louisa estende a mão para aceitar o copo que acabo de encher.

— Vais beber, Alison? — O Carl enche uma taça com batatas fritas, depois de cobrir o borrego com uma folha de alumínio.

— Sim. Porque não? É sábado.

— Pensei que depois de ontem à noite... — Ele não precisa de terminar a frase.

— Depois de ontem à noite o quê?

— Talvez não te apetecesse beber mais? Seja como for, foi só uma ideia. Não stresses.

— Não estou stressada. — Sirvo-me de mais do que o pretendido, entornando um pouco do *Sauvignon Blanc*.

A Louisa inclina a cabeça para o lado, intrigada.

— O que aconteceu ontem à noite?

Olho para o rosto dela, na esperança de que o tom mordaz da voz seja apenas impressão minha.

— Nada, era sexta-feira, entendes...

— A mamã estava tão cansada que adormeceu na cadeira no escritório

dela! Tivemos de a ir buscar hoje de manhã. O papá disse que tínhamos de cuidar dela — explica a Matilda.

Cubro o rosto com as mãos, esfrego os olhos.

— A mamã adormeceu no escritório? Devia estar mesmo cansada. Porque é que tu e a Flora não vão comer batatas fritas lá para fora? Sei que ela está cheia de fome — diz a Louisa, pondo a taça com batatas fritas nas mãos da Matilda e acompanhando as duas meninas à porta.

Sim, cansada, só isso. Cansada até à medula.

— Quer dizer que te deram finalmente um homicídio? Excelente notícia! Deves ter feito um favor dos grandes para esse teu funcionário judicial ter conseguido uma coisa dessas. — O Dave esboça um esgar.

— Foi tudo conquistado com trabalho árduo, Dave. Tenho a certeza de que ela o merece. — A Louisa lança-lhe um olhar furioso e depois levanta o copo na minha direção, em jeito de brinde.

— Do que se trata? Muito sangue e horror? Vá lá, conta-nos os pormenores mais interessantes.

— À frente das crianças não, Dave... — diz a Louisa.

— Para dizer a verdade, ainda não tive oportunidade de o estudar ao pormenor. Tenciono começar amanhã, tentar perceber do que se trata. — Em resposta, ergo o meu copo para a Louisa e emborco o conteúdo.

— Tinha pensado em irmos dar um passeio amanhã — diz o Carl, cabisbaixo. — Tilly, eu não disse que íamos todos dar um passeio?

— Sim, quero muito ir visitar aquele castelo, o do labirinto. Tu prometeste que íamos todos, papá. — A Matilda faz beicinho, desiludida.

— Podias ter confirmado comigo primeiro... — Engulo as palavras. Posso sempre trabalhar quando chegarmos a casa, depois de ela se ter ido deitar. Será divertido. Ela a correr labirinto fora e eu atrás dela, virando à direita, à esquerda, à direita até sabermos que estamos perdidas e gritarmos por socorro, sempre a rir. — É claro que vamos visitar o castelo, querida. — Quanto mais brincarmos às famílias felizes, mais depressa o tempo passará.

O trabalho do Dave. O trabalho da Lou. Os pacientes do Carl — nada de nomes, apenas alguns pormenores vagos sobre os seus novos encontros de grupo semanais para homens viciados em sexo, que fazem com que o Dave e a Louisa se riam com nervosismo. Não presto muita atenção — lido com imensos processos judiciais de sexo no trabalho, pelo que não sinto qualquer curiosidade. Não voltamos a falar sobre o meu homicídio. Segurando o cálice pelo pé, bebo um copo e outro, na esperança de abafar as vozes ansiosas que me murmuram ao ouvido por causa do julgamento e do tempo que levarei a prepará-lo.

— Querem cantar karaoke? — pergunto.

— Vamos antes comer um pouco de queijo. Comprei vinho do Porto.
— Carl, o anfitrião nato. É melhor dono de casa do que eu alguma vez poderia ser.

— *Brie*? — ofereço, cortando um pedaço.

— Olha bem o que fizeste, Alison. Cortaste a ponta — critica o Carl.

Olho para o *brie* e depois para o pedaço na minha faca. Sinto a garganta a fechar-se-me e volto a pousar o queijo em cima da tábua, juntando os pedaços. Ouço o Carl suspirar, mas estou demasiado cansada para lidar com isso.

— A sério, alguém quer cantar karaoke? — Cantar irá animar-me. Vou escolher uma canção da Adele.

— Temos de ir embora não tarda nada. Não é um pouco cedo para karaoke? — pergunta o Dave.

— Meu Deus, és sempre tão sensato. Pronto, deixa lá. Eu canto sozinha.

— Não fiques zangada; são quase sete da tarde. Estamos aqui há horas
— replica a Louisa.

Quase sete da tarde? É realmente tarde. Mais uma vez, o tempo passou a correr. Não me recordo de metade da conversa que tivemos. Levanto-me da cadeira e emborco o conteúdo do meu copo. Ao levá-lo à boca, dois fios vermelhos escorrem-me pelos cantos dos lábios e caem-me na blusa branca. Pouso o copo com força em cima da mesa e avanço rapidamente para a porta.

— Bem, vou cantar karaoke. Vocês são uns chatos. É fim de semana, porra.

Hoje estou ao rubro. As crianças observam-me de olhos arregalados, enquanto atinjo todas as notas altas em *Wuthering Heights*. Estão encantadas. O Heathcliff deixar-me-ia entrar com toda a certeza. Entrego-me a *Rolling in the Deep*, da Adele, e pisco o olho ao Prince cantando *Little Red Corvette*, antes de alcançar o meu pico musical, *There is a Light That Never Goes Out*. Uma vez disseram-me que a canto num tom algo espectral e que é sempre o meu ponto alto. Para mim não há cá *My Way*, esta é a minha maneira de terminar o espetáculo, superando o próprio Morrissey. Possivelmente. Aguento a última nota o máximo de tempo possível e depois deixo-me cair no sofá, completamente esgotada. Quase fico admirada pelo facto de não receber uma salva de palmas, tal é a minha convicção de que o Carl, o David e a Louisa estão a escutar-me avidamente e a admirar a minha voz.

— ... Não sei como aguentas. — A voz da Louise torna-se clara no silêncio súbito após o final da minha canção. Alguém diz chiu. Estarão a falar de mim? Não estive assim tão mal... Recosto-me no sofá de couro bege e fecho os olhos. A porta bate e dou um salto, mas só um pouco, e depois volto a aninhar-me nas almofadas, os olhos bem fechados.

Algun tempo depois acordo sobressaltada. A casa está silenciosa. Vou à cozinha e começo a levantar os pratos e copos sujos da mesa, levando-os para o lava-louça. O Carl foi buscar os copos bons, aqueles pesados que parecem robustos, mas que se lascam assim que tocam uns nos outros. Levo uma série deles para lavar e volto para buscar mais.

Sinto-me algo confusa no que diz respeito à forma como o dia terminou; estava completamente convencida de que todos iriam querer participar. Algo me diz que talvez tenha lidado mal com a situação, a minha mente toldada pela bebida, o meu discernimento algo afetado. Dantes não era assim. Ao transpor a porta da cozinha com os copos na mão, vislumbro a imagem de Temple Church pendurada no corredor — o Carl deu-ma quando comecei a exercer, e fiquei muito grata com esse

seu gesto atencioso. Deveria ser mais delicada com ele. A sua autoconfiança nunca mais foi a mesma depois do despedimento, não obstante a formação em orientação psicológica ter corrido tão bem e o negócio dele como psicoterapeuta a tempo parcial estar a correr de vento em popa. Ele nunca quis ser dono de casa.

— Não os leves assim. Já te disse — comenta o Carl.

Dou um salto, quase deixando cair os copos. Estes tilintam.

— Só estava a tentar ajudar.

— Pois, mas não ajudes. Vai sentar-te. Se partires alguma coisa, passo-me.

De nada serve discutir. Olho para ele por entre a franja. Uma veia pulsa-lhe na têmpora e tem as faces rosadas. A cor confere-lhe juventude, de repente, e o menino que foi outrora está parado diante de mim, por breves instantes, cabelo escuro e escorrido, olhos franzidos num sorriso. A imagem avança, tal como as entradas no cabelo dele, e estou novamente perante a realidade, um homem zangado na casa dos 40, o cabelo a ficar grisalho e ralo, e uma expressão impaciente no rosto. Mas um pouco dessa memória permanece, o menino sobreposto ao homem, e um pequeno fluxo de amor desperta dentro de mim.

— Vou ler uma história à Matilda.

— Não quero que a enerves.

— Não vou enervá-la. Vou só ler-lhe uma história. — Esforço-me por evitar que a minha voz soe sentida. O fluxo de carinho já diminuiu.

— Ela sabe que estás tocada. E não gosta.

— Não estou assim tão tocada. Estou bem.

— Bem? Quando chateaste os meus amigos de tal maneira que se foram embora mais cedo, com vergonha? Quando tive de te ir buscar ao chão do escritório esta manhã?

— Eu estava na cadeira. E não é assim tão cedo.

— Sabes bem o que quero dizer.

Sei. Mas não concordo.

— Isso não me parece justo. Eles não se foram embora por minha causa. Podiam ter alinhado no karaoke.

— Caramba, Alison... Nem sei por onde começar.

— Isto não é justo.

— Não grites comigo. Recuso-me a falar contigo quando estás assim.

— Sei que ficaste zangado comigo e peço desculpa. Mas dantes divertíamos-nos. Nem me tinha apercebido de que todos se tinham tornado tão enfadonhos. Enfim. Vou ler uma história à Tilly. — Saio da cozinha antes de o Carl poder dizer mais alguma coisa.

Ela está sentada na cama, a ler um livro da Clarice Bean. Tem 6 aninhos, mas continua a ser a minha bebé. Abraça-me e murmura:

— Boa noite, mamã, adoro-te.

— Eu também te adoro — replico, aconchegando-a com o edredão florido. O Carl aparece quando estou prestes a apagar a luz e, por instantes, estamos juntos, contemplando a criança que concebemos. Viro-me para ele e estendo-lhe a mão. Ele detém-se, prestes a aceitá-la, mas depois desiste, a mão parcialmente estendida, mas o punho cerrado.

— Fiz-te uma chávena de chá. Está na sala.

— Obrigada.

Retira-se antes de eu acabar de proferir a palavra, mas é um começo, um minúsculo passo. Talvez esteja a aproximar-se de mim aos poucos. Embora eu saiba que não o mereço. Há escassas 24 horas prometera a mim própria tomar um único copo e depois ir para casa. Por momentos sinto um desespero profundo. Nem sequer consigo limitar-me a uma bebida, não consigo ir para casa para a minha família, como deveria fazer. Fito o vazio durante algum tempo, o remorso corroendo-me por dentro, e depois afasto esses pensamentos da mente. Bebo o chá e vou para a cama, dominada pela emoção e o cansaço. A semana foi muito longa. Adormeço embalada pelos sons ligeiros do Carl a lavar a louça. Pelo menos, ofereci-me para ajudar.

3

Eles saem de casa antes de eu acordar, para irem visitar o castelo, como informa o bilhete que o Carl me deixou. «Não te consegui acordar. Tivemos de ir andando. Seja como for, tens trabalho para fazer. Já tratei da louça toda.» Sem beijinhos no final. Aborrecido em vez de carinhoso.

Eu também estou aborrecida — tinha prometido ir com eles. Deviam ter-me levado. Quando percebo que se foram embora, tento ligar-lhes, mas o telemóvel dele está desligado. Deixo-me ficar deitada na cama, escutando as palavras nele na mensagem de voicemail: «De momento não posso atender. De momento não posso atender.»

Não queres atender, isso sim.

Por fim, chama.

— Porque é que não me acordaste?

— Eu tentei. Mexeste-te e mandaste-me à merda. Achei melhor deixar-te a dormir.

Não me recordo de nada disso.

— Só acordei às onze. Não é costume.

— Ainda estavas cansada da outra noite.

— Gostava que tivesses realmente tentado acordar-me. Ou que tivesses esperado por mim.

— Eu tentei, Alison. Mas tu não querias acordar. Saímos de casa às nove. Se tivéssemos saído mais tarde, já não valeria a pena termos vindo.

— Certo. Bem, fico com imensa pena. Não fiz de propósito. Posso falar com a Matilda?

— Ela agora está a brincar. Não quero interrompê-la, para não a

desanimar. Ela ficou muito triste por não vires, mas já lhe passou. Deixa as coisas como estão.

— Não compreendo; nunca durmo até tão tarde. Não fiz de propósito. Por favor, pelo menos diz-lhe que peço desculpa.

— As coisas são como são — responde-me. Segue-se uma pausa e depois muda de assunto com tanta convicção que nem discuto. — Estás a conseguir trabalhar alguma coisa?

— Estou prestes a começar. Vou fazer um guisado para o jantar.

— Bem, não te interrompo mais. — Desliga antes de eu ter tempo de me despedir.

O meu dedo fica a pairar sobre a tecla de chamada, mas depois desloco-o para a tecla do menu principal, cancelando todo o processo. Falaremos mais tarde, durante um belo jantar. Farei com que a Tilly compreenda que lamento imenso, que não queria ter faltado ao passeio. Abano a cabeça para a aclarar e saio da cama; visto um pijama e desço ao piso de baixo para trabalhar.

Dois cafés depois, abro a pasta, piscando os olhos por causa da ligeira dor de cabeça que se instalou atrás do meu olho direito. Coroa contra Madeleine Smith. O Tribunal Central de Instrução Criminal. Transferido do Tribunal dos Magistrados em Camberwell Green, o tribunal mais próximo do local do crime — uma abastada zona residencial no sul de Londres.

O meu telemóvel emite um bip. Apresso-me a pegar nele, na esperança de que o Carl esteja pronto para fazer as pazes.

«Alguma opinião em relação ao caso?»

O Patrick. Sou acometida por uma onda de prazer, logo seguida de raiva. Como é que se atreve a enviar-me mensagens ao fim de semana, em especial quando terminei tudo com ele? Então, interiorizo a mensagem.

«Qual caso?», respondo-lhe.

«Madeleine Smith. O teu primeiro homicídio, certo?»

Não me lembro de ter comentado com ele. Aos poucos ocorre-me e

volto a minha atenção para a pasta. Lá está, na última folha, o solicitador de instrução no meu primeiro homicídio. Saunders & Co. O escritório do Patrick. Por instantes interrogo-me sobre o que terei feito para ter conseguido o caso, quão longe terei ido, quantas vezes. Com quanta força, com quanta frequência. Mas sei que não é disso que se trata. O Patrick não brinca com o trabalho. Só comigo.

Mais um bip.

«Hum, sim, não precisas de agradecer.» Agora ele está a ser provocador.

«Acabei contigo na sexta-feira.» Sinto-me como se tivesse novamente 15 anos.

«Eu sei, eu sei. Mas isto é trabalho. Temos conferência para a semana. A cliente quer conhecer-te o quanto antes. Vou pedir aos funcionários judiciais para agendarem.»

O fim da conversa. Não o fim do caso extraconjugal. Nada sobre sexta-feira, nada de preocupante. Se tivesse dado uma queca com mais alguém, ter-me-ia dito. Não que eu me devesse importar. Torno a olhar para a minha mensagem: «Acabei contigo na sexta-feira.» Apago-a. Apago toda a troca de mensagens. Talvez devesse recusar trabalhar com o Patrick, para o bem do meu casamento, mas foi precisamente para isto que tanto trabalhei. Afasto-o da minha mente e abro a pasta, começando a ler. Estou a fazer o meu trabalho, nada mais.

Mais tarde, guardo a pasta e começo a preparar o jantar. Corto lentamente uma cebola. Os últimos raios de sol incidem na lâmina da faca e ergo-a, rodando-a para um lado e para o outro, o reflexo bailando nas paredes e no teto. É uma das facas de cozinha grandes que nos ofereceram como prenda de casamento, tendo eu entregado de imediato uma moeda à pessoa que mas ofereceu, a minha amiga Sandra, dos tempos de escola. «Não quero cortar o amor; conhecemo-nos há demasiado tempo», disse-lhe eu, ao mesmo tempo que ela sorria e guardava a moeda.

A Madeleine Smith não só cortou o amor como também o dilacerou,

esquartejou e esfaqueou repetidamente, deixando 15 ferimentos distintos no marido, no quarto deles em Clapham. Há vários ferimentos dos quais ele poderia ter morrido, apesar de, segundo o sumário do caso apresentado pela acusação, o médico-legista ter concluído que aquele que lhe terá tirado a vida foi o ferimento no pescoço, que quase cortou por completo a veia jugular. As manchas vermelhas são bem visíveis nos lençóis brancos em cima dos quais o corpo foi encontrado, mostradas nas fotografias fornecidas pelo agente responsável pelo local do crime.

Escolho mais uma cebola e corto-a em pedaços finos.

O guisado já está no ponto quando por fim o Carl e a Matilda regressam a casa. A Matilda espreita e diz que tem fome, mas que não quer comer carne.

— Ontem comeste cordeiro — respondo-lhe.

— Hoje, quando estava a falar com o papá, perguntei-lhe como é que matam as galinhas, e não gostei do que ele me contou.

— Mas também há muitos legumes de que não gostas — digo-lhe.

— Eu sei, mas não quero que os animais morram.

Olho para o Carl em busca de apoio, mas ele encolhe os ombros.

— Está bem, querida, eu faço-te uma omeleta. Mas talvez devesse pensar melhor nisso — replico, e ela acena com a cabeça. Mexo o guisado e estendo a colher ao Carl.

— Queres provar?

Ele pega na colher, olha para ela e cheira-a. Em seguida, esboça um esgar e afasta a colher.

— Não, nem por isso. Não tenho muita fome.

— Podias ter dito... Não me digas que também te estás a tornar vegetariano? — Tento não parecer aborrecida.

— Não, não é isso — responde-me. — Só que cheira um pouco...

— Um pouco a quê? — Suprimo a minha irritação.

— Um pouco... Ouve, não stresses. Fizeste um esforço e isso é que interessa. E em relação à Tilly se tornar vegetariana, eu apoio qualquer escolha que ela faça. Vai ser divertido, não achas? Encontraremos

imensos pratos novos ao teu gosto. — O Carl sorri para a Matilda. Em seguida, aproxima-se do fogão e mexe o guisado. — Valeu a pena o esforço, Alison, mas deixa que seja eu a cozinhar cá em casa, está bem? Sei quais são os pratos favoritos da Matilda. E deixa estar que eu faço-lhe a tal omeleta.

Não respondo, passando por ele para tirar a panela do lume, colocando em seguida a tampa ligeiramente de lado para que o guisado arrefeça e o possa congelar. Levá-lo-ei para o meu almoço; comerei os restos. O aroma enjoativo a carne perseguir-me-á durante semanas. Os pedaços de cenoura que cortei com tanto cuidado espreitam por entre o molho viscoso. Parece vomitado. Sinto-me agoniada. A minha oferenda, que nem sequer se queimou, foi rejeitada.

A Matilda aproxima-se de mim e ajoelho-me para a abraçar.

— Desculpa não ter ido contigo hoje, querida. — Falo-lhe em voz baixa, palavras destinadas unicamente a ela. Afago-lhe a face e depois abraço-a. Ela abraça-me também, com força. Afasto-a delicadamente, segurando-lhe os ombros para estabelecermos contacto visual. — Prometo-te que muito em breve iremos passear. Só tu e eu. Onde tu quiseses. Prometo-te. Está bem? — Ela assente com a cabeça. — Prometo-te.

A seguir, puxo-a novamente para mim e volto a abraçá-la. Ela descontrai-se nos meus braços, a cabeça quente encostada ao meu ombro. O nó que sinto dentro de mim suaviza.

O Carl observa-me enquanto dou banho à Matilda. Penteio-lhe o cabelo e seco-lho; depois leio-lhe uma história e canto até ela adormecer. Quando fechamos a porta do quarto dela, ele diz-me:

— É muito importante cumprirmos as promessas que fazemos às crianças.

— Não tenciono falhar.

— Espero bem que não.

— Não há necessidade de me ameaçares, Carl. Estou a dar o meu melhor. Não podes ser mais compreensivo?

— Não me puxes pela língua, Alison. Não estás em posição de te pores com reprimendas.

A raiva fervilha dentro de mim, mas depois amaina.

— Eu sei. Desculpa. Desculpa...

Estende a mão e acaricia-me a face com um dedo. Agarro-lhe a mão e beijo-a; depois ponho a outra mão atrás do pescoço dele e puxo o rosto para mim. Estamos prestes a beijar-nos. Então, ele afasta-se.

— Desculpa. Não sou capaz. — Dirige-se para a sala de estar e fecha a porta.

Aguardo uns instantes, para o caso de ele mudar de ideias, e depois regresso ao escritório e fecho a porta atrás de mim. Tento trabalhar, mergulhando nos depoimentos e na legislação para apaziguar a dor da rejeição, ao mesmo tempo que o fedor do guisado permeia fortemente o ar.

Mais tarde, enquanto guardo à colherada a mistela fria dentro de pequenos recipientes de plástico, o Carl entra na cozinha e fecha a porta atrás dele.

— Tenho pensado nisto o dia inteiro, se devo mostrar-te ou não.

— Mostrar-me o quê? — Algo no tom de voz dele faz a minha mão tremer e entornar molho fora da caixa que encho.

— Preciso que compreendas como as coisas são às vezes; por que razão ficamos tão perturbados.

— Mas precisas que compreenda o quê? — Pouso a colher grande na panela e fecho a tampa da caixa.

O Carl não me responde. Mexe no telemóvel. Guardo as caixas no congelador, encaixando-as impecavelmente umas nas outras, empurrando os pacotes de ervilhas congeladas quase vazios para o lado. Enquanto tento desprender o gelo das laterais do congelador, ouço o início da canção *Rolling in the Deep* e sorrio, prestes a cantá-la na minha cabeça. Mas, quando estou prestes a fazê-lo, ouço a minha voz a cantar. Se for possível chamar cantar àquilo. Fecho a porta do congelador com força e viro-me para o Carl. Ele estende o telemóvel na minha direção,

sem dizer uma palavra, com uma expressão de algo que se assemelha a compaixão no olhar.

Ontem à noite sentia-me magnífica, a cantar sem uma única preocupação no mundo. Não importava que ninguém tivesse querido juntar-se a mim; não sabiam o que estavam a perder! Eu era uma estrela, a cavalgar uma onda de música que me transportara para longe de todas as discussões insignificantes que tinham dominado o final da tarde. Hoje vejo o mesmo que eles viram: uma mulher completamente embriagada, com o soutien pendurado fora do vestido e a maquilhagem a escorrer-lhe pelas faces. Observo-a, chocada. A voz dela trespassa-me — as notas que eu atingira na perfeição ela falha redondamente. O ritmo errado, a dança pior ainda. E, o pior de tudo, as expressões nos rostos das crianças quando ela tenta que se juntem a ela e que dancem também. Não, isso não é o pior — o pior são as vozes abafadas que se ouvem na gravação. Há inclusivamente risadas. O Dave, a Louisa — meu Deus, aquilo é o riso do Carl também?

— Porque é que não me impediste?

— Eu tentei, mas não quiseste saber.

— E em vez disso achaste melhor filmar-me a fazer figura de parva?

— Não o fiz para ser cruel. Apenas precisava que viesses como é viver contigo, às vezes. Não é sempre assim, mas quando é... é muito complicado.

Torno a olhar para o telemóvel. A mulher no ecrã — o *eu* no ecrã — está claramente a preparar-se para uma longa noite. Cambaleia até ao sofá, sentando-se pesadamente para cantar Prince. Em seguida, o grande final, a canção dos Smiths que eu estava certa de que cantara na perfeição. Não é uma coisa bonita de se ver. As minhas mãos estão frias, trémulas, enquanto seguro o telemóvel. Sinto o rosto ruborizado, a vergonha contorcendo-se no meu estômago. Fecho os olhos, mas continuo a ouvir a minha voz esganiçada e as palavras entarameladas que cantara tão claramente na noite anterior. Fazendo um esforço para controlar o tremor nas minhas mãos, primo o botão de pausa e estou prestes a apagar o vídeo quando o Carl me tira o telemóvel das mãos.

— Estava só a tentar divertir-me — respondo-lhe.

— Não é divertido se as outras pessoas ficarem incomodadas — replica o Carl, baixando o olhar.

— Não me apercebi de que estavam incomodadas.

— O problema é exatamente esse, Alison. Nunca te apercebes.

Ele sai da divisão e eu continuo a guardar o guisado dentro de caixas. Assim que termino, limpo as laterais das caixas e ligo a máquina da louça. Apago a luz e fico parada na escuridão durante imenso tempo, escutando o zunido dos eletrodomésticos, na esperança de que acalme a minha mente e abafe o som da minha própria voz. Ainda a ouço, estridente, como vidros a estilhaçarem-se.

4

O Carl faz o pequeno-almoço para a Matilda na manhã seguinte, preparando-a para a escola. Uma vez que não tenho nenhum julgamento a decorrer, planeava levá-la eu, mas ele está a ser tão eficiente que não me atrevo a atrapalhá-lo. Desço à cozinha para ir buscar um café.

— Se me deres o teu telemóvel, posso mandar arranjá-lo. Há aquela loja perto do centro de terapia — diz-me ele.

Tento parecer indiferente, passando em revista na minha mente todos os perigos possíveis e imaginários. Sou sempre cuidadosa. Muito cuidadosa. Mensagens, e-mails — tudo apagado assim que os leio. Desde que avise o Patrick a tempo. Encolho os ombros.

— Se te quiseses dar a esse trabalho... Não está assim tão mal.

— Vale a pena arranjar o ecrã antes que fique pior. Não deves querer comprar outro.

Sei que ele tem razão, mas o tom afetado com que me fala irrita-me. Ignoro-o — afinal de contas, está a fazer-me um favor.

— Certifica-te de que fazes um *backup*. Para o caso de algo correr mal — avisa-me. Senta-se e espera enquanto faço um *backup* do telemóvel; limpo tudo e depois entrego-lho.

— Obrigada; é simpático da tua parte.

Pega no aparelho e vai-se embora, a Matilda abraçando-me rapidamente antes de sair a correr atrás do pai.

Assim que o Carl sai porta fora, ligo para o escritório do Patrick, para o apanhar antes que ligue para o meu telemóvel. A sócia dele, Chloe Sami, atende e passa a chamada. Antes de eu ter tempo para falar, o

Patrick diz:

— Marquei a conferência para amanhã.

— Já li a pasta. Ainda não recebemos mais documentos da acusação?

— A minha voz soa fria. Sou sempre capaz de falar com o Patrick sobre trabalho.

— Não. Mas ela precisa de te conhecer, para começar a ganhar confiança na equipa de defesa dela.

— Está bem.

— Acho que és perfeita para este caso — continua. — Farás o júri ver a coisa do ponto de vista dela; irão identificar-se plenamente contigo. E a coisa é complicada, em termos legais. Tu és forte nisso. — O Patrick soa profissional. É uma avaliação objetiva, não um elogio, mas ainda assim sinto um pequeno arrepio de prazer. — Ora bem, a conferência é amanhã às duas da tarde — continua ele. — Encontramo-nos à saída da Marylebone Station às onze e meia. A Madeleine está a morar em casa da irmã, em Beaconsfield.

— Podias ter-me dito que irias instruir-me no caso quando te vi na sexta-feira.

— Achei que seria uma agradável surpresa. Bem, agora tenho de ir — responde-me.

— Espera, Patrick. Queria só pedir-te para não me ligares para o telemóvel hoje. Nem mandares mensagens. Não o tenho comigo.

— Acabámos de falar. Porque haveria de precisar de entrar em contacto contigo? — replica, desligando a chamada.

As palavras dele magoam-me, mas recuso-me a voltar a ligar-lhe. Afasto-o do pensamento e vou trabalhar.

O resto da segunda-feira passa-se sem incidentes; os resquícios da ressaca passam também, e com eles o receio. A maior parte, pelo menos. Ainda sinto uma moinha atrás do olho direito, um pequeno lembrete da dor que causei a mim própria, ao Carl e à Tilly. *Nunca mais*, penso eu, esperando que as palavras não sejam tão ocas quanto me soam. Leio os jornais, sublinhando e apontando algumas coisas. O Carl chega a casa com a Tilly e eu ainda estou de pijama, embrenhada no

caso. No final do dia devolve-me o telemóvel como novo.

Na terça-feira de manhã desço as escadas vestida com fato e botas, a Matilda dançando ao meu lado. Quando a levo à escola, um grupo de mães amontoa-se à minha volta, envergando indumentária de ginásio. Abano a cabeça, tentando não ser paranoica. Sorrio para uma, aceno para outras, digo olá a uns pais que passam por mim. Por fim, as mulheres sorriem-me também e continuam a conversar, as cabeças muito juntas. *Sim, desta vez veio ela. Incrível, não é, ter feito o esforço. É sempre o desgraçado do marido.* Torno a abanar a cabeça. Não é isso que elas estão a dizer umas às outras. Porque haveria de ser? A Matilda puxa-me a mão e descemos as escadas que conduzem à sala de aula dela.

— Até logo, querida. Diverte-te. — Baixo-me e abraço-a.

— Vens buscar-me?

— Hoje será o papá. Tenho uma reunião.

— Está bem. Até logo!

Pendura o casaco no cabide e afasta-se na direção do grupo de amigos dela. Fico parada a observá-la por uns instantes. Sorriem à Matilda e afastam-se para arranjar espaço para ela no círculo. Aceno-lhe em jeito de despedida e ela acena-me também. Em seguida, afasto-me rapidamente, atravessando o pátio do recreio cabisbaixa.

«A Matilda está muito feliz, Alison, e é isso que importa.» É o que o Carl me diz sempre que me queixo dos outros pais. Seguido de «Comigo são sempre simpáticos». Imagino que sim — não que alguma vez lhe responda isso. E por fim: «Tens de fazer um esforço maior, é só.» Foram essas as palavras dele esta manhã, enquanto verificava a mochila da Matilda e assinava o livro de leitura dela. Não discuti — é possível que tenha razão. «Eu vou buscá-la hoje. O meu último paciente é às duas», disse ele. Menos uma coisa com que me preocupar.

Chego mesmo a tempo de apanhar o autocarro e sento-me num lugar cercado de carrinhos de bebé. A minha mala preta está junto à minha perna, contendo a pasta — fotografias e páginas de provas resumindo uma brutalidade que, durante os próximos meses, será meu dever

compreender melhor do que tudo o resto: a minha mente, o meu casamento ou os meus fracassos enquanto mãe. Mal posso esperar.

Assim que chego aos escritórios, cumprimento os funcionários judiciais e tiro as coisas do meu *trolley*, pondo a pasta em cima da secretária. Sento-me e olho distraidamente pela janela. Foram 15 anos a exercer para chegar a este ponto, o meu primeiro homicídio. Comecei pelos processos judiciais do costume: condutores embriagados, drogados que roubam em lojas, assaltantes reincidentes no inferno que era o Tribunal Juvenil de Balham, pedófilos patéticos esfregando as mãos suadas perante imagens indecentes de crianças; um progresso lento de crimes, começando pelos desafortunados, passando pelos desamparados e culminando nos que jamais poderiam ser ajudados, que de vez em quando até eu concordava que talvez estivessem melhor enclausurados para todo o sempre. Tanto em comum — infâncias abusivas que conduziram ao alcoolismo e ao uso de drogas, carências e um desespero que às vezes se manifestava exteriormente com exigências furiosas: «Quero o telemóvel, não, dê-me a merda do telemóvel, senão esfaqueio-o/dou-lhe um murro/largo-o desta ponte ferroviária abaixo assim que vier um comboio.»

O último caso de assalto em que trabalhei, há uns dez anos, foi um dos meus preferidos. Tratou-se de um julgamento de várias pessoas em Nottingham em que os arguidos se acusavam uns aos outros de terem feito as ameaças, tendo acabado com uma pena de cinco anos cada. Mas era uma boa equipa de advogados, e todas as noites acabávamos com o stock do *pub* mais próximo do hotel onde estávamos hospedados.

Ora bem. Madeleine Smith. Folheio a pasta até encontrar os recortes de jornal a noticiarem o caso, com uma pequena alusão às restrições exigidas por uma audiência *sub judice*. A notícia principal mostra uma fotografia da Madeleine ladeada por dois agentes da polícia, as mãos algemadas à frente. Trata-se de uma mulher magra e loura, com uma expressão cansada no rosto.

«Madeleine Smith, 44 anos, foi detida pela polícia após a descoberta

do corpo do marido, Edwin, esfaqueado mortalmente na cama do casal. Este era sócio principal na empresa de gestão de ativos norte-americana Athera Holdings. A polícia foi alertada depois de uma empregada de limpeza ter entrado na propriedade de 3,5 milhões de libras em Clapham, Londres. Segundo algumas fontes, a suspeita foi encontrada sentada no chão ao lado do corpo do marido, tendo-se rendido tranquilamente à detenção. Os vizinhos manifestaram estupefação perante o sucedido: “Ela era muito simpática e oferecia-se sempre para ajudar nas festas de rua que organizamos todos os anos. Custa-me a acreditar...”, disse uma das fontes, que pediu para não ser identificada.»

Faço uma pausa, preparando um café na máquina que ofereci ao Carl no Natal do ano passado. Ele nunca a utilizou, alegando que as cápsulas eram um desperdício.

Estes são os factos do caso apresentado pela acusação, tal como demonstrados no breve sumário deles. Na segunda-feira, dia 17 de setembro, Edwin Smith é encontrado morto na cama pela empregada de limpeza, com a esposa Madeleine sentada no chão ao lado dele. Está morto há aproximadamente 12 horas e a causa de morte é perda de sangue devido às 15 facadas encontradas no pescoço e tronco. Parece ter sido esfaqueado enquanto dormia, uma vez que não há sinais de ferimentos defensivos no corpo, nada que demonstre que tenha tentado defender-se ou impedir a agressão. Uma faca de cozinha com 30 centímetros é encontrada em cima da cama, ao lado do corpo dele, a lâmina consistente com os ferimentos referidos antes. A perda de sangue é extensa — trespassou a cama e as tábuas do soalho, escorrendo do teto da sala de estar para o piso inferior. A roupa da Madeleine também está ensopada de sangue.

A polícia e uma ambulância chegam de imediato, embora a vítima já esteja aquém de qualquer tratamento médico. A Madeleine submete-se calmamente à detenção. Não faz qualquer comentário no momento ou mesmo mais tarde. Inicialmente é mantida sob custódia policial na Prisão de Downview, mas após um bem-sucedido pedido de caução, entregue há duas semanas, agora vive sob fortes medidas de restrição na

casa da irmã em Beaconsfield.

Ao que parece, devo contar com declarações por parte da empregada de limpeza, da polícia e do pessoal da ambulância, do médico-legista e de um vizinho que diz que ouviu gritos e berros vindos da casa dos Smiths, na noite em que se crê que o Edwin Smith tenha morrido. Com toda a certeza, a acusação deverá apresentá-las entretanto. Tento recordar o que estava a fazer nessa noite de domingo, há três semanas.

Tínhamos regressado de um fim de semana relativamente bem-sucedido na costa — pelo menos a Matilda divertira-se na praia, embora eu e o Carl tenhamos discutido e depois dormido, sem nos tocarmos, numa cama mais adequada a um fim de semana atrevido do que a uma troca de olhares furiosos por causa de promessas quebradas. É mais fácil não pensar nisso, pelo que arrasto novamente os meus pensamentos para o caso.

O Patrick incluiu um relatório dos movimentos da Madeleine nesse fim de semana. Ela diz que o filho de 14 anos do casal, o James, viera passar o fim de semana a casa, do colégio interno, e que ela e o Edwin o tinham deixado em London Bridge, para apanhar o comboio de regresso ao colégio, a tempo da última missa de domingo. O seu nome também consta da lista de testemunhas da acusação, embora ainda não tenham apresentado a declaração dele.

A Madeleine fez uma breve declaração aos solicitadores dela sobre as suas origens. Tem 40 e poucos anos, é originalmente de Surrey, viajou extensivamente durante toda a infância com a sua família de diplomatas. Tem formação em contabilidade, embora não trabalhe há muitos anos. Foi mãe aos 30 anos. Ela e o Edwin estavam juntos há quase 20 anos, eram felizes e ela não tem qualquer comentário a fazer sobre a noite em questão. Nem um comentário.

Quando chego à estação, avisto o Patrick antes de ele me ver. Está encostado à parede, a olhar para o telemóvel, e, assim que o vejo, sinto um baque no peito e tropeço, a alça da mala prendendo-se-me no tornozelo. Ele ergue o olhar e sorri, um sorriso como deve ser que se

estende aos olhos, e eu rio-me, bastante aliviada por estar perante alguém que parece satisfeito por me ver que, por instantes, esqueço que terminei tudo com ele. Toca-me na face assim que me aproximo, e estou prestes a pô-lo ao corrente da minha opinião sobre o caso quando o telemóvel dele toca e vira-se para o lado para atender. Não falamos muito durante a viagem de comboio a caminho da reunião com a Madeleine, embora de vez em quando ele erga o olhar entre um e-mail e outro e me dê uma palmadinha na perna. Forço-me a desviar-me ligeiramente para o lado, lembrando com determinação a mim própria que está tudo terminado entre nós e que, embora ele pareça muito simpático agora, na sexta-feira não o foi, nem em muitas outras ocasiões. Sei que ele não interessa a ninguém.

Beaconsfield é uma pequena cidade-dormitório, cheia de lojas de roupa e *pubs* gastronómicos. Apanhamos um táxi da estação para a casa onde a nossa cliente está a morar e esperamos junto aos portões elétricos fechados da propriedade. A casa é grande, fazendo o jardim parecer mais pequeno, e encontra-se rodeada de outras residências igualmente grandes, todas construídas há pouco tempo e com um aspeto moderno.

Uma mulher espreita à porta da casa e fita-nos durante uns instantes. Aparentemente tranquilizada com o que vê, torna a entrar na casa e os portões abrem-se aos poucos. Transpomo-los, calcando a gravilha do chão em direção à porta da frente. Esta abre-se abruptamente. O Patrick avança e aperta a mão à mulher.

— Prazer em vê-la novamente, Francine. Alison, esta é a Francine, irmã da Madeleine — explica-me ele.

Afasta-se para o lado e aperto a mão da mulher, os dedos dela firmes e ossudos contra os meus. Faz-nos sinal para o interior da casa, na direção da Madeleine, que se encontra sentada na sala de estar, as pernas enfiadas debaixo dela no sofá. Põe-se de pé para nos cumprimentar.

É uma mulher magra e alta, com o cabelo forte e macio, mas com umas madeixas já antigas. Os tendões do pescoço são proeminentes e a pulsação bate-lhe azulada nas têmporas. A Francine também é magra, mas mais elegante do que a Madeleine; o cabelo e a pele brilhantes. Está

tensa, alternando o peso de um pé para o outro, os dedos remexendo no cós do casaco de malha. Erguendo o olhar para ela, sinto-me mais pequena e pesada do que o habitual, uma besta de carga em comparação com aquela elegância de sangue puro. Ambas vestem em tons de bege, com calças cinzento-acastanhadas e camisolas de malha cor de aveia, claramente de caxemira. A Madeleine usa algumas joias — diamantes nas orelhas e nos dedos, com um anel da eternidade incrustado meio largo no quarto dedo da mão esquerda. Rodo as alianças de ouro no meu dedo anelar, virando o pequeno diamante solitário do meu anel de noivado para dentro, que fica a cravar-se-me na mão.

— Nem quero pensar mais na prisão. Foi um autêntico pesadelo. — A Madeleine está a repuxar as cutículas.

— Tirámo-la de lá assim que nos foi possível. — A voz do Patrick soa meiga. Há uma fragilidade na Madeleine que exige vozes delicadas e uma linguagem cuidada. Não é um tom de voz que estou habituada a ouvir nele.

— Posso oferecer-vos um chá? — pergunta-nos a Francine.

Assinto com a cabeça.

— Com leite e sem açúcar. Obrigada. — A execução dessa tarefa talvez a acalme, talvez aquiete a tensão que ferve nela, para podermos começar a puxar pela Madeleine.

Quando a Francine sai da divisão, a Madeleine desdobra ligeiramente as pernas.

— A gritaria era infernal. Tentei dormir, mas não sei como é que alguém consegue dormir com aquilo... Foi um inferno. Consegui dormir na esquadra, mas lá não. Cinco noites daquilo...

Ela faz uma pausa e sorri para a irmã, que acaba de regressar com chávenas de chá num tabuleiro com leite, açúcar e três tipos diferentes de biscoitos.

— Vão precisar de mais alguma coisa? — pergunta-nos a Francine.

— Não, isto está ótimo — respondo. Todos agradecemos.

— Eu fico bem, Francine. Porque é que não nos deixas a sós para

podermos conversar? — A Madeleine sorri para a irmã e por fim a Francine retira-se, fechando a porta atrás de si.

— Começemos então. — O Patrick empurra o tabuleiro do chá para o lado e pousa em cima da mesinha de apoio as pastas que trouxe na mala. Levo a mão à minha própria mala e tiro a pasta e o bloco de notas. — Permita-me que lhe apresente formalmente a Alison Wood, que irá representá-la neste caso. — Aceno com a cabeça para a Madeleine. — A Alison exerce Direito há mais de 15 anos. Tem participado numa série de processos judiciais complicados, tanto no Tribunal da Coroa como também no Tribunal de Última Instância. — O Patrick faz sinal na minha direção, ao mesmo tempo que fala. Não parece estar a descrever-me. — É a pessoa indicada para decidir o melhor a fazer no seu caso. Iremos zelar pelos seus interesses.

A Madeleine baixa o olhar para as mãos.

— Mas não me parece que seja possível fazer alguma coisa. Eu fi-lo e pronto.

— Tenha lá calma. Não há necessidade de termos já esse tipo de conversa; ainda há toda uma série de preliminares. — Agora sim, soa ao Patrick que conheço, abrupto e com um tom abrasivo. E ainda bem que a interrompeu: não há nada pior do que um cliente que fala demasiado cedo sobre o crime. Devem esperar que lhes façamos as perguntas certas. — Alison, explica à Madeleine o que vai acontecer a seguir.

— Certo. Muito bem, Madeleine, o ponto da situação é este: o caso foi transferido do Tribunal dos Magistrados para o Old Bailey, e segue-se a Audiência de Julgamento. É nessa altura que irá apresentar a sua resposta à acusação.

— Mas isso é só daqui a umas semanas, não é?

— Sim, em meados de novembro. Daqui a cinco semanas. Neste momento temos muito pouco em termos de provas por parte da acusação, mas em breve irão apresentar mais. Espero. — Observo a Madeleine enquanto falo, mas ela não estabelece contacto visual comigo, fitando, ao invés, as mãos. Tem as unhas roídas até ao sabugo, a única falha na sua imagem impecavelmente apresentada. Acena com a cabeça

e eu continuo: — Temos de rever todas as provas antes dessa audiência. Como já disse, terá de apresentar uma resposta nessa altura e, caso se declare inocente, então será agendada uma data para o julgamento.

— E se me declarar culpada?

— Então, o assunto passará imediatamente para a sentença.

— É isso que quero fazer. — Ela ergue a cabeça nesse instante, encarando e sustendo o meu olhar. Parece determinada, imperturbada. Demasiado até. Interrogo-me sobre o que estará a tentar esconder.

— Madeleine, aconselho-a vivamente a esperar que tenhamos revisto todas as provas antes de tomar qualquer decisão em relação ao passo seguinte. Neste momento, manter uma posição de inflexibilidade não é necessariamente o melhor caminho a seguir.

O maxilar dela exhibe uma firmeza obstinada, mas pelo menos está a ouvir.

— Eu sei o que fiz.

— Pois, mas eu não. E também há questões legais a ter em consideração. Por isso, podemos avançar um passo de cada vez, por favor? — Pelo canto do olho, vejo o Patrick a acenar com a cabeça, em jeito de concordância.

A Madeleine põe-se de pé e dirige-se para a janela; depois regressa. Por momentos penso que vai sentar-se ao meu lado no sofá de couro demasiado almofadado, mas desvia-se no último instante e volta para junto da janela.

— Não deveriam ter-se dado ao trabalho de me tirarem da prisão. Eu deveria estar trancada a sete chaves.

O Patrick aguarda uns instantes, antes de responder:

— Não tem antecedentes criminais. Nunca se envolveu em sarilhos. O tribunal aceitou que não constitui um risco para ninguém. E assim é muito melhor, em termos da preparação da sua defesa.

A Madeleine suspira, mas não discute. Volta para o sofá e senta-se.

Pigarreio.

— Todas as conversas que tiver connosco, os seus advogados, são privilegiadas. Isso significa que são completamente confidenciais e que

ninguém nos pode obrigar a revelar o que nos disser. Há algumas dificuldades, porém, caso nos conte alguma coisa durante a reunião e depois queira dizer algo completamente diferente perante o tribunal, durante o julgamento. Não podemos mentir em relação ao que a Madeleine nos disser. Será motivo de constrangimento profissional, o que pode implicar não podermos continuar a representá-la. Faz sentido?

— Faz, sim — responde-me a Madeleine.

Entretanto, peguei na minha caneta e no meu bloco de notas.

— Pode então contar-nos o que aconteceu nesse fim de semana? Começemos pelo sábado.

— O James veio passar o fim de semana a casa. Chegou a Londres de comboio, na sexta-feira à noite. No sábado fiz umas tostas de queijo para o almoço e à noite fomos jantar fora, a um restaurante de grelhados em Clapham Common. Depois, o James foi para uma festa em Balham, de um amigo da escola, e eu e o Edwin apanhámos um táxi para casa. — Ela cala-se para inspirar. Tomo nota da última parte e aceno-lhe com a cabeça para que continue. — Vimos um filme e depois fomos para a cama.

— Que filme? — pergunto-lhe.

— Isso é relevante? — Ela encolhe os ombros. — *Tudo Bons Rapazes*. O Edwin adora esse género de filmes. — Então, ela vira repentinamente a cabeça ao perceber o que acaba de dizer. — Adorava... — Pousa a cabeça entre as mãos por instantes, inspira e expira. — Fomos para a cama assim que terminou. O James regressou por volta das onze da noite, penso eu. Mas não o ouvi chegar; estava exausta.

Abro a boca para comentar o facto de um miúdo da idade dele estar autorizado a deambular por Londres sozinho a essa hora, mas detenho-me. Tanto quanto sei, é perfeitamente normal.

— Ele costuma ir a muitas festas tarde?

— Quando as há. É difícil precisar. Às vezes vai, outras vezes não vai. Não lhe sei dizer ao certo.

Penso na Matilda. De modo algum irei autorizá-la a ir a festas sozinha no futuro. De modo algum.

A Madeleine continua:

— No domingo levantámo-nos tarde. Fiz frango assado no forno. Depois fomos levar o James a London Bridge. Quando regressámos a casa, o Edwin pediu para falar comigo. Disse-me que ia deixar-me. — A minha mão dá uma guinada na página. Não estava à espera disto. Abro a boca para lhe colocar uma pergunta, mas ela continua a falar. — Bebi uma garrafa de gin quase inteira e depois apaguei. Acordei quando a nossa empregada de limpeza desatou aos gritos. Quando olhei, vi o Edwin, morto, e a faca aos meus pés. — A voz dela soa tão baixo que mal a consigo ouvir. — Não era minha intenção. Não me lembro de o ter feito. Lamento...

A Madeleine está pálida, mas, quando acaba de falar, percebe-se um rubor ténue nas suas faces.

— Fale-me um pouco sobre o James — peço-lhe, calmamente, tranquilamente; parece-me a maneira mais fácil de chegar a ela antes de abordar a sua relação com o Edwin.

O rubor amaina e o rosto dela descontrai-se.

— O que quer saber?

— Como é ele? Se gosta do colégio, por exemplo. Há quanto tempo é aluno interno?

— Este é o segundo ano. Foi para lá pouco antes de fazer 13 anos. Ele diz que adora.

— E não lhe custa tê-lo longe de casa?

— No início custou, sim. Mas uma pessoa habitua-se. Ele perderia imenso tempo se tivesse de ir e vir todos os dias. Acabaria por chegar sempre muito tarde, entende? Pratica tantos desportos... Não é que não o quisesse em casa. O Edwin achava que... — A voz da Madeleine fica suspensa no ar.

— O Edwin achava o quê? — Falo numa voz baixa, tentando não a afugentar.

— O Edwin achava que seria muito bom para ele, que aprenderia a aguentar-se sozinho. E o Edwin achava que eu fazia demasiadas coisas pelo James, que ele precisava de aprender a cuidar dele próprio.

— E a Madeleine concordava com o Edwin?

A Madeleine empurra os ombros para trás perante a pergunta, o queixo esticado para a frente.

— É claro que concordava. Ele tinha toda a razão. Ele percebe de rapazes... Percebia.

— Certo. Disse que o James adora o colégio. Do que é que ele gosta exatamente?

— Bem, do desporto, sem dúvida. E lá é tudo muito rotineiro. O James gosta de rotina. Sempre foi mais feliz quando estava tudo em ordem, quando eu me sentia calma e o jantar estava pronto a horas, esse tipo de coisas.

Tomo nota.

— Havia alturas em que não se sentia calma?

— Ninguém está sempre calmo. E às vezes era tudo demasiado para mim... — As mãos da Madeleine unem-se firmemente. — Isso foi outro motivo por que o Edwin achou melhor o James ir para um colégio interno. Dar-me-ia mais tempo para tratar de tudo, para podermos realmente usufruir das coisas quando estávamos todos juntos.

Anoto a resposta dela.

— E qual era a sua opinião em relação a isso?

— Mais uma vez, provavelmente o Edwin tinha razão. Estou sempre tão ocupada; é muito complicado gerir tudo. — A voz dela soa trémula.

— Está sempre ocupada com o quê? O que é que faz? — Mantenho um tom de voz neutro.

— Entre o ginásio, as aulas de pilates e a angariação de fundos para a galeria... Não quero desleixar-me. O Edwin não... — Mais uma vez, a voz dela perde-se no ar.

Repuxo o cós da minha saia, desconfortavelmente ciente da maneira como se crava na minha pele. Não tenho tempo para pilates; esse é, sem sombra de dúvida, o problema com o meu próprio casamento. Releio os meus apontamentos. Está na altura de apertar com ela.

— Madeleine, o que me pode dizer sobre a sua relação com o Edwin antes do fim de semana em que ele morreu?

— O que quer saber sobre a nossa relação?

— Como é que vocês se davam? Passavam muito tempo juntos? Ele viajava muito? Esse tipo de coisas.

— É claro que ele viajava. Ia a Nova Iorque todas as semanas.

— Todas as semanas? Então, fazia-o com muita frequência — replico.

— Talvez não conheça muitas pessoas na área financeira? É perfeitamente normal nesse ramo. — Ela está emproada e a sua voz soa fria.

Aperto o colarinho do meu fato *Hobbs*, por causa do frio. Pode não ser de alta-costura, mas pelo menos paguei-o eu própria. É o primeiro indício de frieza que vejo na Madeleine, e vem-me à cabeça a imagem dela parada de faca na mão, por cima do corpo sem vida do marido. Então ela suspira e descai os ombros, e a imagem desaparece da minha mente.

— O que fazia quando ele se ausentava? — pergunto-lhe.

— O costume. Já lhe disse. Ando a organizar um jantar para a galeria; tem sido uma carga de trabalho — responde a Madeleine.

— Qual galeria?

— A Fitzherbert, em Chelsea. Já não obtêm muitos financiamentos por parte do governo, pelo que dependem de doadores privados. É um trabalho de grande importância. — A Madeleine volta a ruborizar.

— Não lhe interessam as obras de beneficência para pessoas? — pergunto-lhe, incapaz de resistir.

O Patrick interrompe.

— Não vejo a relevância dessa pergunta.

Sorrio para ele e para a Madeleine.

— Estou só a tentar perceber, nada mais. Madeleine, até ao fim de semana em questão, diria que tinha uma boa relação com o Edwin?

— Pensava que sim. Por isso fiquei tão chocada quando me disse que queria o divórcio. — A Madeleine torna a olhar para as mãos, torcendo-as em cima do colo.

— Por que motivo seria?

— Não faço ideia. — Torna a levar as mãos ao rosto, a cabeça

pendendo abaixo dos ombros. Então, começa a chorar. Quero perguntar-lhe se o Edwin teria um caso extraconjugal, mas ela continua a chorar, os soluços mais audíveis e mais viscerais, sons imensos vindos das entranhas dela. — E agora o Edwin morreu e jamais irei saber se ele estava a falar a sério ou se eu poderia ter resolvido a situação. A culpa é toda minha, é toda minha, é toda...

Até o Patrick parece pouco à vontade, mexendo-se na cadeira. Fico com a ideia de que vai pôr o braço à volta dela, mas, em vez disso, começa a endireitar os papéis dentro da pasta, reorganizando os post-its e mantendo a cabeça firmemente baixa. A irmã da Madeleine entra de rompante, sem bater à porta.

— É melhor irem andando. Isto é demasiado para ela — diz-nos a Francine.

— Temos mais umas questões... — replico, mais em jeito de comentário do que pergunta, ciente de que ela nos vai obrigar a ir embora.

— Não me interessa. Podem colocar-lhas noutra altura. Por agora chega.

Torno a guardar o bloco dentro da mala e ponho-me de pé. O Patrick imita-me.

Ele tosse.

— Vamos ter de voltar em breve; para a semana. É importante para a defesa da Madeleine que tenhamos a ideia exata do que aconteceu. E de tudo o que se passou antes.

— Certo. Isso está tudo muito certo. Mas hoje não. Por agora chega. Vou demorar horas a acalmá-la e não tenho propriamente tempo... — A Francine pousa a mão no ombro da Madeleine e abana-a delicadamente. — Madeleine, pronto... As crianças estão quase a chegar a casa.

Eu e o Patrick deixamo-las a sós. Chamamos um táxi à porta da casa e seguimos para a estação em silêncio, apanhando o comboio para Londres minutos antes da hora de partida.

5

— Vou buscar uma bebida. Queres alguma coisa? Um gin?

Aceno com a cabeça e o Patrick afasta-se para ir à procura da carruagem-restaurante. Sinto-me esgotada, os soluços da Madeleine ainda ecoam na minha cabeça. Passámos apenas hora e meia com ela, mas parece ter sido muito mais tempo. A Tilly já deve ter acabado as aulas, saindo a correr para ir ter com o Carl, que estará à conversa com os outros pais. É possível que decidam ir beber um chocolate quente a um café qualquer. Ou talvez uma das colegas sugira uma tarde de brincadeira em casa dela e o Carl a leve até lá, e se sente a tomar chá com a mãe enquanto as meninas brincam às casinhas. Por momentos quase sinto o cheiro do cabelo da Matilda, sedoso na minha face, a cabeça dela quente encostada à minha. O meu coração dá um salto de medo quando ela desaparece, mas o Patrick regressa com os gins e bebo um longo trago, exorcizando o meu receio com o álcool. Foi uma tarde complicada, só isso. O Patrick inclina-se para a frente, enfia a mão com força entre as minhas pernas e sussurra-me ao ouvido:

— Há uma casa de banho aqui ao lado. Não vai mais ninguém nesta carruagem.

Sei que deveria argumentar, lembrar-lhe de que pus termo à relação. Mas não o faço. Olho para ele por uns instantes, o calor da mão dele insistente em mim. Emborcando o resto da bebida, engulo rapidamente e vou atrás dele, agarrando a minha mala no último instante.

Ele tranca a porta da casa de banho e vira-se para mim. Sustenho a respiração à espera de que me beije, que puxe o meu rosto para ele, que talvez me acaricie a face com ternura como fez horas antes. Tenho os

nervos em franja, estou tensa por causa da emoção da Madeleine, mas esta será uma forma de me acalmar. Ficamos frente a frente por momentos, a entreolharmo-nos, e então — sim — *este* é o momento em que me beija, que enfia a mão no cóis apertado das cuecas e a tensão do dia desaparece...

Suspiro e ele empurra-me delicadamente para o chão, até eu ficar de joelhos, começando a desapertar a braguilha. Nada como um *quid pro quo*. Tentando desviar-me de uma poça de mijó, avanço de joelhos na direção dele e agarro-o, apoiando a outra mão no lavatório ao qual ele está encostado. Ele agarra-me a cabeça e puxa-me para mais perto, e eu fecho os olhos.

Quando o Patrick termina, engulo e depois lavo a boca com água, cuspiendo para o espelho. Estou cansada e vejo que tenho o rímel borrado nos cantos dos olhos, todos os vestígios do batom há muito desaparecidos. A minha inquietação extenuada regressa assim que a sensação de bem-estar se dissipa. Vejo essa insatisfação espelhada no rosto da mulher que espera à porta da casa de banho do comboio, de criança no colo, dando um estalido reprovador com a língua quando eu e o Patrick passamos por ela em direção aos nossos lugares. Com a pressa esqueci-me da mala e ela chama-me, estendendo-me com o braço rígido, como se pretendesse minimizar qualquer potencial contacto entre nós.

Enquanto vou buscar a minha mala, cabisbaixa para não olhar a mulher nos olhos, o Patrick senta-se e agarra-se de imediato ao seu *BlackBerry*, cada clique nas teclas aumentando a distância entre nós. Olho pela janela, tentando ignorar o cheiro a urina velha que emana algures perto de mim. Estava convencida de que conseguira desviar-me do mijó no chão. Por fim pego na minha mala e cheiro um dos cantos. Então toco-lhe com o dedo e encolho-o de imediato. Está húmido. Protegi os joelhos, mas não a mala *Mulberry* que comprei com os honorários do meu primeiro grande julgamento. O Patrick vê o que estou a fazer e esboça um esgar enojado, voltando depois novamente a sua atenção para os e-mails.

O meu telemóvel toca enquanto transfiro os últimos objetos da mala manchada para o *trolley*. O coração cai-me aos pés assim que vejo o nome da escola da Matilda no ecrã. Endireito os ombros antes de atender, afastando-me mentalmente do Patrick e na direção das minhas responsabilidades familiares. A professora nem me deixa cumprimentá-la, informando-me de que estou atrasada para ir buscar a Matilda.

— O Carl ficou de a ir buscar hoje. Foi isso que combinámos. — Tento permanecer calma, procurando imitar o tom profissional da professora do outro lado da chamada.

— Segundo ele, não. Estava convencido de que a senhora viria buscar a Matilda.

— Ele disse-me que o último paciente seria às duas. — Estou quase a entrar em pânico.

— Se quer que lhe diga, Sra. Bailey, não me interessa quem disse o quê a quem. São 16h05 e ainda ninguém veio buscar a Matilda. Podemos pô-la no prolongamento até às 16h45, mas precisamos de saber como vai ser para a virem buscar.

Espreito pela janela do comboio.

Estamos a passar Marylebone, mas ainda tenho de ir da estação até Highgate.

— Não consegue ligar ao meu marido?

— Ele tem o telemóvel desligado.

— Irei para aí o mais depressa possível. Neste momento estou num comboio.

— Vemo-nos às 16h45. — Não se trata de uma pergunta, mas de uma afirmação, e a chamada termina.

O meu ritmo cardíaco aumenta; sinto um aperto de pânico na garganta. Pobre Tilly, deixada à espera desta maneira. Eu tinha a certeza de que... Mas de nada serve. Simplesmente tenho de lá chegar. Tiro o espelho da mala e examino o rosto, certificando-me de que não há vestígios do Patrick.

O Patrick ergue finalmente o rosto do ecrã.

— O que aconteceu?

— Tinha a certeza de que iriam buscar a Matilda. Mas não foram. E agora vou chegar atrasada.

— Ah, estou certo de que não te hão de dizer nada. — Torna a baixar o olhar, claramente sem qualquer interesse no assunto. Estou prestes a dizer mais qualquer coisa, mas mordo a língua; de que adianta? De repente ele torna a erguer o olhar. — Isso quer dizer que não vamos poder discutir o caso quando chegarmos?

— Pois, infelizmente não. Tenho de a ir buscar.

— Não há mais ninguém que o possa fazer? — Ele pergunta, num tom impaciente.

— Não, não há. Não conseguem contactar o pai dela, portanto tenho de ir eu.

— Já tentaste ligar-lhe? — O Patrick está completamente atento pela primeira vez desde que nos voltámos a sentar.

Abano a cabeça e ligo para o número do Carl. Vai diretamente para o voicemail.

— Está desligado. Da escola disseram o mesmo. Não vale a pena; ele nunca atende o telemóvel quando está com um paciente. — Acabo de resgatar o que posso da mala manchada de urina.

— Temos de discutir o caso. É mais importante do que tomar conta de criancinhas. Deveria ser ele a tratar disso. Tens de o conseguir apanhar. Liga-lhe outra vez.

Torno a marcar o número do Carl. A chamada volta a ir para o voicemail.

— Já te disse. E não é tomar conta de criancinhas, Patrick. É cuidar da minha filha. Tenho de a ir buscar. — Acabo de tratar da mala, enrolo-a e ponho-a no porta-bagagens por cima da minha cabeça. Se alguém a quiser, que fique com ela. O comboio aproxima-se da estação e eu visto o casaco, dirigindo-me para a porta, onde aguardo a chegada a Paddington. — Ligo-te mais tarde.

Ele não discute mais. Esboça uma careta e estende a mão, tocando na minha. Afasto a mão, agora demasiado preocupada com a Matilda para aceitar o toque dele.

— Teremos de aplicar uma penalidade monetária. Será uma multa de 20 libras. — A professora (Adams, tenho quase a certeza de que o nome dela é Adams) assenta-o num caderno e depois fecha-o com força, as unhas pintadas de vermelho fazendo barulho na capa dura. Mordo o lábio, perfeitamente consciente de que, se não me tivesse esforçado tanto para ser incluída no livrinho preto de engates do Patrick, talvez o meu nome não estivesse agora incluído neste livrinho.

— Peço desculpa. Tive uma reunião importante fora da cidade e estava completamente convencida de que o meu marido viria buscá-la a tempo — justifico-me.

— Ele disse-nos ontem que seria a senhora. A Matilda estava muito entusiasmada com a ideia de ser a senhora a vir buscá-la à escola. — Ela não diz «para variar». Não precisa de o fazer. Tento ignorá-lo.

— Devo ter feito confusão. Lamento imenso. Seja como for, agora estou aqui. São coisas que acontecem. Anda lá, Matilda, vamos para casa.

— Levo a mão à mochila dela, para lha levar.

— Vou precisar que pague as 20 libras agora, se fizer o favor. — A professora avança de maneira a ficar entre mim e a Matilda, uma barreira sólida de malha de cor parda plantando-se firmemente no caminho para a minha filha. Espero sinceramente que um apelo mais pessoal resolva o assunto.

— Sra. Adams, lamento imenso o atraso. Infelizmente não tenho as 20 libras comigo. Utilizei o dinheiro que tinha no táxi para cá. Disse-me que precisava de vir e cheguei mesmo a tempo. Amanhã de manhã pagamos, sem falta. Agradecia-lhe imenso, Sra...

— É menina, e não senhora. — A interrupção é abrupta.

— Menina Adams, então. Desculpe. Amanhã. Vamos, Matilda. — Afasto-me para o lado e estendo-lhe a mão. A barreira torna a mexer-se, surpreendentemente ágil para algo com aquela largura.

— Anderson. O meu nome é Anderson. Sou responsável pelo prolongamento e por impor a pontualidade. A multa será de 30 libras se a pagar amanhã. — Ela levanta o queixo, o rosto ruborizado. Parece ser a coisa mais divertida que fez o dia todo.

Consulto o meu relógio. Esta interação já demorou 10 minutos; irão cobrar-me por isso também?

— Amanhã trarei as 20 libras logo pela manhã. Em dinheiro. Dentro de um envelope. Com o seu nome, menina Anderson. E peço desculpa por qualquer transtorno que lhe tenha causado. Mas agora vou levar a minha filha para casa.

Desloco-me rapidamente e puxo a Matilda do espaço entre a menina Anderson e a parede. Ela avança cabisbaixa, ao mesmo tempo que a professora se vira de lado para a tentar impedir. Paro e olho diretamente para a mulher por instantes. Ela sustém o meu olhar. Depois puxo a Matilda e arrasto-a e à minha mala para fora do edifício. A menina Anderson murmura algo entredentes sobre o dia seguinte, mas já estou saturada. Caminho o mais depressa que consigo para o exterior do edifício escolar e para lá dos portões, antes que a mulher possa lançar um campo de forças qualquer e fazer-me regressar àquele olhar hostil, parando somente quando já dobrámos a esquina.

Puxo a Matilda para mim e abraço-a.

— Desculpa, querida. Estava a ver que nunca mais saíamos de lá!

— Ela estava mesmo zangada — diz a Matilde para o meu ombro, meio entusiasmada, meio horrorizada.

— Eu sei e peço imensa desculpa. Vamos comprar umas guloseimas. Precisamos de qualquer coisa para curar o nosso estado de choque. — A Matilda dá uma risada e entramos na primeira loja que encontramos, onde lhe compro duas embalagens de *Millions* e um chupa.

Descemos lentamente a colina em direção a Archway, a linha do horizonte de Londres desfocada à minha frente, o Shard visível por entre uma neblina que não quero admitir ser composta por lágrimas. Pelo menos a Matilda está feliz, comendo as guloseimas. Limpo os olhos com a manga. Estou farta de manobrar o *trolley* e combato a vontade de o atirar para dentro do caixote do lixo mais próximo, enfiá-lo entre os invólucros de hambúrgueres e os sacos com merda de cão até deixar de o ver — a minha corrente com bola de ferro dos tempos modernos, a marca de todos os advogados que se arrastam pelos tribunais criminais

do sudeste. Passo a manga mais uma vez pelo rosto, as lágrimas parando por fim.

— Garanto que não volto a fazer isto — digo-lhe, ajoelhando-me ao lado dela.

A Matilda pensa por uns instantes e sorri.

— Mas tu não fizeste de propósito. Por isso, está tudo bem.

Retribuo o sorriso e ela abraça-me. Ponho-me de pé e caminhamos o resto do caminho em silêncio, o chiar das rodas da minha mala e o mastigar da Matilda servindo de banda sonora à nossa viagem.

— Já nem consigo zangar-me contigo. Isto tem de acabar. Precisas de ser mais organizada. — O Carl não levanta a voz. Não precisa.

— Devo ter feito confusão. Pensava que tinhas dito...

— Sabes muito bem que tenho sempre um paciente ao final do dia à terça-feira. — Ele abana a cabeça e vira a atenção para o molho de tomate que tem ao lume.

— Devo ter feito confusão. — Não há muito mais que possa dizer.

— Pois deves. E depois enche-la de guloseimas. Agora já não vai querer jantar.

Espero para ver se o Carl tem mais alguma coisa para dizer, mas ele limita-se a pôr água a ferver da chaleira dentro da panela e a acrescentar duas mãos-cheias de massa. Assim que começa a ralar um pouco de parmesão, retiro-me discretamente da cozinha. O silêncio pesa-me mais do que qualquer reprimenda. Tenho de me esforçar mais.

6

Uma semana mais tarde e estamos em meados do mês de outubro, em pleno julgamento no Tribunal da Coroa de Basildon, em que estou a defender um jogador de futebol de segunda categoria acusado de atividade sexual ilícita com uma criança. É justo dizer que o julgamento não tem sido propriamente um sucesso, o comportamento dele no banco dos réus está a ser uma autêntica desgraça, e até eu como sua representante não tenho pena nenhuma de que seja condenado. Depois de ele ser sentenciado a cinco anos de prisão, desço às celas para falar com ele.

Enquanto espero à porta da sala de detenção, verifico o meu telemóvel. Lixo, lixo, vários desenvolvimentos sobre o julgamento, Patrick. *Patrick*.

Abro rapidamente o e-mail, o coração batendo com força. Só o vi uma vez na última semana, na quinta-feira ao final do dia, no apartamento dele. Enviou-me uma mensagem para saber se estava livre e convidou-me a ir até lá. O dia já tinha começado a escurecer quando cheguei e depois vi a noite cair lá fora, do outro lado das persianas do quarto dele, deitada tranquilamente ao seu lado enquanto Bob Dylan me dizia para não pensar duas vezes. E foi agradável, próximo, íntimo.

«A próxima conferência com a Madeleine Smith está agendada para quarta-feira, seguida de reunião para discussão da mesma. Trata da questão do apoio infantil.»

Esboço um esgar para o telemóvel. É como se aquela tarde nunca tivesse acontecido, tendo nós retomado a troca de galhardetes habitual. Ele exalou para o meu cabelo, os nossos batimentos cardíacos abrandaram juntos até ficarem em sintonia. Beijámo-nos ao mesmo

tempo que ambos atingíamos o clímax. Uma tarde única, chamou-lhe ele. Perfeita. Eu até tinha medo de exalar, não fosse estragar tudo. Mas, enquanto me vestia para me ir embora, ele virou-se para o lado, entretido com o telemóvel, e mal levantou a cabeça para se despedir, apesar de o ter tentado beijar.

— Doutora. Ó doutora! De quem é que vem à procura? — Um grito abafado vindo do intercomunicador da sala de detenção traz-me de volta ao presente.

— Do Peter Royle.

— Certo.

A reunião é tão desagradável como eu esperava, o Royle furioso com a sentença de cinco anos, um cigarro pendurado nos lábios dele. Alguns desportistas ter-se-iam mantido em forma na prisão, mas pelos vistos o Royle não; é demasiado mimado para tal. Adulado no campo enquanto ponta de lança estrela do Basildon United e admirado fora do campo nas poucas ocasiões em que se dignou aparecer no seu trabalho enquanto mecânico automóvel, não tem capacidade para compreender que lá por uma rapariga de 15 anos querer festa não significa que seja legal fazer seja o que for com ela, quanto mais curtir repetidamente com ela e tentar fazer sexo, até que uma tentativa particularmente insistente de sexo oral a fizera contar à mãe, que por sua vez fizera queixa à polícia. Explico-lhe que, à primeira vista, há muito poucos ou nenhuns motivos para interpormos um recurso, quer contra a acusação quer contra a sentença, mas que estudarei tudo ao pormenor e em breve darei notícias. Ele não se mexe para me apertar a mão quando lha estendo, e fico contente por apanhar o comboio de regresso a Londres.

Este avança pela região este da cidade, zonas industriais dando lugar a fileiras de casas idênticas, os jardins estendendo-se até aos carris. Os taludes da linha ferroviária estão cobertos de lixo, latas vazias, roupa abandonada, sacos de plástico velhos que mais parecem cuecas de bruxa presos nas árvores raquíticas. Interrogo-me se haverá alguém que galgue as vedações para fazer sexo na relva enquanto o comboio passa,

escapando momentaneamente da sua existência diária em troca de um instante de êxtase rápido, ao ritmo do das 22ho8 entre Basildon e a estação de Fenchurch Street. Ocorre-me que essa estação está no tabuleiro do *Monopólio*. Pelo menos eu tenho um cartão «saia da prisão». O Peter Royle não tem a mesma sorte. Procuro em mim algum sentimento de compaixão para com ele, mas não há, nada de nada. Está exatamente onde merece estar e espero que isso sirva de consolo à vítima e respetiva família.

Será bom poder voltar novamente a minha atenção para o caso da Madeleine. Fecho os olhos e recosto-me no estofó coçado do assento do comboio. Pensamentos sobre o Patrick bailam na minha mente, logo seguidos do rosto irritado do Carl, as imagens de ambos misturando-se enquanto adormeço, um sono intermitente, despertando com um salto assim que chegamos a Fenchurch Street.

Eu e o Patrick encontramos-nos em Marylebone dois dias depois e apanhamos o comboio juntos. Não está particularmente conversador e, após algumas tentativas de encetar uma conversa, deixo-o em paz.

— Precisamos de descobrir mais sobre a relação dela com o marido — diz-me ele, enquanto esperamos que os pesados portões de ferro se abram.

— Os jornalistas já desistiram — explica-nos a Francine, ao abrir a porta da frente. — Estava a ver que nunca mais desistiam, mas a verdade é que ela nunca sai de casa, pelo que nunca apanhavam nada. — Aponta para a Madeleine, parada pouco à vontade na passagem entre o átrio e a cozinha. — Vou deixar-vos a sós. Mas não a perturbem como fizeram da última vez. Ela não é uma pessoa forte.

Nisso estou completamente de acordo. A Francine é o original cheio de vida e a Madeleine é a cópia desbotada. Se se encolher mais um pouco, desaparecerá, para longe da vista, da mesma maneira que o sangue do marido será esfregado da alcatifa do quarto do casal.

Sentamo-nos na cozinha da Francine, uma divisão mais arrumada do que a minha cozinha alguma vez será, frascos e panos da louça

combinando em tons *eau de Nil*. O cabelo da Madeleine está mais arranjado do que da última vez que a vimos, as raízes agora disfarçadas com madeixas loiras em tons mel e caramelo. Afasto o cabelo do rosto, prendendo-o atrás das orelhas. O Patrick senta-se à cabeceira da mesa, cadernos azuis abertos diante de ambos.

— A Audiência de Julgamento está agendada para daqui a um mês — informo-a. — Por norma deveria apresentar a sua resposta, mas neste caso...

— Quero dar-me como culpada. — O rosto da Madeleine está contorcido quando me interrompe, as palavras saindo-lhe forçadas, mas num tom tão baixo que me vejo aflita para as ouvir. — Quero despachar isto.

— Compreendo, Madeleine, mas primeiro temos de garantir que cobrimos todas as opções. — A minha voz soa rouca em comparação com o sussurro dela.

— Há duas opções, inocente ou culpada, e eu vou dar-me como culpada. Eu fi-lo, esfaqueei-o e pronto. — A voz dela sobe de tom e ela dá uma pancada na mesa com a mão.

— Nesta fase há uma terceira opção, que passa por não contestar a acusação. Há imensos aspetos que acho que precisamos de explorar. E, neste momento, apenas temos o sumário do caso apresentado pela acusação. Poderá perder uma parte da sua redução...

— O que quer isso dizer? — A Madeleine olha-me fixamente.

— Receberá uma pena de prisão mais curta se se der logo como culpada, mas neste caso em concreto aconselho-a a ser paciente até obtermos mais alguma informação — explico-lhe.

— De qualquer maneira, vão dar-me prisão perpétua. Não importa.

— Importa, sim, porque há diferentes tipos de prisão perpétua. E, mesmo que se declare culpada, precisamos de toda a informação possível por forma a podermos mitigar a pena como deve ser. Acho que não deve apresentar contestação na AJ.

— Na quê? — indaga ela.

— Na audiência que já referi, a Audiência de Julgamento. Sugiro que não dê qualquer indicação de contestação, pois entretanto receberemos mais documentação por parte da acusação, os depoimentos das testemunhas, as provas forenses. Podemos também explorar um pouco mais o contexto consigo.

A Madeleine assente com a cabeça.

— Parece-me que faz sentido. Mas continuo a achar que, no final, terei de me dar como culpada.

— Veremos como corre. Ora bem, da última vez começámos a falar da sua relação com o Edwin. — Tento soar calma, para não a assustar. — É importante compreendermos a dinâmica que existia entre os dois antes de continuarmos a aconselhá-la.

— O que interessa isso agora? Ele está morto e fui eu que o matei. — Fala com as mãos.

A Francine abre a porta da cozinha e entra para se posicionar ao lado da Madeleine. Olha para mim como que para perguntar se pode ficar e eu assinto com a cabeça. Talvez a presença dela sirva para acalmar a Madeleine.

— É importante estarmos ao corrente de tudo — continuo. — O meu papel é defendê-la, certificar-me de que recebe a melhor orientação possível. Só poderei fazer isso se me contar tudo.

A Madeleine respira fundo, uma inspiração débil, e endireita-se no lugar. A Francine senta-se ao lado dela, virada para mim, e pousa a mão no braço da Madeleine.

— Quer que a Francine aqui esteja enquanto conversamos?

A Madeleine abana a cabeça, faz uma pausa e depois acena afirmativamente.

— Disse-nos que a última coisa que se lembra de conversar com o seu marido foi quando ele lhe disse que queria deixá-la, certo? — Mais um assentir da cabeça. — Fiquei com a impressão, a julgar pelo que me disse, de que foi apanhada de surpresa.

— Sim. Eu sabia que tínhamos altos e baixos, mas nunca pensei que nos fôssemos separar. Nunca pensei que ele me deixasse. — A

Madeleine já parou de chorar, mas ainda assim continua a falar num tom muito baixo.

— Talvez possamos recuar um pouco no tempo, até ao início da vossa relação. Onde é que o conheceu?

A Madeleine sorri, olhando por cima do meu ombro para uma distância que me é impossível alcançar.

— Ele era tão bonito. E eu também, se é que dá para acreditar nisso. Chamavam-nos o casalinho de ouro. Toda a gente queria travar amizade connosco, para tentarem deixar-se contagiar pela nossa magia. Pelo menos era o que nos diziam. Lembras-te, Francine? Desses primeiros anos?

A Francine assente com a cabeça.

— Sim, claro. Eram ambos tão felizes. — O tom de voz dela é tudo menos feliz. Olho para ela, mas exhibe uma expressão neutra, sem revelar qualquer traço da amargura na voz.

— Sim, tão felizes. Conhecemo-nos na faculdade. Eu andava um ano à frente dele, mas não importava. Fiquei tão contente por conhecer alguém como ele. Aconteceu muito de repente, no primeiro dia em que apareceu no bar. Demo-nos logo bem. Eu estava a morar num apartamento partilhado fora do *campus* e ele mudou-se para lá ao fim de poucos dias; a partir daí tornámo-nos inseparáveis.

— Parece muito romântico. — Assento no meu caderno.

Alguém, alguma vez, ter-nos-ia descrito, a mim e ao Carl, como um casalinho de ouro? Não me parece. Mas fomos felizes, em tempos. Quando tínhamos 20 e tal anos, antes de as coisas se terem complicado, quando os fins de semana eram passados na cama e ninguém torcia o nariz ao vinho barato, satisfeitos por haver álcool para beber. Encontrávamo-nos em bares na zona de Waterloo depois do trabalho, um bar cubano a ser o nosso favorito durante imenso tempo, até termos visitado Havana e visto a realidade do país. Essas foram as férias em que decidimos fazer amor todos os dias, até à noite em que adormecemos na praia e fui tão picada pelos mosquitos que depois disso ninguém me podia tocar, pelo que tivemos de desistir do objetivo original. Ainda

assim, fartámo-nos de rir. Agora, nem sequer sorrimos um para o outro.

— Ele não parava de fazer coisas por mim. Comprava-me presentes, estava sempre a dizer-me que me amava. Mudámo-nos para um apartamento pequeno, só os dois. Não precisávamos de mais nada. Foram uns tempos maravilhosos. — A Madeleine continua a sorrir.

— Mas mudaste de curso. Lembras-te? — interrompe-a a Francine. A Madeleine esboça uma careta, contorcendo a boca numa emoção difícil de decifrar.

— Sim, bem, nunca deveria ter ido para Direito. Era demasiado para mim. Não queria passar tanto tempo na biblioteca.

— E mudou para o quê?

Percebo-a. Lembro-me dos advogados na faculdade, criaturas estranhas semelhantes a toupeiras que todas as manhãs emergiam a piscar os olhos depois de terem passado a noite inteira a estudar calhamaços de relatórios de processos judiciais. Eu fiz um curso intensivo de Direito após a minha licenciatura em História; argumentei que me conferia mais conhecimento, embora no fundo receasse que as outras pessoas percebessem do assunto muito mais do que eu.

— Mudei para um curso de contabilidade. Também muito trabalhoso, mas com menos horas de estudo. E o Edwin achava que seria mais útil. Que era uma boa competência para ter.

— Ao contrário de Direito? — Não consigo disfarçar a minha surpresa.

— Bem, ele achava que eu não conseguiria ser uma boa advogada. Que era demasiado calada, dizia-me. Além de que não gosto de confrontações. Nunca gostei.

— E gostava de contabilidade?

— Não era mau. Também tinha de me aplicar, mas era mais fácil. Passava mais tempo em casa. Quando ele não estava a trabalhar, passávamos todo o tempo juntos.

— Que curso tirou ele?

— Economia. Sempre quis trabalhar nessa área. A maior parte de nós não tinha uma ideia clara sobre o futuro, mas o Edwin sim. Era uma das

coisas mais atraentes nele.

A Madeleine está novamente a sorrir. Olho para a Francine, mas o rosto desta está inexpressivo.

— Dava-se bem com ele, Francine?

Ela parece surpreendida com a minha pergunta e faz uma breve pausa antes de me responder.

— Sim. Dava, sim. Eu e o meu marido nessa altura morávamos em Singapura, pelo que não os víamos com muita frequência. A Maddie escrevia-me, claro, e mais tarde passámos a corresponder-nos por e-mail. E ela mandava-me fotografias. Imensas fotografias. Ficámos a conhecê-lo dessa maneira. E dava para ver quão bem eles estavam.

Faço mais uns apontamentos.

— Ainda tem essas fotografias?

— Tenho, sim. — A Francine parece admirada com a questão.

— Seria possível vê-las? — pergunto-lhe.

— Que relevância tem isso para o caso? — indaga a Madeleine numa voz impaciente.

Viro-me para ela.

— Talvez me ajude a ter uma ideia de como vocês eram, em novos. Quando é que se casaram?

— Há 19 anos. Faríamos 20 anos este ano. — De repente, a Madeleine parece abalada, a realidade da situação rompendo a bolha de recordações em que ela temporariamente se encerrara. Baixa a cabeça. Tomo mais umas notas, dando-lhe tempo antes de continuar.

— Estiveram casados uns anos antes do nascimento do vosso filho?

— Sim. Eu queria ter filhos de imediato e ainda tentámos, mas durante uns anos não aconteceu. Então, o Edwin aceitou a coisa e tive o James. Fiquei tão feliz.

— O que quer dizer com «o Edwin aceitou a coisa»?

— Ele não achava boa ideia. Tinha de pensar na carreira dele e pretendia que eu trabalhasse também durante uns tempos. Mas não queria discussões. Sabia que eu jamais aceitaria tomar a pílula, pois era muito obstinada, pelo que tratou do assunto sozinho. — O tom de voz

dela é quase cantarolado.

A Francine parece pouco à vontade, mexendo-se na cadeira, os lábios cerrados.

— Como é que ele tratou do assunto, Madeleine? O que é que fez?

— Pediu a pílula a um médico amigo dele. Todas as manhãs trazia-me uma chávena de chá e misturava-a lá dentro. Sempre fui gulosa, gosto de um pouco de açúcar no meu chá, por isso nunca me apercebi de um sabor diferente. Mas foi melhor assim. Teria sido terrível ter um bebé tão cedo e estragar tudo.

Fito-a boquiaberta.

— Isso é administração de uma substância nociva. É ilegal. Um ato criminoso...

— Não era nada disso — interrompe-me ela. — De todo. As pessoas fazem as coisas parecer piores do que realmente são. Ele estava só a zelar por mim. Por nós. Eu não tinha tomado a melhor decisão, por isso tomou-a ele por mim.

Escrevo um pouco mais, mas não me consigo concentrar, tal é o choque. Sei o que é não conseguir engravidar, a montanha-russa de emoções entre a esperança de tentar todos os meses e a dor quando a menstruação aparece. Tivemos a Matilda com facilidade, mas nunca tivemos a sorte de ter um segundo filho. Já pus esse assunto para trás das costas, mas às vezes os sentimentos acumulam-se. E pensar que esses sentimentos na Madeleine foram causados simplesmente por esse ato horrendo da parte do marido... A minha mão aperta a caneta com força. O Patrick pigarreia. Dou um salto. Quase me esquecia da presença dele.

— Parece-me que teremos de rever as defesas legais aplicáveis nos casos de homicídio, não te parece, Alison? — A voz dele soa controlada, mas, a julgar pela tensão em torno da sua boca, percebo que está tão horrorizado com a revelação da Madeleine quanto eu.

— Preciso de um minuto, tenho de... — A frase da Madeleine fica a pairar no ar e ela levanta-se e abandona a sala.

A Francine levanta-se para ir atrás dela, mas depois torna a sentar-se.

Abana a cabeça.

— Eu sabia que as coisas às vezes eram complicadas. Mas não tinha conhecimento disto. Ou seja, já naquela altura... — murmura ela, quase para consigo.

— Já naquela altura o quê? — Tento disfarçar a urgência na minha voz, pressentindo uma oportunidade agora que a Francine está a abrir-se.

— Pensava que eles eram tão felizes. No início, sentia imensa inveja deles. Mas agora... Vou tentar encontrar as tais fotografias para lhe mostrar. — A voz da Francine perde-se constantemente no ar e ela parece à beira das lágrimas.

Estou prestes a perguntar-lhe mais coisas quando o meu telemóvel emite o som de uma mensagem.

«Sei o que andas a fazer, minha vaca de merda.»

Pisco os olhos e abro a mensagem, à espera de conseguir ver o remetente. Nada. Não compreendo. Ergo o olhar para o Patrick e depois baixo-o novamente para o telemóvel. Mas a Madeleine torna a entrar na sala e concentro-me nisso. Desligo o telemóvel, com as mãos trémulas e o coração acelerado, e enfio-o no fundo da mala.

As palavras da Madeleine ecoam na minha mente, ao mesmo tempo que as palavras duras da mensagem bailam diante dos meus olhos. O Patrick gesticula impacientemente para que eu recomece a falar assim que ela se instala à mesa, mas as palavras saem-me em solavancos pouco coerentes. Por fim, ele assume o comando.

— Certo, Madeleine, quero discutir consigo os elementos essenciais do crime de que é acusada. Essencialmente, é cometido um homicídio quando uma pessoa no seu juízo perfeito mata ilegalmente outro ser humano. E isso significa que, caso não tenha uma doença mental ou não tenha agido em autodefesa, ou não tivesse sofrido uma perda de controlo, é considerada culpada — faz uma pausa — de homicídio.

Ela anui com a cabeça. Começo a recompor-me. A terminologia legal acalma-me, faz-me regressar a um mundo cujas regras compreendo. O Patrick aclara a garganta e prossegue:

— É um pouco mais complexo do que isto, para ser preciso. Há toda uma série de defesas totais, mas não me parece que se apliquem neste caso ou que existam provas que as sustentem. Na ausência de quaisquer ferimentos defensivos ou sinais de luta, não me parece que possamos alegar autodefesa. — A Madeleine emite um som em jeito de concordância, mas o Patrick ergue a mão no ar e continua a falar: — Como tal, resta-nos saber se a Madeleine estava no seu juízo perfeito, isto é, se não tem uma doença mental. — A Francine tenta interrompê-lo, mas o Patrick prossegue: — Ou seja, resta-nos aquilo a que se chama defesas parciais, que poderiam reduzir isto para homicídio simples, nomeadamente a responsabilidade diminuída ou a perda de controlo. Parece-me seguro afirmar que não se tratou de um pacto de suicídio que deu para o torto. — A Madeleine abre a boca, mas não sai qualquer som. — Concordas, Alison?

— Concordo, sim. — Volto a assumir o papel de advogada. — E acho que o que temos de fazer, Madeleine, é marcar uma consulta com um psiquiatra, pois seria muito útil termos noção de como se encontra mentalmente e, se possível, na altura do crime. Mesmo que seja apenas para excluir essa linha de investigação.

— Não quero estar louca. Não me parece que esteja louca. — As palavras dela soam baixo, mas abatem-se sobre nós como pedras num charco.

— Não estamos a sugerir nada disso. Mas precisamos de explorar esse ângulo — respondo-lhe.

— E a questão da perda de controlo? O que significa neste caso? — pergunta-nos a Francine.

— Pode querer dizer várias coisas. Mas não quero falar nisso sem ter o relato completo da Madeleine sobre a relação dela com o Edwin, bem como uma descrição pormenorizada do que aconteceu naquele fim de semana. Mas, como já disse, a primeira coisa de que precisamos é de uma avaliação psiquiátrica independente.

— Consultei um psiquiatra durante uns tempos. Mas só lá fui duas vezes, pois entretanto o Edwin descobriu. — Continuo a ter de fazer um

esforço para conseguir ouvir a Madeleine.

— O que é que aconteceu quando o Edwin descobriu? — pergunto-lhe.

— Disse-me que era escusado, que era um desperdício de dinheiro. Que não precisava de falar com ninguém e que, se precisasse, poderia sempre falar com ele.

— E qual foi a sua reação? — indago.

— Não me importei. Na verdade, não gostava muito do psiquiatra, e era complicado falar sobre aquelas coisas.

— Então, porque decidiu consultá-lo?

— Queria falar sobre o meu consumo de álcool, para ver se havia uma maneira de o controlar. — A Madeleine cala-se e suspira, olhando pela janela atrás de mim.

— Quando é que foi isso? — Desenho uma seta desde a base dos meus apontamentos até ao topo da página e paro com a caneta suspensa no ar, à espera. Jamais a tomaria por alguém que bebe; parece-me demasiado reprimida.

— Há cerca de cinco anos. — Torna a concentrar-se em mim, desviando o olhar da vista para a parede lateral da casa do lado que parece achar tão interessante.

— Por que motivo não gostou do psiquiatra? — interrompe o Patrick quando estou prestes a fazer-lhe a pergunta seguinte.

— Disse-me que não me atenderia se alguma vez aparecesse embriagada numa consulta. Fiquei zangada; a questão não era essa. Eu não bebia a toda a hora, nem nada que se parecesse. Apenas bebia em demasia, às vezes. Tinha a sensação de que ele não me ouvia. E havia algo sinistro nele.

Anoto a resposta dela, acenando com a cabeça para mim própria.

— Sinistro em que sentido? — pergunto-lhe.

— Sentava-se demasiado perto de mim. Agarrava-me a mão demasiado tempo quando ma apertava. Nada de concreto, mas não me sentia à vontade.

Torno a acenar afirmativamente.

— Disse que o Edwin «descobriu» que andava a consultar um psiquiatra. O que quis dizer com isso?

— Encontrou um recibo na minha mala. Pensava que o tinha deitado fora, mas esqueci-me. — A boca dela contorce-se.

— O que aconteceu quando ele descobriu? — Mantenho um tom de voz regular.

— Quis saber para que era e como é que eu tinha 50 libras para gastar. Não queria que ele pensasse algo de mal, por isso contei-lhe. Disse-lhe que era por ele, pois o facto de eu beber deixava-o muito infeliz. Acabou por compreender.

— O que lhe disse em relação ao dinheiro? — pergunto.

— Disse-lhe que o tinha poupado da minha mesada. Ele ficou aborrecido a princípio, mas, quando compreendeu que o tinha feito por ele, acabou por aceitar.

A pílula, o vasculhar a mala, a mesada, as perguntas sobre os recibos. Estou a tentar perceber tudo o que ela nos conta, evitando pensar na minha própria vida.

— Já nos explicou um pouco sobre a bebida, que não era um problema constante, mas mais uma questão de moderação. Durante quanto tempo é que isso foi um problema? — questiono.

— Desde os meus tempos de estudante, penso eu, de forma intermitente. Mais recentemente sentia que alguns dos jantares eram muito stressantes — replica a Madeleine.

— Jantares?

— Os jantares de trabalho. O Edwin queria-me sempre como anfitriã. Ou que me comportasse como a convidada perfeita. Não era fácil para mim. E ele não ficava nada contente. Numa ocasião em que eu estava doente... — Cala-se a meio da frase. Ergo o olhar para ela: está pálida, a mão a proteger os olhos.

— Sente-se bem?

— Sim. Isto é difícil, é só isso. Estou com uma dor de cabeça pavorosa.

— Temos muita coisa para discutir; deixemos as coisas assim, por

agora. Entretanto, não se importa de falar com um psiquiatra? Seria muito útil ver o que eles dizem. — Enquanto falo, faço uns pontos de interrogação ao lado dos meus apontamentos e depois viro a página.

— Não me parece que faça muita diferença, mas, se quiserem, fá-lo-ei.

A voz da Madeleine soa o mais clara que já souu até agora e eu escrevo em letras firmes no topo da página: A CLIENTE ACEITA FAZER UMA AVALIAÇÃO PSIQUIÁTRICA. O ambiente na cozinha fica mais leve. O Patrick endireita-se no lugar, reunindo os seus papéis e guardando-os novamente dentro da pasta. A Francine levanta-se da mesa, murmura algo impercetível sobre fotografias e sai da cozinha. Guardo o bloco e a caneta dentro da mala, tocando sem querer no telemóvel. A mensagem vem-me novamente à cabeça. Mas ainda não terminei com a Madeleine.

— Iremos agendá-lo para o mais breve possível — digo-lhe, revendo uma lista de peritos na minha mente.

— Obrigada.

Ela põe-se de pé e estende a mão por cima da mesa, para apertar a minha. Desta vez o aperto dela é mais firme do que antes. Parece reanimada. Faço uma nota mental para tentar perceber o motivo, o que terá acontecido no decorrer desta conversa para a deixar mais satisfeita do que a anterior. Será porque não lhe fizemos perguntas sobre o dia do incidente? A verdade é que é um adiamento meramente temporário.

A Francine regressa à divisão com um envelope bege grande completamente cheio. Estende-mo.

— Aqui tem as fotografias que tenho do Edwin e da Madeleine.

Aceito-as, acenando com a cabeça em jeito de agradecimento.

— Importa-se que as leve comigo? Prometo ter muito cuidado com elas.

A Francine e a Madeleine aquiescem. Guardo o envelope na segurança da minha mala e fecho-a. Desta vez terei mais cuidado para não a sujar com urina.

A Francine chama um táxi para nós e, quando este chega, acompanha-nos até ao mesmo.

— É muito generoso da sua parte cuidar da Madeleine desta maneira

— diz-lhe o Patrick.

— Mas não é fácil...

Então o portão elétrico começa a fechar-se e ela regressa ao interior da casa. Eu e o Patrick entramos no táxi e regressamos à estação.

7

O comboio está atrasado. Ando de um lado para o outro na plataforma, tentando decidir se um queque e um galão me farão sentir melhor ou pior. O Patrick entra diretamente no quiosque e pede um café, adicionando-lhe algo de uma garrafa de bolso que tira da pasta dele. Não me oferece, e algo na expressão dele impede-me de lhe perguntar o que está a fazer, ou se posso fazer-lhe companhia, mesmo quando acende um cigarro em transgressão direta dos letreiros de «Não Fumar» afixados na parede. Tenho a cabeça num turbilhão em parte desejo que ele me toque, que me arraste para um canto qualquer, que me encoste de cara na parede e me penetre à força. A minha mente passa rapidamente para a mensagem. Tiro o telemóvel da mala e releio-a.

«Sei o que andas a fazer, sua vaca de merda.»

Não pode estar relacionado com isto. Ninguém tem conhecimento disto. Temos sido tão cautelosos. Só pode ter sido enviado para mim por engano.

— O que achaste? — O Patrick surge de repente ao meu lado, assustando-me.

— O que achei de quê? — Enfio o telemóvel no fundo do bolso do casaco, relutante em discutir a mensagem. Pode ser que desapareça, se não fizer caso dela.

— Da conferência. Como é óbvio. Que mais poderia ser?

Encolho os ombros. A voz do Patrick soa clara, mas agora reparo que tem os olhos raiados de sangue, muito vermelhos.

— Estás com um ar cansado. Tens feito demasiadas noitadas? — pergunto-lhe.

— O quê? Estou a perguntar o que achaste da conferência. — Ele desvia o olhar, baixando-o para a plataforma.

— Acho que há ali qualquer coisa, naquela relação. Parece-me que é por aí.

— Ela matou o marido à facada. Que bom poder contar com esse teu discernimento legal. — A voz dele soa sarcástica.

Não me vou deixar exasperar por ele. Encolho os ombros. Ele pega novamente no maço de tabaco e, desta vez, tiro um cigarro e saco-lhe o isqueiro da mão. Acendo o cigarro e inalo profundamente, antes de continuar a falar sobre o processo judicial.

— Sim, é claro que ela o esfaqueou. Não há outra explicação para o que aconteceu. Mas há muita coisa que ela não nos está a contar. Aquela história sobre a pílula, o facto de ele lha dar sem que ela soubesse... Isso não é um comportamento normal.

— Mas parece-me uma excelente ideia. Pode evitar muitos dissabores.

— A sério? Que dissabores tiveste tu por causa da infertilidade de uma mulher? — Surpreende-me a veemência dele.

— Não é da tua conta. Há muita coisa que não sabes sobre mim. Não que alguma vez te tenhas dado ao trabalho de perguntar. E vê lá se comesças a comprar os teus próprios cigarros.

Ignorando o comentário final, replico num tom mordaz:

— Disseste que não havia perguntas. Logo desde o princípio.

Sinto-me indignada e não me interessa se é perceptível ou não. Recordo essa conversa com muita clareza. Estávamos à porta de um *pub* em Kingsway, numa noite de outono há cerca de um ano, ambos completamente embriagados. Ele era conhecido por ser um mulherengo, com um casamento fracassado algures no passado e vários corações partidos, mas isso não foi suficiente para me deter. Quando ele olhava para mim, eu sentia um arrepio no peito e sabia que ele me via realmente, assim como o quanto me desejava. Mordisquei-lhe a orelha e ele reagiu agarrando-me o pescoço, empurrando-me contra a parede e dizendo-me, numa voz sibilada: «Nada de mordedelas e nada de perguntas. Fodemos e nada mais.» Não é agora que vou começar a

transgredir essas regras.

Ele despeja o resto da bebida na linha do comboio e vira-se novamente para mim.

— Tens razão, nada de perguntas. Como é que me pude esquecer disso? — responde-me. Em seguida, respira fundo, parecendo acalmar-se. — Sim, concordo contigo. Há uma vertente de dominação na relação, a julgar pelo que ela disse até agora.

Assinto com a cabeça.

— E talvez haja mais, algo pior no comportamento dele que ela ainda não nos tenha contado... Se não existirem fatores psiquiátricos, essa é a única defesa plausível, caso se tenha tratado de uma perda de controlo no contexto da violência doméstica. Com base somente nos factos, não é propriamente promissor. — A minha voz fica suspensa no ar enquanto recordo as facadas encontradas no corpo do Edwin e as manchas de sangue na roupa da Madeleine.

Antes de o Patrick poder responder, o comboio surge na plataforma. Entramos em silêncio e sentamo-nos em lugares opostos. Aguardo que ele aja, a ponta da minha língua roçando os lábios em antecipação, recordando a forma como me faltou o ar quando enfiou a ereção dele na minha boca. Abrir a garganta, um conselho que vi durante anos nas revistas e na pornografia, desconstrair. Isso é fácil de dizer quando se trata de emborcar uma caneca de cerveja, mas abrir a garganta ao mesmo tempo que tento respirar por entre pelos púbicos e equilibrar-me num chão de comboio ensopado em urina? Já não é tão simples. Então por que razão estou ansiosa para repetir a dose? Porque estou sentada na beira do assento, à espera de que se incline para a frente e me toque? A carruagem está vazia, podíamos fazê-lo aqui mesmo, neste instante. Quem é que nos iria ver? As palavras da mensagem fazem troça de mim na minha mente — «Sei o que andas a fazer» —, mas afasto-as do pensamento. Ninguém sabe, ninguém nos viu. Tenho a certeza.

Pouso a mão no joelho dele, deslizo-a até à coxa. Ele afasta-me com tanta força que é como se tivesse levado um estalo. Sento-me para trás,

como se me tivesse queimado.

— O que estás a fazer?

— Pensava que...

— A pensar morreu um burro. Pensa é no processo judicial. Isso sim, é importante.

— Não vamos discutir isso quando regressarmos à cidade? Não quero falar sobre isso no comboio.

— Não vou ter tempo; vou jantar fora. Hei de arranjar um bocadinho no início da próxima semana.

— Com quem é que vais jantar fora? — A minha voz soa descontraída, mas ele não se deixa enganar.

— Não é da tua conta — responde-me.

Encosto a cabeça à janela, contemplando as casas que passam lá fora. Num dos jardins, quando o comboio abranda a velocidade, vejo um casal a beijar-se. Interrogo-me se me verão, se se questionarão sobre quem sou, por que motivo a mulher com a cabeça encostada à janela estará a limpar as lágrimas. Quando chegamos a Marylebone, espero até o Patrick descer do comboio para me afastar da janela e reunir os meus pertences.

A linha Bakerloo é muito rápida. Em menos de nada, estou em Embankment, puxando a minha mala pela Essex Street acima, passando pelo Cairn's Wine Bar, pelo Palácio Real da Justiça e chegando finalmente à sala dos funcionários judiciais. O Mark entrega-me a pasta para o dia seguinte, uma valente pilha de papéis amarrada com fita cor-de-rosa, documentos soltos e fotografias prestes a caírem de ambos os lados.

— Por que razão está neste estado lastimável? — Não estou bem impressionada.

— É uma devolução de outros escritórios. Do King's Bench Way. As coisas deles são sempre uma desgraça.

— Que bom. — Espreito a folha de rosto. O Tribunal da Coroa, em Wood Green. Pelo menos é local. Relativamente.

— É um julgamento básico, doutora. Cinco, seis dias — diz-me o Mark.

— Está bem. — Desprendo a fita cor-de-rosa e dou uma vista de olhos na acusação. Sete acusações de tentativa de agressão física dolosa, uma acusação de condução perigosa. Assinto com a cabeça. — Está bem... — Vou passar a noite a prepará-lo. — Obrigada.

Saio da sala com os papéis encostados ao peito.

Largo a mala e o casaco ao lado da minha secretária e abro a pasta à minha frente. Antes de a estudar ao pormenor, ou de ver as fotografias que a Francine me deu, telefono ao Carl. Sei que foi à natação com a Matilda.

— Estou? Não consigo ouvir nada. — A voz do Carl soa distante.

— Olá, sou eu. Como é que ela se está a dar? — grito.

— Bem. Está a dar-se bem. — De repente a ligação fica mais clara, as últimas palavras soando bem alto no meu ouvido.

— Imagino. Ouve, infelizmente foi-me atribuído um julgamento de última hora. Vou demorar algum tempo a prepará-lo. Não tarda nada estarei em casa, mas vou ter de trabalhar esta noite.

Um longo silêncio. Então:

— Certo. Prometi à Matilda que iríamos comer pizza, depois de ela se ter portado tão bem.

Consulto o meu relógio: 17 horas. Ainda tenho várias horas. Também não há de demorar assim tanto tempo comer uma pizza...

— Queres que vá lá ter convosco? Posso trabalhar depois.

Outro longo silêncio.

— Não vais estar descontráida. Já sei como és. Não te preocupes. Fica aí no escritório e faz o teu trabalho. Nós cá nos desenrascamos. — Ele soa despreocupado.

— Mas vou ter de comer. A sério, posso ir ter convosco agora, deitar a Matilda e depois trabalhar. — Não queria pedinchar, mas algo vacila na minha voz. Quero desesperadamente vê-la.

— A sério, não há problema. Volta quando estiveres despachada. Não

te esqueças de que esta noite tenho a reunião de grupo dos homens lá em casa, por isso não podes regressar demasiado cedo.

Começo a falar, mas o Carl desliga a chamada. Olho para o telemóvel, sem saber o que fazer. Quem sabe se irão jantar com uma amiga da Matilda. Nunca lá fui, não faço ideia; os pais podem ser qualquer pessoa. Neste preciso momento o Carl pode muito bem estar a sorrir enquanto olha nos olhos de outra mulher, o cabelo louro molhado das piscinas que ela já fez enquanto a filha esteve a aprender a nadar com a Matilda, magra e musculada das braçadas de mariposa que eu nem num milhão de anos conseguiria fazer. Neste preciso momento, deve estar a rir-se e a dizer-lhe para não se preocupar, que a mulher dele nem sequer vai aparecer na piscina, pois está demasiado ocupada a trabalhar ou lá o que for; pegamos nas crianças e talvez possamos até beber um copo de vinho para comemorar...

Abano a cabeça para afastar esses pensamentos, estupefacta com a nitidez do cenário que criei. O Carl não terá olhos para mais ninguém — está com a Matilda e não quererá que ela fique melindrada. E, seja como for, não vai estar a namoriscar. Vai estar a arrumar a sala de estar, a trazer cadeiras da cozinha para que haja lugares suficientes para o seu grupo de homens, a colocar duas caixas de lenços de papel a postos para o caso de alguém se deixar levar pelas emoções. Julgo eu — o Carl nunca me conta o que acontece. É estritamente confidencial, diz-me. O grupo tem de poder confiar plenamente nele. Aceno sempre com a cabeça, demasiado consciente das minhas próprias mentiras para insistir com ele.

Abro a pasta do julgamento do dia seguinte e demoro algum tempo a estudá-la. Não é tão mau como inicialmente receava. Condução perigosa e tentativa de homicídio — o arguido perdeu as estribeiras com um grupo de adolescentes que tinha estado a gritar com ele no parque de estacionamento de um supermercado, entrou no carro e galgou o passeio, atrás deles. Não bateu em ninguém e, de qualquer maneira, o carro dele acabou por parar. Há pelo menos 20 testemunhas do

ocorrido, o que explica a razão por que o julgamento deverá ter a duração de uma semana. Os factos falam por si, na verdade.

No entanto, apesar de ser a advogada de acusação, sinto pena do arguido quando leio o depoimento que fez à polícia. Tem dificuldades de aprendizagem e também motoras, e um carro especialmente adaptado às suas necessidades. Lendo nas entrelinhas, parece que a vida dele é constantemente massacrada pela malta jovem, e não o censuro por ter perdido a cabeça. Não que me compita dizê-lo. Tomo umas notas para as minhas primeiras alegações, esperando que ele seja adequadamente representado. Verifico os nomes dos advogados de defesa e suspiro. Conheço bem o escritório. Sediado em Harrow e cheio de charlatões — nunca me forneceram uma pasta completa quando trabalhei para eles; um nome num post-it e já era uma sorte. Fazem o mínimo de preparação possível e instruem o advogado mais baratucho que conseguem encontrar. Depois de alguma leitura, conjeturo um desfecho para o julgamento — com sorte não irá avançar. Oferecerão uma contestação qualquer, eu puxá-lo-ei para um delito mais grave e no final do dia teremos o caso arrumado.

Termino a minha preparação. Arrumo a pasta numa pilha e torno a atá-la com a fita cor-de-rosa. Está em muito melhor estado do que quando me foi passada. Já passa das 19 horas. Envio uma mensagem ao Carl a perguntar se já comeram uma bela pizza e depois fico a olhar para o ecrã do telemóvel por instantes, antes de enviar uma mensagem ao Patrick: «Estás bem?» Ele estava estranho de tarde. Nunca o tinha visto beber de uma garrafa de bolso. Ou recusar a oferta de sexo. Talvez tenha percebido que isto não vai a lugar nenhum e tenha decidido acabar tudo comigo. Talvez este jantar seja uma oferta melhor, uma versão mais jovem e em melhor condição física do que eu, mas sem o marido e a filha. E talvez isso fosse positivo, acabava-se o caso extraconjugal, acabava-se o sentimento de culpa, acabava-se o rebaixamento de mim mesma. Acabava-se o andar distraída da minha família. E talvez tivesse novamente tempo para ter amigos.

O meu telemóvel emite o sinal de mensagem e agarro-o de imediato.

É o Carl. «A pizza correu bem. A Matilda está a tomar duche. Está tudo bem.» Respondo com o *emoji* de um polegar para cima. Não vale a pena tentar sacar mais palavras aos lacónicos. Em seguida, desligo o telemóvel e retiro as fotografias da Madeleine e do Edwin Smith da minha mala.

São cerca de 40 fotografias. Tento pô-las numa espécie de ordem cronológica, com as idades que eles aparentam ter e a linha do cabelo do Edwin a servirem-me de guia. Lembro-me de que a Madeleine nos disse que ela e o Edwin se conheceram na universidade, e essas fotografias saltam-me à vista: ela jovem e bonita vestida com umas jardineiras às riscas, ele parado atrás dela, sorrindo com uma camisola mais simples. Seguem uma linha típica de destinos de férias: o que parece ser uma viagem de mochila às costas pela Europa, poses à frente do Coliseu e da Fontana di Trevi, a pirâmide do Louvre e os lagartos do Gaudí. Agora estão mais longe, uma paisagem de arrozais e um vulcão — Indonésia, possivelmente? —, e agora Petra.

Também lá fomos, eu e o Carl, rindo-nos do camelo que não se conseguia levantar sob o peso de um turista obeso. Só de pensar nisso sinto um aperto do estômago, as patas do animal trémulas enquanto o dono lhe gritava para que se pusesse de pé. Já deve ter morrido há muito, calculo, tão morto como a força que nos levou a dar as mãos enquanto subíamos o longo percurso até ao mosteiro no cimo da colina. Tão morto, também, como o homem de olhos simpáticos e sorriso tímido que me contempla das fotografias que espalhei em cima da secretária.

Talvez tenhamos estado na Jordânia na mesma altura? É impossível saber. Espreito a parte de trás das fotografias, para ver se há alguma indicação da data em que foram tiradas. Nada. À exceção de uma em que está escrito a caneta azul: «Ela disse que sim.» Viro-a. Já sem uma indumentária estudantil, a Madeleine está radiante num vestido azul justo. Está sentada num restaurante, a sorrir. O Edwin desta vez ao lado dela e não atrás, com o braço por cima dela. Deve ter sido tirada por um dos empregados de mesa. Veem-se copos de champanhe em cima da mesa — talvez o Edwin tenha escondido o anel num dos copos e

esperado que ela o encontrasse? Ou talvez tenha levado a caixa no bolso, dando-lhe de vez em quando uma pancadinha por cima das calças para ver se ainda lá estava, na esperança de que ela não visse ou lhe perguntasse o que fazia.

Estaria a Madeleine a contar com o pedido? Terá ficado feliz? Ela sorri na fotografia. O braço do Edwin está por cima dela, o cotovelo junto ao pescoço dela — sentir-se-ia ela confortável? Será que vejo ali um indício de tensão nos olhos dela, uma certa contenção mesmo na alegria do momento? A escrita na parte de trás da fotografia é confiante, firme. «Ela disse que sim.» Não deveria haver um ponto de exclamação, uma pontuação adequada à ocasião?

Não tínhamos uma máquina fotográfica na noite em que o Carl me pediu em casamento. E também não houve champanhe. Estávamos a discutir se teríamos dinheiro para nos mudarmos para um sítio melhor do que a casa em Bow onde morávamos na altura e, quando eu disse que deveríamos pensar em comprar casa, respondeu-me: «Nesse caso, acho que deveríamos casar-nos.» Anuí com a cabeça e então ele acrescentou: «Aliás, acho que o deveríamos fazer de qualquer maneira.» Não se falou mais no assunto até que ele me disse, umas semanas mais tarde, que tinha marcado o registo civil para dali a 15 dias — pareceu-me bem. A mãe dele veio e a minha melhor amiga, a Evie, também, e tenho a certeza de que exibi um ar radiante em algum momento, ainda que não haja uma fotografia disso em cima da minha secretária. Em contrapartida, não estou em liberdade sob caução pelo homicídio do Carl, portanto as coisas poderiam ser bem piores.

Em muitas das fotografias o Edwin e a Madeleine parecem perfeitamente normais, como toda a gente. Como eu e o Carl. Não há nada que indicasse que 15 ou mais anos depois ela acabaria por matá-lo à facada.

Eis agora uma fotografia do casamento, lírios Arum num bonito bouquet. Eis a Madeleine grávida, de perfil numa entrada emoldurada por uma glicínia. Agora está com um bebé ao colo, o Edwin posicionado ao lado dela, mais uma vez segurando-a perto dele. Em todas as

fotografias ela está a sorrir, feliz. Estou a perder o meu tempo. Não há nada nestas fotografias que me permita perceber por que razão ela o matou. O que revelam ao mundo é perfeito, sólido. Seria o mesmo que olhar para as minhas fotografias com o Carl e tentar perceber quando é que começámos a afastar-nos. Suspiro e ligo o telemóvel.

De imediato emite um bip, com uma mensagem do Patrick.

«A tomar um copo no Cairn's. Aparece, se quiseres.»

Respondo-lhe: «Pensava que ias jantar fora.»

Ele replica: «Já fui.»

Vejo as horas — o jantar dele foi rápido. Portanto, não se tratou de um encontro amoroso. Sinto os ombros a descontraírem. Tenho estado a estudar as fotografias há uma hora e ainda não encontrei nada — está na hora de parar de trabalhar. Torno a colocá-las dentro do envelope e enfio-o na gaveta da secretária. Guardo a papelada para o julgamento do dia seguinte dentro da minha mala e apago a luz. Já não há mais ninguém nos escritórios, o edifício encontra-se mergulhado em silêncio. Não é muito tarde, ainda nem são 21 horas, mas parece meia-noite. Sombras dos galhos das árvores no exterior da sala dos funcionários judiciais projetam-se sobre a parede enquanto ligo o alarme e tranco o edifício.

8

Entro no bar e procuro o Patrick. Em vez de o encontrar sentado a uma mesa sozinho, como esperava, fico admirada ao vê-lo a uma mesa comprida rodeado da malta habitual dos nossos escritórios, apesar de ser quarta-feira. Sento-me entre o Sankar e o Robert.

— Sobrou algum vinho?

Nenhum deles me responde. Está imenso ruído, a música ecoa das colunas por cima das nossas cabeças e, enquanto me instalo no canto, observo o Patrick. Esta é a praia dele, está no seu elemento. É a chama mais intensa no centro da fogueira. Conta uma história que leva as pessoas sentadas ao lado dele a rir e as pessoas longe dele a esforçarem-se para o ouvir. A Alexia está algures na periferia, a sorrir. Não é o tal copo tranquilo com ele por que eu ansiava, mas paciência. Convidou-me — esse pensamento faz-me sentir um pouco do carinho dele. Dou um murro no braço do Robert e ele vira-se para mim, com uma expressão de surpresa ao ver-me.

— Sobrou algum vinho?

— Queres beber alguma coisa, é?

Falamos ao mesmo tempo. Dou uma risada. Ele estende o braço sobre a mesa e despeja vinho tinto para um copo ao seu lado. Hesito por instantes, interrogando-me se estará limpo, mas depois decido que não me interessa e bebo-o de um trago. O Robert torna a enchê-lo.

— O dia foi longo? — pergunta-me.

— Sim. Acabei agora mesmo. E tu?

— Estou aqui desde as quatro. A minha mulher vai matar-me. Só vim cá para tomar dois copos... — A voz dele soa arrastada.

— É o que dizemos todos. — Bebo metade do novo copo que me serviu e pouso o resto em cima da mesa. A descontração instala-se na minha mente, a luz ténue do bar assumindo um brilho dourado. Não há problema, tenho autorização para estar aqui. O Carl não me quer em casa, está ocupado a dar conselhos aos pacientes dele. A Matilda há de estar bem, a barriga cheia de pizza e sem dúvida prestes a adormecer. Fiz o meu trabalho e mereço uma bebida. Bebo outro grande trago e torno a olhar para o Patrick. Está sentado ao lado do Mark, o funcionário judicial, e, agora que olho com mais atenção, do outro lado dele vejo uma jovem bonita que não conheço. Ela parece achar-lhe imensa piada, e a calma que sinto começa a diminuir; sinto a ponta dos dedos a gelar.

— Quem é aquela? — Dou uma cotovelada ao Robert.

— Quem é quem?

— Aquela. A mulher ao lado do Patrick? — Mantenho uma voz descontraída.

— Não sei, uma tipa qualquer. Veio com ele.

— Quando é que ele chegou?

— Não faço ideia; um bom bocado depois de mim. — O Robert vira-se e olha-me diretamente nos olhos. — Estás com ciúmes, é?

— Não sejas parvo. — Acabo o meu copo de vinho e pego na garrafa, mas está vazia. — Vou buscar mais.

Esgueiro-me por entre o grupo e dirijo-me para o balcão. O bar está apinhado, toda a gente a tratar a quarta-feira como se fosse sexta-feira. Evito olhar para o Patrick quando passo por ele, embora pelo canto do olho veja que a mulher tem a mão no braço dele. Levanto o queixo e continuo a andar.

Demoro uns bons dez minutos a ser atendida no balcão, de tão movimentado que está. Peço duas garrafas de *Rioja*, para não ter de voltar ali uma segunda vez. Quando regresso, o Robert está sentado no meu lugar, mas afasta-se para o lado para arranjar novamente espaço para mim. Sirvo o copo dele e o do Sankar, acenando com a garrafa para as pessoas do outro lado da mesa, mas estão todos a beber vinho branco. Não tento captar o olhar do Patrick.

Bebo e o Sankar fala-me sobre o seu processo judicial desse dia.

— Seria de esperar que ela percebesse que ele lhe estava a enfiar uma cenoura pelo rabo acima todas as noites; o *Rohypnol* é mesmo potente. — Bebo mais um pouco. O tempo avança — primeiro 22h00, depois 22h30 —, a minha fome e o meu cansaço amainando à medida que o vinho se apodera de mim. Consulto o telemóvel. Nada. Eu e o Robert vamos lá fora fumar um cigarro.

Quando voltamos a entrar, e certificando-me de que ninguém vê, envio uma mensagem ao Patrick. «Vai uma queca?!» Ele nem reage. Deve ter o telemóvel desligado. Porquê ignorar-me se me convidou a vir ao *pub*? Continua entretido à conversa com a mulher ao lado dele. O Sankar também não sabe quem é ela e eu não quero perguntar a mais ninguém, entregando-me cada vez mais à minha bebida. Despachamos as duas garrafas e depois o Robert vê-se aflito para chegar ao balcão, para ir buscar mais. Há menos gente agora. O que era um grupo de quase 20 pessoas está reduzido a cerca de 10. Sorrio e converso com as raparigas do outro lado da mesa, as que estão a beber vinho branco. A Alexia e outra estagiária cujo nome nunca consigo recordar. Estão a falar com uma advogada dos nossos escritórios chamada Pauline que parece sempre algo reprovadora quando se dirige a mim. Esta noite menos — está cheia de vinho e conversamos sobre o meu caso de homicídio.

— É tão estranho ver fotografias de outras pessoas. Estamos convencidos de que somos únicos e no entanto fazemos as mesmas coisas, vamos aos mesmos sítios, comemos as mesmas comidas... — Já estou a divagar, esquecendo-me a meio aonde pretendia chegar.

— Percebo exatamente o que queres dizer. É como o *Facebook*. É tudo a mesma coisa — replica a Pauline, acenando com a cabeça.

— Quer dizer, num minuto estás a tirar uma fotografia diante do Partenon, de mãos dadas, e no minuto seguinte estás a matá-lo à facada com uma faca de cozinha. Podia ser qualquer um de nós, na verdade, se pensarmos bem.

— É mesmo... — A Pauline continua a acenar com a cabeça e eu imito-a, impressionada com a profundidade da nossa conversa.

— O que achas dele? — pergunta-me, mudando o assunto tão repentinamente que não percebo de imediato a que se refere. Fito-a com uma expressão vazia. Ela está a apontar na direção do Patrick.

— O que tem ele? — indago.

— Quer dizer, é um bom advogado — continua ela, aproximando a cabeça da minha, num gesto conspiratório. — Mas ouvi uns boatos...

— Boatos? — replico, tentando manter um tom neutro.

— Qualquer coisa sobre ter-se metido com alguém que não devia. Mas não sei... — Ela cala-se.

Sinto-me cada vez mais sóbria, os meus sentidos completamente alerta. Não sei aonde é que ela quer chegar — estará a referir-se a mim? Terá sido ela a enviar-me a mensagem?

— Nunca ouvi nada nesse sentido — digo —, mas olha que partilhar esse tipo de boato pode causar muitos estragos.

Ela não insiste, o rosto dela agora preocupado.

— Ouve, não estou a tentar criar chatices. Estava só a dizer... Mas de certeza que não é nada. — Assinto com a cabeça — Vou buscar uma bebida — diz-me. — Queres alguma coisa?

— Não, obrigada. Tenho de ir não tarda nada, acho eu — respondo-lhe, e observo-a enquanto se dirige para o balcão.

No instante seguinte dou um salto quando alguém grita e um copo se parte. Entorno o vinho tinto pela minha camisa abaixo, em vez de o beber. Ergo o olhar, à procura da origem da comoção. Identifico-a de imediato. O Patrick está mais coberto de vinho tinto do que eu, o rosto a pingar. A mulher que não conheço está de pé ao lado dele, brandindo o fundo de um copo de vinho, estilhaços de vidro ainda agarrados ao pé. Há vidros partidos em cima da mesa e no chão. Ela está a gritar algo, mas não consigo perceber as palavras. Ponho-me de pé num ápice, mas antes de ter tempo de me aproximar já a Pauline lá está, parada diante da mulher com os braços estendidos para ela. Por instantes penso que a mulher vai espetar a Pauline, mas, ao invés, permanece completamente imóvel, fitando-a com uma expressão furiosa, e depois larga o copo no chão. A Pauline pousa as mãos nos ombros da mulher, mas esta resiste

ao abraço, libertando-se da Pauline, agarrando numa mala preta que estava no chão e saindo com um ar indignado do bar.

O Patrick está a limpar o vinho do rosto com um guardanapo branco. Tem a camisa ensopada — o copo dela estava com certeza cheio.

— Mas o que é que foi aquilo? — grito-lhe, mas ele não reage. Torno a gritar, mais alto: — Mas que merda aconteceu aqui?

O meu grito coincide com uma paragem na música, soando em pleno silêncio. As pessoas que ainda se encontram no bar olham na nossa direção, não por causa da cena original, mas porque os meus gritos despertaram a atenção delas. O Patrick limpa a camisa, dobra o guardanapo e pousa-o em cima da mesa, erguendo depois finalmente o olhar para mim. Diz algo, mas a música recomeçou e não o ouço.

— O quê?

— Não gostou da minha camisa. — Ele esboça um sorriso.

— Mas que merda... — Estou demasiado irritada para continuar. Levanto-me e agarro na minha mala. Não consigo lidar com o que está se a passar, seja lá o que for. A Pauline põe-se de pé e olha para mim, com uma expressão perplexa no rosto. Também não consigo lidar com isso agora. Sem me despedir de ninguém, também eu saio do bar com um ar indignado, optando pela porta do fundo para não ter de passar pelo Patrick. Estou farta. A única razão que vejo para o convite dele foi humilhar-me exibindo outra mulher à minha frente, e recuso-me a continuar a alinhar nessa fantochada.

Vejo um táxi com a luz acesa assim que viro para a Strand e chamo-o, grata por poder sair dali. Estou embriagada mas não demasiado, vendo claramente os sinais de trânsito enquanto subimos em direção a Archway. Tiro o telemóvel do bolso e envio uma mensagem ao Robert a pedir-lhe desculpa por me ter vindo embora assim, dizendo-lhe que tenho um julgamento no dia seguinte. Ele não se vai importar. O mais certo é nem ter dado por nada. No que diz respeito ao Patrick, tratarei desse assunto amanhã de manhã. Ou ele se explica ou não. Fecho os olhos e encosto a cabeça ao vidro. Não percebo o que está a acontecer.

Assim que chego, fico surpreendida ao constatar que o encontro do grupo masculino ainda está a decorrer — por norma termina por volta das 21 horas, no máximo. Quando transponho a porta da entrada, parece-me que estão a ver algo na televisão, mas, quando fecho a porta com força, o som cessa. O Carl emerge a correr da sala de estar.

— Voltaste mais cedo do que eu esperava. Acabámos de fazer uma descoberta importante.

— Amanhã vou trabalhar cedo. — Mantenho a cabeça baixa, na esperança de que não repare que estou embriagada.

— Vai deitar-te, então. Estamos quase a terminar.

Regressa à sala de estar, fechando rapidamente a porta atrás de si, para eu não ver quem está lá dentro. Apetece-me gritar: «Mas de quem é esta casa, afinal?! Quem é que paga a merda da prestação ao banco?!» Mas não o faço. A raiva acalma e subo as escadas com passos pesados. Dispo-me na escuridão do nosso quarto, um feixe de luz alaranjada trespassando os cortinados que nunca bloqueiam totalmente a luz da rua. Tenho o peito pegajoso do vinho entornado, pelo que tomo um duche, lavando apenas o corpo e mantenho o cabelo longe da água. Visto uma camisa de dormir e lavo os dentes, esfregando cuidadosamente cada quarto da minha boca durante os 30 segundos recomendados.

Quando estou convencida de que já não cheiro a vinho e a cigarros, visto o roupão e vou ao quarto da Matilda. Está a dormir profundamente, abraçada ao elefante cor-de-rosa. Beijo-a na testa e puxo-lhe o edredão para cima, tapando-lhe o braço, e depois sento-me no chão ao lado da cama e observo-a. Ela suspira e vira-se, o rosto de frente para mim. Sinto um aperto na garganta. É esta, é esta pessoa que tenho andado a trair. O Carl é importante. Mas a Tilly é mais importante ainda. Não foi ela que me rejeitou, que me afastou tantas vezes. Ela merece o melhor de mim, uma mãe sem o coração dividido. Amo-a mais do que tudo, mas não o suficiente para virar as costas ao Patrick. Ou, pelo menos, não completamente. Toco-lhe na face, sussurrando-lhe a promessa silenciosa de que irei esforçar-me mais, tornar-me a pessoa que ela merece. Quase acredito nas minhas próprias palavras.

Em seguida, regresso ao meu quarto e enfio-me na cama, pondo o telemóvel a carregar em cima da mesa de cabeceira. Pego nele para programar o despertador. Sinto-me tão cansada que será preciso um tremor de terra para me acordar de manhã.

Duas mensagens. Uma do Patrick. «Estou no teu escritório. Onde estás, porra?»

Passo levemente o dedo sobre as palavras antes de as apagar, com uma determinação redobrada.

Então vejo a outra mensagem, remetente desconhecido.

«Estou de olho em ti, sua porca de merda. Sei o que andas a fazer.»

As letras da mensagem dançam diante dos meus olhos. Será que alguém sabe sobre mim e o Patrick? Só pode ser isso. Mas não faço ideia de quem possa ser. Tento conter o pânico, apago a mensagem. Já não existe. Não aconteceu. É outro engano, o remetente escolhendo-me por acaso, um dígito errado no número. Programo o despertador para as 6h30 e viro-me de lado, os olhos fechados. Mas não estou cansada. A minha mente está a cem à hora. Por muito que queira fingir que as mensagens não estão a acontecer, não posso negá-las. Já são duas, e tenho de admitir a verdade, reconhecer o perigo. Alguém já me topou. Sabem o que ando a fazer e não lhes agrada. Encolho-me, encostando os joelhos ao peito, os pés aninhados debaixo do edredão. Sinto frio, o medo a penetrar-me nos ossos.

Mais tarde ouço as vozes dos homens a saírem, um coro de boas-noites e o fechar cauteloso da porta. Ainda mais tarde ouço o Carl a entrar no nosso quarto, os passos dele silenciosos, os movimentos delicados. Não me mexo, respirando profunda e regularmente. Em menos de nada está a ressonar.

Levo imenso tempo a conseguir adormecer e depois sonho que estou a esfaquear-me repetidamente nas coxas com o pé partido de um copo de vinho, até que chego ao sítio entre as minhas pernas e começo a masturbar-me com ele. Acordo com um sobressalto na escuridão. Viro-me para o calor do corpo do Carl, pondo o braço por cima dele. A

dormir não se afasta como quando estamos acordados, o conflito entre nós terminado, pelo menos por agora. Ele é o que eu conheço, o pai da minha filha. Viajámos juntos pelo mundo, construámos um lar. Está na altura de fazer isto resultar, pela Matilda, por nós dois. Adormeço com a cabeça encostada ao ombro dele.

O lugar do Carl está vazio, a almofada fria quando o despertador me acorda às 6h30. Vou sugerir que passemos um fim de semana fora. Pedimos à mãe dele para ficar com a Matilda e vamos passar a noite num belo hotel. Comemos boa comida e bebemos bom vinho e talvez, quem sabe, nos beijemos e dêmos as mãos. Talvez, quem sabe, façamos amor como antes. O rosto do Patrick surge na minha mente, mas afasto-o. Já não quero nada disso, todo esse sentimento de culpa. Não há nada que faça isso valer a pena, tal é a vergonha que carrega. Ele nem sequer é uma pessoa de confiança, há sempre a incerteza de saber se está a pensar em mim ou noutra pessoa, mas...

As mensagens foram um «abre-olhos». Talvez não tenhamos sido particularmente subtis, particularmente discretos — alguém do escritório pode ter-nos visto aos beijos nos becos atrás da Fleet Street, ou demasiado próximos num bar. Pode ser qualquer pessoa a enviar-me as mensagens, e recuso-me a continuar a ser arrastada para este drama. Parece que ainda ouço o estilhaçar do copo e o grito da noite anterior — nem quero saber por que motivo a mulher ficou tão zangada com o Patrick, ou o que ele terá feito.

— Café? — O Carl regressa ao quarto com uma chávena na mão que pousa em cima da minha mesa de cabeceira.

— Obrigada. Que bom. — Estou a ser sincera. Há uns dois anos que não me traz café à cama. Costumava fazê-lo, o odor que enchia a casa era um reconfortante começo de dia. Vou encarar-lo como um bom augúrio. — Tenho estado a pensar... e se fôssemos passar uma noite fora, em breve? Podíamos pedir à tua mãe para ficar com a Matilda.

O Carl parece ficar surpreendido.

— A que propósito vem isto agora?

— Seria agradável passarmos algum tempo juntos. Sozinhos.

— Não me agrada a ideia de deixar a Matilda... — A voz dele soa relutante.

— Sei que antigamente não querias, mas a Tilly era mais pequena. Agora já pode ficar com a tua mãe, não? Uma noite não é muito — digo.

— Não sei. Pode ser demasiado para a minha mãe.

— Tenho a certeza de que ela iria adorar. Não precisa de fazer grande coisa. A Matilda já é crescadinha. Nem sequer precisam de sair de casa, se isso te deixar mais descansado. Tratarei de tudo para que tenham sempre comida em casa e tudo o mais. — Estendo a mão para ele. O Carl contempla-a por instantes e depois agarra-a. O aperto dele é frouxo, impessoal. Mas é alguma coisa. Tenho de o fazer mudar de ideias em relação a deixar a Matilda com outras pessoas — antes nunca quis insistir com ele, mas está na altura.

— Eu falo com ela — diz-me o Carl. — Logo se vê. Uma noite não há de ser problema.

— Tenho a certeza de que não. Seria bom para elas, estarem juntas. A tua mãe está sempre a dizer que gostava de ver a Tilly mais vezes. — O Carl arqueia uma sobrancelha, mas ainda assim continuo: — A sério, ela disse-mo aqui há uns tempos. Ouve, nós também precisamos de estar juntos. A Tilly precisa que estejamos felizes, juntos. Não te parece?

— Podemos tentar — responde-me.

— Estou certa de que aconselharias o mesmo a um paciente teu. Passarem tempo juntos, conversarem.

Ele acena com a cabeça e agarra-me a mão com mais força. Interrogo-me se deveria aproximar-me dele e beijá-lo, mas a Matilda entra e atira-se para cima da cama.

— Não me acordaste! — Tem o cabelo na nuca espetado e ainda está quente da cama.

Puxo-a para mim, para um abraço. Ela deixa-me segurá-la por uns instantes e depois afasta-se e abraça o Carl. Ele senta-se na cama com ela nos braços, e vejo perfeitamente como devemos ser enquanto família. Isto vai acontecer. Irei certificar-me disso mesmo. Tomo um duche e

visto-me para ir trabalhar, sentindo o coração leve como não sentia há meses. Quando desço à cozinha, o Carl preparou ovos mexidos, não só para a Matilda mas também para mim, e sentamo-nos juntos a comer à mesa. Saio de casa a arrastar o meu *trolley* com um floreado, pronta para lidar com o que quer que o Tribunal da Coroa de Wood Green me queira atirar para cima.

9

Passa mais uma semana. O julgamento em Wood Green foi sempre a andar, jovem atrás de jovem a subir ao banco das testemunhas para explicar quão ameaçado se sentiu pela condução perigosa do arguido. Este mal se ouve quando testemunha e a advogada também não fala particularmente alto. Tal como eu receava, é representado por alguém que parece ter acabado de sair da faculdade de Direito. Aligeiro a coisa o mais possível e no final ele recebe uma pena suspensa. Uma decisão quase digna de Salomão, penso, embora não o diga ao juiz enquanto preencho a declaração para as despesas legais no final do julgamento.

O Patrick envia-me algumas mensagens, mas apenas em relação ao processo judicial da Madeleine — a data para a Audiência de Julgamento aproxima-se a passos largos e a acusação continua a ser lenta no que diz respeito a passar-nos informação. Ele não faz qualquer referência ao ocorrido no Cairn's e eu também não — não lhe vou dar essa satisfação. Não estou interessada nos joguinhos de poder dele. Não mencionamos a nossa relação. Ou melhor, a nossa antiga relação.

Passo essa noite de sexta-feira em casa com a minha família, o Carl e a Matilda. Apenas tenho de preparar um julgamento de atentado violento ao pudor a uma criança que deverá começar no início da semana seguinte. Levanto-me cedo para não empatar o fim de semana com o caso. Vamos a Hampstead Heath e observamos a Matilda a trepar aos carvalhos perto do portão de acesso a Kenwood. O Carl não me diz se já falou com a mãe sobre esta ficar com a Matilda, mas também não quero insistir muito — sei que acabará por aceitar a ideia, com o tempo. Sabe que estou a ser sincera, que me estou a esforçar.

Tenho o cuidado de não discutir com ele, mesmo quando diz à Matilda para descer dos galhos mais baixos. Apenas está a olhar por ela. Ela ainda não tem idade. Apanhamos folhas castanhas e cor de laranja do chão e guardo-as no bolso do meu casaco.

— Eu faço o almoço — digo, no caminho para casa.

— Tens a certeza? — responde-me o Carl. — Será mais fácil se for eu a fazê-lo.

— Apetece-me — replico. — Tilly, o que queres para o almoço?

— Húmus e pão pita. E umas cenouras. Há fiambre? — pergunta.

— Tenho a certeza de que se arranja — respondo. — Na boa.

O Carl suspira.

— Não temos fiambre em casa. Se fosses ao supermercado, saberias...

Estou decidida a que não haja discussões.

— Então é pão pita com húmus, Tilly. Está bem?

— Está bem!

Depois de ela ter comido, pergunta-me se pode comer uma laranja. Estendo-lhe uma, e também uma faca de mesa.

— Dá-lhe um pequeno golpe — explico-lhe — e depois tiras a casca à mão. É mais fácil.

Ela começa a cortar a laranja, mas não a agarra com força e a faca escorrega-lhe da mão. Dá um grito. Alcanço-a de imediato, mas não antes do Carl, que chega a correr da sala.

— Como é que foste tão estúpida e lhe deste uma faca para a mão?! — Está a segurar-lhe o braço e a agitar um dedo na minha direção. Olho com mais atenção. Tem um ligeiro corte, uma pequena gota de sangue a formar-se na extremidade.

— Arde... — choraminga ela.

— É do sumo — explico-lhe. — Vem cá, vamos pôr o dedo debaixo da torneira. Estás a ser muito forte.

O Carl parece relutante em largá-la, mas por fim ela vem ter comigo e abraço-a. A seguir lavamos a mão dela e depois envolvo-a num pedaço de papel de cozinha.

— Queres que seja eu a cortar o resto?

— Sim, por favor.

Tornamos a sentar-nos à mesa juntos e acabo de descascar a laranja. Um dos caroços tem uma pinta de sangue e eu olho fixamente para ela, um peso na consciência por não saber se teria sido errado da minha parte deixar a Matilda cortar a peça de fruta sozinha. Era só uma faca de mesa, afinal de contas. Foi a parte serrada que lhe apanhou o dedo.

— Francamente, Alison, tens de pensar melhor nas coisas — critica o Carl.

Tiro a casca e deito-a fora.

O domingo corre melhor, ligeiramente. Faço um assado no forno sem incidentes. A Matilda come tudo, mas o Carl deixa a maior parte no prato, deitando ruidosamente a comida no caixote do lixo.

— Precisas de um pouco mais de prática, é só — diz-me, dando-me uma palmadinha no ombro e comendo uma barra proteica que tira do armário.

Quero defender-me, salientar que pelo menos estou a tentar, mas contenho-me. Vejo que tenho de fazer mais para o convencer de que mudei e sei que o farei, com o tempo. Assinto com a cabeça.

Mais tarde nessa mesma noite tiro as folhas do bolso do casaco e afixo-as abertas em leque no quadro da cozinha, um lembrete do passeio a Heath. As coisas podem melhorar, tenho quase a certeza disso.

Não recebo mais mensagens anónimas.

Quando estou a caminho do tribunal, na segunda-feira de manhã, o Patrick envia-me uma mensagem.

«Tenho saudades tuas.»

Não lhe respondo e ele também não diz mais nada, mas ainda assim sinto um pequeno nó de tensão a desprender-se dentro de mim, livre de uma preocupação cuja existência eu recusava reconhecer. E as palavras permanecem na minha cabeça, algures por trás da recordação do fim de semana com o Carl e a Matilda.

O julgamento termina ao fim de dois dias — a principal testemunha da acusação indo-se abaixo após um dos meus interrogatórios menos

agressivos. As datas, horas e locais eram uma grande confusão na cabeça dela, perdendo-se nas décadas desde a altura em que alegou que os abusos sexuais ocorreram. O caso nem sequer vai à presença de um júri. Com o sucesso do julgamento anterior ainda presente na minha mente, solicito um anulamento com base na falta de provas e mais uma vez sou bem-sucedida. O meu cliente fica agradecido, um homem exausto na casa dos 60 anos, um professor de piano reformado contra quem a acusação falhou redondamente e cuja vida quase foi destruída pelas alegações. Quase nem tive de me esforçar para conseguir que o caso fosse anulado — a Procuradoria-Geral da Coroa deveria ter vergonha de levar a tribunal um caso tão fraco.

Ouçó os soluços da queixosa ao sair do edifício, mas continuo a andar de cabeça baixa. Tenho de levar a cabo o meu trabalho, defender os meus clientes o melhor que sei. Se as alegações dela forem verdadeiras, é realmente uma situação terrível, mas as provas têm de ser fortes o suficiente para convencerem um júri sem margem para dúvidas. O processo judicial nunca deveria ter chegado a este ponto. Despeço-me do meu cliente no exterior do edifício. Ele aperta-me a mão. A esposa está parada ao lado dele, pequena e ansiosa. Está sempre a olhar para trás, num gesto de nervosismo, e despacho-os dali antes que a queixosa saia também.

Os funcionários judiciais deixaram-me uma mensagem no telemóvel a dizer que foram entregues documentos relacionados com o processo judicial da Madeleine Smith, pelo que me dirijo para os escritórios, ansiosa para ver o que mais a acusação apresentou antes da Audiência de Julgamento. Ainda não sei como a Madeleine se vai declarar — não quero que se declare culpada, pelo menos por enquanto. Parece-me que há imensos aspetos da relação dela com o Edwin que exigem uma investigação mais profunda. Enquanto penso nisso, o meu telemóvel toca. É do escritório do Patrick. Levanto o queixo, ganhando coragem para falar com ele. Não valia a pena ter-me incomodado, pois trata-se da sócia dele, a Chloe.

— Olá, Alison. Já recebeste os documentos? Temos de marcar outra

conferência com a Madeleine. Há hipótese de ires ter com ela amanhã?

— Claro que sim. O meu julgamento já chegou ao fim — respondo.

— Ótimo. E o Patrick queria saber se pode dar um salto ao teu escritório, para uma conversa rápida antes da conferência — diz ela.

— Ainda não li os documentos. — Estou a tentar ganhar tempo.

— Ele insiste. Podem lê-los juntos — diz ela, num tom de voz que não dá espaço a recusas.

Damo-nos bem, eu e a Chloe, mas eu faço o que ela manda — o Patrick tem mais experiência, mas ela é o núcleo de atividade de toda a operação, com um conhecimento enciclopédico de todos os casos do escritório.

— Está bem, pode ser. Estarei por cá.

— Ótimo, vou avisar o Patrick — responde-me, desligando a chamada.

Envio uma mensagem ao Carl. «Conferência sobre o processo judicial de homicídio. Chego por volta das 20h30. Beijos.» Beijos no plural, para dar sorte. Ele não estava a contar que chegasse cedo a casa, por causa do julgamento, por isso não deverá haver problema. Ainda bem que não lhe disse que acabei mais cedo. Então, detenho-me — por que motivo estou a pensar mentir-lhe?

O relatório do médico-legista foi enviado, com todos os pormenores sobre os ferimentos que acabaram com a vida do Edwin Smith. Leio-o na íntegra. São 15 no total, variando de profundidade. O relatório inclui fotografias. Olho demoradamente para o golpe no pescoço, um sorriso abaixo da boca. Os lençóis debaixo dele estão ensopados de sangue. O sumário apresentado pela acusação, do qual já tenho uma cópia, diz que as peças de roupa tiradas à Madeleine Smith estavam visivelmente cobertas de sangue, e vasculho o novo molho de papéis para ver se inclui alguma prova forense em relação a isso. Ainda nada. Volto a minha atenção para o relatório do médico-legista. Nada de ferimentos defensivos. Os ferimentos são todos no pescoço e tronco. Encontraram o corpo deitado de costas e foi nessa posição que o fotografaram, uma

imagem tirada de cima e depois todos os grandes planos dos ferimentos. Há também um diagrama anexado, um esboço tosco do corpo de um homem, com pequenos traços indicando os locais dos ferimentos.

Torno a vasculhar o molho de papéis e encontro uma fotografia da faca que foi alegadamente utilizada na agressão. Uma *Global*. Contemplo-a, tentando vislumbrar através do sangue seco alguma indicação de desgaste na lâmina. A minha ficou romba com tantos anos de utilização e de lavagens na máquina. Quanto mais afiada a faca, claro, menos força seria necessária para a cravar e arrancar do corpo do Edwin.

Guardando a fotografia da faca na parte de trás da pilha, concentro-me na análise toxicológica incluída no relatório. Os níveis de álcool são quatro vezes superiores ao limite legal permitido para condução. Não há mais análises toxicológicas — sei que é normal demorarem mais tempo. Admira-me que tenham conseguido adiantar estas. De qualquer modo, os níveis de álcool bastam para justificar a ausência de ferimentos defensivos. O Edwin podia estar completamente inconsciente.

À exceção do relatório do médico-legista e da fotografia da arma, não foi facultado nada mais de substancial. Há um resumo do interrogatório inicial que indica que a Madeleine não fez qualquer comentário, mas não uma transcrição completa das perguntas que lhe foram feitas. Ainda. Verifico as datas — toda a documentação deveria ser facultada até ao final de novembro, se não antes da Audiência de Julgamento.

— Não precisamos de muito mais da parte deles. O juiz pode muito bem dizer que nos foram facultados dados suficientes para ela poder declarar-se culpada ou não na audiência — explico ao Patrick, após ele ter chegado e nos termos instalado na sala de reuniões. Tento não olhar demasiado para ele, embora esteja perfeitamente ciente de cada movimento das suas mãos e braços.

— Sim. Mas ela não nos deu uma defesa. Ainda. — O Patrick tem as fotografias espalhadas diante dele, golpes grandes e golpes pequenos.

— Tendo em conta o que nos disse sobre ele lhe ter dado a pílula sem

o conhecimento dela, e sobre toda a questão do controlo da mesada, concordas comigo que há uma forte possibilidade de se tratar de uma relação abusiva. Certo?

— Sim, claro. Mas isso só por si não chega para reduzir a coisa para homicídio simples. Precisamos de mais para a questão da perda de controlo — responde-me o Patrick.

— Tudo depende de ela se abrir ou não connosco. Neste momento, não temos nada. Nenhuma prova de algo que possa ser considerado um fator de desencadeamento, nada. Apenas uma garrafa de gin e um apagão. Apesar de, se queres que te diga, a explicação dela não fazer muito sentido. Não inteiramente — digo.

— Tens razão. Ela é muito reservada. Talvez devesses falar com ela a sós. Não sei se não se sentirá mais descontraída sem mais pessoas por perto. De mulher para mulher.

Mexo-me no lugar, pouco à vontade com a sugestão dele.

— Achas que é apropriado?

— Não vejo por que não. Tens jeito para fazer as pessoas desabafarem — diz-me. Olho-o de relance. Está a olhar para as fotografias, não para mim. Viro rapidamente a cabeça.

— Bem, se achas que devo fazê-lo, tudo bem. Temos de tentar sacar mais alguma coisa dela antes da próxima audiência. Seria preferível que ela apresentasse uma contestação. — Estou a tentar não reagir aos últimos comentários dele. Há um calor na sua voz que sinto refletido no rubor que começa a instalar-se nas minhas faces.

— Eu trato disso. Falei com o nosso psiquiatra também. Ele terá o relatório preliminar pronto para amanhã. Se agendarmos o encontro para a tarde, isso dá-te oportunidade de o leres de manhã? Amanhã estás livre, não estás? — indaga ele.

— Sim. Pode ser. E tens razão, talvez ela fique menos nervosa se for só eu.

— Vou pedir à Chloe para tratar de tudo.

O Patrick anui com a cabeça, pega no telemóvel e escreve uma mensagem. Começo a falar, mas ele interrompe-me.

— Alison, gostava de te levar a minha casa e cozinhar para ti. Há alguma hipótese de poderes fazer isso?

— Não me parece que seja uma boa ideia. — Mas não é o que estou a pensar. Vê-lo novamente só me fez recordar o quanto continuo a querer beijá-lo. Tento eliminar esse sentimento, mas por momentos ouço, com toda a clareza, o raspar do garfo na porcelana enquanto o Carl deita fora a comida que cozinhei na outra noite.

O Patrick tenta mais uma vez.

— Gostava mesmo muito. Sei que têm sido umas semanas complicadas. Não temos conversado e eu, bem, tive saudades tuas. Deixas-me cozinhar para ti, por favor? — Estende-me a mão, a palma virada para cima. — Por favor?

Tento agarrar-me à ideia do Carl e da Matilda em casa à minha espera. Tento agarrar-me ainda mais à imagem das palavras no meu telemóvel, ao facto de haver uma pessoa anónima que tem conhecimento da nossa relação e que a odeia. Que me odeia. Tudo se dissipa, transformando-se em poeira.

— Sim. Obrigada. Seria um prazer.

Chamamos um táxi na Fleet Street. O Patrick sai dos escritórios antes de mim, encontrando-se comigo sob a arcada no cimo da saída de Temple. De qualquer maneira, não havia ninguém para nos ver. Agarra-me a mão no táxi, os dedos enroscando-se nos meus. Encosto-me a ele. Vira-se e beija-me a cabeça.

— Vão para algum sítio agradável? — pergunta-nos o taxista.

Sei que julga que somos um casal.

— Vamos só jantar a casa — responde o Patrick. — Um serão sossegado.

Não abro a boca. O táxi contornou a St. Clement Danes e segue pela Strand, passando pelo Palácio Real da Justiça, por Chancery Lane. Fetter Lane é a minha oportunidade de dizer ao Patrick para sair, que vou para casa, mas deixo-a passar. Podia dizer-lhe para sair em Ludgate Circus, pedir ao taxista para virar à esquerda e subir a Farringdon Street, em

direção a Islington. Não o faço. Viramos à direita e seguimos para sul, passando o rio, para o apartamento dele no último andar, perto de Tower Bridge. Já lá estive antes, apenas uma vez, a tal tarde há umas semanas em que vimos a luz desvanecer através das persianas. Ele paga o táxi e abre-me a porta. Pego na minha mala e sigo-o, transpondo em silêncio a entrada do edifício e entrando no elevador. Levo os dedos aos seus lábios e ele sorri.

— Chegámos — diz-me, quando o elevador chega ao último andar.

Ele abre a porta da entrada e eu largo o casaco e a mala no interior. Serve-me um copo de vinho tinto e eu dirijo-me para as janelas compridas com vista sobre o rio. As luzes de milhares de janelas iluminam a escuridão da noite. Ainda são só 19h30, mas já está completamente escuro há umas horas. Bebo metade do copo de vinho de uma assentada.

— O que estás a cozinhar? — pergunto.

Regresso à cozinha em plano aberto para a sala de estar. O Patrick despiu o casaco e está a cortar algo em cima de uma tábua de madeira. Examino a faca de perto — não é uma *Global*. Tem o cabo em madeira. Deve ser japonesa. A cozinha é elegante e reluzente, as painéis dispostas por tamanho na prateleira atrás dele.

— *Kebab* de borrego e *harissa*. E ainda um pouco de cuscuz — responde-me.

— Boa. — Estou impressionada. — Não conhecia os teus dotes culinários.

— Agora já conheces. — Recomeça a cortar, a faca movendo-se rapidamente sobre a cebola.

— Pelos vistos já tinhas tudo planeado. Ou deram-te com os pés à última hora? — Arrependo-me do comentário assim que o faço e lavo a boca com o resto do vinho tinto.

— Menos, Alison. Menos. Já mandaste mensagem para casa, a dizer que vais chegar tarde? — Pega noutra cebola e corta-a ao meio, a faca batendo com força na tábua.

Ergo a mão no ar. *Touché*.

— Custa-me a acreditar que não sejas casado — digo.

— Por causa da minha idade? Ainda não cheguei aos 50, ainda tenho tempo.

— Não foi nesse sentido...

Ele ri-se.

— Não te preocupes, eu percebo o que queres dizer. Já fui casado, uma vez. Tinha 20 e poucos anos. Deixámo-nos levar. Depois ela pirou-se com outra pessoa. Mas foi melhor assim.

A voz dele soa descontrainda, mas olho-o com mais atenção, à procura de algum vestígio de mágoa.

— Achas mesmo? — pergunto-lhe.

— Sem dúvida. Prefiro as coisas assim. O casamento não me parece ser grande coisa. Já isto, em contrapartida... — Sorri-me.

Há um maço de tabaco e um cinzeiro em cima da bancada. Aponto para eles e pergunto se posso tirar um.

— Alguma vez compraste um maço? — questiona, mas acena com a cabeça em sinal de consentimento.

— É da maneira que fumo pouco — respondo-lhe. — Não posso fumar em casa.

— Calculo que não — replica, e liga o exaustor, como se eu o tivesse lembrado de eliminar os odores.

É um momento de pura gratificação, estar sentada numa cozinha acolhedora com vinho e um cigarro. Não me recordo da última vez que fumei dentro de casa.

Quando termino, pouso o meu copo vazio em cima da ilha ao lado do fogão, dirijo-me para o sofá de couro branco e tiro o telemóvel da mala. São só 20h15 — por enquanto ainda não estou atrasada. Mas sei que vou estar...

«Esta reunião vai estender-se; desculpa. Vou tentar não vos acordar quando chegar a casa. Beijos.»

A seguir, torno a guardar o telemóvel dentro da mala. Nada disto está a acontecer, não é real. E se não é real, eu não sou real e nada do que faço é real. O vinho toma conta do meu cérebro, um flutuar quente, e largo o

resto das âncoras, virando-me para o Patrick ao mesmo tempo que me sirvo de mais um copo de vinho.

O borrego é macio e o vinho, aveludado; as mãos do Patrick são delicadas no meu corpo, tão delicadas que reajo ao seu mais pequeno toque, os dois movendo-nos como um só. Ele suspira para o meu cabelo e puxa-me para si.

— Porque é que isto não pode ser sempre assim? — pergunto.

— Sabes bem porquê. Não podes simplesmente desfrutar do momento, sem preocupações?

— Tens razão — digo, e fecho os olhos.

Desta vez ele põe a tocar Schubert, sonatas para piano, e o som leva-me gradualmente à sonolência. Um sonoro bip interrompe a calmaria. O Patrick larga-me e pega no telemóvel, ao mesmo tempo que eu agarro no meu.

Ele começa a escrever e eu ativo o meu, vendo uma mensagem do Carl.

«A minha mãe diz que pode ficar com a Matilda em novembro. Vou marcar um hotel. Até logo. Beijos.»

A realidade abate-se sobre mim como um balde de água fria. Afasto-me do Patrick e ponho-me de pé.

— Vou ter de ir. Já passa das onze — digo-lhe.

— Tudo bem. Era a Chloe, já agora. A conferência com a Madeleine ficou agendada para amanhã à tarde. Continua a estar bem para ti?

— Sim, está bem.

Levanto-me e dirijo-me para o duche, lavando-me rapidamente. Visto-me enquanto o Patrick me observa, deitado em cima da cama. Antes de me ir embora, sento-me ao seu lado e pouso a mão no peito dele. Inclino-me e beijo-o.

— Foi uma noite muito agradável.

— Pois foi. Como vês, pode ser agradável. Se tu deixares que seja. — Senta-se e puxa-me para um abraço. Deixo-me envolver e depois ponho-me de pé.

— Ligo-te depois da conferência.

— Boa sorte com isso. — Acena-me com a mão e volta a atenção para o telemóvel.

Apanho facilmente um táxi na rua do prédio dele, embora tenha começado a chover, e sento-me em silêncio a olhar pela janela.

O Patrick, o Carl, o Patrick, o Carl, os nomes soando em sincronia com os limpa-para-brisas. As coisas estão a confusão do costume, mas não consigo conter o sorriso que se instala no meu rosto, nem evitar a sensação calorosa que sinto por dentro e que desprende o nó apertado que tenho sob as costelas. Vou permitir que seja agradável. Pelo menos por esta noite.

Quando o táxi sobe em direção a Archway, espreito o meu telemóvel. O Patrick mandou-me uma mensagem.

«Boa noite, querida. Dorme bem. Foi um belo serão.»

Passo o dedo sobre o ecrã, sorrindo. A mensagem mais simpática que alguma vez me enviou — agarro-me a esse pensamento. A luz do telemóvel diminui e depois torna a acender-se. Outra mensagem. Sem remetente.

«Quero-te longe dele, porra.»

As minhas mãos tremem enquanto apago as duas mensagens. Isto não vai parar — vou ter de informar o Patrick. Desligo o telemóvel, o olhar hostil para o meu mundo.

A casa está às escuras quando entro e subo as escadas em bicos de pés. O Carl está a dormir. Mexe-se quando entro na cama, as costas dele quentes junto a mim. Ali deitada, interrogo-me sobre se estará alguma pessoa deitada ao lado do Patrick, ou se estarão lá fora, a observar.

Mas estarão a observá-lo a ele ou a mim?

IO

Acordo quando o Carl me traz café. Duas vezes no espaço de duas semanas — é um recorde, pelo menos com base nos últimos anos. Sinto-me meio grogue, arrancada das profundezas de um sono que só surgiu por volta das quatro ou cinco da manhã. O Carl senta-se ao meu lado na cama.

— Como correu a tua conferência? O caso de homicídio está a correr bem? — pergunta-me.

— Sim, está. Desculpa ter chegado tão tarde — respondo, tentando não demonstrar surpresa perante o interesse dele.

— Não faz mal. A Matilda ficou bem. E eu adiantei algum trabalho. Li umas coisas sobre uma conferência de fim de semana relativa a dependência sexual e a Internet; deve ser interessante.

— Sim, claro. É disso que trata o teu grupo de trabalho, não é? — Bebo mais um trago do café. Ele não é o único que presta atenção.

— Entre outras coisas. Bem, já te contei que falei com a minha mãe? Ela diz que pode ser qualquer fim de semana em novembro. É só por uma noite, mas podemos ir a um sítio porreiro.

— Onde é que estavas a pensar? — pergunto-lhe.

— Brighton, talvez? Algures na costa? Vou pesquisar.

— Boa.

A Matilda aparece a correr e mais uma vez estamos os três juntos na cama, um tríptico familiar. Abraço-a e o Carl junta-se a nós, e por momentos não há mais nada, mas depois tusso e o feitiço desvanece. O Carl desce ao piso inferior, a Matilda vai para o quarto vestir-se e eu tomo um duche e lavo o que ainda resta do Patrick em mim. Lavo o

cabelo com champô e deixo-me ficar sob o jato de água quente, enxaguando-o durante imenso tempo até o Carl bater à porta. Depois seco-me rapidamente e deixo-o utilizar a casa de banho.

Vestida, desço ao piso de baixo e preparo outro café. A Matilda já se encontra sentada à mesa da cozinha, comendo uma tigela cheia de cereais. Beijo-lhe o cocuruto da cabeça e dirijo-me para a sala de estar. Está arrumada, os livros na ordem do costume nas respetivas estantes e as revistas que o Carl insiste em amontoar ordenadamente por baixo do televisor. Mas há qualquer coisa que não está bem, uma nota ligeiramente desafinada. Fico parada na entrada, a olhar em redor. Então ocorre-me.

— Esteve alguém a fumar aqui? — pergunto em voz alta.

— O quê? — diz o Carl, ainda no piso superior.

Vou até ao fundo das escadas.

— Esteve alguém a fumar aqui em casa ontem à noite? Cheira a tabaco.

— Não, não cheira. — Ele desce as escadas, embrulhado numa toalha.

— Cheira, sim. Vê lá aqui. Na sala de estar.

Cheiro o ar. Cheira mesmo, tenho a certeza. Trata-se de um odor que me faz recordar a minha residência de estudantes, onde toda a gente fumava à vontade. O mesmo odor que senti no apartamento do Patrick, verdade seja dita, não obstante as tentativas dele de arejar a casa. Penso por momentos no luxo de ele poder fumar em casa — não fumo um cigarro na minha própria casa há pelo menos dez anos. Embora não tenha saudades nenhuma do cheiro. O Carl entra na sala e cheira o ar também.

— Não cheira a nada. Estás a imaginar coisas.

— Tenho a certeza de que cheira a tabaco — replico. Começo a interrogar-me.

O Carl aproxima-se de mim e cheira o meu casaco.

— És tu. O teu fato tresanda. É do tempo que passas nas celas. E no *pub*.

Puxo o colarinho para cima e inalo. Só me cheira a perfume e

ligeiramente a fritos. Mas se ele diz que cheira a tabaco... Tinha-o vestido quando estive a fumar, ontem à noite. Saio da sala e regresso à cozinha, parando na entrada e inspirando o ar.

— Também cheira aqui — digo.

— É como te disse, é do teu fato. Cheiras sempre a fumo. — O Carl para ao meu lado e mexe no meu casaco, para enfatizar as suas palavras.

— Por favor, não fumes, mamã! É nojento e vais morrer, disseram-nos isso na escola. — A Matilda esboça um esgar e parece prestes a chorar. Aproximo-me dela e tento abraçá-la, mas afasta-se de mim. — Cheiras a fumo, mamã, não quero cheirar isso.

— Deixa-a, Alison. — O Carl afasta-me para o lado e pega na Matilda ao colo. Abraça-a, virando-se para mim por cima do ombro dela. Fita-me com uma expressão desapontada. — Gostava que pensasses nas coisas.

— Mas eu penso... — começo por dizer.

Ele interrompe-me:

— Preocupa-me o facto de a Matilda estar sujeita a tabagismo passivo.

— Eu não. Não me parece que a minha roupa cheire a tabaco. É a casa... — As minhas palavras ficam suspensas no ar.

— É óbvio que não é a casa. Ninguém está autorizado a fumar aqui em casa. Manda limpar o teu fato a seco e pede aos teus clientes para não fumarem perto de ti. Pensa na Matilda.

Encolho os ombros e aceno afirmativamente. Talvez ele tenha razão. É possível que seja de mim. Era capaz de jurar que é da casa, mas já não posso jurar que não sou eu. O fumo de todos os cigarros que já fumei, e que os meus clientes já fumaram, deve seguir-me numa espécie de miasma ao qual estou tão habituada que já não dou por ele. Retiro-me para o piso de cima e preparo as minhas coisas.

Estou pronta para sair quando o Carl e a Matilda sobem ao piso superior para ela escovar os dentes. Enfio a cabeça na entrada e despeço-me. A Matilda está demasiado ocupada para se aperceber, mas depois vê-me. Sopro-lhe um beijo e ela retribui da mesma maneira.

Saio rapidamente de casa, olhando em redor para ver se haverá

alguém a observar-me. Está um dia radioso e a sensação de ameaça que senti na noite anterior dissipou-se. Espreito por cima do ombro, uma ou duas vezes, mas as ruas parecem tão normais que o meu receio abranda um pouco. Assim que me sento no autocarro, encaro o inevitável e ligo o telemóvel. Este emite um som e mensagens começam a aparecer. Abro a primeira, da Chloe:

«A Madeleine está em Londres hoje. Conferência no escritório ao meio-dia. Pode ser? C.»

Estou prestes a responder quando vejo mais duas mensagens à minha espera. Ambas do remetente anónimo.

«Sei que continuas a fazer o mesmo, sua vaca de merda.»

A segunda, uma lista de *emojis*. Um homem e uma mulher de mãos dadas, um rosto zangado, uma mulher amarela com os braços cruzados sobre o peito e uma caveira.

Embora as minhas mãos ainda estejam trémulas por causa da primeira mensagem, ameaçadora na sua insinuação de que alguém sabe o que eu e o Patrick andamos a fazer e quando, ao olhar para os *emojis*, não consigo evitar rir-me. É como o Scooby-Doo quando lhe arrancam a máscara assustadora. Trata-se de um adolescente, só pode. Nenhuma perseguidora que se preze iria utilizar *emojis*. Sinto um certo alívio e viro a minha atenção para os e-mails. Não há nada de desagradável, somente um dos funcionários judiciais a confirmar a chegada do relatório psiquiátrico da Madeleine aos escritórios. Está na altura de pensar no processo judicial.

Mas continua a incomodar-me. Trata-se, afinal de contas, de uma caveira. Lá porque é risível não significa que seja uma piada. Envio uma mensagem ao Patrick.

«Andam a enviar-me mensagens anónimas; acho que alguém sabe o que se passa.»

Fico sentada com o telemóvel na mão, à espera de que me responda, até o autocarro chegar à Fleet Street.

Continuo sem resposta quando entro nos escritórios. Cumprimento os funcionários judiciais e levo os novos documentos do processo

judicial da Madeleine para a minha secretária. Verifico novamente o telemóvel — nada. Sento-me à secretária e começo a ler. Quando estou a meio do relatório psiquiátrico, ouve-se um bip e vejo uma mensagem do Patrick:

«Que tipo de mensagens anónimas?»

Reencaminho-lhas, com uma mensagem adicional da minha parte:

«O que achas disto?»

Ele responde-me de imediato:

«Sim, é um pouco estranho, mas não fiques paranoica.»

Respondo:

«Parece que sabem o que se passa. E acho que se trata de uma mulher. Utilizaram o *emoji* de uma mulher.»

Ele responde:

«Tenta não te preocupares muito com isso. Falamos melhor depois. Estou a entrar no tribunal.»

Talvez esteja a exagerar. Alguém está a tentar lixar-me a cabeça, mas pode ser qualquer pessoa, não tem forçosamente de ser relacionado com o Patrick. Ele tem razão, estou a ser paranoica. Tenho dois anos de clientes que podem muito bem estar a tentar assustar-me. Pode ser qualquer coisa. Pouso o telemóvel e abro as pastas que tenho à minha frente, tentando concentrar-me no trabalho.

Leio os documentos, mas não processo as palavras. Não me consigo concentrar; a minha mente não para de saltar de uma explicação para a seguinte. Só pode estar relacionado com ele. De certeza. Se calhar anda a fazer sexo também com outra e estão os dois a divertir-se à minha custa, e ele conta-lhe tudo e depois ela responde: *Ah, sabes o que seria engraçado? A vaca ir para casa, para o marido, toda enervada.* E depois ela envia as mensagens e ele está ao corrente de tudo... Não pode ser. Ele não me faria uma coisa dessas, fingir que sente algo por mim e ser tão simpático comigo e ao mesmo tempo andar a rir-se às minhas custas. Ando de um lado para o outro no escritório, tentando acalmar-me, mas agora esse pensamento está na minha cabeça e não me consigo livrar dele. Sei que o Patrick está no tribunal, mas preciso de lhe perguntar,

preciso de falar com ele.

Agarro no telemóvel e tento ligar-lhe, mas vai diretamente para o voicemail. «Tenho de te perguntar uma coisa, Patrick. Andas a dormir com mais alguém? Já não sei o que mais pensar.» Desligo. Momentos depois arrependo-me, mas é demasiado tarde; está feito. Não posso voltar atrás, apagar a mensagem. Fico ainda mais agitada.

Estou prestes a ligar-lhe outra vez quando sou interrompida pelo Mark, que bate à porta e enfia a cabeça na entrada. Tento exibir uma expressão normal.

— Sim?

— Mensagem da Chloe da Saunders & Co, doutora. Pediu-me para confirmar se sabe que não vai a Beaconsfield esta tarde. A cliente virá ao seu escritório — diz-me, sem qualquer indicação de ter ouvido o meu desabafo.

— Ela enviou-me uma mensagem esta manhã. Devo ter-me esquecido de lhe responder — replico, fingindo-me calma. — Ao meio-dia, certo?

— Foi o que ela disse. — O Mark retira-se, fechando a porta atrás de si.

Forço a minha mente a concentrar-se no processo judicial da Madeleine, voltando a atenção para os documentos à minha frente.

Responsabilidade diminuída está fora de questão como defesa, isso é perfeitamente claro pelo relatório psiquiátrico, embora ele descreva a Madeleine como extremamente fechada. Muito reservada. A infância dela é registada como normal, sem ocorrências traumáticas de maior, e a adolescência e os primeiros anos de maternidade decorreram com normalidade. Um pequeno período de depressão e ansiedade imediatamente após o nascimento do filho dela, mas uma terapia de medicação ansiolítica a curto prazo resolveu o assunto. Verifico o nome do medicamento — pelos vistos é o mesmo que andei a tomar durante uns tempos, quando tinha 20 e tal anos. Lembro-me de ter parado de o tomar de um dia para o outro, uma vez que perdera a confiança no médico que mos tinha receitado. Enquanto a substância era eliminada

do meu organismo, o meu cérebro teve momentos em que parecia prestes a estorricar-se, os nervos expostos duramente diante de um ecrã negro. Mas também recorro a maneira como um peso pareceu sair de cima de mim quando os comprimidos começaram a fazer efeito, no início. O psiquiatra discutiu com a Madeleine a necessidade de ser medicada agora, mas ela respondeu-lhe que não.

E não obstante o que ela nos disse na segunda conferência, não parece que tencione admitir quaisquer problemas com o álcool, apesar de o psiquiatra ter referido que a Madeline lhe disse ter bebido tanto que não se lembrava dos acontecimentos dessa noite, nem de ter esfaqueado o Edwin — interrogo-me se ela insistirá nessa história depois de a interrogar um pouco mais sobre o assunto.

Um depoimento testemunhal foi também apresentado pela senhora da limpeza, uma tal de Ilma Cooper, a primeira testemunha a chegar ao local do crime. Acrescenta alguma carne aos ossos proporcionados pelo sumário da acusação. Ao chegar, ficou surpreendida com o comportamento da cadela da família, uma *Labradoodle* bege. A cadela era por norma tranquila, indica ela no depoimento, mas nessa manhã ladrava quando a Cooper abriu a porta de casa. Sentiu um cheiro ao entrar e viu que a cadela tinha defecado no chão do átrio, o que era invulgar. Estava agitada e não deixava que lhe fizessem festas, subindo e descendo as escadas a correr, de forma ansiosa. A Cooper despiu o casaco e subiu de imediato ao primeiro andar, enervada com o comportamento da cadela. A porta da *suite* principal encontrava-se aberta e, quando entrou, deparou-se com a cena do crime, o corpo do Edwin em cima da cama e a Madeleine no chão ao lado dele.

Faz referência ao forte odor a álcool proveniente da Madeleine e diz que havia meia garrafa de gin *Hendrick's* ao lado dela no chão. A minha cliente só bebia do bom e do melhor. Em casa temos *Gordon's*, mas faço uma nota mental para comprar *Hendrick's*, para o experimentar com pepino, uma via mais elegante rumo ao esquecimento. A Cooper diz que a princípio a Madeleine não reagiu, sentada ao lado da cama no chão, com os joelhos encostados com força ao peito. Após algumas tentativas

para fazer com que lhe respondesse, a Cooper abanou-a devagar pelos ombros e nesse instante a Madeleine focou o olhar nela. A Cooper disse-lhe que tinha de chamar uma ambulância e a polícia, e a Madeleine assentiu sem abrir a boca. A Cooper ligou do telemóvel para o 112, no quarto, e, quando a polícia chegou, abriu-lhes a porta, deixando a Madeleine sentada na mesma posição no andar de cima. Viu a Madeleine ser levada pela polícia e disse que esta se encontrava completamente calma, de uma forma algo sinistra, até.

Penso em como eu própria reagiria se tivesse acabado de matar o Carl. Chocada? Incapaz de interiorizar o que tinha acontecido? Estaria ela embriagada antes, ou tê-lo-ia matado e bebido depois? Sei que não está a tentar defender-se com base na embriaguez — não que fosse possível enveredar por essa via, de qualquer modo —, mas, ainda assim, é uma situação interessante. Discutem, ele está completamente inconsciente, ela esfaqueia-o enquanto ele dorme... É difícil associar essa Madeleine à pessoa que conheci em Beaconsfield. Nervosa, sim, emotiva, sem dúvida, mas o epítome da postura, elegante e chique. Não parece ser o tipo de mulher que perde as estribeiras.

Torno a olhar para o depoimento, nomeadamente para o último parágrafo, onde a Cooper descreve a aparência da Madeleine depois de esta ter descido ao piso de baixo com os agentes da polícia.

«Ela está sempre vestida em tons de bege, creme, esse tipo de cores. Por isso notava-se muito quando se levantou e desceu as escadas. Era só sangue. Nas pontas das mangas, como quando nos molhamos a lavar a louça, e toda a parte da frente da camisola. Havia imenso sangue. O mesmo com a cadela. Naquela cadela, a sujidade vê-se toda; não é uma cor prática. Tenho de lhe dar banho todas as semanas. Não reparei quando entrei porque ela estava a ladrar e a correr de um lado para o outro, mas depois vi. O focinho estava manchado de vermelho-acastanhado, o focinho todo. Tive de a lavar logo, fez-me sentir muito esquisita. Pensava que ia vomitar. Lavei-a com champô três vezes, para conseguir limpar aquilo tudo.»

A cadela, o sangue, o cheiro a fezes no átrio. Consigo visualizar o

animal dentro da banheira, enquanto a Cooper a esfrega com força, o pelo colado à pele e a água a escoar ralo abaixo, cor de ferrugem até por fim sair transparente. Junto as mãos, sentindo o sangue a bombear-me nas veias, um batimento lento e regular. Então abano a cabeça. Só aguento uma certa dose de realidade e depois tenho de afastar o horror da minha mente, regressar a uma análise fria do processo judicial. Não estou aqui para sentir o fedor a morte; estou aqui para reduzir a confusão das suas componentes, apresentá-la com base na subsecção de um estatuto aqui e de uma defesa do direito comum ali.

O telefone toca. São os funcionários judiciais a lembrarem-me de que está na hora de ir. Torno a guardar os documentos e arrumo-os na estante ao lado da minha secretária, esperando que a imagem da cadela ensanguentada deixe rapidamente de me perseguir.

II

Tento ligar ao Patrick a caminho do escritório, mas a chamada vai novamente para o voicemail. Deixo mais uma mensagem. «Desculpa, sei que não foi justo ter-te deixado aquela mensagem. Mas estou mesmo assustada com isto e preciso de falar contigo.» Pelo menos, não recebi mais nenhuma mensagem. Chancery Lane está apinhada de gente na hora de almoço, pessoas carregando sacos de takeaway do Pret and Eat e olhando fixamente para o telemóvel enquanto caminham. Misturo-me com a multidão, fato escuro, sabrinas pretas e um propósito.

Quando chego, a Chloe está na entrada e cumprimenta-me com um aceno de mão. Em seguida, faz sinal para o gabinete do Patrick.

— Pu-la ali dentro — diz-me. Ela fala num tom baixo e tenho de me aproximar para a ouvir. — Acho que está muito nervosa. — Segue-se uma pausa. — Penso que é normal. — A Chloe não é o tipo de pessoa que aparente deixar-se afetar pelo nervosismo.

— Obrigada — agradeço-lhe. — Vou então para lá.

A Madeleine está com um ar imaculado, o cabelo com ondas perfeitas que lhe caem sobre os ombros. Desta vez enverga um casaco e não uma camisola de malha, também de cor creme, mas com uma espécie de pesponto bege. *Tweed* ou algo do género. Os punhos realçam-lhe as mãos e tento não olhar fixamente para elas, não as imaginar cobertas de sangue.

Está sentada no lado do cliente da secretária do Patrick. Passo por ela e dirijo-me para a cadeira oposta. A divisão está a meia-luz, as persianas fechadas até meio, como de costume. Nunca aqui estive com luz total, independentemente da hora do dia. Sento-me e pego na papelada,

acendendo o candeeiro em cima da secretária. A luz é amarela e pouco eficaz.

— Acha que podíamos ir comer alguma coisa? — pergunta-me ela. — De repente fiquei cheia de fome. Não a quero atrasar, mas talvez pudéssemos falar enquanto comemos?

Não é o que eu esperava. O meu primeiro instinto é recusar, mas olho para ela com mais atenção e vejo quão pouco à vontade parece estar. Está sentada na beira da cadeira, as pernas tensamente cruzadas, as mãos coçando-se mutuamente. Recordo o propósito deste exercício, falar com ela a sós, pô-la mais à vontade comigo, para que me forneça a informação de que necessito para a defender corretamente.

— Não vejo por que não, se encontrarmos um sítio suficientemente tranquilo — replico. — Há um bar aqui perto que não deve ter muita gente a esta hora.

Saímos do gabinete do Patrick. Espreito o gabinete da Chloe.

— Vamos almoçar.

Ela arqueia uma sobranceira, pelo que me aproximo mais da secretária. Baixando a voz, digo-lhe:

— Tens razão, está muito nervosa. É possível que um pouco de comida e um ambiente menos formal a façam descontraí-la.

A Chloe assente com a cabeça.

— Talvez tenhas razão. — Torna a fitar os documentos que está a ler. — De qualquer modo, gostei de te ver.

Dirigimo-nos para o Jasper's, um bar numa cave mais ou menos a meio da High Holborn. Tal como esperava, não tem demasiada gente. Pergunto se podemos sentar-nos numa mesa num canto e levam-nos até lá, a Madeleine sentando-se no banco corrido e eu de costas viradas para a sala.

— Querem água para a mesa? Com gás ou sem gás? — pergunta-nos o empregado de mesa.

— Com gás? — diz a Madeleine, olhando para mim à espera de confirmação.

Aceno afirmativamente.

— E vão querer vinho?

Abro a boca para dizer que não, que a água é suficiente, mas a Madeleine torna a falar.

— Eu gostaria de beber um copo de vinho. O que lhe parece? — Olha para mim.

Eu não deveria beber, isto é trabalho, mas por outro lado o propósito deste exercício é fazê-la sentir-se mais descontraída.

— Um copo pequeno — respondo-lhe.

Ela dirige-se ao empregado de mesa:

— Dois copos pequenos de *Sauvignon Blanc*, por favor.

Afasto os talheres da frente, substituindo-os por um dos meus blocos de notas azuis. Tiro a tampa da caneta e escrevo «Conferência com Madeleine Smith, quarta-feira, dia 31 de outubro», sublinhando as palavras.

Abro a boca para colocar a primeira pergunta no momento em que o empregado regressa com o vinho e o pousa desajeitadamente, fazendo escorrer um pouco da borda do copo para cima do papel, borrando a tinta. Limpo-o com o meu guardanapo, irritada por a página ter ficado estragada.

— Saúde. — A Madeleine estende o copo dela na minha direção.

Esboço um esgar e, após uns instantes, ergo o meu copo e retribuo o brinde. Tenho a sensação de que o gesto é totalmente inapropriado.

— Saúde.

Ela bebe um longo trago e depois suspira, sorrindo. Então, olha em redor da sala.

— Obrigada por ter aceitado sair, em vez de ficarmos no escritório. Isto é muito mais agradável. É quase como voltar à normalidade. Não saio desde que aquilo aconteceu...

Fico estupefacta por a expressão «aquilo aconteceu» ser em referência à cena ensanguentada sobre a qual tenho estado a ler. Olho para a Madeleine com atenção, em busca de algum vestígio de emoção, mas está a ler atentamente a ementa. Quem nos vir julgará que somos duas

amigas a encontrarem-se para almoçar, não uma alegada homicida e a respetiva advogada.

— Deve ser uma situação muito complicada — digo-lhe, num tom o mais neutro possível, tentando não pensar em quão estranha é esta situação.

— É mesmo. — Bebe um trago do vinho. — Ora bem, o que vamos comer?

Contemplo a ementa. Não estou minimamente preocupada com o que vou comer, ansiosa para começar a conferência.

— Temos imensa coisa para conversar... — digo-lhe, na tentativa de a estimular.

Ela nem sequer ergue o olhar da ementa, completamente concentrada. Torno a lê-la. Bife. Vou comer um bife. A minha mente hesita por instantes, interrogando-se sobre quem irá pagar a despesa, mas depois bebo mais um trago de vinho e constato que não me importa.

— O que vai pedir? — indaga a Madeleine.

— O bife, acho eu. Uma coisa simples — respondo.

— Vou comer o mesmo. Boa ideia. Devíamos mandar vir tinto. — Ela torna a consultar a ementa.

Viro uma página nova no meu bloco, uma que não esteja manchada de vinho, e torno a escrever o título no topo.

— Madeleine, tem noção de que estamos aqui para conversar sobre a situação do seu caso e sobre como se irá declarar na audiência?

Ela acena afirmativamente, ainda a olhar para a ementa, e depois faz sinal ao empregado de mesa.

— Uma garrafa de *Châteauneuf-du-Pape* — pede a Madeleine, apontando para a lista de vinhos tintos na ementa diante dela.

Ele toma nota, uma expressão impressionada no rosto. Torno a interrogar-me sobre quem irá pagar o almoço e reprimo esse pensamento com um grande trago de *Sauvignon*. Dá-me um impulso de coragem — esta é a minha conferência e não posso continuar a permitir que seja a Madeleine a conduzi-la. Vou assumir o controlo.

— Madeleine, tenho de lhe fazer algumas perguntas. Precisamos de

compreender a relação que existia entre si e o seu marido — explico-lhe. A expressão alegre dela dissipa-se e leva as mãos à boca, o rosto subitamente corado. — Lamento, mas tem mesmo de ser. Disse que a última coisa de que se recorda em relação àquela noite de domingo é que ele lhe disse que queria deixá-la. Confirma?

A Madeleine está prestes a responder quando o empregado regressa com o vinho tinto que ela pediu. Ele leva a cabo todo o processo de o mostrar, descrever e servir, e, recomposta, a Madeleine pega no copo novo e roda-o, cheirando-o antes de acenar com a cabeça em jeito de aprovação. Ele enche o meu copo e depois o dela. Estou prestes a dizer que não vou continuar a beber, mas entretanto aparece outro empregado com um pequeno bloco, para assentar os nossos pedidos.

— Ambas vamos querer o bife, por favor — diz a Madeleine. — Meio malpassado. E uma salada verde. Pode ser, Alison?

Sorrio e aceno afirmativamente. Que bela conferência isto me saiu — não obstante os meus melhores esforços, a Madeleine está firmemente no controlo da situação. Ela faz sinal para o vinho tinto, como se me perguntasse o que acho, e, derrotada, provo-o. É delicioso, muito melhor do que o *Sauvignon* que acabei de beber. Mais aveludado, menos ácido na minha garganta. As notas tânicas são calmantes, e, apesar de me sentir irritada por não estarmos a tratar do processo judicial, ela é tão magra e nervosa que é difícil não sentir pena dela. O casaco, claramente de marca, fica-lhe meio pendurado, largo nos ombros. Quando cheguei, envergava um lenço, mas entretanto escorregou-lhe da cabeça e agora vejo quão esguio é o seu pescoço. O meu rosto parece duas vezes maior do que o dela, pairando qual lua no espelho atrás dela. Bebo outro copo.

— Quem me dera que não tivéssemos de falar sobre isso, Alison. Quem me dera que pudéssemos simplesmente desfrutar do almoço.

— Eu sei, mas preciso mesmo de mais informação da sua parte, para poder aconselhá-la corretamente no que diz respeito ao rumo a seguir no seu processo judicial. Enfrenta prisão perpétua por homicídio, Madeleine — digo-lhe, inclinando-me sobre a mesa para ela. — Talvez haja alguma coisa que possamos fazer para lhe conseguir uma sentença

mais pequena, um crime menos grave. Mas tem de me contar o que aconteceu.

Ela esconde o rosto nas mãos por instantes; depois baixa-as e levanta o queixo. Está prestes a falar, mas o empregado de mesa traz os nossos bifes. Pousa-os em cima da mesa, afasta-se e depois regressa com a salada e duas facas afiadas. Corto o meu bife e vejo o sangue acumular-se no meu prato. Não está meio malpassado, está praticamente azul, a carne vermelho-escura e cintilante sob as luzes, a gordura amarela emergindo por baixo da superfície castanha queimada. Ponho um pedaço na boca, mastigo e engulo. A Madeleine ainda nem olhou para a comida dela. Está a terminar o copo de vinho tinto e a enchê-lo de novo. Estou prestes a dizer algo, qualquer coisa, para a instigar a falar novamente, mas ela começa.

— Não sei quando é que as coisas começaram a correr mal. Quer dizer, já sei o que está a pensar, a história da pílula. Percebi-o na sua expressão quando lha contei.

— Peço desculpa, não foi minha intenção... — respondo-lhe.

— Claro. Mas, como lhe disse na altura, era preciso estar lá para perceber. O Edwin sempre foi bom a decidir o melhor a fazer. Pelo menos no início... — diz-me ela. Não está a olhar para mim, mas por cima do meu ombro. Continuo a cortar, a mastigar, a engolir. Nada que perturbe a calma dela. — Ele chegou a ir longe demais. Tomava todas as decisões pelos dois. Por mim. E eu não me importava. Era um alívio ter alguém para assumir o controlo. Eu amava-o muito, só queria que ele fosse feliz. E nem sempre conseguia fazê-lo feliz. Fiz muita merda. — Ela faz uma pausa, bebendo mais um trago.

— Que tipo de merda? — pergunto-lhe, quando ela não continua a falar.

— Não sabia cozinhar muito bem, não recebia devidamente os clientes dele. Não me apresentava no meu melhor. Penso que era demasiado jovem para compreender o que era exigido de mim, que aquilo era um trabalho tanto para ele como também para mim. Eu era uma extensão dele e tinha de ser melhor do que era; caso contrário,

estaria a deixá-lo ficar mal.

— Acontecia alguma coisa quando o deixava ficar mal? — pergunto-lhe.

— Ele ficava muito zangado... Repito, a culpa era minha. Eu é que o fazia perder a cabeça, fazia a refeição errada, usava a roupa errada. Não admira que ficasse tão zangado. Eu também ficaria, no lugar dele — confessa.

— Madeleine, quando ele se zangava... o que é que fazia? — Estou a manter um tom de voz muito calmo, regular.

Ergue a mão esquerda no ar, a palma virada para mim. Fito-a por uns instantes e só então compreendo o que está a mostrar-me. O dedo mindinho está dobrado, qual garra.

— Já não o consigo endireitar. Não desde... — Cala-se.

— Desde quando? — pergunto-lhe, em surdina.

— Deixei queimar a carne. Era um jantar para um dos principais clientes dele, com a esposa. Disse-me que eram muito requintados, habituados a comer nos melhores restaurantes... Eu disse-lhe que seria melhor contratarmos uma empresa de *catering*, mas ele queria que tivessem uma experiência caseira tipicamente inglesa...

— E?

— E eu fiz merda. Bebi demasiado. — Olha para o copo e ri-se. A seguir, bebe um grande trago. — A carne queimou-se e fiquei um pouco maldisposta. Mandámos vir comida de fora; eu pensava que tinha ficado tudo resolvido. Pensava que eles tinham encarado a coisa com algum sentido de humor. Mas quando se foram embora... eu tinha bebido tanto que nessa noite nem me doeu muito. Mas no dia seguinte...

— O que fez ele, Madeleine? — indago.

Ela faz uma pausa, inspira fundo e diz:

— Agarrou-me a mão e dobrou-me o dedo todo para trás, até o partir.

Tenho as mãos unidas à minha frente, o bife há muito que foi esquecido.

— Foi ao hospital? — É um esforço tremendo manter uma voz neutra.

— Não, ele não me deixou. Acho que deve ter-se partido em dois

sítios, por isso é que agora está torto. Tentei enfaixá-lo, mas não o consegui endireitar. Percebe agora por que razão não gosto de falar sobre isto? — diz-me.

— Sim. Percebo, sim. Ouça, li o relatório psiquiátrico, mas não há qualquer referência a esse incidente. Diz que a vossa era uma relação típica, normal.

— Ele não me perguntou nada nesse sentido. E eu também não o quis mencionar, assim do nada — justifica-se.

— Compreendo que isto seja difícil para si, mas precisamos de saber tudo o que se passou, Madeleine. Tudo... Terá de falar novamente com o psiquiatra, dar-lhe todos estes pormenores.

— Com ele não. Não gostei dele — responde a Madeleine.

— Está bem. Iremos arranjar-lhe outro. Mas, quer goste quer não, terá de falar com alguém. É demasiado importante. Isto pode mudar o processo judicial de homicídio qualificado para homicídio simples. E isso faria uma grande diferença em termos do resultado final.

Algo muda no ar, a resistência que pressentira antes começa a dissipar-se aos poucos, até desaparecer por completo. A Madeleine suspira como se já esperasse que isto acontecesse, como se lhe tivesse tirado um imenso peso de cima. Também me sinto aliviada, com a sensação de que, por muito pouco ortodoxo que tenha sido acompanhá-la a este restaurante, e tomar um copo com ela, resultou. Encontrei a chave que irá destrancar este processo judicial.

— Temos tempo? — pergunta-me.

— Temos tempo, sim. Não se preocupe com isso. Temos todo o tempo. Agora vamos almoçar e depois vai contar-me tudo. Tomarei nota de tudo e aí, então, saberemos em que pé estamos.

— Está bem. Não foi minha intenção induzi-la em erro, mas não lhe contei toda a verdade. Vou parar de complicar as coisas. — Ri-se, mais uma vez sem humor, e começa a comer, cortando a carne com precisão.

Acabamos a garrafa de vinho, mas não pedimos outra, mudando para café o resto da tarde. No final da conversa tenho páginas e páginas preenchidas no meu bloco, e sei exatamente o que precisamos de fazer a

seguir. Quando a conta chega, pago-a sem hesitar — consegui o que pretendia. Acompanho a Madeleine à estação de metro Holborn e desço a Kingsway, a minha mente a fervilhar com tudo o que me foi contado.

O Patrick retribui a minha chamada por volta das 17 horas.

— Mas que mensagem foi aquela?

— Deixei-te outra a pedir desculpa — replico.

— Eu sei, mas não percebo que história é esta agora.

— Estou só a tentar perceber o que significam estas mensagens. Podem estar relacionadas connosco — desabafo.

— Pode ser qualquer coisa, um dos teus clientes antigos, alguém relacionado com o teu marido. Não podes partir logo do princípio de que tem que ver comigo.

— Mas pode ser. Recebo-as sempre depois de ter estado contigo — respondo-lhe.

— Isso pode ser apenas coincidência. Tenta manter a calma.

— O que achas que devo fazer?

— Não há muito que possas fazer. Espera para ver se acontece mais alguma coisa. Não foste ameaçada diretamente. Se fores, tens de ir à polícia. — Ele tem razão. Estou prestes a dizer-lho, mas ele continua a falar: — E, se queres que te diga, não é da tua conta se ando a foder com mais alguém ou não; aqui, quem é casada és tu e não eu. Não me digas que é preciso lembrar-to?

— Certo. Sim, sim, claro. — Não tenho como argumentar. — Peço desculpa. Não o deveria ter dito. Só me sinto um pouco stressada.

— Está bem. A conferência com a Madeleine foi produtiva? A Chloe diz que foram ao Jasper's. Espero que tenhas mantido o nível de sobriedade.

Está a brincar. Só pode estar a brincar. Vamos ter uma discussão por causa disto? Sinto uma pontada seca atrás do olho direito, um lembrete do vinho que bebemos.

— Estava perfeitamente sóbria, se queres saber — replico, tentando empregar um tom de voz solene. — Tratou-se de uma conferência,

ainda que tenhamos optado por fazê-la num bar. Ela forneceu-me imensa informação.

— Esperemos que não estivesse demasiado tocada, para te lembrares de tudo — responde-me o Patrick.

É como falar com o Carl. Respiro fundo. E outra vez.

— Mando-te os apontamentos passados a limpo. Depois verás. — Desligo.

Assim que termino de passar os apontamentos para o computador, juntamente com a minha conclusão, envio tudo por e-mail ao Patrick. Facultei-lhe um plano de ação, uma lista das testemunhas que precisa de encontrar e das provas de que iremos necessitar. Mantenho um tom profissional, de especialista, tratando-o como qualquer outro solicitador de instrução. É um bom trabalho, sintetizando tanto o depoimento dela como também a análise legal exigida para sustentar a minha opinião. Assim que o e-mail é enviado, saio da minha conta e desligo o computador. Está na hora de ir para casa.

Está escuro enquanto atravesso Fountain Court com o meu *trolley*. Os candeeiros de rua estão acesos e nota-se um pouco de neblina no ar. Trata-se da tal atmosfera Dickensiana que faz os turistas adorarem o Temple. Passo por um grupo deles, liderado por uma guia. Está a contar-lhes a história dos edifícios, e apetece-me parar e juntar-me a eles, fingir que não conheço a realidade do que acontece atrás daquelas paredes. Também eu quero que sejam tão românticos como aparentam ser, imaginar que o interior combina com o exterior, lareiras e candelabros com pouca luz, em vez de pastas de arquivo e placas de gesso mal aplicadas. Devem olhar para os advogados com igual romantismo, togas compridas e perucas feitas com pelo de cavalo, defendendo as causas da justiça e da honestidade. Às vezes também penso isso, não obstante a realidade; a mundanidade de andar de um lado para o outro no sudeste londrino, de Tribunal de Magistrados em Tribunal de Magistrados, a glória momentânea de uma vitória no Tribunal de Última Instância que rapidamente desvanece perante a frustração de ser a última da lista numa sexta-feira em Wood Green. Mas, ainda assim, não há nada como

o entusiasmo de saber que um júri está do meu lado, convencido pelos argumentos que estou a apresentar.

Atravesso Devereux Court, passando pelo Freeman's Arms e por todos os palermas de nariz vermelho que contam autênticas histórias de guerra sobre o tempo em que safaram alguém graças a uma brilhante defesa. Vejo-os através das janelas, rodeados de alunos que acenam com a cabeça. Também já fui assim, pronta para engolir todos os disparates só para avançar na carreira, ser reconhecida por eles e talvez conseguir alguns trabalhos que levassem os solicitadores a simpatizarem comigo, ou os funcionários judiciais a passarem-me mais processos judiciais. Bebia de segunda a sexta, acenando com a cabeça, sorrindo e rindo-me sempre nos momentos certos.

O Robert, do escritório, está parado à porta do Cairn's, a fumar um cigarro. Paro ao lado dele e roubo uma passa do cigarro, mas depois recorro a discussão dessa manhã, as súplicas sinceras da Matilda para que não fume. Raios. Despeço-me do Robert com um aceno de mão e subo à loja de esquina em frente ao Palácio Real da Justiça. Ainda está aberta, pelo que compro rebuçados de menta e água, enxaguando a boca e chupando uma mão-cheia de rebuçados. Não aguento mais discussões por hoje.

— Alison! — Alguém me chama. Continuo a andar. Os gritos aumentam de volume, e de repente ele está parado à minha frente. — Vi-te passar; estava no Cairn's. Preciso de falar contigo.

— Tenho de ir para casa, Patrick.

— Estás bem? — Agora está mesmo à minha frente.

— Sim, estou — replico.

— Desculpa se pensaste que estava a insinuar que não eras capaz de fazer o teu trabalho como deve ser — diz-me.

— Tomámos um copo — respondo-lhe. — Mas não nos embebedámos.

— Claro que não. Afinal de contas, fui eu que sugeri que fizesses com que a Madeleine se abrisse um pouco mais. Ouve, queres que eu vá contigo à polícia por causa das mensagens? Percebo que te assustem.

Imagino a reação da polícia. Já nem sequer investigam assaltos a casas. Que raio fariam com quatro *emojis* enviados por um número desconhecido? Não tenho nada de concreto.

— Não me parece que valha a pena. Pelo menos para já. Mas não me agrada nada — digo-lhe.

— Claro que não. Mas ouve, agora a sério, não podes ficar aborrecida por eu sair com outras pessoas. Não é justo. Não podemos funcionar assim — diz-me, o rosto exibindo uma expressão sincera.

— Não faço de propósito. Mas é complicado.

— Eu sei. Mas o tempo que passas com a tua família também é complicado para mim. Não me podes dizer para não andar com outras pessoas. Tens de ser justa.

Suspiro. Não tenho como argumentar.

— Mas, por favor, não o faças na minha cara. Como naquela noite no Cairn's.

— Está bem, parece-me justo. Na tua cara não — responde. — Fica registado.

— E se receber mais mensagens?

— Se não queres ir à polícia, apaga-as e esquece. Enquanto as coisas estiverem assim, não há nada com que te preocupares. — A voz dele soa tranquilizadora e apetece-me entregar-me a ela. Algo me faz conter, porém; a sensação de uma sombra a espreitar por cima do meu ombro.

— Mas, e se...

— Deixa-te de tantos «ses», de tanta especulação. Já há tanta coisa com que nos preocuparmos, não vale a pena criarmos ainda mais — exclama. — Ora bem, vamos tomar um copo ou quê? Tenho comida em casa, se te apetecer jantar.

Estende-me a mão e estou prestes a aceitá-la quando o meu telemóvel emite um som.

«Reservei um hotel em Brighton. Praias de inverno! Gostámos da última vez que lá estivemos, por isso pareceu-me boa ideia. Até já; tenho um frango no forno. Beijos. A Matilda diz olá.»

O Carl. E há uma fotografia em anexo, uma *selfie* dos dois a sorrirem-

me, as cabeças juntas diante da objetiva. Apago rapidamente o ecrã, para que o Patrick não os veja.

— Tenho de ir para casa — informo-o. — Prometi. Estão a preparar o jantar para mim.

O rosto dele fecha-se.

— Que bom. Tempo em família. Não deixes que eu te atrapalhe.

— Patrick. Tenho mesmo de ir. O que vais fazer? — Não queria perguntar, mas as palavras escapam-se-me da boca.

— Vou tomar um copo.

— Posso tomar um contigo. Se te parecer bem — sugiro.

— Não preciso de caridade. Vai para casa. — Dá meia-volta e desce a Essex Street.

Abro a boca para o chamar, mas depois fecho-a. Virando as costas a Essex Street, atravesso a passadeira diante do Palácio Real da Justiça. Estou decidida a esperar pelo autocarro, uma parte de mim interrogando-se se ele irá reaparecer das sombras, mas o número 4 chega quase de imediato e entro nele.

Envio uma mensagem ao Carl.

«Já estou no autocarro. Beijos.»

Nada do Patrick. Nada de outra pessoa qualquer. Está na hora de ir para casa.

Beijos do Carl e da Matilda quando abro a porta da frente. O aroma a frango assado enche o ar. O Carl prepara-me um gin tónico e a Matilda conta-me como correu o dia dela, como a melhor amiga estava a ser má, mas «eu disse-lhe o que sentia, mamã, e ela parou». Senta-se em cima do meu joelho, enquanto lhe leio uma história sobre um menino que se transformou num gato por um dia, e o Carl senta-se ao nosso lado a ouvir, com um leve sorriso no rosto. Toca-me no braço e depois inclina-se para a frente e beija-me na face.

— É bom ter-te em casa, Alison.

— Não estive fora assim tanto tempo — replico, com uma risada.

— Eu sei. Mas é bom ter-te em casa. Não é, Tilly? Gostamos muito

quando a mamã está em casa. — Puxa a Matilda do meu joelho para cima do dele. Resisto à vontade de me agarrar a ela com força. Em vez disso, inclino-me para ele. O tríptico dessa manhã está reformado.

Comemos juntos à mesa da cozinha, a carne macia. Conversamos juntos com a Matilda enquanto ela toma um banho e pomo-la na cama juntos, cantando-lhe canções de embalar e segurando-lhe a mão até ela fechar os olhos. Regressamos ao piso de baixo e o Carl serve-nos mais um copo de vinho da garrafa que abriu enquanto comíamos o frango. Sentamo-nos no sofá da sala de estar.

— Então decidiste-te por Brighton? — indago.

— Sim. Fica perto e há muita coisa para fazer lá. E uma praia de inverno só para ti. — Abre o portátil que está ao lado dele no sofá e clica em algumas janelas até encontrar a que procura. Passa-me o portátil. — Este é o hotel que escolhi.

Parece agradável, com vista para o mar, lençóis brancos e roupões felpudos no quarto. Sorrio-lhe, comovida com o cuidado que teve na escolha do local. Mexo o cursor para verificar o resto da informação, mas, quando o faço, o Carl tira-me rapidamente o portátil e fecha-o com força.

— Porque é que fizeste isso?!

— Se calhar estou a planear outra surpresa — diz, inclinando-se para a frente e beijando-me, o meu rosto entre as suas mãos. A língua dele entra na minha boca. Por um inexplicável momento sinto uma vontade imensa de a morder, de a cuspir e de o afastar de mim. É quase como se fosse um estranho. Então o odor dele invade-me, a familiaridade dele, e essa vontade passa, sendo substituída por outra.

— E a Matilda? — digo, por fim.

Não me responde, esticando-se por cima de mim para fechar a porta. Torna a beijar-me, segurando-me o rosto, e depois as suas mãos descem, descem...

A Matilda não nos incomoda. Todos dormimos bem nessa noite.

Ao longo da semana que se segue toda a comunicação com o Patrick é breve e objetiva. Anda a tentar localizar as testemunhas, tomando nota dos depoimentos delas e avaliando o valor corroborativo das mesmas. A Madeleine tem uma consulta marcada com um psiquiatra diferente uma semana antes da Audiência do Julgamento. Conheço a psiquiatra de nome. É competente. Rápida. O relatório será entregue em tempo útil. De qualquer modo, neste momento tenho quase o suficiente para a apresentação da defesa. A não ser que os meus planos saiam furados, a Madeleine irá declarar-se inocente do crime de homicídio quando se apresentar diante do juiz no Old Bailey e direcionaremos o nosso caso para fazer a petição para homicídio simples com base na perda de controlo. Se a acusação aceitar, o juiz poderá sentenciar como entender. Por outras palavras, não uma pena de prisão perpétua. Não é fantástico, mas é o melhor que consigo fazer.

E, com isso sob controlo, posso concentrar-me nos meus outros processos judiciais, o habitual malabarismo de viagens e instruções de última hora, de documentos em falta e sistemas informáticos de tribunais em baixo. Há uma mudança de contestação num processo judicial de assalto e o tipo apanha uma pena de quatro anos — não é um mau resultado, na verdade. No dia seguinte tenho uma Audiência de Julgamento para o que se prevê um julgamento muito complicado de violação no qual sou a advogada de acusação, um desses casos da palavra dela contra a dele, em que serão apresentadas como provas imagens captadas por câmaras de videovigilância, seguindo o casal até à porta do hotel. É uma pena não terem também filmado através do buraco da

fechadura. Já é complicado o suficiente conseguir uma condenação por violação, quanto mais com um sem-fim de imagens da mulher aos beijos ao tipo em várias entradas pelo Borough Market, e a entrarem para o Premier Inn, perto de Tower Bridge — sei que o júri não vai gostar, as águas a turvarem dessa maneira.

Detesto esse tipo de casos. A julgar pelo depoimento da vítima, é óbvio que o que começou por ser uma diversão sob o efeito do álcool se transformou em algo absolutamente aterrador, o trauma perceptível através da formalidade do depoimento. O arguido exibiu um esgar durante toda a audiência, o que me fez ter vontade de lhe dar um soco, o tipo de arrogância que me fez acreditar plenamente que ele sabia o que queria e que tentara obtê-lo, independentemente de um «não» ser um «não». Espero que o relatório médico dos ferimentos dela ajude a convencer o júri de que o que aconteceu não foi consensual. Por muito sexo à bruta que já tenha feito, nunca precisei de levar pontos. A julgar pela apresentação da defesa, é evidente que ele vai alegar que ambos estavam tão embriagados que nem se aperceberam de que ela tinha ficado magoada — tenciono argumentar que, se o júri não quiser aceitar que a vítima disse claramente que não e que o arguido está arrependido e a mentir para encobrir tudo, então deveria aceitar que, se ela estava demasiado embriagada para se ter apercebido de uma enorme laceração anal, então também estava demasiado embriagada para consentir o ato sexual. De uma maneira ou de outra, tenciono lixar o cabrão.

O fim de semana passa a correr. O Carl está ausente numa conferência, não a conferência sobre dependência sexual que referira antes, mas outra, que aborda especificamente o vício da pornografia digital. Arranjou um lugar à última hora. Tiro fotografias da Matilda a brincar no balouço e a beber chocolate quente no café do parque e envio-lhas, um retrato de inocência para o imunizar dos horrores sobre os quais irá ouvir. A mãe dele telefona-me e conversamos um pouco sobre o que ela terá de fazer com a Matilda no próximo fim de semana, quando estiver a cuidar da neta.

— Irei garantir que deixo o frigorífico cheio de comida. Vou preparar-

lhe uma ementa, para não ter de estar a pensar no que fazer — digo-lhe.

— Não há necessidade, com certeza sou capaz de cozinhar para as duas. Queres que a leve a alguma atividade? Ela pratica alguma coisa ao fim de semana? Tenho alguma dificuldade em manter-me a par de todos os vossos compromissos — confessa-me.

— Ela pode faltar por um fim de semana. Simplifiquemos as coisas. — O Carl não vai gostar, mas não me parece bem obrigar a mãe dele a arrastar a Matilda para a natação.

— Obrigada. Acho que isso seria o mais prático.

— Sem dúvida. Eu própria prefiro evitar ir nadar — respondo-lhe, com uma risada.

— Sim. O Carl disse-me. — Ela não se ri, e apresso-me a terminar o telefonema.

Será preferível ser o Carl a falar com ela e a certificar-se de que a mãe está à vontade com os planos.

A segunda-feira dá rapidamente lugar à terça-feira e assim sucessivamente, um julgamento de cinco dias no Tribunal da Coroa em Harrow, mais um roubo com múltiplos assaltantes. O Patrick envia-me mais umas atualizações. Estou cautelosamente otimista em relação ao processo judicial da Madeleine — estamos a conseguir mais informação do que esperava.

O júri é tão rápido a condenar na sexta-feira que mesmo com a sentença (seis anos: duro, mas justo) e a conversa pós-sentença com o meu cliente, despacho-me por volta das 15 horas. O Robert e o Sankar enviaram-me mensagens para ir tomar um copo, mas recuso com agrado. Vou para casa. Quero passar o serão de sexta-feira com a Matilda.

Entre a pizza e um filme sobre um panda com uma capacidade incrível para as artes marciais, ela está feliz e, sinceramente, eu também. Aguentei uma semana inteira sem falar com o Patrick sobre outra coisa que não trabalho. Já não lavo os vestígios de outro homem do meu corpo quando tomo um duche, pensamentos relacionados com ele não me distraem da minha família. Recuperei a minha integridade. E

essa não é a única recompensa. O meu telemóvel permaneceu silencioso durante toda a semana, sem ameaças ou acusações da acusadora anónima. Não obstante o que diz o Patrick, sei que é alguém relacionado com ele. E a pessoa conseguiu o que queria, ainda que de forma indireta. Estou a manter-me longe dele, sem dificuldade. Esta semana.

Assim que a Matilda se deita, faço as malas para o fim de semana fora. O Carl saiu para uma sessão de emergência com um cliente que lhe ligou muito alterado, tendo ido encontrar-se com ele na sala de terapia que aluga numa clínica de medicina alternativa em Tufnell Park. Pobre Carl, tem de guardar os seus certificados profissionais na parede de casa. No dia em que puder pendurá-los no local de trabalho, sabendo que não tem de partilhar o consultório com outros terapeutas, será o dia em que saberá que vingou na carreira. Eu compreendo isso. Ter o meu próprio gabinete nos escritórios do Inns of Court foi muito importante, ter o meu nome na placa afixada à porta dos mesmos como advogada permanente — ainda recorro a emoção que senti quando o vi pela primeira vez.

Olho para os vestidos pendurados no meu roupeiro e tiro um, um vestido envelope de que sempre gostei. O Carl nunca lhe achou muita piada — algo relacionado com o comprimento —, mas acho que me fica bem. Dobro-o e guardo-o na mala que pus em cima da cama. Mas a recordação do entusiasmo que senti quando passei a advogada permanente vem-me novamente à cabeça. Eu tenho isso. O Carl não. Foi obrigado a lidar com o despedimento, ser pai a tempo inteiro enquanto eu continuo a progredir na minha carreira. É um facto que tem uma base de clientes em crescimento, e vejo o grupo masculino dele como um grande feito em termos profissionais, mas continua a ter de partilhar um espaço com um aromaterapeuta e um praticante de reiki. Todas as conquistas profissionais dele estão anunciadas apenas na parede da nossa cozinha.

Tiro o vestido envelope da mala e torno a pendurá-lo. Em seguida, vou buscar o vestido que ele me comprou há uns natais, daquela vez que gritámos um com o outro durante horas, depois do jantar. «Quando é

que eu alguma vez vestiria uma coisa destas?», gritara-lhe eu. «Tu não me conheces minimamente.» Era tão curto e vermelho que era uma afronta ao meu corpo grávido, cada defeito aumentado por essa vermelhidão implacável.

«Vai ficar-te bem. Precisas de experimentar coisas novas», respondera-me, estupefacto com a minha fúria. «Tu não mandas em mim», gritara-lhe eu, desatando a chorar o resto da noite.

Sinto o tecido nos dedos e ponho o vestido à minha frente. Ainda tem a etiqueta, está exatamente como quando o desembulhei. Não é tão mau como eu o recordava. É o tipo de vestido que o Patrick talvez gostasse de ver em mim, penso distraidamente. Mas não deveria ter que ver com o Patrick. Estou a pensar no Carl. Este é o tipo de gesto atencioso que eu gostaria que ele tivesse para comigo, para mostrar gratidão por algo que eu fizera ou lhe dera. Dispo-me e visto o vestido, esboçando um esgar ao perceber quão justo me fica. Não é tão mau como pensava, tem um corte bonito que salienta todas as partes certas, cobrindo as outras partes numa seda vermelha que distrai do que está por baixo. Mexo-me em frente ao espelho — não me fica mal. Dispo-o e guardo-o dentro da mala, vestindo um pijama.

São quase 22 horas e envio uma mensagem ao Carl para saber se voltará em breve.

«Não devo demorar muito. Desculpa. É uma emergência. Não fiques acordada à minha espera. Beijos», responde-me.

Envio uma resposta.

«Está bem. Boa noite. Beijos.» Desde que tenha o assunto resolvido até ao dia seguinte, não me interessa. Leio durante algum tempo, um thriller sobre um casamento tóxico em que tudo está a desmoronar-se, e sorrio. Nós não somos assim, já não. Vamos passar um fim de semana fora. Adormeço a sorrir, o livro escorregando-me para o chão.

— Preferia ir de carro — diz-me o Carl na manhã seguinte, enquanto estamos deitados na cama.

— Porquê? O comboio é muito mais rápido. — Não me apetece nada

o «para-arranca» típico de uma viagem de carro.

— Mas eu preferia. É mais tempo de qualidade contigo. — Inclina-se para mim e beija-me.

— Não me parece que estarmos parados no trânsito seja tempo de qualidade. É só irritante.

— Pode não haver trânsito. E podemos conduzir à vez — sugere ele.

— Pois, talvez. — Não me apetece nada, mas o propósito deste fim de semana é fazer um esforço.

— Vai correr bem. Tenho a certeza de que não estou demasiado cansado para conduzir — afirma.

— A que horas chegaste?

— Já passava da uma. Ele estava num estado lastimável. Estava à beira do suicídio, sabes? Não o podia deixar. — O rosto do Carl revela preocupação.

Não sei e ainda bem. Mas parece terrível e digo-o.

— É mesmo terrível, Alison. Mesmo. Não me parece que alguma vez me vá acostumar — responde-me.

— Espero que não tenhas de o fazer. Pelo menos, pudeste ajudá-lo.

— Isso se tiver ajudado alguma coisa. Nunca se sabe. Estou muito preocupado com ele.

— Fizeste tudo o que podias, e tenho a certeza de que fizeste um ótimo trabalho. Não te esqueças de que também precisas de tempo para ti — lembro-lhe, começando a recear que o nosso fim de semana possa ser cancelado.

Ele suspira.

— Ele tem o meu contacto. E já estava um pouco melhor no fim da sessão.

— Ótimo. Tenho a certeza de que ficará bem — replico.

Em vez de me responder, ele vira-se na cama e abraça-me. Deixamo-nos ficar deitados por momentos, até que me lembro de que a mãe dele está prestes a chegar. Levantamo-nos e tomamos um duche; depois damos o pequeno-almoço à Matilda. Não discuto mais a questão de irmos de carro. Assim que a mãe dele chega, cumprimento-a com um

beijo e vou para a sala, para que o Carl lhe possa explicar as coisas. Não que não nos entendamos, simplesmente penso que deve ser o Carl a tratar dessas coisas. Sento-me no sofá e espero até eles aparecerem. A Matilda vem a correr atrás dele e salta para cima dos joelhos da avó.

— Cuidado, querida. Mais devagar. — Ela está a sorrir, mas o sorriso não se lhe estende aos olhos.

— Desculpa, avó. — A Matilda salta de cima dela e corre para o Carl, que a roda no ar e a senta ao lado dele.

— Matilda, vais portar-te bem com a avó. Vais comer tudo o que ela te der e deitar-te exatamente quando te mandar, certo? — diz-lhe ele.

Ela assente com a cabeça, mordendo o lábio. Então as palavras explodem-lhe da boca.

— Quanto tempo vão estar fora?

— Já te dissemos, é só por uma noite. — Ele fala-lhe num tom tranquilizador.

— Vou poder falar convosco? — pergunta ela.

— Se quiseres. Podes ligar quando te apetecer. Basta pedires à avó.

Partimos pouco depois. Não parece justo prolongar a coisa. A mãe do Carl está a ficar mais nervosa, endireitando as almofadas do sofá e mexendo nos cortinados até estes estarem perfeitamente alinhados. Quando saio da sala de estar, vejo-a a organizar os bibelots em cima da cornija da lareira por ordem de tamanho, do maior para o mais pequeno. A Matilda acompanha-nos à porta e abraça-nos. Tento não cronometrar os abraços, na esperança de que seja apenas impressão minha ela agarrar-se ao Carl mais tempo do que a mim. Será bom para ela, digo para mim própria. Deve passar tempo com outros elementos da família. E a mãe do Carl não me pareceu tão má como isso. Algumas das histórias que ele conta são um pouco... preocupantes, mas, se ele não se importa que ela fique com a Matilda, eu também não.

— Elas vão ficar bem. Não vão? — pergunto-lhe, ao mesmo tempo que faço sinal e saio para a estrada.

— Esperemos que sim. Não me digas que estás com dúvidas?

— De todo. Só que...

— A ideia foi tua. — A voz do Carl soa dura.

— Eu sei que a ideia foi minha. Mas...

— Não vamos discutir. Elas vão ficar bem. Eu saí-me bem; ela não deve ser tão má mãe quanto isso — exclama, agora num tom menos duro.

Não lhe respondo. O trânsito está um caos no caminho para a Circular Norte e preciso de me concentrar. Depois de termos passado o pior, viro-me para ele e pergunto-lhe como correu a conferência do fim de semana anterior, mas constato que pendurou um cachecol na janela do carro e está a dormir. Fico contente, por um lado — é bom que ponha o sono em dia —, mas começo a ficar mais irritada à medida que a viagem se desenrola. Não o quero incomodar, esperando que desperte sozinho a tempo de trocar de lugar comigo, mas não se mexe, embora com o trânsito demorem bem mais do que três horas para chegar.

— Devias ter-me acordado — diz-me, ao sair do carro.

— Achei que precisavas de descansar — respondo-lhe, com um sorriso, na esperança de que o meu gesto de generosidade dê frutos. Mas ele entra no hotel sem me agradecer ou voltar a falar no assunto. Sigo atrás dele, carregando a minha mala.

— Preciso de uma bebida. — Encaminho-me diretamente para o minibar assim que entramos no quarto. — Meu Deus, só tem água. Isto só visto... — Torno a inspecioná-lo, para o caso de ter visto mal, mas não. Água com gás. Água sem gás. E uma lata de *Fanta*. — Mata-me já.

— Tem calma. Não precisas de bebida nenhuma. São só duas da tarde. É demasiado cedo. — A voz do Carl soa calma e tranquilizadora, como se falasse para uma Matilda rabugenta.

Resisto à vontade de lhe dar um soco.

— Posso não precisar de uma bebida, mas quero uma. A viagem foi um pesadelo de merda. Para ti não, pois vieste a dormir o caminho todo — replico, o meu tom de voz a subir.

— Pedi ao hotel para tirarem as bebidas alcoólicas do quarto. Não precisamos de beber para nos divertirmos.

— Acabaste mesmo de dizer isso? Meu grande hipócrita.

— Vou preparar-te um belo banho de imersão e fazer-te uma chávena de chá, verás que te sentirás muito melhor. — Levanta-se e entra na casa de banho.

Ouçõ água a correr das torneiras e um aroma floral invade o ar. Regressa ao quarto e começa a mexer na chaleira. Estou sem palavras. Momentaneamente.

— Pediste-lhes para tirarem o álcool do quarto? Estás a falar a sério?
— Estou a tentar permanecer calma.

— Pedi, sim. Então, Alison, sabes bem o que costuma acontecer. E não quero estragar isto. Não te quero a emborcar copos a meio da tarde. Podemos passar uma tarde descontraída e beber algo logo à noite, ao jantar.

Aproxima-se de mim e estende-me a mão. Após uns segundos aceito-a, a minha mão tensa, e deixo que me puxe para um abraço. Noutra altura qualquer ter-me-ia passado completamente com ele, mas não vou permitir que isto estrague o fim de semana. Ainda que me sinta um pouco de pé atrás em relação a ele.

Depois do banho de imersão e do chá, durmo uma sesta. Sei que tenho The Lanes e o Royal Pavilion para visitar, mas sinto-me completamente exausta depois de uma semana de trabalho e da viagem para cá. O Carl está a dormir em cima da cama, ainda cansado apesar de ter dormido tanto no carro. Enfio-me ao lado dele, apoiando a cabeça no seu peito, e deixo-me adormecer, acordando já depois de a noite ter caído, a minha cabeça pesada do sono. Ele agora está desperto e estende-me um copo de água, que aceito, surpreendentemente cheia de sede. Sorri-me.

— É quase hora de jantar. É melhor despacharmo-nos.

Afasto as mantas e levanto-me. A vista para o mar passou-me completamente ao lado hoje, embora seja agradável ver as luzes no pontão. Talvez faça sol amanhã de manhã. Caminharemos sobre os seixos, os nossos pés esmagando as pedras e as gaivotas a grasnarem no céu. Li algo sobre pessoas que saltam do pontão para nadar — há um grupo qualquer de maluquinhos da resistência física que nada todos os

dias, faça chuva ou sol. Se acordarmos cedo, talvez os consigamos ver. Tento imaginar qual será a sensação de nadar no mar alto, sem saber o que existe nas profundezas, o frio e as ondas a puxarem-nos para baixo.

Tomo banho e visto-me enquanto o Carl toma um duche. Quanto mais me vejo com o vestido que me comprou, mais gosto dele. Não é o meu género, mas a ideia é um pouco essa. É quase transgressivo, ver-me como ele me vê, não a mãe da filha mas alguém que não tem medo de mostrar um pouco de mamas e rabo, envoltos em seda vermelha. Trouxe roupa interior específica para vestir com ele, um soutien *push-up* preto e umas cuecas pretas, como de costume, mas pequenas, muito mais pequenas do que usaria normalmente, e inclusivamente cinto de ligas e meias. O engodo completo. Se ele quer um cliché, então tê-lo-á, todo embrulhadinho neste seu vestido natalício. Não pareço eu, mas estou com bom aspeto.

Ele não me vê assim que entra no quarto, vindo da casa de banho. Estou parada diante do espelho afixado na parede do quarto, a pôr *kohl* preto. Examino-me de perto para ver se o risco está igual dos dois lados e capto o olhar dele no espelho.

— Vais usar isso? — Quase consigo ouvir o espelho estalar de uma ponta a outra.

— Pensava que gostavas. Foste tu que mo ofereceste — respondo, virando-me para ele.

— Pensava que não tinhas gostado dele — replica. Tem a toalha enrolada à volta da cintura e tira-a para secar o cabelo.

— Mudei de ideias. Não gostas? — Sinto algo sólido no peito, uma obstrução qualquer que não me deixa respirar.

— Não é mau. Mas se calhar tinhas razão, não tenho jeito para escolher roupa para ti. Não trouxeste mais nada? — Senta-se em cima da cama e começa a calçar as meias.

Não quero chorar. Fiz os riscos da Amy Winehouse nos olhos, por amor da santa. Mas estou perto de o fazer.

— Fica-me assim tão mal?

— Não, é na boa. Talvez te sentisses mais à vontade com outra coisa,

só isso. Mas se não trouxeste mais nada... é na boa.

Com as duas meias calçadas, vai à mala dele, tira umas cuecas e veste-as. Em seguida, veste as calças de ganga e uma camisa azul. «Realça-me o azul dos olhos», é o que me responde com um piscar de olhos sempre que sugiro que vista uma cor diferente.

Aproxima-se e para ao meu lado. Os nossos reflexos contemplam a divisão, um homem aprumado com um brilho no olhar e eu embonecada estilo carne para canhão. Puxo pelo vestido, tentando fazê-lo menos justo. Ele põe o braço à volta dos meus ombros e aperta.

— Podes parecer uma galdéria, Alison, mas és a minha galdéria. — Inclina-se e beija-me na face. — Ora bem, vamos lá sair. Não querias tomar um copo?

Sai porta fora ainda mal fechei a boca, estupefacta com a dureza das palavras dele. Mas a maneira como o serão vai correr a partir daqui está nas minhas mãos. Ou fico ofendida, dizendo-lhe que está a ser um merdas, ou encaro a coisa com sentido de humor e deixo de ser tão patética. Pode não gostar agora, mas foi ele quem escolheu a porra do vestido, e por acaso até acho que me fica muito bem, independentemente do que ele diz. Pego no casaco e vou atrás dele. Tranca a porta do quarto e descemos as escadas juntos.

Subimos a colina, dobramos a esquina e atravessamos The Lanes. Ele reservou mesa num restaurante de tapas — «Teve uma excelente crítica no *Guardian*, Alison.» Quando o encontramos, constatamos que se trata de um espaço agradável, as cadeiras quase confortáveis o suficiente, as mesas quase afastadas o suficiente umas das outras. Sou a única pessoa de vestido, mas vou usá-lo com orgulho, esfregando sub-repticiamente os dentes com o dedo para me certificar de que não têm batom vermelho. O empregado de mesa aproxima-se e peço um gin tónico. Ele pergunta se tenho alguma preferência e, lembrando-me da Madeleine, peço um *Hendrick's*. O Carl demora algum tempo a escolher um cocktail, pedindo ao empregado que lhe recomende algo e, mesmo depois disso, fica a estudar os méritos comparativos entre um *Sombrio e Tempestuoso* e um *Antiga*. Começo a sentir fortemente essas duas

emoções quando ele muda para um *Martini Obsceno* — pode ser que seja um indício de como a noite vai terminar. Está a ser parvo, mas talvez consigamos descontrair com uma bebida.

— Já sabes o que queres comer? — pergunta-me.

Olho para a ementa e constato que tudo me agrada.

— Tanto faz. Manda vir o que quiseres.

Assente com a cabeça e, quando o empregado regressa, pede-lhe um sem-fim de comida. Nem presto atenção, desfrutando a sensação do gin a escorrer-me na garganta e a descontrair-me os ombros. Quando o Carl acaba de pedir, peço outro gin e abro a carta dos vinhos para escolher uma garrafa.

— Branco ou tinto? — pergunto.

— Branco. Acho eu. Será que vendem ao copo? — indaga o Carl.

— Vou mandar vir uma garrafa. Por mim tudo bem, pode ser branco.

Estudo a carta e vejo um *Sauvignon*, mas resisto à tentação. Mais abaixo vejo um *Rioja* branco e chamo novamente o empregado, indicando-lho. Ele serve o vinho ao mesmo tempo que chegam à mesa os primeiros pratos. O Carl pediu imensa coisa — *croquetas* de fiambre, *patatas bravas*, uma tortilha, algo com tentáculos de polvo e mais *croquetas* e, o melhor de tudo, um pedaço de queijo de cabra com fios de mel por cima. Nenhum de nós para de comer para conversar, emborcando a comida. Também mal paro para beber, mas, quando finalmente acabamos, recosto-me na cadeira e bebo um valente trago.

— Agora sim. Estava cheia de fome.

— Comemos tudo. E eu com receio de ter pedido comida a mais — diz ele.

— Acho que foi a quantidade certa. — Termino o meu copo de vinho e torno a enchê-lo, empurrando a garrafa na direção dele para que encha o próprio copo. — Qual é o plano para o serão?

Ele olha para o relógio de pulso.

— Já é muito tarde. Podíamos tomar um copo no hotel, não?

Esboço uma careta.

— Podíamos ir dançar a qualquer lado, não?

— Sabes bem que eu detesto dançar. — O seu tom de voz é determinado.

— Pois. — Bebo outro copo e levanto-me para ir à casa de banho. O meu passo é firme e sinto a cabeça desimpedida. É uma das vantagens de se comer tanto, mantém-nos sóbrios. — Venho já.

Ficamos no restaurante mais um pouco, terminando a garrafa de vinho e pedindo um digestivo. Chamo-lhe isso, embora beba mais um gin tónico. O Carl torna a discutir o que beber com o empregado e depois pede um *Armagnac*. Provo um pouco e estremeço por causa do sabor — é demasiado forte para mim.

São quase 23h30 quando saímos do restaurante. Lá fora está escuro e frio e límpido. Brighton prepara-se para o inverno, isso se não tiver chegado já. Vislumbro estrelas no céu que não são visíveis em Londres, obscurecidas pela neblina alaranjada à qual já me acostumei. Enquanto caminhamos, tropeço, o meu salto prendendo-se numa pedra da calçada, e agarro-me ao braço do Carl para me equilibrar. Ele parece resistente a princípio, mas depois descontrai-se. No cimo da colina, no início da descida para o hotel, paramos por instantes e ele beija-me.

— Desculpa ter-me comportado como um merdas. Achei que estavas muito bonita esta noite — diz-me, quando acaba de me beijar.

Sinto a cabeça à roda — o serão está envolto numa névoa, somente alguns estranhos pormenores me assomam à mente. As *croquetas*, disso lembro-me bem. Estavam muito boas. E o Carl diz que se comportou como um merdas — a sério? Já não me lembro. Se ele diz, é porque sim, mas não dei por nada. Gosto que me agarre e também que me beije. Ponho os braços à volta do pescoço dele, puxo a cabeça dele para mim e beijamo-nos durante mais tempo, o calor entre nós aumentando. Não sei se é por estar num sítio diferente, ou se a cena do fim de semana obsceno em Brighton mexeu comigo, mas estou cheia de vontade. Isto mais parece uma noite com o Patrick.

— Vamos voltar para o hotel — sugiro, puxando-o pela mão.

Ele segue-me. Torno a tropeçar e sinto os braços rijos dele à minha volta, impedindo-me de cair. Beijamo-nos ao fundo da rua e tornamos a

beijar-nos na entrada do hotel.

— Vamos tomar mais um copo — diz ele, e beijamo-nos no bar.

E, então, apago.

Ele está sentado na cadeira, a observar-me. Estou deitada em cima da cama, meio vestida. É de manhã, a luz delicada no quarto. A barba por fazer escurece-lhe o queixo, e tem olheiras. Sinto algo pegajoso debaixo de mim e ponho a mão para ver do que se trata, erguendo-a depois ao nível dos olhos. Os meus dedos estão vermelhos. Viro-me e olho para o lado, para baixo. Há uma mancha vermelha enorme no sítio onde estava deitada. Ainda tenho a roupa interior vestida, as cuecas, o cinto de ligas e o soutien. Sou acometida por uma sensação de medo e torno a olhar para o Carl.

— O que aconteceu?

— Tu sabes bem o que aconteceu.

— Não faço a mínima ideia. Lembro-me de ter chegado ao bar, mas depois apaguei — respondo-lhe, esse medo abandonando-me e outro começando a surgir, completamente desconhecido.

— Por isso é que não queria que bebêssemos — diz-me, numa voz cansada.

Reparo agora que ainda traz a roupa da noite anterior.

— Dormiste nessa cadeira?

— Alison, eu não dormi. Tenho estado aqui às voltas na minha cabeça, a tentar perceber onde é que errei, o que fiz para te tornar tão infeliz a ponto de te embriagares constantemente. — Tenho a sensação de que vai levantar-se e sentar-se ao meu lado, mas muda o seu peso na cadeira e torna a instalar-se.

— Não pensei que tivesse bebido tanto — replico, fazendo um cálculo mental. Dois gins, meia garrafa de vinho, e talvez mais um gin, no máximo. Com certeza não o suficiente para apagar. — Desculpa, estava a tentar não o fazer.

— Devias ter-te esforçado mais. Não aguento quando ficas nesse estado. Nem consegues tomar conta de ti própria. — Faz sinal na minha

direção. — Apenas consegui deitar-te na cama e despir-te o vestido para ficares mais à vontade. Estavas de tal maneira que nem sequer sabias que te tinha vindo o período. Olha bem para ti.

Estou a olhar. Estou a ver. E sei que é um pouco mau. Mas este é o homem a quem pedi para me comprar uma série de coisas após o nascimento da Matilda — creme para os mamilos, pomada para as hemorroidas, pensos higiénicos pós-parto gigantes. Borrei-me à frente dele quando dei à luz. Desde quando é que se sente tão repugnado por mim?

— Como chegámos a este ponto? — questiono, sentando-me na cama e puxando os joelhos para o queixo. A minha cabeça anda à roda com o movimento e esforço-me por não vomitar.

— É simples: bebeste demasiado — replica, num tom de voz indiferente.

— Não me refiro a isto. Estou a falar no geral... — A vontade de vomitar torna-se mais forte.

— Tu... — começa ele por dizer, mas não ouço mais nada, pois tenho um zunido nos ouvidos e luzes a bailarem diante dos meus olhos, ao mesmo tempo que a acidez me sobe a garganta e me chega à boca. Levanto-me de um salto e desato a correr, mas o vestido que está no chão junto à cama enrola-se-me nos pés e o vômito quer sair cá para fora e depois está por todo o quarto e por mim abaixo e espalhado a toda a minha volta, uma mistura de vinho e bocados das tapas da noite anterior. O Carl levanta-se e desvia-se da porcaria, esboçando uma careta. — Eu nem sequer... — começa. Abana a cabeça, olha para mim, desvia o olhar e torna a olhar para mim. — Alison, não vou tratar de nada disto. Desenrasca-te; as ações têm consequências, e isto nunca mais vai acabar. Vou-me embora. Vou reservar o quarto para mais uma noite, para poderes limpar tudo, mas eu vou para casa. E não voltes enquanto não estiveres em condições de estar perto da Matilda.

Noutra situação teria argumentado com ele, ter-lhe-ia suplicado para que ficasse, mas sinto-me demasiado mal, a acidez a corroer-me o esófago. Fico sentada no chão, ensopada em vomitado, demasiado

miserável para pedir desculpa. Ele fecha a porta atrás de si e, ao fazê-lo, sinto outra náusea. Desta vez alcanço a sanita a tempo e vomito durante imenso tempo, uma bília fina e amarela. Só então consigo pôr-me de pé e voltar para a cama, onde me deito a dormir até o cheiro se tornar demasiado intenso e o sol estar baixo no céu.

I3

Já regressei de Brighton e pus tudo para trás das costas, a vergonha de o pessoal do hotel ter visto o estado do quarto e a minha saída apressada, a única vantagem sendo que, como foi o Carl que reservou o hotel, não sabem o meu nome, somente o dele. Todas as noites desta semana quis sentar-me à conversa com ele, para tentar perceber onde é que as coisas começaram a falhar, mas todas as noites usa os seus modos corteses como um escudo, defletindo cada comentário que faço. É perito em evitar-me, trabalhando até tarde ou deitando-se mais cedo. Estou preparada para desistir. E, à medida que os dias vão passando, vou afastando esses pensamentos da cabeça. A Audiência do Julgamento da Madeleine é na quinta-feira e os depoimentos que solicitei têm estado a chegar, ricos em pormenores e possibilidades de defesa. O Carl pode não estar a falar, mas pelo menos as potenciais testemunhas sim.

«Admira-me que não tenha acontecido mais cedo. Ela teve de aturar muita coisa. Eu via mazelas dela, às vezes, hematomas no rosto e nos braços. Fiquei particularmente chocada no verão de 2015, quando vi que tinha queimaduras de cigarro na mão. Nunca me disse como é que aconteceu, mas não me pareceu que tivesse sido um acidente.»

Trata-se da amiga dela, Maud, mãe de um colega do James na escola secundária e florista. E não uma florista qualquer, alguém com morada em Mayfair e um belo biscoito a dar aulas noturnas. Eu própria já estive para me inscrever num curso desses.

«E numa ocasião vi a maneira como ele falava com ela. Num tom de voz terrível, mesmo muito zangado. O James, o filho deles, adoecia com frequência, e o Edwin ficava muito impaciente por causa disso. Acho

que estava convencido de que a Madeleine o estragava com mimos. Mas ele estava a gritar com a Madeleine por ter levado o James para casa mais cedo. “Não acredito que fizeste isso. Não vou continuar a tolerar esta situação.” O tom de voz dele assustou-me.»

Até agora, imensa coisa a corroborar o que a Madeleine nos contou sobre o casamento deles. O que ela me relatou encaixar-se-á lindamente na linha de defesa com base na perda de controlo, reduzindo a sentença para homicídio simples, como lhe expliquei. Precisamos de determinar que havia um padrão de violência para com a Madeleine e que, além disso, o comportamento dele na noite em questão foi a gota de água, que o que ele lhe fez e disse seria o suficiente para fazer saltar a tampa a qualquer pessoa. E, a julgar pelo que ela me contou, seria, de facto.

O depoimento seguinte é do médico dela.

«A Madeleine Smith é minha paciente, na minha clínica de medicina geral em Wigmore Street, desde 2006. Tenho-a tratado regularmente ao longo dos anos devido a uma série de ferimentos, na sua maioria coisas pequenas, mas tendo algumas exigido tratamento hospitalar. Consultei os meus apontamentos para avivar a memória, cópias dos quais estão anexadas ao meu depoimento como a minha Prova n.º 1. No entanto, há duas ocasiões que se destacam e para as quais não necessitei de qualquer lembrete. A primeira ocorreu no verão de 2007. O filho da Madeleine tinha 5 anos e também era meu paciente. Tinha estado muito doente, com vómitos e diarreia, e estava tão desidratado que precisou de ser hospitalizado para receber soro por via intravenosa. Na manhã seguinte, a Madeleine apareceu na minha clínica com uma queimadura grave na coxa direita. Disse-me que tinha ficado tão enervada na noite anterior, devido à hospitalização do James, que sem querer entornara a chaleira cheia de água quente em cima da perna. Algo no comportamento dela me pareceu estranho, mas na altura desvalorizei-o como estando relacionado com a preocupação natural com o filho. A segunda ocasião foi mais recente, em 2015. Estava muito transtornada quando chegou à consulta. Assim que parou de chorar mostrou-me a mão esquerda, na

qual tinha três queimaduras, como se alguém tivesse apagado cigarros nas costas da mão dela. Perguntei-lhe como é que tinha acontecido e recusou-se a responder-me, mas depois desatou novamente a chorar e disse-me que o marido ia mandar o James para um colégio interno e que ela estava muito triste com essa decisão. Tratei as queimaduras e tentei convencê-la a falar mais sobre as mesmas. O que me perturbou ainda mais foi o facto de o dedo mindinho da mão esquerda dela estar torto, como se tivesse sido partido e os ossos não tivessem sarado corretamente. Perguntei-lhe como tinha feito as queimaduras e o que lhe tinha acontecido ao dedo. Foi-se embora sem me responder e não a vi desde então. Mais pormenores sobre estes incidentes foram igualmente incluídos no ficheiro médico em anexo.»

Leio os apontamentos médicos anexados, uma enumeração de queimaduras e cortes e hematomas. A cronologia indica dois a três incidentes por ano, com um pico em 2007 e também em 2015, tal como referido nos comentários do médico. O que ele descreve são provavelmente os incidentes mais graves, embora numa outra ocasião tenha suturado um corte no braço esquerdo dela (nos apontamentos lê-se «Sou uma desastrada»). Os apontamentos do médico estão cheios desse tipo de comentários. Não sinto que ele tenha feito um grande esforço para obter uma explicação mais elaborada, embora pareça que a dada altura tivesse pensado nisso — «Achava que se insistisse muito ela acabaria por deixar de me consultar. Pelo menos assim haveria um registo completo de todas as lesões e, caso decidisse apresentar queixa, tudo estaria documentado» — estes foram os comentários finais no depoimento dele.

Tudo isto é útil para o processo judicial dela. Extremamente útil, se não inteiramente conclusivo. Na minha opinião, contudo, o depoimento mais importante é o de Peter Harrison, um tutor francês que dava aulas ao James na casa da família, durante as férias escolares. O depoimento dele refere-se ao ambiente que sentiu na casa — «Quando o Edwin se ausentava em trabalho, era tudo mais calmo, mas, quando estava

presente, tanto a Madeleine como também o James andavam muito enervados» — e especificamente a uma ocasião, há cerca de seis meses, em que se encontrava sentado à mesa da cozinha a ensinar o James.

«O James despiu a camisola de malha e, ao fazê-lo, a t-shirt saiu também. Vi o peito dele. Fiquei completamente chocada. Tinha as costelas cheias de hematomas, escuras e arroxeadas. Viu que eu reparei e justificou-se: “Foi no rãguebi.” Não lhe perguntei mais nada, embora me apetecesse. A questão é que as escolas não costumam ter treinos de rãguebi no período que abrange o verão. Nessa altura costuma ser críquete.»

Faço uma breve pausa após ler aquilo. Embora já o esperasse, depois do que a Madeleine me contou, ainda assim fico realmente impressionada.

O resumo do relatório psiquiátrico chegou e é também tão útil como eu esperava. O relatório completo estará pronto dentro de 15 dias e estou ansiosa para o ler. Até agora, tudo corrobora a defesa da Madeleine. Estou com um bom pressentimento em relação a isto.

Já estou de toga quando me encontro com a Madeleine e o Patrick no Old Bailey, parados à porta do Tribunal Sete. A irmã dela, a Francine, também está presente, mas um pouco recuada. A peruca de pelo de cavalo faz-me comichão no couro cabeludo e a toga pesa-me nos ombros. Por norma não me apercebo dessas sensações, mas assim que avisto o Patrick toda eu fico hipersensível; um rubor aflora-me à pele e sinto comichão nas costas das mãos. Tento compensar na formalidade do meu tom de voz, enquanto explico à Madeleine o processo da audiência de hoje.

— Lamento, mas vai ter de subir ao banco dos réus. Vão perguntar-lhe o nome e a morada, e depois disso o escrivão do tribunal ler-lhe-á a acusação em voz alta e perguntar-lhe-á se tenciona declarar-se culpada ou inocente — digo-lhe.

— E acha mesmo que devo declarar-me inocente? — pergunta-me, inclinando-se na minha direção.

— Com base no depoimento que me deu, sim. Seria negligente da minha parte sugerir-lhe outra coisa. Assim que tivermos obtido o resto das provas, falaremos sobre a possibilidade de apresentar uma petição para homicídio simples, como lhe expliquei antes. Farei referência a isso agora, mas não será mais discutido hoje. — Viro-me para o Patrick, estabelecendo contacto visual com ele pela primeira vez desde que cheguei à porta do tribunal, ignorando o arrepio no estômago quando os nossos olhares se cruzam.

— Ela tem razão. Já estudámos tudo exaustivamente. E temos depoimentos das pessoas que nos referiu, todos eles corroborando alguns aspetos da sua exposição dos factos — diz-lhe ele.

— Só alguns aspetos? — diz a Madeleine. — Nada mais?

— Não estava ninguém presente na noite em questão. Temos apenas o seu testemunho do que aconteceu. Mas as outras provas servem para corroborar o que a Madeleine diz — explico-lhe.

A Madeleine começa a rir-se. Sorrio inadvertidamente, sem perceber o que terá desencadeado a reação nela, mas o meu sorriso rapidamente esmorece. Ela não se cala. Percebe-se um certo histerismo a instalar-se nela. O Patrick agarra-lhe o braço e sacode-a com delicadeza.

— Acalme-me, Madeleine. Vai ter de se acalmar agora — pede-lhe ele. Ela respira fundo, uma inalação trémula.

— Peço desculpa. Estava a pensar que... o Edwin também estava presente, claro. Mas ele não nos pode dizer nada. Já não... — Agora está a chorar.

Aproximo-me e tento reconfortá-la, mas pelo canto do olho vislumbro o meu oponente a descer o corredor em direção ao tribunal. Jeremy Flynn — um advogado que é o sonho de qualquer arguido. Alto, um ar garantidamente aristocrático, um fato de três peças que lhe assenta tão bem que só pode ter sido feito por medida; parece saído de uma empresa de *castings*. Não é particularmente inteligente, mas representa o seu papel de tal maneira que convence sempre os jurados. Eu esperava que estivesse demasiado ocupado para aceitar este processo judicial, desde a primeira vez que vi o nome dele nos documentos como sendo o

advogado de acusação. Não terei essa sorte, mas pode ser que, quando finalmente o julgamento começar, já tenha encontrado um caso mais interessante com que se entreter.

— Olá, Alison. Uma palavrinha, por favor? — pede-me em voz alta.

— Com certeza. — Sorrio-lhe, e depois dirijo-me à Madeleine e ao Patrick. — Não demoro nada. São só os preliminares.

Descemos o corredor em direção a um recanto.

— É verdade que isto hoje vai ser uma declaração de inocência? — pergunta-me, num tom profundamente condescendente. — Da última vez que olhei para a legislação sobre o crime de homicídio pareceu-me perfeitamente inequívoco que espetar repetidamente uma faca em alguém era ilegal. — Porreiro, uma lição sobre legislação de um palerma que parece falar com uma ameixa na boca. Continuo a sorrir. — Vá lá, Allie. Que ideia é a sua? Pense no desperdício de tempo e de dinheiro. Deve ter metido na cabeça que está a ajudar uma pessoa do mesmo sexo, mas a verdade é que não lhe está a fazer favor nenhum. Acredite em mim, Allie; fala a voz da experiência. — Baixa a voz e inclina a cabeça de lado. Acho que está a tentar parecer sincero.

— Receberá a apresentação da defesa no devido tempo. E não obstante a atitude que está a demonstrar, aviso-o já de que tencionamos apresentar uma petição para homicídio simples com base na perda de controlo. Entretanto, espero que se despache a enviar-me o resto da documentação. Ainda não tivemos acesso a nenhum do material que não vai ser apresentado como prova — digo-lhe, de sorriso fechado.

Ele suspira.

— Bem, há que respeitar quem nunca desiste. Mas uma coisa lhe digo: está a perder o seu tempo. Oh, Allie, que desperdício dos seus talentos. Quando é que deixarão de lhe passar estes casos tão fraquinhos? Devem achar que não consegue dedicar-se a tempo inteiro ao trabalho, tendo em conta...

— Mas o que é que você...? — Calo-me de repente.

Raios partam, quase me fez morder o isco. Não vou alinhar no jogo dele. Aceno-lhe com a cabeça, sem dizer uma palavra, e regresso para

junto do Patrick e da Madeleine. O que o Flynn não sabe é que dentro da minha cabeça lhe pontapeei a peruca com tanta força que há pedaços de cérebro e de osso a espreitar por entre a mesma.

— Ele tinha alguma coisa de jeito para dizer? — questiona o Patrick.

— Nada — replico.

— É um autêntico merdas — exclama, e entreolhamo-nos, mais uma vez em perfeita sintonia.

Entramos no tribunal mais ou menos a horas, e no espaço de 20 minutos está despachado. Este pode ser o crime mais grave que alguma vez representei, mas agora que está em tribunal é como outro julgamento qualquer. A acusação foi lida, a declaração de inocência apresentada. As condições da caução da Madeleine foram revistas e aprovadas, e foi definido um calendário para as várias trocas de documentação que precisam de ser realizadas entre a acusação e a defesa. Terei de preparar a apresentação da defesa dentro das próximas semanas, para informar a acusação em pormenor sobre o que propomos apresentar como defesa da Madeleine. Terei também de lhes facultar o relatório psiquiátrico. Eles terão de nos fornecer todos os depoimentos deles, assim como o material que não chegou a ser utilizado como prova e que, mesmo que não sirva para eles, poderá ser útil para nós. Não estou a antever nenhum milagre. Como já disse à Madeleine, tudo depende de o júri acreditar na exposição dela sobre o casamento com o Edwin e no que ela diz que aconteceu na noite em causa.

Ela dá-me um puxão na toga quando saímos do tribunal.

— Eles vão acreditar em mim? — pergunta-me.

— Quem? — indago.

— O júri. Vão acreditar em mim?

— Não lhe posso assegurar isso. Mas daremos o nosso melhor para garantir que isso acontece — replico, dando-lhe uma palmadinha no braço.

Não parece particularmente reconfortada, mas afasta-se com a Francine sem olhar para trás.

— E o nosso melhor será suficiente? — pergunta o Patrick, parado ao meu lado.

— Não faço ideia. Tudo depende do que o filho disser. Há alguma previsão de quando iremos receber o depoimento dele?

— Ainda estão à espera de que a acusação confirme se o vão chamar como testemunha ou não. Assim à primeira vista, não há de ter muito para dizer que possa ser-lhes útil, por isso não sei se o farão. Mas, enquanto não tivermos a certeza, não chegaremos a lado nenhum — diz-me, e aceno com a cabeça, em jeito de concordância.

Ninguém obrigaria um adolescente a testemunhar no julgamento da mãe por esta ter matado o pai, mas talvez ele seja a testemunha que fará toda a diferença...

— Vamos ter de esperar para ver. É uma pena que seja aquele palhaço do Flynn; não vai facilitar-nos a vida. Mas posso tentar pedir-lhe. Se parecer que estou a tentar descobrir outra coisa, talvez consiga algo. Bom, é melhor ir mudar de roupa — digo, começando a andar em direção ao vestiário do tribunal.

— Queres ir tomar um café? — pergunta-me o Patrick, num tom descontraído. Está a olhar para todo o lado menos para mim.

Faço uma pausa. Penso.

— Sim — respondo, virando-lhe as costas e dirigindo-me para o vestiário.

Quando saio, está à minha espera à porta e caminhamos lado a lado até a um café perto de Ludgate Circus.

Discutimos o processo judicial da Madeleine, o processo judicial de violação e um importante julgamento de drogas que o Patrick vai começar em breve. O silêncio está à espreita, ambos fazendo um grande esforço para evitar que se instale. Se nos calarmos, se fizermos uma pausa no ruído e nos entreolharmos durante mais do que um milésimo de segundo, sabe-se lá o que poderá acontecer. Talvez me incline para a frente e lhe toque na face, ou talvez ele pegue na minha mão e a beije, talvez nos levantemos e saiamos do café em direção ao apartamento

dele, onde faremos sexo sem sequer pararmos para nos questionarmos por que razão tentámos acabar com isto. Sinto um sufoco na parte de trás da garganta que tento ignorar, bebendo tragos de água de 30 em 30 segundos. Ele está a meio de uma história sobre um julgamento de armas que vai acontecer para a semana, em Nottingham, quando o meu telemóvel emite um som. É nesse momento que paramos e nos entreolhamos, a discussão que tivemos duas semanas antes prestes a desabar-nos em cima.

— Não vais ver o que é? — indaga.

Hesito. Se for algo desagradável, não quero ver. Estamos quase a entender-nos. Mas, por outro lado, talvez seja importante. Talvez esteja relacionado com a Matilda. Saco do telemóvel e olho para o ecrã. É do Carl.

«A minha mãe convidou-nos para ir lá passar uns dias. Tendo em conta a situação atual, parece-me o melhor a fazer. Vou levar a Matilda. Voltamos para a semana.»

Pisco os olhos e respondo.

«Então e a escola? Ainda é só quinta-feira.»

Não recebo resposta durante uns minutos, mas vejo os três pontos animados no meu telemóvel que mostram que está a escrever. Então recebo-a.

«Não faz mal ela faltar um dia à escola. Vai fazer-lhe bem estar com a avó.»

Sou invadida por um ataque de fúria. Começo a responder. Paro. Não vale a pena. Já sei que quando o Carl toma uma decisão como esta está mais do que decidido. Digito uma resposta diferente da que tinha começado a escrever.

«Tens razão. Espero que se divirtam. E que possamos resolver as coisas quando regressarem. Amo-vos.»

Ele responde.

«Sei que pensas que amas. Vemo-nos no domingo à noite.»

Fico irritada, é uma inesperada facada nas costas. Fito o ecrã por momentos e depois desligo. Não há mais nada a dizer.

Enquanto estou a lidar com isto, o Patrick recebeu uma chamada. Perdi o início da conversa, mas, assim que guardo o telemóvel, registo o que ele está a dizer, um clique do outro lado da chamada a preencher o que falta.

— Não, nada disso... Um mal-entendido... Bem, lamento que ela se tenha sentido dessa maneira... — O rosto dele está tenso, os olhos concentrados em algo na parede, embora, quando espreito por cima do ombro, não veja nada. — Foi claramente um mal-entendido... Sim, sabes que jamais... Não, não foi esse o caso... Está bem, eu falo com ela, para esclarecermos tudo.

Ele desliga sem se despedir, o maxilar tenso.

— Está tudo bem? — pergunto.

Ele olha para mim como se não me visse e depois o rosto descontrai-se.

— Sim, sim, está tudo bem. Uma das minhas clientes está chateada. Aconselhei-a a declarar-se culpada e ela não ficou contente. Sabes como é que eles são. Bem, e contigo, está tudo bem? Não era uma daquelas mensagens que tens recebido?

— Não, era do meu marido. Não recebo dessas mensagens há algum tempo. Desde que falámos sobre elas, aliás.

— Ainda bem. Desculpa não ter sido mais... prestável. — Emprega a palavra com cuidado.

— Tudo bem. Mexeu-me com os nervos, foi só — replico.

— É claro que sim. Ouve, Alison, podemos tentar levar isto avante mais uma vez? Seja lá o que isto for?

Por momentos sinto-me dividida. Então visualizo o Carl e a Matilda, os rostos deles juntos, e, de uma forma muito consciente, encolho-os cuidadosamente na minha mente, guardando-os numa pequena caixa que escondo no recanto mais longínquo. Estendo a mão para o Patrick e ele aceita-a.

— Vais trabalhar esta tarde? — pergunto.

— Agora já não — replica ele, puxando-me para si.

I4

— Não vás — diz-me o Patrick, agarrando-me o braço.

— Tenho de ir. Não quero correr riscos.

— Quais riscos? Disseste que eles estavam fora. — Ele senta-se na cama e agarra-me também o outro braço. Liberto-me dele.

— Acho melhor ir-me embora. Podemos sempre encontrar-nos amanhã.

— Amanhã posso estar ocupado. — Ele soa amuado.

— É contigo. — Levanto-me da cama onde me sentei ao lado dele para me despedir com um beijo. Não me quero ir embora, mas são quase 23 horas. Estamos na cama do apartamento do Patrick desde que chegámos, às 14, tendo-nos levantado apenas para urinar e, no caso do Patrick, para, de tempos a tempos, ir buscar vinho e pedaços de presunto à cozinha. Aproximo-me do espelho e arranjo o cabelo, limpando o rímel esborratado dos olhos.

— Estou a brincar. É claro que não vou estar ocupado. Porque é que não cozinhas para mim em tua casa? — sugere-me.

Viro-me rapidamente para trás, alarmada com a sugestão. Ele nunca demonstrou qualquer interesse na minha vida pessoal, mantendo-me devidamente compartimentada tal como eu fiz hoje com a minha família. Nunca sequer comentou as minhas estrias, essa minha prova de maternidade.

— Fazer-te o jantar? Na minha casa? — limito-me a repetir.

— Sim. Eu cozinhei para ti. Agora é a tua vez. Se a casa está vazia, porque não?

Ocorrem-me tantos motivos que nem sei por onde começar. A

coexistência é uma coisa, os percursos dele e do Carl em paralelo. A justaposição é outra completamente distinta. O Patrick a comer nos nossos pratos, a beber dos nossos copos... Veria as fotografias da Matilda, a nossa foto de casamento de uma altura em que ainda suportávamos tocar-nos. A mera ideia provoca-me calafrios, os pelos eriçam-se-me nos braços. Torno a olhar para o espelho e mexo um pouco mais no rosto, para ganhar tempo.

— Não sei se será boa ideia — replico, por fim, consciente da debilidade da minha resposta.

— É uma excelente ideia. Já me viste na minha casa; eu quero ver-te na tua. Quero conhecer-te melhor, Alison. Saber tudo sobre ti. Meu Deus, nem sei se sabes cozinhar! Andamos a dar quecas há mais de um ano e nunca me cozeste um ovo sequer — exclama, levantando-se da cama e aproximando-se para pôr os braços à minha volta.

— Não sei se cozer ovos será a nossa cara — respondo-lhe.

— E se eu quiser que seja?

A cabeça dele está junto à minha, o queixo dele no meu ombro. Sorri para mim no espelho e a tentação é demasiado forte. O calor do seu olhar é diretamente proporcional ao desdém que vejo no Carl, e não sou capaz de resistir. Adoraria cozinhar para alguém que não rejeitará a minha comida.

— Se eles estiverem realmente fora. Posso confirmar-to amanhã? — pergunto.

Ele vira-me e abraça-me como deve ser.

— Sim, claro. Avisa-me quando e onde. Eu como tudo.

— Não sou grande coisa na cozinha; não te entusiasmes.

— Deixa que seja eu a avaliar isso.

Beija-me e eu retribuo, até que se torna evidente que isso nos vai conduzir novamente à cama. Liberto-me.

— Vou para casa. Ligo-te amanhã de manhã.

— Mal posso esperar. — Torna a beijar-me, mas dessa vez deixa-me ir.

A casa está vazia quando chego. É a primeira vez que fico sozinha

desde que a Matilda nasceu. Largo o casaco no corrimão do átrio e deixo a mala junto à porta da frente. Subo ao primeiro andar para mudar de roupa, entro no quarto da Matilda e sento-me na cama pequena. Ela deixou ficar o elefante cor-de-rosa, o brinquedo que lhe comprei na semana em que nasceu. Desde essa altura que nunca se separou dele. Até hoje, ao que parece. Ao examiná-lo mais de perto, vejo que o pelo perdeu a macieza e que o enchimento está cheio de altos. Levo-o ao rosto e quase vomito por causa do cheiro que emana, a leite azedo. Sinto-me tentada a pô-lo na máquina de lavar, já que a Matilda não está aqui para argumentar, mas resisto a essa vontade — as coisas já estão tremidas o suficiente; não vou tirar o cheiro do brinquedo dela nas suas costas. Torno a pousar o elefante cor-de-rosa em cima da almofada dela.

Fecho os cortinados da casa e apago as luzes, verificando se a porta das traseiras se encontra fechada. Por norma, é o Carl que faz estas coisas. Sinto-me desestabilizada, deambulando pelas divisões com a sensação de ter ficado sem travões. Mas a ideia de mostrar a minha casa ao Patrick é entusiasmante. Quero que ele goste dela, que me perceba melhor através dos títulos dos livros nas estantes. Troco alguns, mudando a coleção *Crepúsculo* para trás e trazendo para a frente uns Díaz e Pelecanos, *Visão Adaptada ao Escuro*, da Barbara Vine. Olho para a nossa fotografia de casamento — não é má, não me importo que esteja à vista, embora o meu queixo já tenha sido visto de melhores ângulos.

A foto em que estou com o Carl e a Matilda a sorrir entre nós desperta-me a atenção; tiro-a da estante e contemplo-a durante uns segundos. Parecemos tão felizes, os pais orgulhosos, tão mais novos do que agora. Dou uma volta pela casa e tiro todas as fotografias da Matilda, empilhando-as num armário na sala de estar. Quero que o Patrick me veja como sou, mas não tudo. Ainda não. Um dia talvez, mas ainda não chegámos lá. Este já é um passo gigante, e sabe-se lá onde irá dar.

Já passa da meia-noite e enfito-me na cama, estendendo-me no meio do colchão. Durmo profundamente sem a preocupação constante de evitar tocar no corpo do Carl, acordando somente quando o despertador apita às 7 horas.

A primeira coisa que faço é enviar uma mensagem ao Carl. «Cheia de saudades dos dois. Como é que estão? Beijos.»

Ele demora algum tempo a responder, mas acaba por o fazer.

«Tudo bem. Hoje vamos à praia e amanhã a um castelo.»

O laconismo incomoda-me, mas, em contrapartida, é sinal de que não faz tenção de regressar a casa de surpresa. Respondo: «Divirtam-se», e afasto-o da mente. Mas não a Matilda. Penso na maneira como a apaguei da própria casa e sinto um nó na garganta que depois se estende ao meu peito. Ela merece melhor do que isto. Não tenho o direito de tratar o lar dela desta maneira, fingir que ela não existe. Pego no telemóvel e ligo ao Carl, ansiosa para falar com ela. Ele não atende. Tento novamente e mais uma vez ele não atende.

«Estamos a sair de casa. Já te tinha dito. O que queres?», escreve-me o Carl.

«Quero falar com a Matilda.»

Ele responde.

«Não há tempo para isso. Além de que a iria deixar triste. Para de ser tão egoísta.»

Apetece-me ligar-lhe outra vez e insistir para que lhe passe o telemóvel, mas ele tem razão; não quero que ela fique triste. Sei que vai gostar de andar a passear com o pai e a avó. É melhor não fazer um grande alarido em relação ao facto de ela estar fora — tenho a certeza de que regressarão no domingo, e então poderei abraçá-la e conversar com ela sobre tudo o que andou a fazer. Esfrego o rosto e tento afastar o sentimento de culpa da mente. Tenho um julgamento e preciso de planear uma refeição.

Penso nisso durante a viagem de autocarro até Holborn e enquanto subo a rua em direcção ao Old Bailey. Borrego. Foi o que o Patrick cozinhou para mim. Portanto, não pode ser borrego. Estou a *googlar* como uma louca, tentando encontrar alguma coisa que consiga confeccionar e que ao mesmo tempo o impressione. Que o seduza, até. O oficial chama-me três vezes antes de eu perceber que é comigo, e o pedido de caução que estou a fazer como favor a um colega não é dos

meus melhores. É aceite, contudo, e lembro-me inclusivamente de tratar a juíza por meritíssima. Não me importo de estar novamente no Bailey hoje — é uma coisa rápida; depois disso deixo os documentos no escritório e recolho a papelada para o meu julgamento da semana que vem. Tenho o resto do dia para planear a comida e para me preparar.

Apanho a Piccadilly Line até à estação de Holloway Station e vou ao Waitrose. É o Carl que costuma tratar das compras, deslocando-se pelos corredores qual profissional, minimizando a distância entre os condimentos e os cornflakes com uma lista cuidadosamente planeada. Demoro três vezes mais tempo do que ele. Primeiro, vou ao talho e contemplo as diferentes peças, o sangue que escorre fazendo-me lembrar o meu almoço com a Madeleine. Mas a comida era boa, e uso isso como inspiração. Pego em dois bifes pré-embalados e dirijo-me para a zona das frutas e legumes, para comprar morangos e espargos. Que se lixe o comprar a fruta da época, vai ser bom. Regresso ao corredor dos congelados para comprar batatas fritas e, sem conseguir lembrar-me se temos maionese em casa ou não, vou buscar um frasco também. Por fim, regresso ao corredor dos frios e compro mousse de chocolate em embalagens individuais. O Patrick não deve estar à espera de que também prepare uma sobremesa.

— Não era preciso teres-te arranjado de propósito — diz-me o Patrick, assim que abro a porta.

— Não o fiz.

— Não me digas! — Mas está a rir-se, e inclina-se para me beijar.

Depois do fim de semana anterior não tenciono voltar a arranjar-me para ninguém. É contraproducente. O melhor sexo que fiz, no meu tempo de estudante, foi quando nem sequer estava arranjada, tinha as minhas piores calças e as pernas por depilar. Deveria ter-me lembrado disso antes de enfiar as minhas curvas no vestido que o Carl tanto desdenhou. Por isso, agora trago calças de fato de treino e uma t-shirt velha, sem soutien, os braços à mostra. Mas, para ser sincera, perdi algum tempo no rosto, aperfeiçoando uma maquilhagem de aspeto

natural que, na verdade, implica utilizar a maior parte dos meus produtos cosméticos.

O Patrick entra e fecha a porta com força atrás dele. Puxa-me o colarinho da t-shirt até esta se rasgar na costura. Atira os pedaços para o chão. Em seguida, vira-me contra a parede e baixa-me as calças de fato de treino. Fazendo força nas minhas costas com uma mão, desaperta a braguilha com a outra. Então cospe na mão e esfrega-a em si, para depois se introduzir dentro de mim, ignorando o meu arquejo de dor inicial. No espaço de poucos segundos termina. Sai de dentro de mim, vira-me para ele e beija-me.

— Passei o dia todo a pensar nisto — diz-me, por fim.

Estou sem fôlego, sem saber o que sinto em relação ao que acaba de acontecer. Não digo nada, porém. Ciente de que tenho as cuecas enroladas nos tornozelos, puxo-as para cima, juntamente com as calças de fato de treino. Pego nos pedaços da t-shirt, mas já não tem arranjo.

— Pensava que vinhas cá para jantar — digo-lhe.

— E vim. E para comer a sobremesa. E um aperitivo.

— Vou vestir outra t-shirt — respondo, afastando-me.

Piso algo aguçado e apanho-o do chão; uma pequena peça de lego que me escapou durante a limpeza. Olho para ela, a Tilly na minha mente. Sinto-me cada vez menos à vontade a representar o papel de amante na casa da minha filha. O Patrick está a tentar tomar posse, insistente.

— Não vás. Gosto de ti assim. — Baixa-me novamente as calças de fato de treino, mas deixa as cuecas.

— A cozinheira despida? Não te parece um cliché? — Afasto-o de mim, mas deixo as minhas calças de fato de treino no chão.

— Não há mal nenhum num cliché. Anda, vamos beber qualquer coisa. — Estende-me um saco de plástico com garrafas que nem reparei que trazia com ele.

Conduzo-o à cozinha, com o saco de garrafas na mão, consciente do meu estado despido, mas tentando ignorá-lo. Desde que a Matilda nasceu que deixei de andar nua, a combinação da presença dela e dos efeitos da idade impedindo-me de andar pela casa sem a proteção de um

pijama velho e uma camisola polar enorme que roubei ao Carl num Natal. As luzes da cozinha estão acesas e estou muito consciente do facto de os vizinhos puderem estar a assistir a este espetáculo. Quer dizer, estamos em Londres, mal falamos uns com os outros, mas e se um deles, ao ver o Carl uma manhã, mencionasse o espetáculo que eu lhes apresentei? O Carl ficaria aborrecido? Pego num avental pendurado no fogão e ponho-o.

— Medricas — diz o Patrick.

— Vou fazer um guisado. Não me quero queimar — respondo-lhe com dignidade, acercando-me da porta da cozinha e desprendendo os cortinados. Nunca os fechamos. Pó e traças voam das dobras, mas pelo menos estou resguardada.

Enquanto o faço, ouço o Patrick a vasculhar as gavetas. Quando me viro, já tem um saca-rolhas na mão e uma garrafa aberta. Vou buscar os copos ao guarda-louça, estendo-lhos e ele enche-os.

— Saúde — diz, e fazemos um brinde. — O que vamos comer? Para além do bife?

— Legumes e batatas no forno. Eu disse-te que não era grande cozinheira.

— Tenho a certeza de que estará ótimo. — Ele tem excelentes maneiras, tenho de admitir. Pelo menos quando está para aí virado.

Deambula até à sala de estar, enquanto ligo o forno e ponho as batatas num tabuleiro. Quando regressa, traz a nossa fotografia de casamento na mão.

— Então, é este o teu marido?

— Sim. Obviamente. — Sente-se um peso no ar que não existia antes. Entreolhamo-nos por momentos e depois ele leva novamente a fotografia para a sala de estar. Ouço o som de ele a pousar a moldura na estante. — Já sabias que eu era casada — digo-lhe.

— Sabia. E sei.

— Ralhaste comigo por não ter gostado que andasses a sair com outras pessoas. — Não quero trazer à baila a nossa discussão, mas tem de ser dito.

Ele suspira.

— Está bem, não vamos voltar a esse assunto. Desculpa ter estragado o ambiente. Não pensemos mais nisso por agora. Longe da vista, longe do coração, certo?

Para ti é fácil falar, penso, mas não discuto. Ponho as batatas no forno e corto as pontas dos espargos.

Vinho. Bife. Mais vinho. Batatas demasiado assadas afastadas para o lado. Mais vinho. Estamos deitados no sofá, a comer mousse de chocolate à vez. Ele empurra-me delicadamente para o chão e agora demora-se, percorrendo o meu corpo de cima a baixo. Tento descontraí-me, demasiado consciente dos estragos que possa fazer na alcatifa com a mousse que começou a espalhar no meu corpo e de como os irei justificar ao Carl.

— Ei, descontraí-te. Pensava que irias gostar — diz-me, erguendo a cabeça. O rosto dele está coberto de chocolate e só me apetece rir. Suprimo uma risada e acabo por soltar um ronco. Ele sorri. — É isso mesmo — incita-me, numa voz satisfeita, e depois continua o que estava a fazer.

Fecho os olhos, querendo entregar-me ao momento. Mas a textura da alcatifa crava-se-me nas costas e a mousse faz-me comichão na barriga. Abro os olhos e olho em redor da sala, as luzes do televisor e do leitor de DVD a piscarem vermelhas no canto. Não o quero afastar de mim e sei que sou eu que preciso de me descontraí, mas não sou capaz. Empurro-lhe a cabeça.

— Não me apetece — digo-lhe. — Desculpa; não consigo descontraí-me.

Ele paira por cima de mim, com um sorriso.

— Eu descontraio-te. Tens é de me deixar fazê-lo. — Recomeça, mas torno a empurrar-lhe a cabeça. Segura-me as mãos, uma em cada mão sua. Assim que as tem fixas, encosta os meus braços no chão. Está a fazer imensa força, e a magoar-me as mãos e os ombros. Mexo-me de um lado para o outro, tentando libertar-me, mas pouso o corpo em cima

das minhas pernas e não me consigo mexer. Está a estimular-me com a cabeça, os dentes e a língua e a magoar-me, e tento mexer as pernas e as mãos, mas não consigo e ele não para. Ele ergue a cabeça. — Vou fazer-te desfrutar — diz-me.

— Para — peço-lhe, tentando libertar-me, mas de nada serve; continua a lamber com mais entusiasmo, até que me larga a mão direita e enfia os dedos com força dentro de mim. Magoa-me ainda mais. — Para com isso — grito-lhe, e, ignorando o sofá e a alcatifa e o chocolate, consigo rebolar para o lado, embatendo nas pernas da mesinha de apoio. Ponho-me de pé, a coxa e o ombro a latejarem devido ao impacto. Ele levanta-se também e, por instantes, acho que vai agarrar-me novamente, mas então ergue as mãos no ar, num gesto de rendição, e recua.

— Desculpa, Alison. Desculpa. Pensava que irias gostar — diz-me.

— Pensaste mal.

Há uma manta nas costas de uma das poltronas e pego nela para me tapar. Acendo a luz e avalio os estragos na sala. Há uma longa mancha castanha na alcatifa. Sento-me pesadamente no sofá.

— Desculpa — digo-lhe. — Não queria estar tão tensa. Talvez seja o facto de estar aqui, em minha casa...

— Não tens de pedir desculpa. Eu é que deveria ter parado quando me mandaste. Entusiasmei-me — justifica-se. Senta-se ao meu lado no sofá e estende-me a mão. Passados uns segundos aceito-a, segurando-a frouxamente. — Mas dantes não me mandavas parar.

— Nunca senti necessidade de o fazer. Mas agora não estava bem — respondo-lhe.

— Desculpa — torna ele a dizer, e por momentos ficamos sentados de mãos dadas.

Um bip do meu telemóvel soa na cozinha, interrompendo o silêncio.

— É melhor ir ver quem é. Pode ser... — Não termino a frase.

Ponho-me de pé e pego no telemóvel. É uma mensagem. De um número desconhecido. Exatamente o que eu precisava agora, para ajudar à festa.

«Sua grande vaca.»

Fantástico. Estendo-lhe o telemóvel e ele pega nele, lendo as palavras.

— Francamente, porra! Não vais levar esta merda a sério, pois não? — pergunta-me.

— Como assim? Não o estou a levar de maneira nenhuma. Estou é saturada disto.

Ele torna a olhar para a mensagem e apaga-a, desligando em seguida o meu telemóvel e pousando-o em cima da mesinha de apoio.

— Podemos não pensar em nada disso esta noite? Seja lá de quem for, não interessa. É irrelevante. É só ruído.

Sento-me na poltrona diante dele, cobrindo as pernas com a manta. Começo a sentir frio.

— Não é irrelevante. Não posso simplesmente ignorá-lo.

— Podes, sim. Se escolheres fazê-lo — responde. — Seja lá quem for, está à procura de uma reação. Não lhe dê essa satisfação.

— Pareces alguém a falar com o filho por causa dos *bullies* no recreio — digo-lhe.

— E depois? Não quero estragar esta noite.

— Quem diz que não está já estragada? — Olho novamente para a alcatifa manchada.

— Repito, só se permitires que fique estragada. Já te pedi desculpa. Entusiasmei-me.

— Isso não é grande desculpa.

— É o melhor que posso fazer — replica, pondo-se de pé. Ajoelha-se no chão ao meu lado e põe os braços à minha volta, e acabo por me entregar ao abraço dele. A coisa fica meio no ar, mas não suporto ter uma discussão. Ele parou realmente e talvez eu estivesse demasiado tensa. — Vamos lá recomeçar. Vou buscar mais vinho.

Ele vai à cozinha. Torno a ligar o telemóvel. O Carl enviou-me uma mensagem enquanto estive desligado, para me mandar uma fotografia da Matilda e da mãe dele a fazerem um bolo juntas. A Matilda parece mesmo feliz, as mãos cheias de farinha e chocolate à volta da boca. Sou acometida por uma saudade imensa dela e, quando a intensidade dessa

sensação esmorece, sinto-me vazia, despojada de tudo o que é bom e puro. Estou sentada, praticamente nua, na minha sala de estar, na sala onde a Tilly brinca e vê televisão, à espera de um homem que não compreende que não deve continuar a andar atrás de mim. Se eu fosse uma das minhas amigas, estaria a gritar comigo própria neste preciso momento, dizendo-me para deixar de ser uma cabra parva e egoísta. A única imundície que deveria estar a fazer com chocolate era com a minha filha. Sinto um aperto no peito e o meu maxilar fica tenso, lágrimas escorrendo-me dos olhos.

O Patrick regressa à sala com dois copos de vinho. Senta-se ao meu lado no sofá. Levanto-me e sento-me na poltrona.

— Mas que porra, Alison. Já te pedi desculpa. — Bebe o copo de vinho de um trago.

— Não é isso — respondo.

— Não me digas: estás novamente com sentimentos de culpa.

— Ouve, Patrick, é complicado — começo por dizer, mas ele já saiu da sala, regressando com a garrafa de vinho na mão. Enche o copo dele, entornando um pouco de vinho na alcatifa, para acrescentar às outras nódoas.

Bebo o meu vinho. O silêncio instala-se entre nós. Sinto que estou a contemplar-nos de longe, empoleirada algures no canto da divisão, observando dois estranhos.

O Patrick inspira profundamente.

— Queres um cigarro? Trouxe-os comigo — diz.

— Não, obrigada.

Segue-se uma longa pausa.

— É melhor eu ir embora. — Aconchego mais a manta à minha volta. — Como é? — questiona. — Queres que fique?

— Patrick...

— Costumas gostar à bruta — diz-me, numa voz amuada.

— Acho que é por estar aqui em casa — replico. — Desculpa. Não foi minha intenção dar cabo do serão.

Ele inclina-se para a frente e toca-me no joelho. Tento não me retrair.

— É óbvio que isto é demais para ti. Vou-me embora. — Põe-se de pé.
— Lamento, Alison. Foi um erro ter vindo aqui. Esta é a tua casa, a casa da tua filha; eu não deveria estar aqui.

Sigo-o enquanto recolhe as peças de roupa dele pela casa. Assim que reúne tudo, veste-se. Fico especada no meio da sala a observá-lo, a manta apertada à minha volta. Estou a fazer um esforço imenso para não chorar, sentindo um nó cada vez mais apertado na minha garganta, a boca trémula. Quero que se vá embora, mas ao mesmo tempo também quero que fique e, se abro a boca, vou irromper num mar de lágrimas.

Agora está pronto, casaco vestido, atacadores apertados. Com o saco na mão, aproxima-se de mim e beija-me na testa.

— Depois ligo-te.

E, posto isso, retira-se. Sinto uma corrente de ar frio quando abre e fecha a porta da entrada. Continuo parada no mesmo sítio. Assim que o nó na garganta afrouxa, sirvo-me de um pouco de vinho. Apago as luzes no piso de baixo e preparo um banho de imersão. Sinto as mãos transpiradas e os pés gelados. Deixo-me estar dentro da banheira durante imenso tempo, submergindo a cabeça na água. Tenho os ouvidos cheios de água e não ouço nada, exceto o som da canalização quando o aquecimento central se desliga. Quando me levanto, a água está morna e tenho os dedos encarquilhados e azulados. No piso inferior o meu telemóvel toca e toca, mas enfio-me na cama e encolho-me numa bola, a minha cabeça molhada em cima da almofada.

Não me parece que consiga adormecer, mas o sono surge com facilidade, ondas de sonolência arrastando-me com elas. O telemóvel continua a tocar, mas o som entra-me no cérebro qual canção de embalar. Não sei quantas mais vezes toca nessa noite; estou completamente abstraída, o Patrick e o Carl palmilhando os meus sonhos ao ritmo desse toque.

O Carl e a Matilda regressam a casa no domingo. A Matilda agarra-se a mim como uma lapa, mostrando-me os desenhos que fez no fim de semana. O Carl parece indiferente, respondendo apenas a perguntas diretas e, mesmo assim, num tom seco. A casa está um brinco, certifiquei-me disso, cada superfície esfregada até à exaustão ao longo dos dois dias que passei sozinha, as fotografias da Tilly de volta aos seus lugares habituais. Cozinhei frango e massa com queijo, e ela come tudo rapidamente. Não lhe lembro o seu interesse temporário pelo vegetarianismo, aliviada por lhe ter passado tão depressa. O Carl também come, enfiando a comida na boca sem olhar para o que ingere. E sem provar, quase de certeza, mas pelo menos não a critica.

Dou um banho à Matilda e leio-lhe uma história depois do jantar. Assim que o Carl acaba de comer, senta-se pesadamente no sofá da sala de estar e abre o portátil. Pergunto-lhe se quer ajudar-me com a Matilda e resmunga algo ininteligível, sem sequer se virar para mim. Presumo que seja uma recusa. Ela abraça-se a mim enquanto lhe escovo o cabelo e o seco, e antes das 20h30 já está a dormir. Sinto-me tentada a deitar-me também, temendo as horas de tensão entre mim e o Carl que decerto se seguirão. Paro no cimo das escadas e mentalizo-me.

— Parece que o fim de semana foi bom, então — digo-lhe, sentando-me diante dele na sala de estar. A mancha castanha na alcatifa já quase não se nota; passei imenso tempo a limpá-la no sábado, camada sobre camada de *Vanish* para lavar todo e qualquer vestígio do que aconteceu na sexta-feira à noite. Forço-me a não olhar para o contorno que ficou, apesar de, tendo em conta a atenção que o Carl me está a prestar, não

haver necessidade disso. — O fim de semana foi bom? — insisto, uma vez que ele ainda não respondeu.

— O quê? Ah, sim. Foi bom sair um pouco daqui — responde-me, sem tirar os olhos do computador.

Apetece-me arrancar-lho das mãos.

— As fotografias que mandaste estavam muito giras. — Estou decidida a não me deixar demover.

— Sim, sim — replica.

O que quer que esteja a ver no ecrã parece ser realmente interessante.

— Podes olhar para mim, Carl?

— Estou só a tentar trabalhar um pouco... — começa por responder, mas interrompo-o tirando-lhe o portátil das mãos. Ele tenta agarrá-lo, mas fecho-o e pouso-o na estante ao meu lado.

— Dá-me o portátil — ordena-me. Está furioso. Mas, pelo menos, olha para mim.

— Não. Precisamos de falar.

— Não, não precisamos. Devolve-me o portátil — diz-me.

Põe-se de pé e dirige-se para a estante, mas sou mais rápida do que ele. Pego no aparelho e encosto-o ao peito. Vai ter de mo tirar.

— Não me obrigues a magoar-te — diz-me. Ao que parece, está a falar a sério, pois agarra-me os braços e tenta afastá-los com força.

— Mas que raio estás a fazer?! — Liberto-me dele com um safanão do cotovelo.

— Devolve-me o portátil — grita-me, mesmo na cara.

— Toma lá a merda do portátil. — Viro-me de lado e pouso-o no chão, empurrando-o com força para longe de mim. Este desliza na alcatifa e embate na parede.

O Carl corre atrás do portátil e pega nele com todo o cuidado, tornando a sentar-se no sofá e ligando-o.

Levanto as mangas da camisola e vejo marcas vermelhas nos braços.

— Deixaste-me marcas — digo-lhe. Ele não ergue o olhar. — Carl, magoaste-me a merda dos braços. Olha para mim, porra. — Estou tão chocada com o carácter físico da reação dele que nem me importa se o

estou a irritar.

Por fim, ele olha para mim.

— Não tinhas nada de mo tirar das mãos.

— Temos de conversar. Tu não falas comigo. Nunca me magoaste antes e andas a comportar-te como se não quisesses saber de nada. — Contra a minha própria vontade desato a chorar, as minhas palavras saindo-me num chorrilho incoerente.

— Não sei o que mais haverá para dizer — responde-me.

— Vamos separar-nos? Queres o divórcio? — Agora estou a soluçar.

— Alison, eu... — Talvez esteja prestes a dizer algo profundo, mas cala-se. Está a olhar para a porta.

Fico à espera de que continue a falar, os meus soluços agora mais calmos, e depois vejo o motivo por que se calou. A porta está a mexer-se, só gradualmente, mas do outro lado chega-nos o som ligeiro de choro. Ele aproxima-se da porta e abre-a, e vejo a Matilda agarrada ao elefante cor-de-rosa, o rosto franzido. O Carl pega-lhe ao colo e ela encosta-se ao ombro dele.

— Vocês vão divorciar-se? — pergunta, quando está finalmente mais calma para conseguir falar.

— Não — respondemos-lhe em uníssono.

— Ouvi-vos a discutir. Vim cá abaixo e ouvi a mamã dizer divórcio. Detesto quando discutem. Por favor, parem. — Ela recomeça a chorar.

Tenho a sensação de que alguém enfiou a mão dentro de mim, me agarrou as entranhas e está a torcê-las lentamente. Sinto uma dor no peito, um nó que se dissemina sob a forma de gavinhas de frio. O Carl também parece afetado, a indiferença do seu rosto substituída por preocupação em relação à Matilda. Senta-se com ela em cima dos joelhos e abraça-a.

— Carl, temos de conversar. Olha o que isto está a fazer à Matilda. A todos nós. — Agora estou a suplicar-lhe, mas não me importa. Algo tem de quebrar este impasse.

Ele recosta-se na cadeira. A Matilda encosta-se a ele. Há uma expressão no rosto do Carl que não consigo decifrar — derrota, talvez.

Ou, possivelmente, apenas exaustão.

— Está bem, vamos conversar. Mais tarde — responde-me. Em seguida, vira a Matilda em cima dos joelhos até ela ficar virada de frente para ele. — Tilly, querida, lamento que nos tenhas ouvido a discutir, mas neste momento a mamã e o papá não estão a dar-se muito bem. Não quer dizer que nos vamos divorciar, mas estamos a ter algumas discussões. Sabes quando discutes com a tua amiga Sophie na escola?

Ele continua a falar com a Matilda, mas não sou capaz de me concentrar nas palavras dele. Só ouço o final.

— ... Mas vamos resolver os nossos problemas porque somos os teus pais e amamos-te muito — diz ele, incluindo-me na conversa.

Assinto com a cabeça, aproximo-me e ajoelho-me ao lado deles. Ponho o braço à volta da Matilda, tentando, sem sucesso, tocar no Carl. Ele não recua, e sinto que é um começo.

— É verdade, querida. Nós amamos-te mesmo muito — digo.

Conseguimos que se acalme e depois levamo-la para a cama dela, ficando no quarto até ela adormecer, a sua respiração profunda. O Carl regressa ao piso de baixo e sigo-o devagar, na esperança de que talvez agora converse comigo.

— É por isso que é tão importante, Carl. Pela Matilda. Não apenas por nós. Temos de resolver isto por ela. Não concordas? — pergunto-lhe. O olhar dele transmite hostilidade. Ou talvez esteja apenas na defensiva. Tenta avaliar a minha sinceridade. Percebo a posição dele. — E lamento o que aconteceu no fim de semana passado. Quando fomos para fora. Não era minha intenção beber tanto; não sei o que aconteceu.

— Nunca sabes... — A voz dele soa baixo, mas ouço as palavras com toda a clareza.

— Poupa-me. Estou a fazer um esforço. Estou mesmo arrependida. Vou dar o meu melhor.

— Pois, mas não chega. Já disseste isso muitas vezes. — Recosta a cabeça no sofá, fechando os olhos. Parece derrotado.

— Dá-me só mais uma oportunidade. Temos de tentar resolver isto, pelo bem da Matilda — digo-lhe.

Suspira e abre os olhos, olhando diretamente para mim pela primeira vez desde que voltaram da casa da mãe dele. Aliás, a primeira vez desde que me deixou em Brighton.

Entreolhamo-nos durante algum tempo, mas ele é o primeiro a desviar o olhar.

— Estou cansado, Alison. Completamente saturado de todo este drama. Quero que as coisas sejam tranquilas e sem confusões. Quero continuar a fazer o meu trabalho e a tomar conta da nossa filha sem todo este... espetáculo a toda a hora — desabafa.

— E eu também quero isso. Foi sempre isso que eu quis — replico.

— Eu sei que pensas que sim. — A voz dele soa quase simpática. — Mas, neste momento, não acredito que seja verdade. Tu não sabes o que queres. E isso está a dar cabo de nós.

Deve estar a referir-se a outra coisa, pois sei que é impossível que tenha conhecimento do Patrick, mas o meu coração dá um salto, e sinto a língua espessa e seca. Então, sou acometida por um pico de adrenalina.

— Mas não sou só eu. Tu também não me tens ligado nenhuma nos últimos anos. Nomeadamente, desde o verão do ano passado. Foste tu quem deixaste de querer foder. Deixaste-o bem claro mais do que uma vez.

— Lá está, Alison, é exatamente a isso que me refiro. Porquê chama-lhe «foder»? Nós deveríamos estar a fazer amor. Não vou «foder» a minha mulher — diz ele, a cabeça inclinada para o lado, a expressão revelando preocupação por eu ser tão parva, tão descuidada com a linguagem. Tão grosseira.

— Foder ou fazer amor, chama-lhe o que quiseres; foste tu quem perdeu o interesse há dois anos. Sabes perfeitamente que sim. Disseste que andavas stressado e depois acabou-se. Não me podes culpar disso.

— O casamento é muito mais do que sexo. É toda uma construção. Somos companheiros nesta viagem, Alison, e viajamos juntos para proporcionar a melhor vida à nossa filha. — Sorri. Tenho a sensação de que está prestes a dar-me uma pancadinha na cabeça.

— Podes parar de me chamar Alison? Francamente, porra! — Estou farta.

— Não grites. Vais assustar a Matilda.

Suprimo um grito e dou um soco no braço da poltrona, com força. Magoo-me. Agarro a mão e entreolhamo-nos, e por momentos ele parece que vai desatar a rir-se, o absurdo da nossa posição dissipando toda a agressividade. Quer dizer, somos *nós*, eu e o Carl. Passámos juntos a maior parte da nossa vida adulta. Já passámos por tudo e mais alguma coisa. Mas o instante passa e o rosto dele exhibe uma expressão dura.

— Vamos tentar fazer isto resultar, Alison. Pela Matilda. Mas tu vais ter de ser muito mais adulta em relação a tudo isto. Na alegria e na tristeza. Lembras-te?

Na tristeza. Muita tristeza. O máximo da tristeza. Ainda sinto uma bolha de riso na garganta, mas não seria apropriado deixá-la sair cá para fora. O Carl não está com vontade de rir. Não reconheço a expressão no rosto dele, mas depois percebo — agora é o Carl terapeuta, o sobrolho franzido com sinceridade. Afasto a ideia da cabeça. Ele pode ter iniciado uma parte do problema, mas sou eu quem está a dar-lhe continuidade. E sou eu quem anda a foder (sim, sem dúvida a foder) com outra pessoa. Recordo a mim própria que isto é pela Matilda. Vou ser melhor pessoa por ela, melhor mãe e melhor esposa.

— Lembro-me, sim. Na alegria e na tristeza. Faremos com que isto resulte, prometo — respondo-lhe.

Desta vez ele não discute. Após uns segundos estende-me a mão, e aceito-a. Os dedos dele estão frios e, embora eu saiba que as minhas mãos estão quentes e transpiradas, não se retrai. Também não me agarra a mão com força, mas serve.

Não durmo grande coisa, demasiado ciente do Carl a evitar-me no outro lado da cama. Há uma ponte frágil sobre o espaço entre nós, mas não aguenta muito peso. Levanto-me às 6 horas na segunda-feira e vou cedo para os escritórios — não aguento mais discussões. Deixo um

bilhete em cima da mesa a dizer que tive de ir trabalhar, com a palavra «Amo-te» escrita por baixo. Não sei se me refiro à Matilda ou ao Carl. O autocarro está vazio e as ruas desertas — não demoro muito a chegar a Fleet Street. Deveria sair de casa sempre a esta hora. O Temple também está vazio, somente algumas luzes deixando ver os advogados mais dedicados a trabalhar.

Ao passar pelos edifícios escuros, recorro os meus tempos de estagiária — o meu tutor viciado no trabalho que chegava sempre à secretária dele antes das 7, o mais tardar, e era sempre o último a sair dos escritórios no final do dia. Tive outro tutor que às vezes era encontrado a dormir debaixo da secretária, sempre a encorajar saídas até às tantas da noite e muita copofonia. Há 15 anos eu era demasiado ingénua para perceber a semelhança entre os dois homens, vendo apenas as enormes disparidades nas personalidades deles. Agora sei que ambos estavam a tentar evitar ir para casa, tal como eu faço agora. Um fazia-me ir para os copos com solicitadores, o outro mal disfarçava a sua reprovação por eu beber, dirigindo-me a palavra com um desdém pouco camuflado, apesar de utilizar à letra — e de borla — a documentação que eu lhe preparava. Desenvolvi as capacidades de gestão de ressacas e de redigir documentos legais com eles — talvez tenha também assimilado por osmose a capacidade de dar cabo da minha vida pessoal. Talvez seja algo que vem com a peruca e a toga, uma capacidade infinita para paleio da treta que corre bem com os arguidos, mas que cai por terra assim que é aplicado a alguém exterior ao mundo do direito penal.

Chego à porta dos escritórios, afastando esses pensamentos da cabeça. Posso tentar culpar as forças externas, mas isso não altera o facto de o meu casamento estar na merda. O Carl não consegue olhar-me na cara, e começo a ficar cansada da sua perfeição autoproclamada. Pode ter mais jeito do que eu com a Matilda, mas também tem tido mais prática. Anda a brincar aos papás enquanto eu trabalho para pagar tudo e mais alguma coisa. Sinto-me cada vez mais zangada, os pensamentos rodopiando descontroladamente na minha cabeça. Empurro a porta dos escritórios e entro no meu gabinete — a Matilda sorri-me da fotografia

em cima da minha secretária. Ainda não comprei uma moldura nova e sinto uma pontada de culpa que me arrasta para fora da espiral de fúria — a mãe de merda volta a atacar. Deixo-me cair na minha cadeira, pousando a cabeça entre as mãos.

Após uns instantes ouço alguém tossir à porta. Viro-me e constato que se trata do Mark, o funcionário judicial.

— Madrugaste — comento.

— Eu sei. Tenho imenso para fazer esta semana. Ando a criar um novo sistema de arquivo na sala dos funcionários judiciais, por isso achei que faria sentido vir mais cedo hoje. E a doutora? — pergunta-me.

— Não conseguia dormir, por isso vim tratar da papelada. Há sempre alguma coisa para fazer.

— É verdade. Aqui tem mais para ajudar à festa. — Estende-me alguns papéis que tem nas mãos. — Chegaram na sexta-feira.

— Não estive cá — respondo-lhe, com redundância. Ele sabe perfeitamente que não. Calo-me e dou uma olhadela à papelada. É um depoimento da acusação do James, o filho da Madeleine. Com a data de quinta-feira passada. — Quando é que nos facultaram isto? — indago.

O Mark encolhe os ombros.

— Não faço ideia, doutora. Chegou com o último estafeta, por volta das 18 horas, na sexta-feira. Só lhe sei dizer isso. Bem, tenho de ir.

— Sim, claro. Muito obrigada.

Antes de o ler ligo ao Patrick para lhe perguntar quando é que o depoimento chegou e qual a opinião dele em relação ao facto de o James ser testemunha. Não sei se irá atender, uma vez que ainda não são 8 horas, mas atende ao terceiro toque.

— Está tudo bem?

— Sim. Ouve, queria perguntar-te sobre...

— Aquilo na sexta-feira? Ouve, peço desculpa, fui um idiota. Se calhar enervei-me por estar em tua casa — responde-me.

Sou apanhada de surpresa. Não estava nada à espera de um pedido de desculpa. Uma confissão franca e total de idiotice.

— Não era sobre isso que queria falar contigo. Mas obrigada na

mesma. Lamento que tenhas ficado enervado — replico.

— Foi um serão muito agradável. Gostei imenso da comida. Mas fui um parvo e peço desculpa. Estou perdoado?

— Eu... Sim, claro. Claro que estás. — Sei que abusou, mas a verdade é que parou. E eu também não estava completamente descontraída, ao contrário do que é habitual. Como ele próprio disse, eu gosto à bruta. — Ouve, não há problema. Na verdade queria falar contigo sobre o depoimento do James. Estão realmente a planear chamar o filho a depor contra a mãe?

— Não me parece que o queiram fazer. Falei rapidamente com o advogado da Procuradoria-Geral da Coroa encarregado do processo judicial. Mas o James é relevante para o estado da relação.

— Pois, imagino que sim. Ela já o conseguiu ver? — indago, e depois calo-me, vasculhando a papelada até encontrar os termos da caução, para me avivar a memória. É claro que ainda não o viu; não é possível ter-se contacto com as testemunhas da acusação. Sejam elas quem forem.

— Seja como for, lê o depoimento. Não me parece que seja inútil — diz-me. — Continuo a achar que podíamos conseguir homicídio simples, com o depoimento que obtiveste dela.

— Assim farei. Porque é que não falaste nisto na sexta-feira à noite?

— Desculpa, passou-me completamente. Tinha outras coisas em mente. Lembras-te?

Lembro-me, sim. Uma parte até foi agradável.

— Tens razão.

Segue-se uma longa pausa. Estou prestes a dizer algo, qualquer coisa para preencher o silêncio, mas o Patrick antecipa-se.

— Alison, eu sei que já o disse, mas lamento muito. Deixei-me levar. Deveria ter respeitado de imediato assim que me mandaste parar. — Vou para falar, mas ele continua: — Da próxima vez não vai acontecer.

— Da próxima vez? — indago.

— Da próxima vez. Quero ver-te muito mais vezes, Alison. Muito mais. Isto fez-me acordar para a vida. Passei o fim de semana a pensar

nisto. Tantos anos a engatar esta e aquela, a evitar um compromisso. Talvez esteja na altura de parar de fugir. Estou sempre a pensar em ti.

— A sério?

— Sim. A sério que sim. Acho que temos algo especial. Ouve, podemos falar melhor mais tarde? Tenho de ir a tribunal — diz-me ele, e depois desliga.

Fico com o telemóvel na mão, contemplando-o como se fosse revelar mais alguns dos pensamentos que o Patrick acabou de expor. «Algo especial»? As minhas faces estão quentes, e por instantes sinto um calor no peito, antes de ser acometida por uma dose de realidade. Sim, não fosse o ligeiro inconveniente de eu já ter marido e filha. Ele está a alterar as regras do compromisso, a oferecer um futuro que nunca esteve em cima da mesa. Isto se eu acreditar no que diz, se as suas palavras não forem causadas pelo sentimento de culpa por ter ido longe demais. Vislumbro novamente a fotografia da Matilda e sinto um aperto no coração. Não importa o que o Patrick sente — eu e o Carl temos de fazer isto resultar. De alguma maneira.

Viro a minha atenção para o depoimento do James.

«O meu nome é James Arthur Smith e tenho 14 anos. Ando no 9.º ano, num colégio interno chamado Queens School, em Kent. Fui para lá há um ano e pouco. Antes disso frequentava uma escola perto de casa, em Clapham. Até ir para o colégio interno morei em casa com a minha mãe e o meu pai, embora o meu pai viajasse muito em trabalho.

Agora, passo as férias grandes em casa e, além de uma semana na altura da Páscoa, também podemos escolher outro fim de semana para ir a casa durante o período de aulas. Regressei à escola no dia 5 de setembro e, apesar de ser tão próximo do início do ano letivo, decidi ir passar o fim de semana do dia 15 de setembro a casa, porque um amigo da escola secundária ia dar uma festa. Cheguei a casa na sexta-feira, já tarde. A minha mãe cozinhou e jantámos em casa. O meu pai estava ausente em trabalho e só chegou mais tarde. Já me tinha ido deitar, mas ouvi-os discutir muito. O meu pai estava a gritar e a minha mãe estava a

chorar. Acabei por adormecer. Não fui lá a baixo ver o que se passava porque o meu pai não gosta que o faça.

No sábado acordei bastante tarde. Tomei o pequeno-almoço sozinho porque os meus pais tinham saído. Havia uma série de vidros partidos na cozinha, que pareciam ter sido varridos e deixados numa pilha. Acho que era uma garrafa. Não a ouvi partir-se na noite anterior, por isso não sei como é que aconteceu. Olhei à minha volta para ver se havia sangue em algum lado, mas não havia. Embrulhei os vidros em papel de jornal e deitei-os no lixo, porque achei que ficariam contentes se não os vissem quando chegassem a casa. Levantei a mesa do pequeno-almoço e subi ao piso de cima, para me vestir e fazer uns trabalhos de casa.

Os meus pais regressaram por volta das 11 horas, nessa manhã. Não sei onde é que foram e também não lhes perguntei. É melhor não fazer perguntas depois de haver uma discussão. Desci ao piso de baixo e falei com os dois. A minha mãe estava um pouco agitada e parecia ter estado a chorar, e o meu pai não falou muito. Almoçámos juntos e correu tudo bem. A minha mãe fez tostas de queijo porque sabe que adoro.

No sábado à noite fomos jantar fora, a um restaurante de grelhados. Eles não falaram um com o outro, mas falaram comigo. Não tinha a certeza se o meu pai estava zangado ou não, mas tive o cuidado de não dizer nada de mal. Bebi *Coca-Cola* e eles beberam duas garrafas de vinho. Acho que o meu pai bebeu também um whisky. É costume fazê-lo. Depois do jantar fui para a tal festa. Fui de metro até lá, pois era em Balham, mas depois apanhei um *Uber* para casa. A minha mãe tinha instalado a aplicação no meu telemóvel. A festa foi boa. Havia álcool, mas não bebi — não gosto da sensação que me provoca e parece levar as pessoas a zangarem-se. Cheguei a casa pouco antes das 23, que é a minha hora limite. Os meus pais ainda estavam acordados. Acho que o meu pai tinha bebido mais, pois cambaleou quando se pôs em pé e tinha a cara muito corada. Os olhos também estavam vermelhos, e molhados. Ele estava muito mal-humorado, embora eu não faça ideia porquê. Assim que entrei em casa, veio direito a mim, a gritar que tinha chegado tarde, apesar de eu saber que tinha chegado antes da minha

hora limite. Empurrou-me contra a porta, que se fechou com toda a força, e começou a dar-me socos na cabeça e no corpo. A minha mãe estava atrás dele, aos gritos e a agarrar-lhe o braço. Baixei-me e caí para o chão, não porque ele me tenha empurrado, mas para tentar proteger-me. Pus os braços à volta da cabeça.

Ele deu-me dois pontapés nas pernas e depois parou. Acho que foi por ficar cansado e não por querer parar de me magoar. Tinha a cara muito vermelha, mais ainda do que antes. Estava a fazer um som sibilado, a abrir e fechar a boca. Até que me disse: “Desaparece da merda da minha vista. Não te quero voltar a ver.” Corri para o piso de cima e tranquei-me no quarto, entalando uma cadeira por baixo da maçaneta. Enrolei-me no edredão e sentei-me no chão à escuta, para ver se ele estava a magoar a minha mãe, mas não conseguia ouvir nada e acabei por adormecer.

Pensei telefonar à polícia, mas acaba sempre por piorar a situação, a longo prazo. Já foram lá a casa duas vezes, que eu saiba, quando os meus pais tiveram uma discussão, mas nunca prenderam o meu pai e ele arranjou sempre maneira de, mais tarde, fazer ainda pior à minha mãe. Não me recordo exatamente quando é que isso foi. Uma vez foi há três anos, acho eu, e a outra foi no Natal passado, porque o meu pai não gostou que a minha mãe tivesse tido mais cuidado com os meus presentes do que com os dele.

Na manhã seguinte a minha mãe acordou-me muito cedo, batendo à porta. Eu estava a dormir no chão. Quando abri, ela estava com a mesma roupa da noite anterior. Toda amarrotada, como se tivesse dormido vestida, e tinha um cheiro esquisito. Não falou. Fez-me sinal com o dedo encostado aos lábios para que não fizesse barulho, entrou no meu quarto e começou a fazer a minha mala. Mas acabei por fazê-la eu, pois ela não sabia o que eu queria levar. Sentou-se em cima da cama. Vesti-me e depois fomos para o piso de baixo. Ouvei o meu pai a rressonar quando passei pelo quarto deles. Ela abriu a porta da frente, saímos para a rua, deu-me 50 libras e sussurrou-me: “Eu estou bem. Volta para o colégio. Ligo-te logo à noite.” Despedi-me dela com um beijo, e foi a última vez que a vi. Não me ligou, apesar de ter dito que o faria, e,

quando tentei ligar-lhe, a chamada foi logo para o voicemail. Na segunda-feira, depois das aulas, o responsável pelos alunos internos contou-me o que tinha acontecido.

Eu gostava do meu pai, mas não gostava nada quando ele se zangava ou quando gritava comigo e com a minha mãe. Sei que não fui o filho que ele desejava, pois estava sempre doente e ele queria alguém que gostasse de futebol e de râguebi e de críquete no verão. Eu gosto de jogar esses jogos, mas não muito, e nunca fiz parte de nenhuma equipa de topo. Ele costumava dizer que eu era patético e que era pior do que ter uma menina em casa. Esse sábado não foi a primeira vez que me bateu, mas foi sem dúvida a pior.

Fiquei contente por ir para um colégio interno porque não queria continuar a ouvir as discussões deles. Preocupava-me o facto de não estar presente para olhar pela minha mãe, mas ela disse-me que ficaria mais triste se eu estivesse em casa a assistir àquilo tudo.

Não vejo a minha mãe desde que o meu pai morreu. Sei que não está autorizada a ver-me, e tenho estado bem no colégio. Todos têm sido muito simpáticos comigo.

Quem me dera que se tivessem separado há uns anos. Parecia que se odiavam e não percebo porque é que continuavam juntos. Talvez se se tivessem divorciado tudo tivesse sido melhor. Não queria que se divorciassem, mas, se o tivessem feito, o meu pai ainda estaria vivo e a minha mãe não estaria na prisão.»

Pouso o depoimento, as palavras finais a ecoarem na minha mente. Torno a olhar para a fotografia da Matilda. Eu e o Carl estamos longe de nos querermos matar um ao outro, mas não há como negar o ambiente envenenado que existe entre nós. Suprimindo uma sensação de pânico, em queda livre no abismo da separação e discussões sobre custódia e finanças, tento fazer uma lista dos passos práticos que poderia tomar. Talvez esteja na altura de ser corajosa, de acabar com o impasse. A nossa casa já deve valer alguma coisa, tendo em conta a especulação imobiliária atual. Poderíamos vendê-la e dividir o lucro. Eu poderia comprar um apartamento nos subúrbios ou arrendar um sítio. Se for

apenas para mim e para a Matilda, não precisa de ser muito grande. As coisas com o Carl não podem continuar assim. A ideia de um futuro sem o Patrick assoma-me à mente, mas desvalorizo-a; antes de mais nada, tenho de resolver a situação com o Carl.

Pondo todos esses pensamentos de lado, torno a ler o depoimento do James, tomando nota de todos os pormenores relevantes. Mais uma conferência com a Madeleine e terei a defesa dela delineada. Ligo ao Patrick no final dessa tarde, para partilhar a minha opinião sobre o depoimento, e conversamos um pouco, a voz dele afetuosa, como se estivesse satisfeito por me ouvir. A seguir, arrumo a pasta e vou para casa. O progresso no processo judicial está a ser lento, mas talvez agora eu esteja a chegar a algum lado.

Chego a casa da Francine no dia seguinte às 14 horas. Pela primeira vez, parece satisfeita por me ver, quase me cumprimentando com um beijo antes de se lembrar de que esta é uma relação profissional e não uma amizade. A Madeleine não demonstra a mesma contenção, levantando-se de um salto do sofá na sala de estar e abraçando-me num gesto carinhoso. Sugiro-lhes que nos sentemos na cozinha, para eu poder expor os depoimentos mais à vontade.

— Recebeu uma cópia do depoimento do James?

— Sim. — A voz da Madeleine soa monótona, a exuberância inicial dela agora dissipada.

— Embora seja um depoimento da acusação, na minha opinião corrobora a sua descrição da situação. Parece-me útil. Se não o chamarem a depor, o que não me parece que façam, poderemos chamá-lo nós. — Estou a tentar ser encorajadora.

— Corrobora a minha descrição porque estou a dizer a verdade sobre o que aconteceu — responde-me. Por momentos parece estar a ralar comigo por necessitar de uma prova, mas o rosto dela não demonstra irritação.

— Com certeza, estou a falar em termos do ponto de vista do caso...

— Oh, eu sei, Alison. Não se preocupe. Mas custa muito ler o que ele sentia em relação às discussões. — Baixa o olhar para a mesa, por momentos, e depois força um sorriso. — Mas ajuda, sim, percebo isso.

— Portanto, agora temos um relatório psiquiátrico mais a seu favor, os testemunhos do seu médico e da sua amiga, e o depoimento do James. Há também registos médicos que confirmam o historial. Está tudo a

compor-se — digo-lhe, ainda num tom encorajador.

— Mas ninguém viu o que aconteceu naquela noite. Não estava lá ninguém nesse domingo. Ainda têm de decidir se acreditam em mim ou não, não é? — pergunta-me.

— Sim. Mas, como já lhe expliquei, as outras provas servem para corroborar a história por detrás dos acontecimentos dessa noite. Contextualizam os seus atos — explico-lhe.

— Certo. Posso ver novamente o meu depoimento?

— Com certeza. — Tiro-o da pilha de documentos e estendo-lho. Inclina-se para a frente e lê-o, ao mesmo tempo que eu leio outra cópia do mesmo. Conheço-o de cor e salteado, a narrativa que dei às meias-palavras que me murmurou quando estávamos no Jasper's, um relato muito distinto das meias-verdades que me contara quando nos conhecemos. Estudei-o tanto que está gravado na minha memória; o início da relação deles, a maneira como a violência começou, aos poucos, insidiosamente. Os ferimentos, uns menos significantes e outros mais significantes. Os insultos, o massacre, o cuspir e o arranhar e o arrancar-lhe os cabelos, o puxar de todos os cordelinhos da vergonha e da humilhação. As vezes em que ela disfarçou um olho negro com maquilhagem e que disse que tinha batido na porta do carro. As desculpas que deu aos amigos, ao médico, aos outros pais da turma do James. Como tentou proteger o James ao longo dos anos, afastá-lo da fúria do Edwin e aguentar esse fardo sozinha.

«Não conseguia continuar a proteger o James. Ele já estava muito crescido. Era mais alto do que eu, estava quase do tamanho do Edwin. O Edwin não suportava ter outro homem em casa. Houve uma vez, no início de maio deste ano, em que o James lhe fez frente a propósito de algo, já não me recordo o quê. Depois o James saiu e o Edwin atirou-se a mim, batendo-me e dizendo-me que estava a virar o James contra ele, que o James andava a abusar e que precisava de aprender uma lição. Pensava que tinha conseguido acalmar o Edwin, disse-lhe que era óbvio que o James o respeitava, mas, quando o James regressou nessa noite, o Edwin deu-lhe um soco que o atirou ao chão e depois deu-lhe uma série

de pontapés. Tirei-o de cima dele, mas sabia que era apenas uma questão de tempo até aquilo voltar a acontecer. Mandeí o James para um campo de férias desportivas durante quase todo o verão e, quando ele voltou para o colégio, no outono, pensei que as coisas fossem correr bem, pelo menos durante mais uns tempos. Mas ele insistiu em vir a casa nesse fim de semana, por causa da festa. Fiz os possíveis por dissuadi-lo, mas não me deu ouvidos.

O Edwin disse-me que iria ausentar-se em trabalho, pelo que fiquei mais descansada, mas a viagem de negócios foi cancelada no último minuto. Na quinta-feira disse-lhe que o James viria passar o fim de semana a casa e ele ficou furioso; disse que a casa não era a merda de um infantário. As palavras exatas dele foram: “Mas porque é que combinaste essa merda? Esta casa não é a porra de um infantário! Não lhe ando a pagar o colégio para ele nunca lá estar.” Tentei acalmá-lo, mas não me ligou nenhuma. “Pois amanhã vou sair, porra!”, disse-me.

O James chegou na sexta-feira, por volta das 19 horas. O Edwin tinha realmente saído, o que me deixou muito aliviada. Fiz uma empada de peixe para o James e comemos juntos, e vimos um pouco de televisão. O James foi deitar-se por volta das 22h30 e eu fiquei a ver um filme. O Edwin voltou perto da meia-noite. Vinha embriagado e, assim que sentiu o cheiro da empada de peixe, ficou furioso, acusando-me de empestar a casa de propósito. Foi direito à cozinha. Fui atrás dele, sem saber o que iria fazer, e assim que entrámos na cozinha ele pegou na travessa da empada de peixe e atirou-ma. Desviei-me e acertou na parede. Não se partiu, mas o resto da empada espalhou-se pelo chão. O Edwin agarrou-me e empurrou-me para o chão; depois arrastou-me por cima da sujidade e enfiou-me a cara na comida. Entrou-me pelo nariz e pela boca, e não conseguia respirar, bocados de ovo e molho e peixe fumado. O cheiro era horrível e tive vontade de vomitar. Tentei libertar-me, mas ele fez mais força em cima de mim, e cada vez era mais difícil conseguir respirar. Doíam-me imenso o pescoço e os ombros. Quando pensava que ia sufocar, ele saiu de cima de mim. Tentei sentar-me, mas gritou-me para que comesse. Disse: “Limpa a merda que fizeste, sua

vaca de merda.” Inclinei-me e comecei a comer. Quando o Edwin fica assim, não vale a pena discutir. Só tenho de fazer o que ele manda.»

A Madeleine faz uma pausa nessa parte, percebo-o pela folha que segura na mão. Também me fez parar, quando ela me contou no bar. Para mim, ela é a epítome da compostura. Sempre que a vejo, está imaculada. O Patrick já me tinha dito, que mesmo quando a viu na prisão ela conseguia ter um ar aprumado. Tento imaginá-la de joelhos, a comer empada de peixe estragada do chão — é-me quase impossível fazê-lo. Ela suspira e continua a ler. Eu também continuo a ler o depoimento.

«Comi o máximo que consegui, mas ainda ficou um bocado no chão. O Edwin deu-me um pontapé nas costas. “Deixaste um bocado. É bom que o lambas.” Comecei a lambar o chão. Estava a ficar cheia de náuseas e de vergonha por estar nessa posição. Além disso, estava apavorada que o James descesse e visse o que estava a acontecer. O Edwin afastou-se de mim e depois ouvi um estrondo de algo de vidro a partir-se perto da minha cabeça. Um estilhaço acertou-me na face. Ardeu-me. Uma poça de vinho espalhou-se no chão. “Achei que talvez quisesses um copo de vinho com a refeição”, disse ele, a rir-se. Nem me atrevi a olhar para ele ou a parar de lambar o chão, mas agora estava cheia de medo que me empurrasse para cima dos pedaços de vidro. O riso dele tornou-se mais histérico, até que me pareceu que chorava, mas estava demasiado amedrontada para espreitar. Deu-me mais um pontapé nas costas, saiu da cozinha e subiu as escadas. Ouvi-o subir até ao primeiro andar. A porta bateu com força e depois fez-se silêncio. Esperei cerca de meia hora sentada no chão, para ter a certeza de que ele não iria voltar. Depois, limpei tudo e juntei os vidros no chão. Limpei o vinho e a empada de peixe. Quando fui lá a cima, vi por entre o balaústre que a porta do nosso quarto estava fechada, por isso decidi dormir no sofá.

Na manhã seguinte o Edwin acordou-me cedo, por volta das 7 horas. Parecia uma pessoa diferente. “Não conseguiste dormir por causa do meu ressonar? Foi por isso que vieste dormir cá para baixo?”, perguntou-me ele. Sugeriu que tomássemos o pequeno-almoço fora.

Respondi-lhe que sim, e fui lavar-me e vestir-me, antes que ele mudasse de ideias. Não me apetecia deixar o James sem dizer nada, mas pareceu-me melhor não lembrar o Edwin da presença dele em casa. Fomos de táxi até ao The Wolseley. O Edwin gosta de lá ir. Comeu um pequeno-almoço completo e para mim pediu ovos mexidos e salmão fumado. Eu não tinha muita fome, mas fiz os possíveis para comer tudo, embora o cheiro a peixe me provocasse náuseas. O Edwin foi muito carinhoso e simpático, e disse uma série de piadas, pelo que aos poucos comecei a descontraír.

Depois do pequeno-almoço regressámos de táxi e chegámos a casa por volta das 11 horas. O James deve ter-se levantado antes disso porque já não havia vidros no chão da cozinha. Fiquei triste por o meu filho ter de limpar os destroços das nossas discussões. Senti-me culpada porque o meu papel era protegê-lo, em vez de ser ele a proteger-me limpando a nossa porcaria para o caso de desencadear outro ataque de fúria no Edwin. Mas o Edwin estava calmo. O James desceu e conversámos um pouco sobre o desporto dele e sobre como estavam a correr as aulas. Fiz tostas de queijo e por acaso correu tudo bem. Já não me sentia tão enervada.

Cada um de nós entreteve-se com as suas próprias coisas o resto da tarde. O James tinha trabalhos de casa e eu tinha umas coisas para ler sobre a próxima exposição na galeria. O Edwin passou a tarde no escritório dele e tive o cuidado de não o incomodar. Reservei mesa num restaurante de que o Edwin gosta para irmos jantar fora. Comemos bife e bebemos um pouco de vinho. O Edwin bebeu um whisky depois, também. É capaz de ter bebido algo antes, mas não tenho a certeza. Bebeu muito mais vinho do que eu.

Depois do jantar o James foi para a tal festa em Balham, e eu e o Edwin fomos para casa. Ele bebeu mais whisky e começou a ficar irritado com o facto de o James estar fora, dizendo que deveria estar em casa connosco. Cometi o erro de dizer que achava que o Edwin não queria o James em casa e ele deu-me uma série de estalos por discutir com ele. Começou a andar de um lado para o outro, para cima e para

baixo, à espera de que o James chegasse a casa. Assim que o James abriu a porta, às 23 horas, o Edwin saltou-lhe em cima e deu-lhe um soco que o atirou ao chão, dando-lhe repetidamente pontapés na cabeça e no corpo. Eu estava aos gritos e consegui tirar o Edwin de cima dele, e depois o James subiu as escadas a correr. O Edwin só gritava: “Eu vou matá-lo, foda-se! Eu não lhe permito isto!” Foi para a sala de estar num rompante e bebeu mais whisky, e eu fiquei sentada nas escadas, muito quieta. A fúria do Edwin acabou por esmorecer e ele adormeceu no sofá.»

— Será mesmo possível livrar-me da acusação de homicídio? — pergunta-me a Madeleine, interrompendo a leitura.

— Não sei. Vai depender de uma série de coisas. O melhor seria se a acusação aceitasse a sua explicação dos acontecimentos; enviámos-lhes o nosso relatório psiquiátrico e vão pedir-lhe que seja vista por um psiquiatra deles. E mesmo que a acusação não aceite a sua contestação, não há nada que nos impeça de a levar diante de um júri. E aí tudo é possível — explico-lhe. — Mas vale a pena tentar, como é óbvio. Tendo em conta tudo o que aconteceu.

Ela põe-se de pé e começa a andar de um lado para o outro na sala.

— Mas é verdade. Eu não via outra saída. Era a única coisa que podia fazer. — Leva as mãos à cara e começa a deslizar encostada à parede, ficando sentada no chão.

Vejo a imagem dela por cima, inclinada para a frente e a lambem comida do chão. Vejo um pé calçado a dar-lhe um pontapé. Ela começa a chorar, baixinho. Eu continuo a ler.

«Nessa noite não dormi. Não conseguia parar de pensar em tudo aquilo. Sabia que tinha de fazer alguma coisa, mas não sabia o quê. Assim que amanheceu, acordei o James e fi-lo sair de casa e voltar para o colégio. Sabia que já não o podiam magoar. Depois, tomei um duche e mudei de roupa. O Edwin acordou tarde e não me dirigiu a palavra o dia todo. Trancou-se no escritório e não faço ideia do que estaria a fazer. Não me atrevi a sair de casa porque não sabia o que ele queria que fizesse. Esperei por ele na cozinha e fiz uma sopa, para o caso de me dar fome. Desceu por volta das 18 horas e começou a beber outra vez. Eu também

bebi, para tentar acalmar-me. Tremia de medo perto dele. Perguntou-me pelo James e respondi-lhe que tinha voltado para o colégio. O Edwin ficou irritado por o James não se ter despedido dele. Deu-me uns socos no estômago, mas depois parou. “Viraste-o contra mim. Perdi o meu filho para sempre”, disse ele. “Vou fazer com que fiques sem ele também.”

Quando ele disse isso, algo aconteceu dentro de mim. “Não voltes a ameaçar o meu filho”, respondi-lhe. Ele riu-se e riu-se. “Senão o quê, Madeleine, senão o quê?” Então, deu-me um soco de lado na cabeça e caí no chão, e depois deu-me dois pontapés no estômago. “Não podes fazer nada para me impedir”, disse-me. “Posso matar-vos aos dois, é só eu querer.” Não lhe respondi. Ele bebeu um pouco mais e depois subiu ao nosso quarto. Ouvi-o a andar de um lado para o outro no andar de cima, mas depois ficou tudo em silêncio. Ele já me tinha magoado tantas vezes, e cada vez era pior. Nunca iria parar. Tinha magoado muito o James e tinha ameaçado matá-lo. Estava mesmo convencida de que iria tentar matar-nos; sentia um pavor imenso do que ele poderia fazer a seguir. Achava que não tinha qualquer saída, tal era o medo que agora nutria por ele. Fui ver se estava a dormir e depois peguei na faca de trinchar e esfaqueei-o várias vezes. Não sei onde fui buscar a força. Queria ter a certeza de que ele morria, para não voltar a magoar-nos. Algo se apoderou de mim e não conseguia parar, golpes grandes e golpes pequenos. Havia tanto sangue que me escorria das mãos e pela cara, mas eu não conseguia parar.»

— Sente-se bem, Madeleine? — pergunto-lhe. Ela continua sentada no chão, embora o seu choro soluçado tenha acalmado.

— Acho que sim — responde.

— Não lhe posso garantir que o júri irá acreditar nas suas palavras. Mas, na minha opinião, o que a Madeleine descreve aponta para uma defesa com base na perda de controlo. Seria uma forma de mudarmos a acusação de homicídio qualificado para homicídio simples. Temos de demonstrar que a Madeleine receava um nível grave de violência, o que era perfeitamente legítimo, e não apenas por si, como também pelo

James. E, além disso, o Edwin ameaçou matá-la a si e ao James. Sinceramente, acredito que há provas suficientes para levarmos o processo judicial perante um júri. Matou o Edwin num momento de perda de controlo, receando futuros episódios de violência por parte dele. Temos o relatório psiquiátrico, o autêntico, aquele em que contou a verdade, onde diz que a Madeleine revela sinais de transtorno de stress pós-traumático e de depressão. Temos todas as provas da violência do Edwin sobre si. Temos também o depoimento do James. Temos de arriscar. Não lhe parece? — Quando acabo de falar, estou em pé, a minha voz carregada de emoção. Não suporto vê-la desistir dela própria.

— Não sei, Alison. Sinceramente, não sei. É muito importante para mim que tenha essa fé no meu caso, mas não tenho a certeza. Vou pensar um pouco, se não se importa; quero falar com o Patrick também. Podia declarar-me culpada se ele não estiver de acordo.

Levanta-se, aproxima-se de mim e abraça-me. Retribuo o abraço, quase em lágrimas. Não suporto pensar naquilo por que esta mulher já passou. Demonstrou mais força do que eu alguma vez seria capaz. Abraçamo-nos durante mais uns instantes e depois afastamo-nos. Ela dirige-se para o lava-louças e começa a lavar umas canecas, e eu começo a guardar a documentação. Em seguida, verifico o meu telemóvel.

Dez chamadas perdidas. Cinco mensagens. Mas que merda...? Meu Deus, aconteceu alguma coisa à Matilda. Só pode ter sido isso.

Não foi a Matilda.

Primeira mensagem, Patrick. «Liga-me.»

Segunda, Patrick. «Liga-me, por favor.»

Terceira, Patrick. «Foi tudo um mal-entendido. Liga-me.»

Quarta, Patrick. «Por favor, liga-me. Suplico-te.»

Quinta, Mark, o funcionário judicial. «Importa-se de ligar para os escritórios com urgência, doutora?»

Vou lá fora e ligo para os escritórios.

— Não pode contar a ninguém — diz o Mark. — Não diga nada à cliente. O Patrick está a ser interrogado pela polícia. — Fico em silêncio, incapaz de formular uma resposta. — A Chloe diz que ele ainda não foi

formalmente acusado, mas está a ser interrogado sob caução.

— E eles, ou melhor, a Chloe, explicou porquê? — Mas estou a pensar na mensagem do Patrick, o facto de ter empregado a palavra «mal-entendido», e sinto uma bola de chumbo a formar-se-me no estômago.

— Ela foi muito discreta. Mas acho que alguém apresentou queixa dele.

— Que tipo de queixa?

— Acho que foi uma mulher. Mas não sei mais nada.

O Mark diz-me que não tenho processos judiciais no dia seguinte e fica decidido que vou tirar o dia. Ele termina a chamada.

— Está tudo bem? — pergunta-me a Madeleine, quando volto para dentro.

— Não. Quer dizer, sim, claro. Recebi uma má notícia em relação a um colega meu, foi só. — Fico surpreendida com a clareza da minha voz, com a ordem das minhas palavras. A minha mente está num turbilhão. — Peço desculpa, Madeleine, mas vou ter de me ir embora agora.

— Tudo bem — replica. — Espero que as coisas corram bem.

— Tenho a certeza de que sim — respondo-lhe, na esperança de que seja verdade.

O meu pânico é crescente e despeço-me da Madeleine sem olhar realmente para a cara dela, sem ouvir a sua voz. Avanço automaticamente pelas ruas de Beaconsfield, incapaz de lidar com as complexidades de um táxi. Sento-me na plataforma da estação, vendo um comboio passar e depois outro. Mais tarde começa a chover e entro no próximo comboio que para, sem confirmar o destino. Sem querer saber. Já escureceu e, na minha cabeça, as mensagens que ele me enviou misturam-se com as mensagens que eu poderia responder. *Liga-me vai à merda eu não fiz fizeste eu não liga-me vai à merda não fizeste pois não eu não não fiz nada não fiz nada não fiz nada ou fiz? Vai à merda.* Escrever, apagar, escrever, mas nunca enviar. Sei que deveria falar com ele, mas não sei o que dizer. Tento ligar-lhe uma vez, mas vai diretamente para o voicemail e o meu telemóvel fica sem bateria antes de me ocorrer uma

mensagem que lhe pudesse realmente deixar.

Quando chego a casa, passo diretamente pelo Carl, diretamente pela Matilda e vou diretamente para a casa de banho, onde tomo um duche até a água começar a correr fria. Acho que o Carl está a falar, mas as palavras dele desaparecem ralo abaixo juntamente com a água, e depois enfio-me na cama na esperança de que, não obstante os terrores que a noite possa trazer, o amanhã nunca chegue.

Mas chega. A quarta-feira chega.

A Matilda salta em cima de mim na cama.

Ignoro-a.

O Carl abana-me o ombro.

Ignoro-o.

O meu telemóvel não emite nenhum som de mensagem, não toca.

Ignorá-lo-ia caso acontecesse.

Estou completamente embrulhada no edredão, a cabeça enterrada na almofada. O amanhã chegou e nada mudou. Nada desapareceu. Fragmentos da conversa que tive com Mark, o funcionário judicial, assomam-me à mente: «Não foi acusado. Foi apenas interrogado.» Isso não significa que seja verdade.

Então recordo a noite de sexta-feira na minha casa. «Para», disse-lhe eu. «Para.»

Mas ele parou, de facto. Ao fim de algum tempo. Ele não é um violador. É o Patrick.

Mas e se ele não tivesse parado?

E se, desta vez, ele não tiver parado?

Não pode ser verdade. O Patrick não. Não quero acreditar nisso.

Não sei o que acreditar.

— Alison, tens de atender esta chamada. É dos escritórios — diz-me o Carl, enfiando o telefone fixo dentro do meu casulo.

Quero dizer-lhe para se ir embora, mas não posso, já não. Desenrosco-me da posição em que me encontro e encosto o auscultador ao ouvido.

— Estou? — Sinto a língua densa dentro da boca.

— Olá, doutora. Desculpe incomodá-la. Sei que ficou combinado que iria tirar o dia de hoje, mas queria pô-la ao corrente — diz-me o Mark.

— Pôr-me ao corrente?

— Sim, doutora. Acabámos de receber notícias da Chloe, da Saunders & Co. Ela confirmou que o Patrick foi libertado sob caução, às 7 da manhã de hoje. Terá de se apresentar novamente dentro de uma semana. Estão a considerar uma possível acusação de violação. É claro que está suspenso de toda a atividade profissional enquanto isto estiver a decorrer, por isso ela vai ficar com os processos judiciais dele. Pede para a doutora lhe ligar mais logo, para discutirem o homicídio.

— Certo. Está bem — replico, sentando-me na cama à procura de uma caneta. Assumo automaticamente o meu comportamento normal, mas é sol de pouca dura. Torno a deitar-me na cama. — Violação. Tem a certeza?

— Infelizmente, doutora. Sim.

— E sabe quem foi? — Faço uma pausa e penso melhor. — Peço desculpa, é claro que não deveria perguntar isso.

— Não, doutora. Não sabemos mais nada. Essa foi toda a informação que nos deram. A Chloe disse que estará contactável no telemóvel. Ou poderá contactá-la para o número do escritório. Se fosse a si, ligar-lhe-ia o quanto antes. Ela está um pouco desorientada.

O Mark desliga. Olho fixamente para o auscultador, tentando perceber como é que aquelas palavras conseguiram atravessar o éter e entrar no meu ouvido.

— Violação? — pergunta o Carl.

Dou um salto. Não me tinha apercebido de que ele continuava no quarto.

— É um processo judicial — respondo-lhe. — Uma coisa que tenho para a semana.

— Certo. — Ele não se retira do quarto; ao invés, olha-me com mais atenção.

— Não estás com bom aspeto. Estás um pouco verde. De ressaca outra

vez?

— Não, não estou. Estive a trabalhar até tarde. Não sei o que se passa, já vomitei algumas vezes. Hoje tirei o dia. — O esforço que faço para manter uma voz normal é imenso, erupções dignas do Krakatoa ameaçam um tsunami de lágrimas que não suporto que ele veja.

— A vomitar? Oh, meu Deus, espero que não tenhas apanhado aquele norovírus. Vou manter a Matilda afastada daqui. — Retira-se rapidamente. — Precisas de alguma coisa?

— Não — respondo-lhe. Mas desejando responder sim. Desejando dizer que queria que o tempo recuasse e que nada disto estivesse a acontecer, um pesadelo no qual estou presa, como se de areia movediça se tratasse.

Aconchego-me novamente no edredão e fecho os olhos.

Fico na cama o resto do dia. O Carl é atencioso comigo quando chega a casa, fazendo-me sopa e torrada e trazendo-me a comida à cama. Quando acabo de comer, ele leva o tabuleiro e recosto-me na cama, de olhos fechados. Uns minutos depois regressa e senta-se ao meu lado em cima da cama, a olhar para o portátil dele. Sinto-me grata por ele não dizer nada, dando-me espaço. Porém, durante toda a noite, o rosto do Patrick, taciturno e com os olhos raiados de sangue, espreita por trás de cada pensamento meu. Tento ligar-lhe mais uma vez, as minhas mãos tão trémulas que quase não consigo encontrar o número, mas o telemóvel dele continua desligado.

Às 20 horas envia-me uma mensagem, por fim. Dou um salto com o bip do meu telemóvel, mas o Carl não se apercebe, demasiado embrenhado no que está a fazer no portátil.

«Ela está a mentir, Alison. Não é verdade.»

Apago a mensagem. Respondo.

«Não sei o que pensar.»

Ele responde de imediato.

«Por favor, confia em mim. Tu conheces-me. Jamais faria uma coisa destas. Pelo menos dá-me a oportunidade de me explicar.»

Apago essa mensagem também e por momentos penso no que responder.

«Eu vou ouvir-te, mas não prometo nada. Falamos amanhã.»

Uma longa pausa, seguida de «Obrigado».

Desligo o telemóvel e torno a enfiar-me debaixo do edredão, nenhuma parte do meu corpo exposta ao mundo.

A Matilda vem ver-me. O Carl está agora tranquilizado pelo facto de que, seja o que for que tenho, pelo menos já não estou a vomitar. Afasto o edredão e a Matilda deita-se ao meu lado na cama, deixando-me abraçá-la durante imenso tempo. Sinto a respiração dela quente no meu pescoço e o cabelo dela cheira a lavado. A dor que sinto no peito amaina um pouco, o aperto de aço em torno da minha caixa torácica afrouxando ligeiramente. Eu e o Carl entreolhamo-nos por cima da cabeça da Matilda e ele sorri-me, um sorriso sincero e aberto, pela primeira vez em vários meses. Vem sentar-se ao nosso lado e, por instantes, pousa a mão no meu braço. O aperto na minha caixa torácica alivia ainda mais, e suspiro.

— Vou ter de sair durante um bocado, Alison. Ficas bem?

— Sim. Acho que está a passar, seja lá o que for.

— Ainda bem. Vou deitar a Matilda primeiro. Vais portar-te bem com a mamã, não vais?

A Matilda anui com a cabeça, claramente cansada, e o Carl pega nela ao colo.

— Vou ter com aquele paciente com pensamentos suicidas. Não está muito bem — diz. — Mas não devo chegar muito tarde.

Não é que não esteja interessada, mas sinto-me demasiado cansada para trocar palavras sequer. Desde que a Matilda fique bem, não há problema.

— Tudo bem. Nós ficamos bem.

Ele leva-a para o quarto dela e, enquanto lhe canta uma canção, torno a enfiar-me debaixo do edredão.

Na manhã seguinte vou para os escritórios logo a seguir ao pequeno-

almoço. Eu, o Carl e a Matilda descemos toda a rua; entretanto avisto o meu autocarro a aproximar-se e dirijo-me para o mesmo, despedindo-me deles com um aceno de mão. Assim que chego aos escritórios, o Mark está todo profissional, estendendo-me uma série de pastas novas. Referem-se não apenas ao processo judicial da Madeleine como também aos processos judiciais pendentes de violação e de fraude que se arrastam há uns meses. Estamos cada vez mais próximos de agendar uma data para o julgamento e, enquanto estudo a papelada, penso em quão mais fácil será quando estiver a decorrer, três meses em Chichester Rents, à saída da Fleet Street, quase um dia normal das 9 às 17 horas. Poderei deixar a Matilda na escola e também conseguirei ir buscá-la. Penso nisso por uns instantes e depois chamo o Mark.

— Será que podemos tentar arranjar mais casos de fraude para mim? Ou um inquérito? Seria agradável ter um pouco mais de previsibilidade.

Responde-me que vai ver o que consegue fazer. Sorrio ao pensar nisso. É a resposta que procuro. Talvez devesse considerar mudar-me para a Procuradoria-Geral da Coroa. Se o meu trabalho fosse mais linear, talvez andasse mais calma. E se andasse mais calma, o meu trabalho estaria mais sob controlo, poderia concentrar-me completamente na Matilda e no Carl, e ele deixaria de andar sempre tão zangado comigo.

O Patrick liga-me por volta da hora de almoço. Contemplo o meu telemóvel por momentos, antes de pegar nele e atender.

— Patrick? — exclamo. — Tenho tentado ligar-te.

— Eu sei — replica. — Desculpa. Isto tem sido... complicado. Podemos encontrar-nos?

Hesito durante imenso tempo antes de lhe responder. Uma parte de mim quer vê-lo, ser tranquilizada de que não é o monstro que alegam que é. Outra parte de mim quer fugir a sete pés. Mas depois de tudo o que vivemos juntos...

— Está bem. Onde?

Ele sugere um café perto de Waterloo, na The Cut, e assinto, tentando disfarçar o meu alívio por não ser perto de Fleet Street. Vou a pé e

atravesso o rio, os meus passos cada vez mais lentos à medida que me aproximo.

Ele está sentado na parte de trás do café, segurando a chávena com as duas mãos. Cumprimenta-me com um aceno de cabeça e, quando me aproximo da mesa, põe-se em pé e estende os braços para mim. Hesito por uma fração de segundo e depois deixo-o abraçar-me. A sensação lembra-me que é ele, o Patrick, meu amigo, meu colega, meu amante, pelo que ponho os braços à volta dele e abraço-o também. Sinto-o inspirar fundo e depois ouço um soluço, e outro, o meu pescoço ficando húmido. Dou-lhe uma palmadinha, a tensão no corpo dele vibrando em mim. Por fim solta-me e sentamo-nos frente a frente. Continua a segurar a chávena, embora não beba da mesma, olhando-a fixamente. O silêncio estende-se além do suportável.

— Patrick, tens de falar comigo — peço-lhe, ao mesmo tempo que começa a falar.

— Ouve, quero tentar explicar-me. Não é o que parece; ela está a tramar-me para se tentar safar — explica-me. Abro a boca para responder, mas nada sai. — Estou a falar a sério, Alison. Tens de compreender. — A voz dele revela uma nota de pânico.

— Porque é que tenho de compreender? — Profiro as palavras com esforço.

— Porque o que tu pensas é importante. Estou a borrifar-me para as outras pessoas, mas para ti não.

Fico sentada em silêncio durante mais uns instantes, tentando tomar uma decisão. Preciso de começar a unir os pontos.

— Saíste em liberdade sob caução — digo.

— Sim.

— Ainda não te acusaram? — pergunto-lhe.

— Tenho de me apresentar na esquadra daqui a uma semana. Na próxima segunda-feira. Devem estar a ver as provas neste momento. Disseram que seria em processo sumário — diz ele.

— Por que razão haveria de ser sumário? — A confusão está montada; sei que não estou a abordar a questão com nenhuma ordem, mas não

consigo evitar repetir tudo o que ele diz.

— Por causa da pessoa envolvida — replica ele.

— Como assim? Quem é? — Ele põe a cabeça entre as mãos. — Conta-me o que aconteceu — peço-lhe, numa voz mais firme.

— É complicado. É muito complicado... — Ergue o olhar, mas não para mim.

Vejo a palidez e as olheiras no rosto dele. A pessoa mais animada da festa perdeu todo o esplendor.

— Tens de te explicar, Patrick. Começo a ficar assustada.

Ele respira fundo.

— Está bem. Aconteceu na segunda-feira.

— Na segunda-feira quando?

— Ao final da tarde — responde-me. — Foi quando fui detido.

Estou a tentar perceber a cronologia dos acontecimentos. Sei que falámos ao telefone na segunda-feira de manhã, sobre o processo judicial da Madeleine, e à tarde voltámos a falar.

— Mas eu falei contigo ao telefone por volta das 15h30, 16h00; isso não bate certo — digo-lhe. — Nessa altura estavas a falar comigo.

— Pois estava. Mas tinha ido almoçar com uma pessoa. Nessa altura já estava com os copos. Não te apercebeste? — Abano a cabeça, num movimento ligeiro. O Patrick sempre aguentou a bebida. — E depois, bem, bebemos mais um pouco. Mais do que deveríamos.

— Com quem foste almoçar? — indago, as minhas palavras lentas, deliberadas. — Ele não me responde. — Com quem foste almoçar, Patrick? Calculo que seja a mesma pessoa que apresentou a queixa?

Ele afunda-se na cadeira, aparentando o homem que decerto será aos 60 anos. Cansado, grisalho. Esgotado. Abre as mãos em cima da mesa, uma forma de leque sobre os pingos do chá.

— Por favor — insisto.

— Tens de jurar que nunca contarás a ninguém. Só contei à Chloe.

— Prometo, sim. Por favor, diz-me.

— Com a Caroline Napier. Foi com ela que fui almoçar. E sim, foi a Caroline Napier que apresentou queixa contra mim.

Atiro a cabeça para trás, estupefacta. Inspiro longa e profundamente, sustenho o ar nos pulmões, exalo. Que merda.

— A procuradora pública?

— A procuradora pública — confirma.

— Mas ela é casada. Com aquele jornalista... — começo por dizer.

A Caroline Napier é uma lenda, uma das mulheres mais jovens a conseguir vingar como advogada criminal sendo casada e com três filhos.

— Trocou-a por uma estagiária; ela está num estado lastimoso. Embebedámo-nos, entendes? Estávamos os dois no mesmo tribunal. Luton. Apanhámos o comboio juntos, no final da manhã. Sugerilhe que fôssemos almoçar. Ela aceitou. Fomos ficando mais bêbedos. O casamento dela está nas últimas; ela vai deixá-lo. Acabámos por ir a pé até Clerkenwell e saltámos uma vedação para um dos jardins. Já lá estivemos os dois, eu e tu. Lembras-te? Achei que ninguém veria.

— Achaste que ninguém veria o quê? — Sinto as mãos geladas, ao mesmo tempo que afasto da mente as palavras dele. «Especial», disseram-me ele. E eu quase acreditei.

— A nós. O que estávamos a fazer.

— E o que estavam a fazer? — pergunto-lhe, numa voz calma e tão fria como as minhas mãos.

— Queres que o diga com todas as letras? — Parece à beira das lágrimas, o queixo a tremer.

— Acho melhor.

— Pareceu-me resguardado. E estava escuro. Tínhamo-nos beijado no restaurante. Continuámos a beijar-nos no *pub*. Galgámos a vedação e ela estava a achar imensa piada e não havia ruído nenhum e sei que ela queria, tal como eu...

— Queria o quê?

— Vá lá, Alison. Estávamos a foder. Num banco do jardim. É mesmo necessário eu soletrá-lo?

— Porque não?

— Porque vais ficar novamente cheia de ciúmes e não estou para

aturar isso agora.

As palavras dele pousam em mim como moscas moles. Não consigo libertar-me delas.

— Não me parece que essa seja a prioridade agora — digo-lhe, tentando manter-me calma.

— Peço desculpa, foi sem querer. Não estou a pensar como deve ser. Não foi isso que quis dizer. — Acalma-se. — Fomos presos, Alison. Alguém viu o que estávamos a fazer e chamou a polícia.

Cala-se, e acho que é suposto eu dizer alguma coisa, mas não tenho palavras.

— Fomos levados para a esquadra mais próxima e enfiaram-nos nas celas, até nos passar a bebedeira. Na terça-feira de manhã recebemos uma advertência por atentado à decência pública. Eu aceitei, mas ela não. Assim que ficou sóbria, disse-lhes que se encontrava demasiado embriagada para ter consentido. Diz que sabia que me tinha beijado, mas que assim que entrámos no jardim a coisa perdeu a graça e não quis continuar, mas que a forcei a fazer sexo comigo. Diz que estava a tentar dizer não, mas que se encontrava demasiado alcoolizada. Aconteça o que acontecer, foi-lhe garantido o anonimato. O meu nome pode aparecer nos jornais em breve, mas o dela será protegido.

Estou sem palavras. Sinto tudo, cada apalpadela e puxão e mexida. Já lá estive. Conheço o jardim, os rododendros, o banco, o cheiro a folhas mortas no ar. Inclinei-me sobre as costas do banco, a madeira dura sob as minhas mãos; o Patrick penetrou-me com força e no espaço de poucos segundos tudo acabou.

— Não vais dizer nada, Alison?

— Não sei o que pensar. É uma alegação tão grave. Com certeza ela não iria inventar — respondo-lhe.

— Quer dizer que sou um mentiroso? Obrigadinho, Alison — exclama, com uma ponta de fúria. Ao fim de uns segundos, continua: — Ouve, eu percebo. Compreendo como isto é complicado. Mas a Caroline só está a pensar nela — diz-me. — E está a ser esperta, se olhares para a situação de forma objetiva. Estou convencido de que não me vão acusar;

não há provas suficientes para avançarem para julgamento. O mais certo é ela retirar a queixa para ficar com a consciência limpa. Mas, enquanto queixosa numa alegação como esta, estará sempre protegida pelo anonimato. Isto nunca se saberá, no que a ela diz respeito. Portanto, não tem nada a perder.

Estou a olhar para o Patrick, boquiaberta. Recordo novamente a noite em minha casa, quando se recusou a parar. Tenho de aceitar que ele é capaz de violação. No entanto, hesito. O que está a dizer parece totalmente absurdo, impensável; no entanto, há uma lógica por trás das palavras dele. Uma lógica fruto do desespero, talvez, mas ainda assim é uma lógica.

— Achas mesmo que... — começo por dizer.

— Acho mesmo, Alison. A sério — replica, inclinando-se para mim. O seu rosto parece mais animado pela primeira vez desde que cheguei, um pouco de cor assomando sob a palidez. — Faz todo o sentido. Está a pensar só nela, como é óbvio. Na cabeça dela tem quase a certeza de que não serei acusado. Basta olhar para as estatísticas. Seria impossível provar esta violação em tribunal. Ela passou o dia a beber, estava altamente inebriada, não há provas físicas de ter sido forçada, os relatos das testemunhas do ato sexual não possuem qualquer indicação de que não tenha havido consentimento...

— Está bem, está bem, já percebi. Estou a ver aonde queres chegar. Mas ela está a correr um risco; podem acabar por a acusar de fazer a polícia perder tempo. Ou pior.

— A procuradora-geral Caroline Napier? Quem vai desconfiar de uma coisa dessas? Ninguém não acreditaria nela. Resta-me esperar que decidam que existem provas insuficientes, que ela retire a queixa e que a coisa acabe antes de poder ir mais longe. Tenho quase a certeza de que é isso que vai acontecer. Mas também sei o que irá pensar qualquer pessoa que tenha conhecimento disto, que não há fumo sem fogo... — Faz uma pausa. — Acreditas em mim?

A minha mente está a andar à roda.

Eu sei como é o Patrick. E tenho ouvido histórias sobre como é a

Caroline Napier.

Ela jamais diria uma coisa destas se não fosse verdade. Porquê expor-se desta maneira? Já defendi alguns processos judiciais de violação em que ela foi a advogada de acusação. A Caroline sabe exatamente o que acontece quando alguém apresenta uma queixa, as repetidas impiedades de um processo judicial por violação, os rastreios e as examinações. Sou acometida por uma onda de compaixão ao pensar naquilo por que teve de passar. Ninguém inventaria tal coisa.

— Por favor, Alison. Diz alguma coisa. Qualquer coisa.

Mas, por outro lado... é óbvio que ela está transtornada neste momento. E as pessoas fazem coisas muito parvas quando estão transtornadas. Um casamento desfeito, demasiado álcool, ser apanhada no calor do momento. Ser apanhada...

— Percebo que não seja algo preto no branco — respondo-lhe. — Mas tu puseste-te a jeito. — Nem sequer tenho vontade de discutir com ele por ter dado uma queca com outra pessoa; acho que já passámos esse ponto.

— Nunca deveria ter acontecido — desabafa. — Independentemente disto. Sei que não gostas e não quero magoar-te. Odeio magoar-te. És a melhor coisa da minha vida.

O meu coração dá um salto perante essas palavras, mas depois interiorizo a realidade do que está a dizer. Sou casada com outra pessoa. Tenho uma filha. Eu e o Patrick não temos propriamente o que eu chamaria uma relação importante, não obstante todo o drama e confusão. Ele tem desfrutado dela, e eu também, ainda que de uma maneira diferente. Para mim, tem sido um consolo e um refúgio, um alívio ser desejada em vez de rejeitada. Mas a melhor coisa na minha vida? De modo algum o Patrick é isso. Esse papel pertence por completo à Matilda. Olho para ele. Sinto que uma grande distância se instalou entre nós, um abismo intransponível. Ele já não parece o mesmo; encolhido, desleixado, a braços com a perda da sua reputação. Se as coisas correrem mal para o lado dele, significa a perda da sua liberdade e da sua carreira. Quero sentir alguma compaixão por ele, mas a ideia

daquilo por que a Caroline possivelmente passou é demasiado avassaladora.

— Por favor, Alison. Diz que me apoiarás. Preciso muito de um amigo neste momento — pede-me.

Hesitando um único segundo, estendo a mão sobre a mesa e pego na dele, tentando não me retrair sob o toque dos seus dedos. Então ponho-me de pé e vou-me embora.

No caminho para os escritórios compro cigarros e paro para fumar numa entrada. É por causa do stress, justifico a mim própria. Se alguma vez havia de comprar cigarros, seria agora. Mas o fumo entra-me no nariz e faz-me arder os olhos, e de repente sinto-me repugnada: pelo cheiro, pelo sabor, por tudo. Pego no maço e amachuco-o, deitando os cigarros ao caixote do lixo mais próximo.

Uma vez de volta aos escritórios, estudo as pastas durante umas horas e às 15 horas digo ao Mark que vou para casa. Envio uma mensagem ao Carl a dizer que irei buscar a Matilda à escola e ele fica satisfeito, dizendo que assim poderá atender mais um paciente. A seguir, desligo o telemóvel. Não quero receber mensagens do tal número desconhecido ameaçador. Apanho o metro até Holloway e vou novamente às compras ao Waitrose, mas desta vez sou mais rápida, deslocando-me pelos corredores como uma profissional. Nada de bifes ou legumes para sedução; estas são refeições caseiras simples: ingredientes para uma empada de peixe, para uma lasanha e para um bolo de chocolate que eu e a Matilda possamos fazer juntas, tão próximas como ela e a mãe do Carl estiveram.

A Matilda fica contente quando a vou buscar. Converso com as mães que esperam junto ao portão, num ambiente simpático e descontraído. Já não me recordo por que razão as detestava tanto, por que motivo achava que eram horríveis. São simpáticas, e uma mulher de óculos e camisola de malha larga diz-me que a filha gosta imenso de brincar com a Matilda, e que talvez pudéssemos combinar um dia para brincarem na casa uma da outra. Conversamos sobre o nosso ódio mútuo pelos clubes

de natação e ela ri-se quando imito a Professora Anderson, a assustadora professora do prolongamento escolar.

Pousa a mão no meu braço e diz-me:

— Sinceramente, não sei como é que consegue, trabalhar e cuidar da Matilda. — Di-lo com tanta abertura, com uma expressão tão franca no rosto, que pela primeira vez esse lugar-comum não me faz retrair.

Sinto um nó na garganta e tusso algumas vezes para o eliminar. Depois respondo:

— Não é fácil, mas o Carl é fantástico.

— Ela é uma menina amorosa — comenta a mãe.

— Obrigada — replico, com sinceridade.

As crianças começam a sair do edifício escolar e eu e aquela mãe afastamo-nos em busca das respetivas filhas, mas antes de ir ela diz-me:

— Já agora, chamo-me Rania; foi um prazer falar consigo.

— Igualmente. Sou a Alison.

— Um grupo de mães vai jantar fora daqui a duas semanas. Gostaria de vir connosco? — pergunta-me.

O meu instinto imediato é recusar, mas sou acometida por um outro sentimento, um rebento verde no meio da geada. Já lá vai tanto tempo...

— Gostaria, sim. Sei que não estou muito presente... — digo-lhe.

— Mais uma razão para vir, então. Gostaríamos muito de a conhecer melhor — diz-me. — Acho que tenho o seu endereço de e-mail; vou adicionar o seu nome ao convite.

— Obrigada. É muito simpático da sua parte. — E é mesmo. Estou a ser sincera. A abertura dela está a fazer descongelar algo dentro de mim.

— Tem *WhatsApp*? Temos um grupo da turma, sabe.

Nego com a cabeça e sorrio, o gelo voltando a formar-se. Apaguei a aplicação no espaço de poucos dias, a queixa perpétua de meias desaparecidas e trabalhos de casa privando-me de toda a vontade de viver.

— Não a censuro, é muito irritante — diz ela, e o gelo torna a derreter.

— Era um pouco demais, notificações a toda a hora — replico, e ela dá uma risada.

— Eu desativei as notificações — confessa-me —, mas não diga a ninguém.

Quase me apetece abraçá-la. Esta parece ser a minha primeira interação normal nos últimos meses. Perdi demasiado tempo a preocupar-me com homens parvos e a stressar por causa das políticas do portão da escola. Nunca mais.

Eu e a Matilda caminhamos de mãos dadas em direção a casa, e preparo a empada de peixe enquanto a Matilda desenha imagens de cães e escreve uma história sobre um elefante, como trabalho de casa. Quando termina, deixo-a brincar com o *iPad* dela. Cozi ovos para pôr na empada e descasco-os debaixo do fio de água da torneira. Estou prestes a cortá-los em quatro, mas depois lembro-me do cortador de ovos que a mãe do Carl me deu há três natais, quando a Matilda ainda andava no infantário e precisava de levar almoço todos os dias. Desembrulho a caixa que ela me deu, o cortador de ovos, os moldes em forma de dinossauro para as sandes e as adoráveis caixinhas de plástico para a fruta, o recado tão óbvio que era ensurdecedor. Forcei um sorriso e guardei a caixa por abrir na parte de trás do armário da lavandaria.

Agora entro na lavandaria, na esperança desesperada de que ainda se encontre guardada, escondida atrás dos produtos de limpeza e dos sacos de plástico. Puxo tudo para fora e lá está, a domesticidade que há tanto tempo ando a evitar. Há uma camada de pó no topo da caixa, mas no interior todos os acessórios da lancheira estão como novos. Pego no cortador de ovos e tiro-o do invólucro de plástico, levando-o para a cozinha.

— O que estás a fazer, mãe? — pergunta-me a Matilda, erguendo o olhar do *iPad*.

— É um cortador de ovos — replico. — Vou pôr fatias de ovo na empada de peixe.

— Que bom! Eu gosto de ovo. Posso ajudar?

— Claro. Só preciso de ver como é que isto funciona.

Ficamos lado a lado diante da tábua de cortar, o pequeno aparelho

branco à nossa frente. Pego num dos ovos cozidos e ponho-o na base do cortador; depois pressiono a parte superior com os arames sobre o ovo. Por instantes, não parece fazer nada, o ovo ainda perfeitamente ovoide como antes, mas, quando pego nele, separa-se em fatias finas e perfeitas, a gema dourada.

— Muito giro — diz a Matilda, e aceno com a cabeça em jeito de concordância. Custa-me a acreditar que nunca o tenha utilizado. — Posso fazer o resto? — pergunta-me, e torno a acenar afirmativamente, desviando-me um pouco para o lado. Ela corta mais três ovos, e de todas as vezes surge a ilusão de que continuam intactos antes de se separarem em partes. Compomos o resto da empada juntas e levo-a ao forno até a batata ficar dourada por cima, altos e baixos de puré e molho branco, e em especial o aroma a peixe fumado no ar.

Quando fica pronta, tiro-a para arrefecer e nessa altura ligo o telemóvel. Quero saber se o Carl tenciona regressar a casa em breve. Deverá ficar impressionado, penso; os trabalhos de casa feitos e o jantar pronto. Deixo a Matilda na cozinha entretida com o *iPad* e entro na sala de estar, os ombros tensos antecipando mais mensagens. Mensagens ameaçadoras ou mensagens do Patrick. Mas não recebi nada. Sou invadida por uma sensação de alívio e os meus ombros descontraem-se. Sento-me no sofá para ver os meus e-mails. Mais uma vez, nada importante. Nada assustador. As coisas de trabalho do costume, nada mais. Fecho os olhos e recosto-me no sofá, contente por o serão não estar estragado. O telemóvel soa com a indicação de uma mensagem de voz e espreiro, novamente tensa, mas é do Carl. «Devo voltar lá pelas 20 horas, não esperem por mim para jantar, até já.»

Regresso à cozinha para cozer umas ervilhas congeladas. Eu e a Matilda comemos a empada de peixe à mesa e cubro o resto com película aderente, para quando o Carl chegar a casa.

A Matilda conversa sobre o jogo que tem estado a jogar com os amigos. Conto-lhe que fui convidada para jantar com as outras mães e ela fica muito contente; estou a fazer um bom trabalho, falando numa voz leve e rindo-me, sem sinais das apreensões subjacentes. Mas elas

estão lá, a situação do Patrick infiltrando-se no tecido da nossa conversa.

Depois de a Matilda se ter deitado, vou também para a cama. Embora seja cedo, estou com frio e cansada. O choque está a passar, assim como a sensação de irreabilidade que me perseguiu o dia inteiro, por muito reconfortantes e domésticas que tenham sido as minhas atividades. Sei onde estou: na minha cama, na minha casa, com a minha filha a dormir no quarto ao lado e o meu marido prestes a chegar a casa. Quando ouço a chave dele na porta, fico aliviada por estarmos todos aqui, debaixo do mesmo teto.

— Desculpa ter-me atrasado — justifica-se o Carl, sentando-se ao meu lado na cama. — A empada de peixe cheira mesmo bem.

Sorrio-lhe e ele desce para ir comer. Aproveito para verificar o meu telemóvel. Nada. Ele traz o jantar para cima e, enquanto come, ponho o telemóvel em silêncio.

— Queres ver televisão? — pergunta-me. — Ou uma série nova em DVD?

Fico surpreendida, mas agradada. A última vez que nos demos bem andávamos a ver *The Wire*.

— Sim. O que tens em mente?

— Uma série *noir* escandinava? Vou buscar o meu portátil.

Recostamo-nos nas almofadas, banhados pela auréola de luz proveniente do portátil do Carl. A série está legendada, por isso tenho de me concentrar, e em pouco tempo estou completamente absorta. No fim do episódio passamos para o seguinte sem demoras. Depois é quase meia-noite e estou demasiado cansada para continuar a ver, mas ele não se importa e deitamo-nos juntos, as discussões postas de lado por uma noite.

— Gosto disto assim, uma noite tranquila em casa, só nós — diz-me, e, em vez de lhe responder, estendo os braços para ele e sei que sabe que concordo com as suas palavras.

A sexta-feira decorre; dois pedidos de caução e uma menção no Tribunal da Coroa em Berlmars. Sem bebidas depois do trabalho,

regresso diretamente a casa por volta das 16 horas, parando apenas para ir buscar a minha papelada para segunda-feira aos escritórios. Eu e a Chloe conversamos um pouco ao telefone sobre o processo judicial da Madeleine. Quase lhe pergunto como está o Patrick, mas bloqueio as palavras antes de estas me saírem da boca e ela nem se apercebe.

Mais um serão tranquilo; a Matilda deita-se cedo e vemos mais dois episódios. Se calhar vai ficar tudo bem. E, embora no fundo saiba que duvido que isso aconteça, não ousa pensar o contrário.

O Carl vai estar a trabalhar durante grande parte do fim de semana, por isso, no sábado de manhã levo a Matilda à natação e a coisa não é tão má como antecipava. Há cadeiras suficientes para nos sentarmos a assistir à aula e toda a gente é muito simpática. No domingo de manhã, e porque está sol, vamos até Hampstead Heath, e a Matilda sobe aos enormes carvalhos perto da entrada para Kenwood. Tiro fotografias dela pendurada, qual macaco, nos ramos mais baixos. As folhas já caíram e ela pontapeia as pilhas de folhas que se amontoam debaixo das árvores.

— Gosto de subir às árvores contigo — diz-me. — O papá nunca me deixa subir muito alto.

Por momentos interrogo-me se deveria impedi-la, mas está a divertir-se tanto que não quero estragar-lhe a disposição.

— Mas tem cuidado para não caíres — aviso-a. — Não queremos que o papá se zangue connosco.

Ela ri-se, e eu suprimo um esgar de deslealdade. Subimos a colina até ao café à direita e pela primeira vez encontro-o aberto. Peço um café com espuma de leite. A Matilda está indecisa entre um chocolate quente e um gelado.

— Está demasiado frio para gelado — digo-lhe, e ela pensa por uns instantes.

— Nunca está demasiado frio para gelado — responde, e a senhora atrás do balcão ri-se, servindo-lhe duas bolas de gelado de chocolate num cone.

Descemos até aos carvalhos e rio-me de quão suja está a cara dela, humedecendo um lenço de papel com a língua e esfregando-lhe as faces

para limpar a maior. Ela desata a correr em círculos, fugindo de mim e depois correndo ao meu encontro, agarrando-me as mãos e fazendo-me andar à roda, para depois atirar mãos cheias de folhas ao ar. Eu também atiro algumas e ela corre a apanhá-las.

— Fecha os olhos — pede-me.

— Porquê?

— Quero brincar às escondidas. Vou esconder-me e tens de me encontrar.

— Está bem — replico, cobrindo o rosto com as mãos.

— Promete que não espreitas. Agora tens de contar até 100.

— Isso é muito, querida. Pode ser 50?

— O pai conta sempre até 100. Não é justo. Se for 50, não dá para me esconder bem — reclama ela.

Hesito, sem querer perturbar a nossa aliança.

— E que tal 75? — pergunto-lhe.

— São 100. Por favor, mamã. — Estende as sílabas de tal maneira que não consigo recusar.

— Está bem, 100. Mas não te afastes muito — concedo.

— Prometo. Prometes não espreitar?

— Prometo. Um, dois, três... — começo a contagem.

A Matilda dá uma risada e agarra-se às minhas pernas por momentos, para me abraçar. Ouço os passos dela a afastarem-se por entre as folhas.

— 23, 24...

— Ainda estás a contar, mamã? Não te estou a ouvir. — Continua a rir-se; ouço-a algures atrás de mim. Não me parece que a busca vá demorar muito tempo.

— 31, 32... — conto em voz alta.

Os passos dela afastam-se mais, o restolhar das folhas cada vez menos perceptível. Já não a ouço a respirar.

48, 49... Espreito à minha volta.

— Mamã! Estou a ver-te a espreitar!

Ouço-a, mas não a vejo. Cubro os olhos com as mãos.

Mais passos ao meu lado, crianças, adultos, um cão. Também estão a

rir-se.

56, 57...

Estou a ficar entediada. Há anos que não conto até 100 e está a demorar mais tempo do que pensava. Não quero estar aqui espedada de olhos fechados, a bloquear o som, o céu azul e o rosto da Matilda.

Mas prometi.

67, 68...

Vozes, próximo e depois a afastarem-se. As únicas palavras que apanho da conversa são «futebol» e «empada de carne». Adiante um murmurar, mais risadas. Um grito súbito na distância e o estalar de galhos na brisa, por cima da minha cabeça.

81, 82...

Os meus outros sentidos intensificam-se. Estou rodeada de outono. O odor ténue a fogueira e à humidade das folhas em decomposição. O zunido de um avião no céu, passando por cima do norte de Londres em direção a um dos aeroportos. O interior deve cheirar a bafio, a transpiração e a pés, e a um pouco de amoníaco proveniente das casas de banho. Os passageiros devem estar a espreitar à janela, identificando os pontos de interesse — Wembley, Kenwood House, o Heath, uma massa de verde e árvores lá em baixo, a uma altitude demasiado elevada para verem as pessoas e os cães a correrem no Parliament Hill.

99, 100.

— Aqui vou eu — grito.

Abro os olhos e observo em redor. Não a vejo em lado nenhum. Contorno as árvores, memorizando o local onde estive a contar como o centro da minha busca. Avanço, espreitando atrás das árvores, à procura de um vislumbre da gabardina verde e prateada da Matilda. Não está lá. Avanço na diagonal, sempre à procura, rindo-me perante a capacidade de ela se esconder tão bem.

— Estás muito bem escondida, Matilda. Não te consigo encontrar — digo, e o vento responde-me, soprando por entre as árvores.

Sinto a pulsação acelerada, a adrenalina do jogo a apoderar-se de mim. Uma árvore, depois outra, todas mesclando-se numa só, os galhos

estendidos para mim. «Se calhar está aqui», diz-me uma, «Não, está aqui», diz-me outra. É como se um rosto me espreitasse de um tronco, um olhar malicioso de outro. Respiro fundo e paro de correr, olhando em redor. As árvores não estão vivas, não dessa maneira. Não são uma força maléfica que engoliu a Matilda inteira.

No entanto, não a vejo em lado nenhum.

— Matilda, Matilda — chamo. — Está na hora de parares de te esconder. Ganhaste.

Não obtenho resposta. Nenhuma menina louca corre na minha direção vinda de trás de um arbusto. Estou a andar à roda em círculos; sinto a respiração mais rápida e algo a estreitar-me a garganta.

— Matilda! Matilda!

Um homem vestido com roupa de jogging aproxima-se de mim.

— Anda à procura de um cão? Está ali um *spaniel* — aponta. — Acho que está perdido.

— Não, um cão não. A minha filha. Estávamos a brincar às escondidas. — É-me difícil proferir as palavras. Estou completamente em pânico agora, o medo apoderando-se de mim.

— Como é ela?

— É desta altura — respondo, fazendo sinal para a minha cintura. — Cabelo castanho-alourado. Tem de estar em algum lado. Só fechei os olhos para contar até 100.

O homem desata a correr por entre as árvores, chamando o nome da Matilda. Outro corredor junta-se a ele. Duas mulheres que passeiam os cães veem a comoção e perguntam-me o que se passa. Tento explicá-lhes.

— Foram menos de dois minutos. Tive os olhos fechados menos de dois minutos. Ela queria tanto que eu brincasse como deve ser; não deveria ter-lhe dado ouvidos.

— Não se preocupe, minha querida. Vamos encontrá-la. Deve ter entrado em Kenwood — diz uma das mulheres. — Matilda, não é?

Transpõem o portão de acesso a Kenwood Estate e ouço-as a chamá-la. O corredor está a gritar algures do meu lado esquerdo. Mais pessoas

juntam-se à busca: corredores, pessoas que passeiam os cães, duas freiras e uma rapariga com ténis plataforma e a cara cheia de rímel preto. Estão espalhados pelo espaço, afastando arbustos e chamando em voz alta. Eu estou no meio, no sítio onde a vi pela última vez, onde ela me abraçou antes de sair a correr. Retiro o telemóvel do bolso e escrevo uma mensagem para o Carl.

«Não consigo encontrar a Matilda.»

Olho para as palavras e engulo a bílis ácida que me sobe à garganta. Então apago-as. Ela há de estar quase a aparecer. Não há necessidade de o preocupar.

Um pequeno veículo passa com dois guardas florestais no interior. Param assim que veem a agitação e falam com uma das pessoas que está à procura da Matilda, que aponta para mim. Corro na direção deles, quase chorando perante a imagem tranquilizadora das suas fardas verdes. Ouvem-me e depois comunicam com alguém através do rádio. Ando às voltas, à procura de vestígios dela. Um dos homens pousa a mão no meu braço, para me chamar a atenção, e quase lhe bato.

— Tenho de ir à procura dela. Largue-me.

— Pode dizer-nos, por favor, o que é que ela tinha vestido? — pede-me, a cabeça próxima da minha. A voz dele tenta soar tranquilizadora, mas está a impedir-me de procurar, a atrapalhar-me.

— Já lhe disse. Calças de ganga azuis, ténis cor-de-rosa e um casaco verde e prateado.

— Verde e prateado como?

— Como assim? Desculpe, desculpe, eu sei que tem de perguntar. Verde na parte de baixo e prateado na parte de cima. O capuz é prateado — explico-lhe, contendo o medo que estou a sentir, o terror puro, a minha filha reduzida a uma lista de peças de roupa.

Decorrem vários minutos. Não sei se devo permanecer onde estou ou entrar em Kenwood, atravessando os arbustos ao longo da vedação exterior. De bom grado me arranharia nos galhos, levaria vergastadas da folhagem no rosto. Mas, se o fizer, ela não conseguirá encontrar-me. Este é o sítio onde me viu pela última vez. Talvez tenha enveredado pelos

trilhos ensombrados e se tenha atrapalhado — a maneira como eles se misturam, a forma como no espaço de poucos minutos nos vemos cercados pela vegetação rasteira densa. Eu própria já me perdi lá, quando andava à procura do antigo campo de duelos, a casa do gelo. A casa do gelo...

— Terá ido para a casa do gelo? Se calhar ficou presa algures? — digo ao guarda-florestal ao meu lado.

Ele está a falar no rádio, mas vira-se para me ouvir.

— A polícia já vem a caminho. Vamos investigar todas as possibilidades.

A palavra «polícia» funciona como um soco no estômago. Ninguém me diz para não stressar, que estou a ser tonta e, claro, que ela irá aparecer não tarda nada. Estão a ligar para a polícia e a organizar grupos de buscas sistemáticas. A bÍlis torna a assomar-me à garganta, ardendo, ácida.

Então a polícia chega, três agentes desta vez, dois novos e uma mais velha. Ela tem o cabelo curto e grisalho, e um rosto tranquilizadamente redondo, embora eu perceba no brilho do seu olhar que não deixará passar nada.

— Sou a inspetora Murray, da Esquadra de Hampstead. Diz que a sua filha está desaparecida. Que idade tem ela? — pergunta-me, ao mesmo tempo que dá um passo à frente, flanqueada pelos dois agentes mais novos.

— Tem 6 anos. Estávamos a brincar às escondidas. Eu tinha os olhos fechados — replico.

— Durante quanto tempo, exatamente?

— contei até 100. Não contei depressa nem devagar; devo ter demorado menos de dois minutos — replico.

— Portanto, esteve sem a ver durante dois minutos?

— Mais ou menos isso.

— E não sabe onde é que ela foi?

— Estávamos a brincar às escondidas. Prometi-lhe que não espreitava. Ela insistiu tanto para ter tempo suficiente para se esconder. Tentei

espreitar, mas ela viu-me. — Quero controlar-me, mas não consigo evitar que a minha voz pareça um lamento. Quero atirar a cabeça para trás e uivar e uivar até a Matilda estar em segurança nos meus braços.

— Ela conhece bem esta zona? — As palavras da agente da polícia alcançam-me. Limpo o ranho da face na manga.

— Costumamos vir aqui, mas não com muita frequência. Quer dizer, ela conhece este sítio, mas não me parece que se saiba orientar.

A inspetora Murray aponta num bloco o que lhe digo.

— E a que horas viu a sua filha pela última vez? — indaga.

— Não sei. Não olhei para o relógio. Contei até 100 e depois comecei a procurá-la, e quando não a encontrei comecei a chamá-la em voz alta e depois aquele homem ali foi à procura dela e depois tudo isto... — Estou a falar tão depressa que as palavras saem atabalhoadas, mas isto é uma perda de tempo tão grande; deveríamos estar à procura debaixo de cada arbusto e cada árvore até...

— Precisamos de ter uma noção de há quanto tempo ela está desaparecida. Não tem uma ideia mais concreta? — pergunta-me a agente, a voz dela simpática mas persistente.

— Talvez uns 15 minutos? — replico, atirando o número para o ar.

Ela afasta-se ligeiramente com os outros agentes da polícia. Dirigem-se para o carro-patrulha e um deles senta-se ao volante e utiliza o rádio. Estou prestes a ir ter com eles, mas já estão despachados, fecham a porta do carro e um deles entra em Kenwood Estate, chamando pela Matilda; o outro desce a colina atrás de mim, fazendo o mesmo. O grupo de buscas ganhou ímpeto, cada pessoa que passa colando-se a eles como limalhas a um íman. A urgência nas vozes deles está a aumentar. Continuo parada no centro, sem conseguir sair do lugar, o frenesi das buscas rodopiando à minha volta até que me sinto tão tonta que acho que vou cair ao chão.

A inspetora Murray regressa. Põe o braço à minha volta e empurra-me delicadamente para baixo, para que me ajoelhe.

— A senhora está muito pálida. Respire fundo algumas vezes — aconselha-me.

Tento, mas não sou capaz; sinto o peito muito apertado.

— Nós agora estamos a tomar conta da ocorrência. Estou certa de que deve ter-se perdido algures. As crianças da idade dela fazem este tipo de coisas — diz.

— Ela nunca fez nada assim — respondo-lhe.

— E aposto que não o voltará a fazer, quando vir a confusão que causou.

Sei que as palavras da mulher pretendem acalmar-me, mas os olhos dela não param de olhar para um lado e para o outro, por cima do meu ombro, avaliando a situação.

— Com quem é que ela mora? — pergunta-me.

— Comigo e com o pai. Nós os três.

— E está tudo bem? Não há problemas? — questiona.

— Não, nenhuns. O que é que isso interessa para o caso?

— Estou só a confirmar que não há problemas com o pai — diz-me, a afirmação em jeito de pergunta.

— Mas que ideia... Ah, que ele pudesse tê-la raptado? Não, nada disso.

— Faço uma pausa. E outra. — Mas não tinha dito que ela se deve ter perdido?

— Temos de considerar todas as possibilidades — responde-me. — Onde está o pai?

— É terapeuta. Passa o dia com pacientes.

— Se me disser onde é, podemos mandar alguém para o ir buscar — diz-me ela, num tom descontraído. Quanto mais calma aparenta estar, mais eu fico assustada. Há toda uma camada de significados que me ultrapassa. — Qual é a morada da clínica?

Dou-lha, a fórmula de palavras e números saindo-me automaticamente da boca. O nome da Matilda ecoa à minha volta e estou a tentar ouvir uma resposta, qualquer coisa que me dê alguma esperança. Uma menina passa por mim a correr ao longo do trilho, com a mãe, e faço um esforço para não ir atrás dela e agarrá-la para confirmar que não se trata da Matilda, embora eu saiba que não é; tem um casaco cor-de-rosa e o cabelo louro dela tem tranças junto à cabeça.

Os gritos soam mais perto agora e talvez tenham encontrado algo; o coração vem-me à boca e o agente da polícia emerge a correr de Kenwood Estate com algo nos braços. Penso que é ela, a Matilda, a minha filha, a minha querida, a voltar para mim, mas há algo de errado, está frouxa nos braços dele, num ângulo estranho, e depois sinto um alívio enorme ao constatar que é o casaco dela e não o corpo morto que ele traz nos braços, e corro para ele, mas o alívio dissipa-se e é substituído por pânico e não consigo respirar e um grito soa algures e talvez venha de mim, quando o agente me estende um casaco vazio, uma parte verde e a outra parte prateada, e quando pego nele os agentes da polícia entreolham-se com uma expressão taciturna que eu percebo demasiado bem.

A mulher polícia aproxima-se e tira-me o casaco das mãos. Tento agarrá-lo, mas ela tira-mo com firmeza.

— Precisamos disto para as buscas — diz-me. — Depois devolvemos-lho.

— Não compreendo. Ela tinha-o vestido. Onde é que o encontrou? — Olho para o agente que o achou. Ele hesita por instantes, como se procurasse as palavras certas.

— Estava debaixo de um arbusto ali ao fundo — responde, apontando na direção de Kenwood.

— Porquê despi-lo? — pergunto. — Está frio hoje.

— Talvez tenha ficado com calor quando andou a correr à sua procura — sugere ele. — Além de que dá nas vistas.

Fico petrificada. O tempo está a passar e sei exatamente o que ele quer dizer. Já ouvi todos os mitos urbanos, crianças raptadas em centros comerciais, as cabeças rapadas, as roupas trocadas. Sei que seria muito fácil largar o casaco e embrulhá-la em algo diferente, para a tirar do parque antes que alguém desse pelo sucedido. Tive os olhos fechados durante tanto tempo que praticamente lhes entreguei a Matilda de bandeja.

A adrenalina percorre-me todo o corpo, acelerando-me o ritmo cardíaco de tal maneira que o coração parece prestes a explodir de

dentro de mim, as minhas mãos torcendo e agarrando o casaco da Tilly. E, subjacente a tudo isso, o sentimento de culpa cada vez maior. Isto é tudo culpa minha. Tudo culpa minha. Cometi um pecado e ela está a pagar por isso. Os meus cuidados maternos de merda fizeram com que a perdesse, talvez a tenha perdido para todo o sempre. Caio de joelhos no chão, angustiada perante a ideia de tudo o que fiz e de tudo o que poderia ter feito, e o facto de agora ser tarde demais, jamais voltarei a ouvir o riso dela, ou a pentear-lhe o cabelo, ou a levá-la à escola ou à natação. Meu Deus, nadar. O lago ao fundo de Kenwood. Quase o digo em voz alta, mas contenho-me; eles sabem, estão a procurar nesse local. Apesar de não rezar e de saber que não mereço qualquer intervenção divina ou outra, na minha mente estou a fazer promessas. «Desistirei de tudo, juro, estarei presente para ela. Se me for concedida essa oportunidade, só mais uma vez, de a ver, de a abraçar, deixarei de ser uma egoísta de merda. Desfrutarei de cada momento, como deveria ter feito desde o início, em vez de só pensar em mim.»

A busca continua. Não saio do local onde a vi a última vez. Estou a perder a noção de quanto tempo já passou — a minha percepção do tempo está estranha, lenta e rápida, misturando-se numa espiral na minha mente.

— Alison. Alison! O que é que se passa?

O Carl chegou; foram buscá-lo à clínica e trouxeram-no para cá.

— A Matilda desapareceu. Estávamos a brincar às escondidas e depois ela já não estava aqui. — Recomeço a chorar e tento abraçá-lo, ser abraçada por ele, que me diga que vai correr tudo bem e que ela vai aparecer não tarda nada.

O Carl afasta-me, segurando-me pelos ombros.

— Eu disse-te para teres cuidado, não posso contar contigo para nada.

— Está furioso, percebo-o agora. — Já lhes disseste o que fazes? Que talvez tenha sido um dos teus clientes?

A inspetora Murray vira-se repentinamente para mim.

— O que é que faz? — indaga.

— Sou advogada criminal. Faço essencialmente defesa. Mas não me

parece que... — replico.

— E o senhor é terapeuta — diz ela, olhando para o Carl. — Há alguma possibilidade de que tenha sido um dos seus pacientes...?

— Nenhum dos meus pacientes faria uma coisa destas — responde ele, olhando-me com uma expressão de desdém.

A inspetora Murray fita-me com atenção e depois torna a olhar para o Carl. Um dos outros agentes aproxima-se e faz-lhe sinal, e ambos afastam-se para trocar umas palavras. Em seguida, ele dirige-se para o carro e torna a utilizar o rádio.

— Chamámos um helicóptero — informa-nos ela. — Às vezes ajuda.

Eu já estava assustada, mas agora estou completamente em pânico.

— Faz ideia se poderá ter aborrecido algum dos seus clientes nos últimos tempos? — pergunta-me.

— Não me parece. Não a este ponto — replico.

— E o senhor? — pergunta ela ao Carl.

— Claro que não. Nem acredito que esteja a perder tempo com isto. Deveria estar a procurá-la, em vez de nos estar a criticar — replica ele, a fúria transbordando.

Inspiro, expiro. Não me atrevo a pôr-me de pé, com receio de desmaiar.

— Estamos a fazer tudo o que podemos — replica a inspetora Murray, tentando acalmar os ânimos.

— Como é que foste perder a nossa filha, Alison?! — Está a gritar-me na cara, debruçando-se sobre mim. Escondo a cabeça entre as mãos e balanço-me para a frente e para trás. — A culpa é toda tua, estúpida de merda! Deste cabo do nosso casamento e agora perdeste a nossa filha. Foda-se! — Põe-se de pé e afasta-se num rompante, mas depois volta. — Onde está a minha filha? — pergunta à inspetora Murray. A seguir, inclina-se para a frente e grita na cara dela também. — Onde está ela, foda-se?!

— Vou ter de lhe pedir que se acalme — replica ela sem recuar, enfrentando a fúria dele. — Compreendo que este seja um momento emotivo...

— Um momento emotivo?! A minha mulher é tão inútil que perdeu a nossa filha e você diz-me que isto é apenas emoção? — Ele aproxima-se da inspetora como se fosse dar-lhe um soco.

Observo-o, sustendo a respiração. Se disser alguma coisa, se ele reparar em mim, fá-lo-á com toda a certeza, e depois será detido por agressão a uma agente da polícia, além de tudo o resto.

A Murray mantém-se firme e por momentos eles olham-se fixamente. Então, o Carl baixa as mãos e franze o rosto.

— Desculpe. Peço desculpa — diz ele. Afasta-se novamente, mas depois regressa e desfere um pontapé na minha direção. — Sua cabra! — grita-me.

Dou um salto para trás e o pé não me acerta. Ele desequilibra-se e cambaleia para se manter direito. Agora estou paralisada, vendo a raiva no rosto dele, arroxado de fúria. Sei que deveria estar assustada, mas não estou. Não tenho espaço para me importar com isso. Mereço ser pontapeada. Sentir-me-ia muito melhor se fosse pontapeada.

Mas, neste momento, isso não interessa. A única coisa que interessa é a Matilda e o buraco no meu coração causado pela ausência dela. Não compreendo como é que o Carl consegue estar preocupado com outra coisa.

— Para de olhar para mim — diz-me. — Para de olhar para mim, foda-se! — Aproxima-se, agarra-me os ombros e começa a abanar-me cada vez com mais força. — Sua inútil de merda! — diz-me, mas as palavras saem-lhe atabalhoadas da boca. Entretanto, a inspetora Murray aproximou-se dele, com uma profunda expressão de preocupação no rosto, mas, antes de ela poder intervir, ele para de me sacudir, senta-se para trás em cima dos calcanhares, as mãos ainda nos meus ombros, e desata a chorar. — Onde está ela, Alison, onde está ela?

— Não sei — respondo. — Não sei.

Ficamos sentados no chão, parceiros no medo. Ele chora, ranho e lágrimas e soluços, limpando desajeitadamente o rosto com a mão. Quero abraçá-lo, dizer-lhe que vai correr tudo bem, mas sei que não posso. Estendo-lhe a mão, mas retrai-se com tanta veemência que quase

se desequilibra outra vez. Tento pensar em algo para dizer que não piore a situação, mas não há nada que possa ser dito.

Ouçõ gritos vindos do meu lado direito e o som de alguém a correr. A princípio ignoro-o, mas é cada vez mais audível. Viro-me para ver o que está a acontecer, e é o mesmo agente que trouxe o casaco, mas desta vez o que traz ao colo é algo vivo e esperneante, um raio de esperança que ilumina a minha escuridão.

— Mamã! — grita a Matilda, e corro para eles, pegando nela ao colo e abraçando-a junto a mim. — Mamã — torna ela a dizer, e nunca me senti tão feliz por ouvir a voz dela, por sentir o odor do seu cabelo. Ela aninha-se em mim, a cabeça segura sob o meu queixo. A dor no meu peito alivia e o vazio é preenchido.

O Carl corre para nós e tira-ma do colo, e, embora não a queira largar, sei que devo fazê-lo. Abraça-a durante o que me parece ser uma eternidade. Ela começa a mexer-se nos braços dele e, após uns minutos, ele põe-na no chão e a Matilda corre novamente para mim. Sento-me no chão e ponho-a em cima do meu joelho, o rosto dela encostado ao meu.

— Estás gelada — digo-lhe, reparando como está fria.

— Despi o casaco porque fiquei cheia de calor quando andava à tua procura — diz-me ela. — Não sei onde é que está.

— Não te preocupes, querida, nós temo-lo. — Olho em redor e vejo que a inspetora Murray o tem na mão, parada ligeiramente afastada de nós, mas atenta a tudo o que acontece. Aceno-lhe e aponto para o casaco. A inspetora Murray trá-lo até nós. Ajoelha-se também no chão.

— Estava em Kenwood House — diz-me. — Estava muito perturbada e cheia de frio, e um visitante informou o pessoal do parque. Devem ter sabido da nossa busca, por isso...

— É maravilhoso tê-la de volta — replico. — Obrigada.

— Ainda bem que houve um final feliz. — A inspetora Murray senta-se para trás. — Matilda, contas-me o que aconteceu? Como é que te perdeste?

— Estávamos a brincar às escondidas. Eu fui ali acima, ao bosque. Depois perdi-me. Quanto mais corria, mais calor sentia, por isso despi o

casaco. E depois estava na casa grande e apareceu o senhor polícia — explica a Matilda, à pressa.

— Não falaste com nenhum adulto no bosque?

— Não falei com ninguém. A minha mamã diz que não posso falar com estranhos.

— Isso é muito sensato. És uma boa menina — responde-lhe a inspetora Murray.

Não obstante ter-lhe vestido o casaco, a Matilda continua a tremer, agarrando-se mais a mim.

— Precisa de mais alguma coisa dela? — pergunto. — É que quero levá-la para casa.

A inspetora Murray acena afirmativamente.

— Tudo bem. Temos os seus dados. Talvez lhe façamos uma visita, para uma conversa, no final da semana; se me der o seu contacto telefónico, poderei ligar-lhe com antecedência.

Dou-lho e levanto-me do chão, juntamente com a Matilda. O Carl está por perto. Recusa-se a olhar-me nos olhos.

— É melhor irmos para casa agora — digo-lhe.

Ele encolhe os ombros e caminha ao meu lado. Regressamos ao carro e seguimos para casa. Ele permanece calado no lugar do passageiro.

Quando chegamos a casa, preparo um banho para a Matilda. São apenas 16 horas, mas sinto como se tivesse estado ausente de casa vários anos. O Carl permanece no piso inferior, enquanto eu lhe dou um banho; não quero estar longe dela. Ela sente-se feliz e não revela qualquer sinal de stress. Brinca na água e faz uma peruca e uma barba de espuma. Não lhe vejo quaisquer marcas, qualquer indício de que o seu relato do que aconteceu possa estar incorreto.

— Tens mesmo a certeza de que não falaste com ninguém? — pergunto-lhe.

— Já disse que não. — Desaparece debaixo de água. Não quero insistir mais.

Depois do banho veste o pijama e uma camisola com capuz. Descemos juntas ao piso inferior. O Carl está sentado à mesa da cozinha,

fitando o vazio. A Matilda senta-se em cima dos joelhos dele e ele abraça-a momentaneamente, mas depois põe-na no chão.

— Vai abraçar a tua mãe — diz-lhe.

Não percebo. Por norma não a larga, nunca há espaço para mim. Sei que ainda está em choque, mas isto não faz qualquer sentido. Sento-me ao lado dele.

— Matilda — digo-lhe —, eu e o papá precisamos de conversar sobre uma coisa. Porque é que não vais ver um pouco de televisão?

— Está bem — responde-me, indo para a sala de estar.

Pouco depois, ouve-se o som do televisor, um murmurar agudo em pano de fundo.

— Carl, tens mesmo de continuar tão zangado? Ela agora está em casa; isso não é o mais importante?

Ele fita-me inexpressivamente. Ao fim de uns segundos aclara a garganta.

— Não consigo parar de pensar que poderia facilmente ter acabado mal — responde-me. — Poderia ter acabado muito mal. Por sorte não aconteceu. Mas esta é a gota de água. — Afasta a cadeira e põe-se de pé. — Aturei o facto de beberes, o trabalhares horas a fio, o estares a borrifar-te para o meu trabalho e não me apoiares em nada. Consegui aturar tudo isso. Mesmo depois do que aconteceu em Brighton. — Baixo a cabeça perante a investida. — Mas seres tão descuidada, e tão inútil como mãe, a ponto de perderes a minha filha... Não consigo continuar assim.

Ele não está a gritar. Não precisa. As palavras arrancam-me pedaços como se fossem feitas de ácido.

Então, ele abana a cabeça.

— E sabes o que mais me custou? Que quando ela apareceu foi a correr para ti. Não obstante seres uma merda, ela continua a gostar mais de ti. E não suporto isso. Puseste-a contra mim, eu sei. Isso deixa-me tão zangado que nem consigo olhar para ela agora.

— A culpa não é dela, Carl. Isso não é justo.

— Nada disto é justo, Alison. Nada disto é justo. — Sai disparado da

cozinha e sobe as escadas com passos pesados.

Ouço-o a abrir e a fechar gavetas, e depois torna a descer as escadas.

Vou ao átrio e vejo-o tirar um saco de viagem do roupeiro com uma mão, um saco-cama na outra.

— Onde é que vais? — pergunto-lhe.

— Vou para a minha sala de terapia. Por esta noite. Não quero estar na mesma casa que tu. Não fico descansado em relação à Matilda, mas não tenho alternativa. Pelo menos esta noite. Mas juro-te por Deus, se algo acontecer à Matilda, se ela tiver um arranhão que seja no dedo mindinho, eu mato-te, foda-se.

Dito isso, retira-se, fechando a porta devagar atrás de si. Fico espedada no átrio durante uns segundos, avassalada pela fúria dele e pela noção de que algo mudou irreversivelmente entre nós. Está tudo destruído. E a culpa é minha.

A Matilda emerge da sala de estar.

— Onde é que está o papá? — pergunta, e eu engulo em seco antes de responder.

— Teve de ir trabalhar, meu amor. Mas volta em breve — digo-lhe, na esperança de que seja verdade.

Sento-me ao lado dela no sofá e vemos um pouco de televisão. Mais tarde, faço o jantar e deito-a na cama do nosso quarto; não por ela, mas por mim. Só adormeço ao fim de várias horas, o medo dessa tarde repetindo-se na minha mente, mas ouço-a respirar e o som acalma-me, e pouso calmamente a mão sobre a dela.

A Matilda dorme contínua e profundamente, sem acordar com o alarme do carro que dispara constantemente na nossa rua ou com o uivar das raposas no jardim das traseiras que me desperta do sono por volta das 5 horas. O meu coração bate furiosamente, e tenho o pescoço e o peito transpirados. Não volto a adormecer.

Quando o despertador soa, preparo o pequeno-almoço. Tenho a sorte de a minha audiência nessa manhã só começar às 10h30; vou ter de falar com os funcionários judiciais em relação aos meus casos, até saber o que é que o Carl tenciona fazer. Com certeza regressará a casa em breve. Com certeza... Olho para a Matilda, que come ovos mexidos. Vejo a minha linha do maxilar no rosto dela, o sobrolho do Carl. Ela ergue o olhar.

— Porque é que estás a olhar para mim, mamã?

— Desculpa, querida. Estava só a pensar que te adoro.

Aproximo-me dela e abraço-a com força.

— O pai vai estar em casa logo à noite? — pergunta-me.

— Não tenho a certeza.

Depois de ela lavar os dentes e de eu vestir o meu fato, vamos a pé até à escola dela. Ela entra a correr, radiante, e aceno aos pais que conheço; a seguir, dirijo-me para a estação e apanho o metro. Encosto-me à parede da carruagem, de olhos fechados. Controlei-me tanto, e durante tanto tempo, por causa da Matilda, que agora que ela está na escola entrego-me à tristeza que sinto, sem precisar de exhibir um rosto feliz e uma voz animada. Mexo-me com o movimento da carruagem, equilibrando-me a cada solavanco, balouçando ao ritmo das rodas de metal nos trilhos.

Mantenho-me cabisbaixa até Berlmarsh, sem olhar para ninguém, sem cruzar o olhar com ninguém. Visto rapidamente a toga, evitando conversar seja com quem for. Um pedido de caução em nome do Robert do escritório, uma sentença minha de um julgamento que chegou ao fim há uns meses. O relatório pré-sentença já foi adiado três vezes, nenhuma delas por culpa da minha cliente.

— Isto vai demorar muito? Ele está com a minha mãe, mas ela precisa de sair — diz-me ela, os dedos segurando o cigarro eletrónico barato que tenta fumar sem atrair a atenção do segurança.

Olho-a inexpressivamente.

— Quem é que está com a sua mãe?

— O meu filho, claro. Quem haveria de ser? — A irritação no tom de voz dela trespassa a névoa na minha mente.

— Peço desculpa, sim, claro. Desculpe, estou um pouco cansada esta manhã.

— Quem é que não está, minha querida, quem é que não está... — replica ela, apaziguada. Mais ou menos.

— Espero que seja relativamente rápido. Não há muitos processos judiciais antes do seu — respondo-lhe. — E, pelo menos, conseguimos finalmente o relatório pré-sentença.

— Acha que vai correr bem?

— Penso que sim. Está tudo em ordem. Tem aquele emprego em vista, mudou-se para perto da sua mãe... Acho que vai correr bem.

Felizmente, assim acontece. O juiz aceita as recomendações no relatório sem que seja necessário eu adiantar mais do que o essencial. São 24 meses de serviço comunitário; a minha cliente teve sorte, desta vez, mas a agressão sob o efeito de álcool foi algo muito pouco característico dela. A vítima, uma rapariga no *pub* que deu demasiada atenção ao namorado de então da minha cliente, exibirá as cicatrizes dessa agressão durante mais do que os dois anos, mas pelo menos não está aqui para objetar. Eu não iria aguentar, não hoje.

Regresso à cidade o mais depressa possível. Com as audiências

despachadas, já posso pensar no que fazer a seguir. Talvez o Carl esteja mais calmo hoje. Embora eu duvide. O meu estômago dá uma volta perante a incerteza da situação. Pego no telemóvel e ligo-o, na esperança de que o Carl me tenha contactado, enviado uma mensagem, «Vamos conversar». Qualquer coisa que quebre este impasse, que faça o tempo recuar até antes de nos termos tornado tão infelizes. Nada. Ligo-lhe; toca, mas não atende. Torno a ligar. Para ao fim de dois toques. Sei que isso significa que está a olhar para o telemóvel. Envio-lhe uma mensagem.

«Estou tão arrependida, Carl. Podemos conversar, por favor? Beijos.»

Vejo que a mensagem foi entregue e, por momentos, o meu coração dá um salto quando vejo os três pontos a dançarem no ecrã, sinal de que está a escrever uma resposta. Mas nada. Nenhuma resposta, nenhum bip. Tento mais uma vez.

«Liga-me, por favor. Por favor. Beijos.»

Dessa vez nem sequer os três pontos aparecem. Torno a guardar o telemóvel na mala e recosto-me com os olhos fechados o resto da viagem, sentindo-me exausta só de pensar nas mudanças que me esperam.

Quando chego aos escritórios, entrego as pastas ao Mark. Reparo na expressão de solidariedade no rosto dele e vejo que está prestes a dirigir-me a palavra, pelo que tento fugir da sala dos funcionários judiciais, mas é tarde demais.

— Já conseguiu falar com ele, doutora? — pergunta-me.

— É uma situação muito complicada — replico, tentando rematar a conversa.

— Acho que ele quer muito falar consigo. Já ligou várias vezes para saber se a doutora está.

— A sério? — O meu coração dá um salto. — Mas porque é que não ligou para o meu telemóvel?

— Pelos vistos tentou, doutora, mas não conseguiu apanhá-la.

Saco do telemóvel e de imediato ligo para o Carl. Mais uma vez toca até ir para o voicemail.

— Ele não está a atender — respondo, quase em lágrimas.

— Bem, deixou três mensagens para si. Vai ver que não tarda nada conseguirá contactá-lo.

O Mark entrega-me um molho de post-its. Leio-os: «Mensagem para Alison: o Patrick ligou às 10h37. Pede para lhe ligar.» Amasso-os na mão e atiro-os para o caixote do lixo junto à porta. O Patrick. Não foi o Carl. É claro que o Mark se referia a ele. A minha pequena chama de esperança extingue-se e o peso torna a abater-se sobre os meus ombros.

— Sim, com certeza que sim — replico, saindo da sala dos funcionários judiciais e refugiando-me no meu gabinete, a porta fechada para a realidade da situação atual. Apesar de ter dormido alguma coisa na noite anterior, o alívio de ter encontrado a Matilda tendo-se sobreposto à saída do Carl de casa, é impossível escapar ao dia de hoje. Ele foi-se embora e vou ter de lidar com isso.

Às 14h30 deixo os escritórios. Disse ao Mark que vou ter de trabalhar em Londres durante uns tempos, até eu e o Carl nos termos organizado melhor em relação a quem ficará quando com a Matilda. A agenda está calma, pelo que reservo os dois dias seguintes para mim, a não ser que entretanto apareça alguma coisa urgente. O meu otimismo dessa manhã dissipa-se e agora resta-me esperar que, quando o Carl deixar de se sentir tão zangado, talvez esteja disposto a conversar. Aquilo que posso deduzir com base no que tenho lido é que a mediação é fundamental. Afinal de contas, ambos somos pais da Matilda, partilhámos muitos anos juntos — não acredito que não queira discutir isto como deve ser.

Chego a horas ao portão da escola e converso um pouco com os outros pais também à espera. Quando a campainha toca, as crianças emergem, cada uma resgatada pelo respetivo progenitor. A Matilda não sai na primeira enchente, nem na segunda. Nem sequer vem com o último rapaz, o que está sempre atrasado, caminhando a arrastar meia camisola pelo chão e com os livros à mostra dentro de um saco de plástico manchado. Toda a gente se foi embora e o recreio está vazio. É uma espécie de repetição do dia anterior e, por instantes, sou acometida pela mesma sensação de medo — alguém levou a Matilda e não a vai

devolver. Esse pensamento passa pouco depois, reconhecendo a segurança da escola. Ela não pode ter-se perdido. Mas no lugar desse medo desconhecido surge outro, mais preciso e específico.

Entro na zona da receção e fico à espera de que alguém dê pela minha presença ao balcão. Uma jovem mulher arquiva coisas na sala de trás e digo «se faz favor» algumas vezes, até ela reparar em mim.

— Posso ajudá-la? — pergunta-me.

— Vim buscar a Matilda. Matilda Bailey, segundo ano.

— Ela não saiu?

— Ainda não. Só queria confirmar se ainda estará na sala de aula. Posso entrar? — indago.

— Deixe-me ligar. — Pega numa lista de nomes e passa o dedo pelos mesmos, parando a três quartos do fim da página. De seguida, marca um número. — É por causa da Matilda Bailey; a mãe dela está aqui. Ela está consigo? — Segue-se uma pausa. Ouço uma voz do outro lado da linha, mas não com clareza suficiente para distinguir as palavras. — Ótimo, obrigada. Vou informar a mãe. — Pousa o auscultador e vira-se para mim. — O pai veio buscá-la, um pouco mais cedo. Não sabia?

— Eu... Devo ter-me esquecido. Peço desculpa. — Sinto que levei um pontapé no peito, mas mantenho uma voz estável. — É melhor ir andando para casa, então. — Sorrio-lhe, mas ela já regressou aos arquivos.

Caminho rapidamente em direção a casa, com o coração a martelar-me nos ouvidos. O Carl está a ser eficiente, nada mais. Estou a ser pouco racional, a imaginar que foi buscar a Matilda à escola mais cedo apenas para ser ele a fazê-lo e não eu. Acelero o passo, ansiosa para chegar a casa e parar os pensamentos que rodopiam na minha mente.

E, ao abrir a porta e entrar em casa, por instantes tudo está normal. A Matilda corre para mim, abraça-me e sentamo-nos no primeiro degrau das escadas, enquanto me conta o que fez nesse dia e como os amigos ficaram impressionados por ter falado com agentes da polícia no dia anterior.

Conversamos, e estou prestes a entrar na cozinha com ela, para lhe

dar uma peça de fruta, quando surge o Carl, gigante acima de mim.

— Matilda, vai para o teu quarto — ordena ele.

— A mamã ia dar-me uma coisa para comer.

— Vou buscar-te uma laranja e depois vais para o teu quarto, por favor.

Fico parada no átrio, à espera, enquanto ele entra na cozinha e depois regressa. Estende um prato à Matilda e ela aceita-o.

— O que é isto? — pergunta. — É esquisito.

— É uma laranja — responde-lhe. — Podes ir para cima, agora? — Parado com o sol atrás dele, os raios de luz entrando pela janela por cima da porta, parece mais alto do que o normal, mais imponente.

— Não parece uma laranja. É vermelha.

— É uma laranja-de-sangue, Matilda. É orgânica. Faz-te bem. Agora vai para o teu quarto e come — diz-lhe, apontando para o piso de cima.

Dessa vez ela obedece, levantando-se no meu joelho com um suspiro petulante e subindo pesadamente cada degrau, para deixar bem clara a sua relutância.

— Alison, podes vir aqui? Precisamos de conversar sobre umas coisas.

Apetece-me mandá-lo à merda, dizer-lhe que deixe de ser um pomposo da porra, mas a minha coragem é sol de pouca dura. Ponho-me de pé e sigo-o, enfiando as mãos nos bolsos das calças para esconder o tremor das mesmas. Sento-me no sofá, à espera de que se sente ao meu lado, mas em vez disso posiciona-se no outro lado da sala, parado diante da lareira. Fico à espera de que comece a falar, mas não diz nada. O silêncio é cada vez mais pesado na sala. Se o meu coração bater mais forte, ele irá decerto ouvi-lo.

— Carl, eu... — Não consigo continuar calada, mas, quando falo, ele começa a falar também, abafando as minhas palavras hesitantes.

— Passei a noite inteira a pensar nisto, Alison. E o dia todo também. Já te aturei demasiadas coisas e não sou capaz de continuar.

— Como assim? — indago, a minha voz um lamento.

— Por favor, não fales. Isto é muito complicado, mas tenho de dizer o que penso. Isto já foi longe demais.

Aceno com a cabeça, muda. Reparo que cobri a boca com a mão,

embora não me recorde de ter feito esse movimento.

— Vou pedir o divórcio, Alison. Não há volta a dar. Hoje falei com um solicitador e o meu caso é esmagador. Posso divorciar-me de ti com base em comportamento irracional. Sabes bem o que já me fizeste passar, em especial neste último ano e tal.

— Eu...

— Não, tens de me deixar acabar. Isto é muito difícil para mim. O mínimo que podes fazer é deixar-me falar.

Estou prestes a explodir, palavras de autodefesa, de acusação, de justificação, de mágoa pura fervilhando dentro de mim, de tal maneira que, se não saírem pela minha boca, irão explodir-me na cabeça. Mas aceno afirmativamente, em silêncio. É o mínimo que posso fazer.

— Quero que saias desta casa — prossegue. — Hoje. É óbvio que terás de vir buscar o resto das tuas coisas mais tarde, mas para já quero que prepares um saco e que te vás embora. Tendo em conta a maneira como te tens comportado, não devo ter qualquer dificuldade em obter a custódia principal da Matilda, e, uma vez que fui eu quem pagou o sinal para a casa com a indemnização do meu despedimento, tenho mais direito de estar aqui do que tu. — Estou estupefacta. As palavras desapareceram. Tenho uma massa de ruído fervente na cabeça e não consigo processar o que ele diz. — Terás direito a uma parte da casa, claro, não vou negar-te isso. Afinal de contas, vais precisar de um sítio para morar. Mas tendo em conta que este é o lar da Matilda e que serei eu a tomar conta dela, parece-me justo que fique para mim. Estás a perceber o que estou a dizer?

A confusão que sinto deve estar visível no meu rosto. Engulo em seco, inspiro e expiro. Ele continua a olhar para mim como se esperasse uma resposta.

— Queres que eu saia de casa? — profiro, por fim.

— Foi isso que eu disse, sim.

— E vais ficar com a custódia da Matilda?

— Como é óbvio. Não me digas que achas que podes cuidar dela? Mal sabes tomar conta de ti própria. — A voz dele não revela nada além de

desdém. Nem sequer raiva.

— Mas, mas ela gosta de mim. Ela precisa de mim. — Estou a chorar, as lágrimas escorrendo-me pelas faces.

— Certo, Alison, estou a ver que vou ter de to dizer com todas as letras. — O Carl senta-se na beira da poltrona, inclinado sobre a mesinha de apoio. Pensava que o facto de estar ao mesmo nível que eu fosse facilitar as coisas, mas a proximidade dele é mais intimidante ainda. — Por onde devo começar? — Respira fundo e começa.

A bebida — certo.

As horas longe dela — certo.

O tabaco — certo.

O meu egoísmo, sempre a trabalhar ao fim de semana e à noite — certo.

O meu egoísmo emocional — certo.

Sinto-me assoberbada com a lista dele. Uma série de defesas assaltam-me a mente: tive de regressar ao trabalho porque ele perdera o emprego; o ser advogada implica trazer trabalho de última hora para casa e preparar julgamentos até às tantas da noite; o stress de lidar com clientes e os constantes erros do sistema judicial são tais que às vezes é melhor tomar uns copos com colegas, com pessoas que compreendem a situação, do que trazer tudo isso para casa, incluindo toda a violência e imundície. Mas antes de poder referir tudo isso ele continua.

— E podes dizer que foi necessário por causa da tua carreira, Alison, mas podias ter ido trabalhar para a Procuradoria da Coroa ou num escritório de solicitadores. Podias ter simplificado as coisas. Mas não, és viciada na atenção que recibes quando estás de peruca e toga. Gostas de ser o centro das atenções. Basta ver a maneira como dominas todas as conversas, falando sobre os teus processos judiciais. Como te vangloriaste quando obtiveste o teu primeiro homicídio. — As palavras do Carl saem-lhe em catadupa, anos de ressentimentos a serem finalmente revelados.

— Ouve, Carl...

— Podes calar-te? Estás sempre a falar. Agora é a minha vez — grita

ele. Ergo as mãos no ar e encolho-me no meu lugar, enfiando os pés debaixo de mim enquanto tento desaparecer. — E nada disto teria importância, sabes, absolutamente nenhuma, se não fosse a maneira como afeta a Matilda. És uma péssima mãe. Nunca a pões em primeiro lugar, nunca a levas à natação ou tratas das coisas que ela precisa para a escola. Nem sequer consegues ir buscá-la a horas. Ontem quase a perdeste, porra! — diz ele.

— Mas eu amo-a — replico, a minha voz um sussurro. — Eu amo-a. Isso não conta para nada?

— Não quando a forma como cuidas dela é uma merda. Estás a fazer-lhe mal, tenho a certeza. E não vou permitir que isso continue a acontecer. Deveria ter percebido logo que não tinhas estofó para ser uma boa mãe. Pelo menos arranjei maneira de não termos outro, assim que percebi como tu eras.

Fico calada por instantes, as palavras dele assaltando-me. Então:

— Como assim, arranjaste maneira? O que queres dizer com isso?

— Fiz uma vasectomia, claro. Não estava disposto a correr outro risco. Além de que não podia confiar que tomasses corretamente a pílula. — Olha-me como se eu fosse louca por pensar o contrário.

— Tu... tu fizeste uma vasectomia? Quando é que fizeste uma vasectomia? E porque é que não me disseste? Deixaste-me pensar que... — digo, tropeçando nas palavras.

— Pouco depois de a Matilda nascer — replica —, e fá-lo-ia de novo, Alison. Não demorei muito a perceber quão inútil eras com ela. Jamais terias conseguido cuidar de dois filhos. Portanto, vais tomar a decisão certa e saís sem discussões. Podes vê-la aos fins de semana, mas irei certificar-me de que ela será bem cuidada.

— Não podes fazer isso, Carl. Não vou permiti-lo — respondo-lhe, encontrando finalmente forças para argumentar, ainda estupefacta com o que ele disse.

— Não tens outro remédio, Alison. Estou a explicar-te como tudo vai ser. As ações têm consequências, sabes, as ações têm consequências. — Nunca o tinha visto assim, tão calmo e ao mesmo tempo tão furioso. A

cabeça dele acenando abruptamente em sintonia com as palavras. É por demais evidente que não vou conseguir chegar a ele agora.

— O que queres que faça? — pergunto-lhe.

Ele acena afirmativamente, satisfeito, recostando-se por fim na poltrona.

— Vou levar a Matilda a jantar. Enquanto estivermos fora, fazes as malas e vais-te embora. Eu digo-lhe que tiveste de viajar em trabalho.

— Posso despedir-me dela?

— Não me parece que seja boa ideia. És demasiado emotiva e não quero que ela fique triste. Poderás vê-la no próximo fim de semana; combinaremos tudo dentro de uns dias.

— E as minhas coisas? — questiono, embora não esteja minimamente preocupada com os meus pertences.

— Trataremos disso no seu devido tempo. Poderás sempre vir buscar mais no próximo fim de semana. As ações têm consequências, não te esqueças disso. Tudo isto é culpa tua.

Ele tem tudo tratado. Subo ao piso de cima e encho uma mala com roupa, escolhendo as peças de forma aleatória. Forço-me a pensar no que irei precisar para o trabalho, selecionando as golas e as camisas brancas. Felizmente, as minhas togas estão nos escritórios, pelo que não terei de carregar com elas de um lado para o outro. Ouço a porta da frente a abrir e a fechar-se, a voz da Matilda mais distante à medida que se afastam de casa. Olho em redor do nosso quarto, subitamente ciente de que será a última vez que aqui estarei enquanto «nosso». O Carl sempre teve a mania de me empurrar para o lado na cama, dormindo completamente estendido no meio. Agora poderá fazê-lo à vontade — é toda dele. Por momentos, a enormidade da situação atinge-me qual soco, uma intensidade tal que me obriga a sentar na cama, sem fôlego. Jamais voltarei a dormir aqui, jamais sentirei o calor do Carl junto a mim. Mas recomponho-me e continuo a arrumar as minhas coisas.

Chamo um táxi e fico à espera no piso de baixo, com a minha mala. Há um hotel Travelodge perto de Covent Garden e tenciono hospedar-me lá. Dantes tinha amigos, antes de tentar enfiar a Matilda e o trabalho

e o Carl e o Patrick no mesmo espaço reduzido. Mas há meses que não falo com ninguém, à exceção dos pais à porta da escola e das pessoas no trabalho. Entretenho momentaneamente a ideia de ligar à Rania, mas é demasiado cedo; só conversámos algumas vezes. Não é como se pudesse aparecer-lhe à porta com a minha mala e o meu casamento falhado.

O táxi chega e entro. Enquanto este circula, olho pela janela. Escapou-se-me tudo por entre os dedos: a casa, a filha, o marido. E o amante, embora agora não seja minimamente relevante. Chego ao Travelodge e faço o check-in, arrastando a minha mala degrau após degrau até ao terceiro andar, uma vez que o elevador está avariado. Sente-se o odor a fritos no ar e vejo uma mancha pegajosa na cabeceira da cama. Sem me dar ao trabalho de me despir, embrulho-me numa manta em cima da cama e fito a parede durante o que me parecem ser várias horas, até que adormeço, e os meus sonhos são todos com a Matilda, correndo à minha frente, longe do meu alcance.

Acordo às 3 da manhã, cheia de frio. O ar condicionado está no máximo e a manta escorregou de cima de mim. Vou à casa de banho e dispo as calças do fato e a camisa, e depois desligo o ar condicionado antes de me enfiar dentro da cama. Tento voltar a adormecer, mas não consigo; demasiados pensamentos às voltas na minha cabeça. Tiro o telemóvel da mala e ligo-o, arrependida por ter sido tão decididamente contra as redes sociais. Talvez esta seja uma dessas alturas em que o *Facebook* dava jeito. Poderia fazer uma publicação a dizer algo vago sobre ser infeliz e de repente receberia festinhas simpáticas dos meus amigos espalhados pelo mundo. Acedo ao site e quase me inscrevo, mas a futilidade desse gesto impede-me de o fazer. Procurar as pessoas do meu passado tem um interesse algo limitado quando o meu presente é tão vazio.

Recebi uma série de mensagens enquanto estive a espreitar o *Facebook*. Resistindo à tentação súbita de as apagar todas, vou às mensagens, uma parte de mim esperançosa de que o Carl me tenha enviado algo a dizer que foi tudo um engano, «Por favor volta para casa, querida, temos saudades tuas».

Mas sei que é tarde demais para isso. Não vai acontecer. Está tudo lixado e a culpa é essencialmente minha. Estendo-me na cama, a olhar para o teto. O detetor de incêndios brilha vermelho no canto e uma luz provém do letreiro de saída do outro lado da porta. Está na altura de ser sincera comigo própria em relação a tudo isto. Amo a Matilda, sempre amei a Matilda, mas desde o princípio que tive dificuldades com a maternidade. Voltei logo ao trabalho e talvez devesse ter ficado mais tempo com ela. É certo que o Carl perdera o emprego e precisávamos do

meu ordenado, mas decerto teríamos conseguido safar-nos na mesma. E se eu tivesse ficado em casa talvez lhe tivesse dado mais atenção e ele não se teria afastado de mim, fazendo-me sentir tão rejeitada e mal-amada que, quando o Patrick apareceu na minha vida, estava tão sequiosa de afeto e contacto humano que o deixei entrar na minha cama e às vezes no meu coração... Se, se, se... Tantas variáveis, todas conduzindo à mesma conclusão. Se eu tivesse sido menos egoísta, menos focada em mim e mais na minha filha, talvez isto pudesse ter sido evitado.

O frio que sentia nos pés desapareceu, embora algo gélido continue a agarrar-se-me ao estômago, a sensação de que o caos que me rodeia só irá piorar. Abraço-me a uma almofada, tentando fazer com que tudo desapareça, e acabo por adormecer novamente, os sonhos com a Matilda mais vívidos do que nunca.

Acordo com o toque do telemóvel. Estava finalmente num sono profundo, pelo que a princípio fico confusa. Convencida de que estou em casa, estendo a mão para pegar no auscultador, deparando-me com um espaço vazio. O telemóvel para de tocar e depois recomeça, e encontro-o debaixo da almofada, sentando-me na cama para olhar para o ecrã.

É o Patrick.

— Alison. Estás aí — diz ele. Por instantes, não consigo falar. — Alison? Estás aí? Estás a ouvir-me?

— Estou, sim. Estou a ouvir-te.

Segue-se uma longa pausa. Então ele diz:

— Aconteceu uma coisa.

— Como assim? O que é que aconteceu?

— Fui acusado. Foram-me buscar ontem à noite e levaram-me para a esquadra. Depois, acusaram-me de violação. Fui libertado sob caução e havia um fotógrafo à porta da minha casa. Amanhã vai aparecer em todos os jornais.

— Meu Deus, Patrick. Não tinhas dito que isto não iria para a frente?
— Sinto o maxilar rígido de tensão.

— Não pensei que fosse. Podemos encontrar-nos? Por favor? Preciso muito de apoio, de ver um rosto amigo.

Quero responder-lhe que não. Deveria responder-lhe que não. Deveria fugir a sete pés desta situação.

— Sim — replico. — Está bem, eu vou ter contigo. Onde estás?

— Naquele *pub* perto do teu trabalho. Aquele com o restaurante — diz ele. — Vim cá na esperança de poder falar contigo.

A imagem dele surge na minha cabeça, de um lado para o outro pelas lojas de Archway, parando para tomar um café num estabelecimento qualquer e detendo-se diante do Tavern até as portas deste abrirem. Afasto-o da mente.

— Há uma pequena complicação — respondo-lhe. — Não estou em casa. Vais ter de vir até Covent Garden. Encontramo-nos no Delaunay daqui a 45 minutos.

— Aí não, Alison. É demasiado... Preferia ir a um sítio menos frequentado. — Parece-me justo, mas não o digo. Não sei por que motivo o sugeri, exceto porque foi o primeiro sítio que me ocorreu. — Encontramo-nos naquele Wetherspoon's em High Holborn. Sabes qual é? Vou apanhar o metro agora — diz-me ele.

Sei, sim. Concorde e desligo. Parece apropriado, de certa forma. Começámos o nosso processo judicial no Wetherspoon's de Kingsway; então, porque não acabar neste? O fechar do círculo é quase agradável. Quase.

Passo uma escova no cabelo e visto umas calças de ganga e uma camisola larga, que tiro da mala. Encontro um cachecol e enrolo-o no pescoço, cobrindo a parte inferior do rosto. Enquanto caminho em direção ao *pub*, as mangas da camisola descaem e cobrem-me as mãos; deixo-as assim para me manter quente. O Patrick está parado junto à entrada das traseiras, com a barba por fazer. Aproxima-se de mim como se fosse beijar-me e desvio-o, permanecendo imóvel quando as mãos dele tentam agarrar os meus ombros, até desistirem. Ficamos parados frente a frente, mas não o olho nos olhos.

— Queres entrar? Têm imensas mesas livres — diz.

Encolho os ombros e entro atrás dele.

— Vamos para ali — sugiro, dirigindo-me para uma mesa no canto.

— O que queres beber? — pergunta-me, mais uma vez num tom demasiado normal.

— Tanto faz. Água. Qualquer coisa. — Espero enquanto ele vai buscar as bebidas, repuxando os fios de lã soltos nas mangas da minha camisola.

— Quais são os termos da tua caução? — pergunto-lhe, quando se torna a sentar.

— Não contactar nenhuma testemunha da acusação, termo de identidade e residência, devo apresentar-me todas as semanas. E tive de pagar 50 mil libras ao tribunal.

— Bolas! Não brincam em serviço.

— Não, não brincam, não. — Pediu uma caneca de cerveja para ele e bebe um terço de um gole.

— Obtiveram provas novas? — indago.

— Não sei. Quer dizer, eu contei-te o que aconteceu. Mas desta vez trataram-me de maneira diferente. O facto de não terem esperado que fosse à esquadra, o terem-me detido ontem à noite... É tudo muito estranho. Não sei o que aconteceu. — Consulta o telemóvel ao mesmo tempo que fala comigo.

— Porque é que estás sempre a olhar para o telemóvel?

— Para ver se já foi tornado público.

— Certo. — Tiro o meu telemóvel do bolso. Recebi umas mensagens de trabalho e uma mensagem de voz da Pauline, dos escritórios.

O Patrick começa a dizer algo, mas ergo o telemóvel no ar.

— Tenho de ouvir esta mensagem. Ela não costuma ligar-me. Deve ser importante. — Ele volta a atenção para a caneca.

Não me dou ao trabalho de ouvir a mensagem dela e ligo-lhe de imediato. Ela atende.

— Alison, olá. Obrigada por teres ligado. Eu...

— Não ouvi a tua mensagem; achei melhor ligar-te. Está tudo bem?

— Não, não está. Receio bem que o que tenho para te dizer te vá

chocar.

— Meu grandessíssimo sacana de merda! — exclamo minutos depois, cuspendo as palavras para o Patrick, do outro lado da mesa.

— Do que estás a falar?

— Meu sacana de merda!

— Alison, tens de te acalmar. O que se passa? — Ele bebe mais um longo trago da sua bebida. Está quase no fim. Precisa de toda a coragem do mundo.

— Portanto — digo —, a Caroline Napier é uma mentirosa. Foste mal-interpretado e és facilmente desencaminhado. É essa a tua versão do que aconteceu?

— Sim, é claro que sim. Eu contei-te.

— Então como é que explicas que outra pessoa tenha ido à polícia no fim de semana para fazer uma alegação de violação?

O rosto dele fica sem pinga de sangue.

— Alison, eu posso explicar. É tudo um mal-entendido.

— Não foi isso que me disseram. Julgavas que eu não iria descobrir?

O queixo treme-lhe, os olhos enchem-se de lágrimas.

— Não pensei que fosse avante.

— Qual deles? O da procuradora-geral? Ou o da estagiária?

Ele leva as mãos à cabeça, os ombros tremendo com a violência dos soluços.

— Tudo não passou de um mal-entendido. Pensava que ela queria. Pareceu-me cheia de vontade durante todo o serão.

Fito-o com um desdém imenso. Nem sequer tento disfarçar. Apetece-me dar-lhe um murro. Sinto-me cheia de raiva, mas também de remorsos. Quantas vezes pensei mal da Alexia, a estagiária, e da maneira como se ria das piadas do Patrick, sempre sentada demasiado próximo dele? Estava demasiado cega de ciúmes para compreender a dinâmica da coisa, que ele era demasiado egoísta para evitar aproveitar-se dela. Não deveria ter tido nada com ela, quanto mais fazer o que ela contou à Pauline no fim de semana, quando soube que ele fora detido no outro caso.

Tinham saído juntos há uns meses, contou a Alexia à Pauline, e tinham-se embriagado. Depois foram para o apartamento dela, um espaço partilhado baratucho na Holloway Road. Começaram a beijar-se, ela decidiu que não queria avançar, ele não queria parar. E não parou. Ela não contou a ninguém porque sabia que o trabalho dele era importante para os nossos escritórios; fora-me dado o homicídio na semana seguinte, disse ela, para ilustrar aonde queria chegar. Não queria causar chatices. E achava que ninguém iria acreditar nela. Mas a Pauline acreditou e, segundo ela, sentaram-se as duas a chorar antes de a Alexia ligar à polícia.

E eu também acredito nela. Sei quão próximo estive de ser violada no dia em que o Patrick esteve em minha casa, quando ele quase não parou, também. E todas as outras ocasiões em que ia sempre um pouco longe demais e eu, completamente cega, não via o que estava realmente a acontecer. «Gostas à bruta», era o mantra dele, e eu não o contradizia; eu, uma Anastasia cobardolas para o Christian Grey de trazer por casa dele. A garganta fecha-se-me com um acesso de náusea. Preciso de estar sozinha. Corro para a casa de banho, batendo com a porta do cubículo atrás de mim. A vontade de vomitar diminui, mas sinto uma acidez rançosa na boca e cuspo-a. Limpo a boca com papel higiénico e cuspo mais umas vezes até me livrar do sabor, e depois encosto a cabeça na sanita e fecho os olhos. Era capaz de ficar aqui para sempre, mas tenho de o voltar a encarar. Mas só mais uma vez.

Quando regresso à mesa, vejo que continua a chorar, sem se dar ao trabalho de limpar o ranho que lhe chega ao lábio superior.

— Eu conheço-te. — Paro ao lado dele, completamente em brasa. — Eu conheço-te. Não posso continuar assim.

— Se me conheces, com certeza sabes que não sou capaz de tal coisa. Por favor, deixa-me explicar — pede-me, os soluços irrompendo por entre as palavras.

— Não vale a pena. — Permaneço de pé. — O problema é que sei como tu és, Patrick.

Ele agora está a chorar verdadeiramente, mais ranho, lágrimas

escorrendo-lhe pelo pescoço. O *pub* ainda está praticamente vazio, mas estamos a atrair a atenção do empregado do bar, um homem barbudo com uma camisa aos quadrados que limpa cuidadosamente um copo.

— É melhor ir andando — digo.

— Vai, vai. Volta para a tua querida família, para o teu querido marido. — Ele está a falar num tom mais alto, alternando entre a fúria e as lágrimas. Hesita por momentos e penso que a tristeza lhe levou a melhor, pois esconde a cabeça entre as mãos, mas depois levanta-a e a raiva emana dele, os olhos raiados de sangue a olharem diretamente para mim. — Vai mas é para casa, foda-se!

Estou prestes a sair, mas algo dentro de mim me faz recuar. Debruço-me sobre a mesa, na direção dele.

— Eu já não tenho casa, não posso ver a minha filha. E o meu marido pediu o divórcio. Por isso, sabes que mais? Estou a borrifar-me para ti. Isto é tudo culpa tua; tu fizeste isto. Nunca deveria ter começado a andar contigo.

Pensava que ele já estava pálido, mas fica ainda mais branco.

— Ouve, Alison. Desculpa. Lamento. O que é que aconteceu?

— A Matilda desapareceu ontem quando eu estava a cuidar dela e o Carl passou-se comigo. E tem toda a razão; tenho sido uma mãe de merda todos estes anos, completamente alheada. E isto, esta «relação», também não ajudou. Nunca deveria ter-me envolvido contigo. Deveria ter olhado por mim. Deveria ter olhado pela Alexia. — A indignação faz subir o meu tom de voz. Estou furiosa com ele, mas também comigo própria, pelo facto de ter sido tão cega a ponto de ignorar o que ele era.

— Desculpa, Alison. Por favor, podes voltar a sentar-te? Podemos conversar sobre isto? — implora.

— Não há mais nada a dizer. — Já estou farta. — Vou-me embora. Por favor, não voltes a contactar-me. Quero que me deixes em paz.

O Patrick não responde e depois levanta-se, ficando ao meu lado.

— Por favor, Alison. Nós damo-nos tão bem. Sei que as coisas agora estão um caos, mas podemos fazer com que isto resulte.

— Foste acusado de violar duas mulheres.

— Não foi nada disso — responde-me, numa voz suplicante.

— Eu conheço-te, Patrick. Eu sei.

Estou a tentar não chorar, mas não consigo aguentar mais. O Patrick está praticamente encostado a mim, demasiado próximo, e eu recuo, mas ele avança para mim, tentando agarrar-me o ombro. Fico encurralada entre uma cadeira e uma mesa; está cada vez mais perto e sei que não quero que me toque, mas está cada vez mais próximo.

— Está tudo bem? — pergunta o empregado do bar.

O Patrick olha para ele e pega na caneca. Tenta beber um trago, mas apercebe-se de que a caneca está vazia. Fita-a, depois olha para mim e para o empregado de bar, e então ergue a caneca no ar e atira-a com toda a força contra a mesa. O vidro parte-se e um estilhaço acerta-me na face. O empregado do bar avança para impedir que o Patrick me agrida, mas entretanto este voltou a sentar-se, a cabeça escondida nas mãos e os ombros a tremer.

— Peço-lhe que saia imediatamente; caso contrário, terei de chamar a polícia — diz-lhe o empregado do bar, e o Patrick ergue o olhar para ele e desata a rir-se.

Quero ir-me embora, mas tenho receio de que venha atrás de mim. Olha para mim mais uma vez e põe-se de pé, avançando na minha direção. O empregado do bar impede-lhe a passagem, mas ele empurra-o para o lado e, segurando-me o queixo com a mão, beija-me.

— Agora é que perdi tudo — diz-me. — Tudo.

Tento libertar-me, mas ele já me largou, empurrando-me do seu caminho e saindo do *pub*.

Ficamos parados em silêncio, eu e o empregado do bar. Sinto o rosto molhado e limpo-o com a mão, convencida de que são lágrimas. Ele vai ao bar e regressa com um molho de guardanapos brancos, e esfrego as faces, os olhos, limpando o beijo dele da minha boca.

— A senhora está bem? — pergunta-me o empregado, e aceno com a cabeça. — Refiro-me à sua cara. Está a sangrar.

Baixo o olhar para os guardanapos e vejo que tem razão, estão manchados de sangue. À medida que a adrenalina aquieta, sinto o ardor

do corte a aumentar. Levo o guardanapo à face.

— Eu fico bem — respondo. — Agora vou-me embora.

— Quer que a acompanhe? Ele pode estar à sua espera — diz-me o empregado.

Quase aceito a oferta, mas no fundo sei que o Patrick não estará lá fora, que ter-se-á ido embora. Nego com a cabeça e saio do bar.

Passo pela estação de metro de Holborn no caminho de regresso ao Travelodge, mantendo a cabeça baixa para o caso de ver alguém conhecido. Diante da estação, vejo a primeira página de um jornal.

«CONHECIDO ADVOGADO ACUSADO DE VIOLAÇÃO», grita o cabeçalho. Compro o jornal, uma fotografia cheia de grão do Patrick a tentar esconder o rosto com a mão na página da frente. Começo a ler a notícia, mas depois deito o jornal fora no caixote do lixo mais próximo. Já sei mais do que o suficiente.

Após chegar ao Travelodge, passo o resto do dia sentada no quarto de hotel, tentando entrar em contacto com o Carl, mas o telemóvel dele está desligado. Por volta das 17 horas dá sinal de chamada e o meu coração dá um salto, em especial quando a Matilda fala, o «Estou?» dela demasiado próximo do bocal e absolutamente maravilhoso de se ouvir, mas depois o Carl tira-lhe o telemóvel das mãos e torna a desligá-lo, a voz dela ainda a ecoar nos meus ouvidos.

O Mark liga-me cedo na quarta-feira de manhã para me perguntar se me importaria de ir ao Tribunal da Coroa de Inner London para tratar da contestação num processo judicial de roubo — o processo judicial é do Sankar, mas um dos julgamentos dele prolongou-se mais do que o normal. Já estou farta de estar no Travelodge e, embora o Inner London fique demasiado perto do apartamento do Patrick, aceito. Não é como se pudesse continuar a recusar trabalho. Tomo um duche e visto-me, ignorando as chamadas que ouço no telemóvel até estar despachada. Entro no elevador e, enquanto espero que comece a andar, olho para o ecrã para ver de quem se trata.

A Chloe, três chamadas seguidas. Tiro o meu *trolley* do elevador, exausta. Isto não para. Já tenho tanta coisa na cabeça: o que o Carl fez, as saudades da Matilda. O Patrick. Já não me resta espaço nenhum.

— Olá, sou eu — digo, atravessando o átrio do hotel em direção à rua. Ainda é cedo, vou a pé.

— Aconteceu uma coisa terrível — diz-me ela.

— O quê? — Ainda estou a pensar no caminho que vou tomar; se terei realmente tempo para ir a pé.

— Foi o Patrick — replica ela, numa voz sumida.

Fico toda arrepiada.

— Não quero falar sobre isso — respondo. — Não quero ter nada que ver com isso.

— Alison, ouve-me, por favor. Ele morreu. O Patrick morreu. Atirou-se para debaixo do metro em Holborn ontem à tarde. — Paro de andar. Alguém que vem atrás de mim dá-me um encontrão e pragueja ao

desviar-se. Um homem bate com o pé na minha mala. Fico espedada no meio do passeio, tentando interiorizar as palavras dela. — O Patrick morreu, Alison. Enviou-me uma mensagem a pedir desculpa; eu não fazia ideia porquê.

— Tens a certeza? — questiono.

— Tenho, sim. A irmã identificou-o ontem à noite com base nos pertences dele, a carteira e o anel. Não restou grande coisa do corpo para ser identificado. Deve estar a sair nos jornais. — Dispara as palavras com uma rapidez tal que não as consigo assimilar. — Alison? Alison, estás a ouvir-me?

Afasto o telemóvel do ouvido e desligo a chamada. Não compreendo o que está a acontecer. Outra pessoa dá-me um encontrão, com tanta força que tropeço no passeio e embato na parede ao lado de uma casa de sandes.

— Sente-se bem? — pergunta-me uma mulher.

Por momentos não respondo, palavras e soluços misturando-se, presos na minha garganta. Ela toca-me no ombro, tenta agarrar-me o braço. Afasto-a antes de ela me poder ajudar.

— Estou bem, obrigada. Está tudo bem. — Começo a afastar-me, arrastando o *trolley* atrás de mim.

— Tem a certeza? — pergunta-me, mas a voz dela perde-se na distância, o som dos meus saltos altos abafando a preocupação dela.

Os meus passos ganham ritmo, «siga para o tribunal, siga para o tribunal», e inalo a minha dor pelo nariz e limpo-a na manga.

Já é tarde e não tenho energia para ir a pé — vou ter de apanhar o metro. Dou meia-volta e caminho em direção a Embankment. Espero na plataforma pelo metro da linha Bakerloo e, quando este chega, sinto-me atraída para ele, aproximando-me cada vez mais da borda até que alguém grita e me agarra o braço. Afasto-me e quase corro para a outra extremidade da plataforma, a minha mente rodopiando com imagens do Patrick e de rodas e de carris e de metal a trespassar carne. Teriam conseguido tirá-lo todo ou ainda lá teriam ficado pedaços, vestígios dele colados no metro de Holborn, uma refeição muito mais apetitosa para

as ratazanas do que os habituais restos de McDonald's e de KFC? Sacudo a cabeça para me libertar desses pensamentos, mas não a tempo de entrar na carruagem, recuando ao mesmo tempo que o metro se afasta.

O comboio seguinte chega poucos minutos depois e dessa vez estou preparada, todos os pensamentos horrendos sobre o Patrick arrumados algures. Encosto a cabeça à parte lateral do metro até Elephant & Castle, contemplando os nomes de todas as estações no mapa à minha frente. London Bridge. Não vou pensar em London Bridge, nem na noite, há tão pouco tempo, em que o Patrick cozinhou para mim e estávamos felizes. Recomponho-me e entro no tribunal.

O vestiário está cheio de gente e era capaz de jurar que mergulha em silêncio assim que entro, mas podem muito bem ser os meus nervos a falar, vibrando tanto que não ouço mais nada. O Robert, dos escritórios, está presente e aproxima-se de mim, pousando as mãos nos meus ombros.

— Que notícia terrível, Alison. Calculo que já estejas ao corrente — diz-me, em surdina. Aceno afirmativamente. — Sei que fizeste imenso trabalho para ele...

Estou rígida de tanto me controlar. Olho atentamente para o Robert, mas não vejo nada no rosto dele, ou na sua voz, que sugira algo mais do que isso. Somente vislumbro tristeza, os olhos rosados e raiados de sangue.

— Ainda me custa a acreditar — replico.

— Podes crer. Estive a falar com algumas pessoas, Alison. Com o Sankar e outras pessoas dos escritórios, da equipa de trabalho do Patrick; estávamos a pensar em ir até ao *pub* esta noite. Em memória dele. Quer dizer, sei que saíram umas coisas no *Standard*, mas...

Torno a acenar com a cabeça.

— Onde?

— Optámos pelo The Dock. Achas que consegues ir?

— Vou fazer os possíveis — respondo-lhe.

Uma advogada de outro grupo de escritórios aborda-nos.

— Peço desculpa por interromper, mas presumo que estejam a falar

sobre o Patrick? O Patrick Saunders?

O Robert afasta-se ligeiramente para lhe explicar os planos dessa noite e aproveito para tirar as coisas da mala, pôr a peruca, vestir a toga e ajustar o meu rosto a algo mais profissional no espelho. Recolho a documentação da acusação do processo judicial, ciente de que não está preparado. Já olhei para ele, mas os pormenores dissiparam-se da minha mente. Verifico o nome e dirijo-me para o Tribunal Sete, tentando concentrar-me.

Trata-se de um processo judicial de acusação, felizmente, e é uma Audiência de Julgamento, pelo que, quando o arguido se declara culpado, eu desperto para o momento e leio o sumário dos factos da Procuradoria da Coroa, na esperança de que ninguém me peça informação adicional. O advogado de defesa é jovem e ansioso, só acalmando muito depois de o juiz já ter concordado em que fosse preparado um relatório pré-sentença — «Embora deva salientar, Doutor Ketteridge, que estou tentado a considerar *todas* as opções» — e só se sentando, e calando, quando o juiz diz que já ouviu quase o suficiente para passar a sentença de imediato.

Assento a data da sentença na pasta e aprovo-a. Enquanto dispo a toga, o Robert torna a entrar e vamos apanhar o autocarro juntos. Ele não consegue parar de falar sobre o Patrick, a voz dele massacrando a minha capacidade de resistência a ponto de me apetecer deitar na estrada aos gritos o resto do dia.

— Só espero que as alegações sejam verdadeiras — diz o Robert. — Não porque desejo que alguém tenha sido violado, como é óbvio, mas porque se o levaram a suicidar-se e afinal estavam a mentir...

Tenho a plena consciência de que se não sair rapidamente do autocarro e me afastar dele, ou lhe dou um soco ou vomito em cima dele. Ponho-me de pé e avanço, passando com o meu *trolley* por cima dos pés dele. Murmuro algo sobre precisar de apanhar ar e sair depois da Ponte de Waterloo.

Regresso ao meio da ponte e contemplo a água lá em baixo, o London Eye e Westminster. A melhor vista sobre Londres, disse-me o Patrick

uma vez. Viro-me para olhar além de Blackfriars, para London Bridge e Tower Bridge lá ao fundo. Ligeiramente à direita é onde o Patrick deveria estar, no apartamento dele, pálido e dócil, alegando ser inocente. Não em pedaços numa morgue algures.

Viro-me novamente para a frente e contemplo o rio lá em baixo, interrogando-me por que razão não há uma placa de bronze afixada no muro, com o número dos Samaritanos gravado. Nas outras pontes existe. É tão útil ao Patrick como eu fui, recusando-me a falar com ele ou a ouvir mais justificações.

Um homem para ao meu lado e percebo que olha para mim. Por momentos fito-o com uma expressão furiosa, mas depois percebo que está preocupado. Estou aqui parada há demasiado tempo, olhando para a água com demasiada atenção.

— Não, não é nada disso — digo e afasto-me, cabisbaixa.

Ele demonstrou mais preocupação por mim com um único olhar do que eu demonstrei ao Patrick, e essa constatação pesa-me imenso enquanto caminho em direção aos escritórios.

Quando entro, deparo-me com a Pauline.

— Disse à Alexia para tirar uns dias — diz-me. — A culpa não foi dela, de todo, mas está completamente de rastos. Vamos ter de olhar por ela, certificarmo-nos de que recebe o devido acompanhamento psicológico.

— É uma situação terrível. Espero que ela fique bem. Se lhe parecer apropriado, importa-se de lhe dizer que lhe desejo as melhoras e que a apoiarei no que for preciso?

A Pauline assente com a cabeça.

— Assim farei. Ela estava preocupada com o que a Alison iria pensar. Garanti-lhe que estaria do lado dela, mas ela não tinha a certeza. Pareceu-me um pouco hostil em relação a si, se quer que lhe diga, mas a verdade é que têm sido uns dias complicados.

É como se tivesse levado um pontapé no estômago. Sempre me vi como uma aliada — e agora tomo consciência da minha própria ignorância, dos danos que a minha estupidez egoísta causou. Então

ocorre-me outro pensamento.

— Percebo que ela sinta isso, mas aprendi muito nestes últimos dias. Ela pode contar comigo para o que for necessário; por favor, diga-lhe isso mesmo. Mas, Pauline, há algo que me preocupa. Tenho recebido mensagens anónimas nos últimos tempos. Mensagens desagradáveis. Acha possível que...?

A Pauline não me responde de imediato, mas depois:

— Não faço ideia. A julgar por algumas das coisas que ela disse, não é de todo impossível. Se eu puder, dar-lhe-ei uma palavrinha. Mas está num estado lastimoso.

— Claro que sim. E tudo bem, não é urgente. Apenas gostaria que parassem.

— Compreendo — replica ela.

— Obrigada, Pauline. E, por favor, diga-lhe que a apoiarei no que ela precisar de mim — digo-lhe.

— Fico contente, Alison. Acho que temos de olhar melhor para a maneira como apoiamos os estagiários nos nossos escritórios; estaria interessada em ajudar-me nisso? Posso marcar uma reunião.

— Sem dúvida. Há muito espaço para melhorias.

Depois de me despedir da Pauline, enfio-me no meu gabinete durante o máximo de tempo possível, incapaz de lidar com a ideia de ter gente à minha volta. Sinto um aperto no estômago e um tremor nas mãos. Pego no telemóvel para ouvir novamente as mensagens de voz do Patrick, para ver se consigo perceber o estado de espírito dele pelo tom da sua voz. Então, ocorre-me que as apaguei todas, automaticamente. O mesmo em relação às mensagens escritas, mesmo as que revelavam algo semelhante a amor nesse curto período de tempo que tivemos entre o desejo e a morte. Recordo a força dele, quão dorida me deixava, como o continuava a sentir horas depois de termos feito sexo. A ideia de que está morto parece-me absurda, mas, quando vasculho o meu telemóvel, não encontro qualquer vestígio da existência dele. Não temos fotos juntos, não temos recordações partilhadas. Nunca tivemos Paris. Mas também nunca merecemos Paris.

Alguém bate à minha porta. É o Robert.

Sim, eu vou ao *pub*, sim, vou já. Não, não sei de mais ninguém, mais ninguém me disse nada. Ele detém-me na entrada por breves instantes e abraça-me.

— Eu sei que vocês eram próximos — diz-me. Afasto-me e fito-o com o sobrolho franzido. — Não, não nesse sentido. Não estou a insinuar... Mas ele deu-te bons casos.

Aceno afirmativamente. Pois deu. É tudo o que resta.

Somos os primeiros a chegar ao *pub* e sentamo-nos numa mesa de canto que o Robert reservou na sala da cave. É a mesma mesa onde nos sentámos quando fui instruída sobre o processo judicial da Madeleine, na noite em que fizemos sexo e eu parti a moldura com a fotografia da Matilda. Caramba, era apenas vidro, não um espelho. Isto não deveria estar a acontecer.

Compro uma garrafa de vinho tinto da casa e bebemo-la em menos de nada. O rosto do Robert está soturno e sei que o meu está igual, os nossos maxilares tensos devido ao peso de tudo. Outras pessoas dos escritórios começam a aparecer, funcionários judiciais, solicitadores, todas elas mandando vir garrafas de vinho barato. Não é o momento para nos preocuparmos com o ano da colheita — estamos a emborcar carrascão. Já despachei uma garrafa e continuo composta, não arrasto as palavras. Algumas pessoas tiveram conhecimento das notícias e estas correm pela sala. O desgraçado do condutor do metro. As desgraçadas das mulheres. O desgraçado do Patrick...

A sala está reluzente, uma névoa de luz bailando no rosto das pessoas. É como quando era permitido fumar-se nos estabelecimentos públicos, as lâmpadas por cima de nós brilhando entre a névoa de fumo. Vou lá acima com o Robert e fumo um dos cigarros dele, nenhum de nós abrindo a boca para falar. Quando regresso à cave, alguém pediu uma garrafa de whisky — *Famous Grouse*, mediano como o vinho. Bebo um copinho e depois outro, ainda aparentemente desafetada. Olho em redor da mesa e a luz passou para a cabeça das pessoas, pulsando na noite qual alforreca. O Sankar vira-se para mim com algo muito importante para

dizer, mas fica suspenso na penumbra, a boca entreaberta. A Chloe passa por ele e faço-lhe sinal com a mão. Ela acena-me e vai sentar-se na extremidade da mesa, e depois viro-me novamente para o Sankar, mas entretanto ele já fechou a boca e o Robert serviu-me outro copo, pelo que bebo e paro de pensar em falar.

Há ainda um brilho tremeluzente, uma calma não justificada pela ocasião. Os pecados do Patrick foram temporariamente expiados pelo seu suicídio e ouve-se uma piada aqui e ali; uma personagem com defeitos, mas alguém de quem gostávamos muito. Balouçamos ao ritmo da emoção partilhada, contando histórias sobre o Patrick em tribunal ou a lidar com clientes, cada história diferente, mas fundindo-se numa só.

— ... Naquele gangue todos tinham o cartão de visita dele; foi uma das provas apresentadas contra ele...

— Aquela vez em que ele mandou o Juiz de Comarca Connor à bardamerda, em Greenwich. Deviam ter visto a cara do juiz.

— ... Um dos clientes dele ameaçou-o com uma faca, lembram-se disso? E ele riu-se até o tipo perceber que estava a ser parvo e a guardar...

Mais alguém juntou-se a nós no fornecimento de whisky, mas agora é um *Lagavulin*, o aroma a turfa arranhando-me a garganta. As histórias de guerra continuam, o ambiente tornando-se mais sentimental à medida que o serão avança. Levanto-me para ir à casa de banho, ainda convencida de que estou sóbria, mas as minhas pernas quase cedem sob o meu peso e caio praticamente no colo do Robert. Ele equilibra-me e ajuda-me a levantar, rindo-se. Caminho cuidadosamente até à casa de banho das senhoras, mas parece ser uma grande distância, mais longe do que eu imaginava, e as paredes andam à roda. Depois de ter ido à casa de banho, fico sentada durante imenso tempo com os collants nos tornozelos, e a cabeça entre as mãos, esperando que, ao fechar os olhos, as coisas parem de rodar.

— Alison? Alison, estás aí dentro?

É a Chloe. Levanto-me, puxando os collants para cima ao mesmo tempo que lhe respondo:

— Sim, estou aqui. Saio já.

A pausa longe das pessoas limpou-me ligeiramente a mente. Doem-me os olhos, pelo que tiro as lentes de contacto, a visão turva, mas já sem me doer.

A Chloe aguarda-me junto aos lavatórios. Abraça-me e retribuo o abraço, algo atrapalhada com o gesto dela. Quase sufoco no perfume que está a usar, algo adocicado e enjoativo. É forte, mas, à medida que me acostumo a ele, percebo o seu cheiro natural subjacente, transpiração acre como se não tomasse banho há vários dias. Afasto-me ligeiramente. Sabe Deus a que cheiro eu neste momento. Vasculho a minha mala à procura dos óculos, e depois ponho-os.

— Terrível. É terrível — diz ela. Aceno com a cabeça, em jeito de concordância. — Pelo menos não deve ter sofrido — continua. — Deve ter sido rápido. Mas coitado do condutor... — Tento não o visualizar novamente na minha cabeça. — De qualquer modo, temos de ser fortes e andar para a frente. Ele iria querer que assim fosse.

Esta é uma atitude com a qual já consigo lidar.

— Contaste à Madeleine? — pergunto, as palavras saindo-me surpreendentemente claras.

— Sim. Ela ficou muito perturbada. — A Chloe vê-se ao espelho, retoca o batom e depois vira-se de novo para mim, com uma espécie de sorriso no rosto. É mais um trejeito, e vejo o quanto lhe custa esboçá-lo. Não comento o facto de ter pedaços de batom nos dentes. — Ela quer vir falar connosco assim que possível.

— Está bem — digo.

— Vou chamá-la ao escritório; entretanto podíamos discutir o assunto antes disso. — Torna a limpar o nariz. — Meu Deus, estou com péssimo aspeto. — Esfrega os dentes com o dedo.

— É muito complicado...

Agora é a minha vez ao espelho. Ponho os óculos como deve ser e tento limpar os vestígios de maquilhagem que se alojaram nos poros e nas rugas do meu rosto. Os meus olhos estão tão raiados de sangue como os da Chloe. O azul dos meus olhos está encoberto por uma película aquosa, o meu cabelo escorrido sobre a testa. Abro a torneira e

molho o rosto, na tentativa de me acordar a mim própria, de me livrar da dor abafada alojada na parte frontal da minha cabeça.

— É tão triste... Ele tinha tanto para dar, tanto ainda para viver. Bem, se ao menos tivesse sido capaz de se controlar melhor. Um defeito fatal. Era um excelente chefe; eu estava prestes a tornar-me sócia efetiva.

A dor da situação está a deixar-me exausta; a tristeza da Chloe, o meu próprio sentimento de culpa. É avassalador e difícil, e só me apetece ir para casa, lavar-me do whisky e dos cigarros, sentar-me com a Matilda em cima do joelho e ler-lhe uma história, beber o seu odor limpo e quente, não corrompido por dor e traição e mentiras. Mas isso é a última coisa que posso fazer. Engulo o nó que sinto na garganta e torno a abraçar a Chloe, tentando não inalar demasiado o fedor do perfume dela.

— Ainda não sabemos a história toda — digo-lhe.

— Deixa-te disso, Alison — exclama ela, sem ser preciso dizer mais nada.

Não consigo lidar com isto mais tempo.

— Se calhar vou andando — digo-lhe. — O dia foi muito longo.

Ela põe o braço à volta dos meus ombros e puxa-me para si, virando-nos às duas de frente para o espelho.

— Estou mesmo com péssimo aspeto — desabafa ela. — Em especial quando comparada contigo. Mesmo com tudo isto a acontecer continuas bonita.

Esboço um esgar. É óbvio que não estamos a olhar para o mesmo reflexo; ambas aparentamos cansaço.

— Eu estou um farrapo — digo. — Nem sei como é que ainda estamos de pé.

— Não, Alison, estou a falar a sério. Tu tens uma dessas caras. O Patrick sempre disse que eras muito bonita. — Puxa-me mais para si e depois larga-me. — Oh, o que é que isso importa agora... Vemo-nos no escritório amanhã.

Saio da casa de banho e vou buscar a minha mala. O grupo está reduzido a figuras isoladas, o Robert e o Sankar encostados um ao outro,

o Mark ligeiramente afastado dele com um ar consideravelmente mais sóbrio. Aceno-lhes e retiro-me, subindo lentamente as escadas para evitar tropeçar. Fico surpreendida com quão escuro está lá fora, os candeeiros de rua a emitir um brilho laranja na noite, mas depois consulto o telemóvel e constato que são quase 20 horas.

Subo a colina, um pé atrás do outro, a minha mala pesada atrás de mim. Tento caminhar a direito, mas estou embriagada, mais do que deveria. Encontrar as palavras para reconfortar a Chloe esgotou toda a minha reserva de energia, a luz dos candeeiros bailando acima de mim e os reflexos baços dessas mesmas luzes no chão molhado à minha frente, onde estive a chover. Regresso ao hotel e enfio-me dentro da cama sem despir o fato, e ocorre-me, pouco antes de perder os sentidos, que ainda não tentei ligar ao Carl hoje.

Na manhã seguinte chego ao escritório às 10 da manhã. A Chloe leva-me para o que costumava ser o gabinete do Patrick.

— Tu achas que ela deveria declarar-se culpada? — pergunta-me a Chloe, indo diretamente ao assunto.

— Acho que isso seria desistir facilmente. Ficaria contente com uma petição para homicídio simples, mas não me parece que a acusação esteja para aí virada. Mas deveríamos pô-la por escrito, juntamente com a apresentação da defesa, e enviar para eles, para ver o que dizem. Sei que a Madeleine tem algumas reservas em relação ao filho testemunhar.

— Certo.

A Chloe folheia os papéis que tem à sua frente, encontrando um depoimento e lendo-o. Está sentada à secretária do Patrick. A bagunça habitual foi arrumada e o pó foi limpo. Ele tinha o hábito de manter as persianas da janela e da porta fechadas, mas agora estão completamente abertas. A sala está muito mais luminosa do que alguma vez a vi.

— Acreditas nestas coisas sobre o marido dela?

— É credível. Ela tem cicatrizes. E o depoimento do médico sustenta a versão dela.

— Imagino que ela esteja muito perturbada com o que aconteceu ao Patrick — diz a Chloe, esfregando os olhos com a mão.

As olheiras dela estão pronunciadas. Estou prestes a comentar quão cansada ela me parece, mas depois opto por não o fazer. Sei que também não devo estar melhor.

— Pelo menos ele deixou tudo em ordem — diz ela.

— Em ordem?

— O Patrick nomeou-me para tratar de todos os processos judiciais dele, na eventualidade de algo acontecer. Fê-lo há mais ou menos um ano, para deixar as coisas organizadas. Mas não me parece que algum de nós pudesse ter antecipado uma coisa destas. — Baixa a cabeça e respira fundo, esfregando novamente os olhos.

— Não. Tem sido muito complicado — respondo-lhe, ciente de quão triviais soam as minhas palavras.

— Sim, toda esta semana que passou... — Ela inspira profundamente uma vez mais e depois ergue o olhar para mim. — Acreditas nas alegações? Naquilo que dizem que ele fez?

Os olhos dela estão subitamente atentos e não sei qual será a resposta certa. Mas, ao mesmo tempo...

— É uma daquelas coisas... Nunca se sabe...

A Chloe abana a cabeça.

— Então, Alison. Deixa-te disso. Ambas sabemos como era o Patrick. — Ainda não sei o que pretende de mim. Encolho os ombros, num gesto de impotência. — Não me parece que fossem inventar aquilo — afirma a Chloe. — Ontem à noite queria fingir que estava tudo bem, que estávamos simplesmente a lamentar a morte de um amigo. Mas quando acordei esta manhã percebi que não estava.

Compreendo o que quer dizer. A noite anterior teve imensos altos e baixos, momentos de risada com os meus colegas e os dele, enquanto todos o lembravam, e momentos em que me vinham novamente à cabeça as acusações que lhe tinham feito.

— Não sei. Mas conheces a reputação da Caroline. Não vejo por que razão haveria de inventar tal coisa — replico.

Tenho estado a falar para as minhas mãos pousadas em cima do colo. Não quero perturbar a Chloe, mas é o que penso. Quando termino de falar, ergo o olhar para ela.

— Concordo contigo — diz-me. — Não quero que seja verdade, mas... E há uma coisa que ele me disse na terça-feira à tarde.

Nem sequer me ocorrera perguntar-lhe se o vira antes de ele se ter atirado para debaixo do metro.

— Peço desculpa, tenho estado completamente desorientada. Deveria ter-te perguntado se o tinhas visto — digo-lhe.

— Não consegui falar com ele na terça-feira de manhã — diz ela. — Não faço ideia o que andava a fazer.

Não digo nada. A encontrar-se comigo, a ser rejeitado por mim. Não é algo que eu queira pôr por palavras.

— Fiquei irritada, precisava de lhe perguntar umas coisas em relação a outros processos judiciais. Mas lá me safei. E ele apareceu aqui ao final da manhã. Tivemos uma longa conversa e examinámos cada um dos casos dele. Ele pôs-me a par de todos. — Desata a chorar, limpando as lágrimas do rosto.

— Peço desculpa, isto deve ser muito complicado para ti — digo-lhe, sem querer interromper o fluxo de palavras dela.

— Não, isto é uma parvoíce. Estava aqui a pensar como ele estava atencioso, organizado...

— Organizado?

— Não queria que nenhum dos clientes dele fosse afetado. Certificou-se de que eu estava a par de tudo e depois despediu-se. Agradeceu-me por todo o apoio, por tudo o que estava a fazer para o ajudar, tentou dar-me um abraço e depois foi-se embora. E antes de sairmos porta fora, virou-se para trás e disse-me que era o único culpado. Sempre soubera que era um merdas e agora o mundo inteiro também sabia. — O esforço para terminar a frase sem chorar deixou a Chloe descontrolada. Agora está a chorar compulsivamente. Penso na última vez que vi o Patrick, em quão doente parecia, no facto de eu lhe ter virado as costas. — Sabes o que é o pior, Alison? O pior de tudo? — exclama a Chloe, tentando respirar por entre os soluços. — Abano a cabeça. — Eu não queria acreditar na Caroline Napier. É claro que não. Trabalhava com o Patrick há muitos anos. Ele foi sempre um cavalheiro comigo. Mas depois do que ela disse... passei a ter menos consideração por ele. E ele deve ter percebido isso. Não retribuí o abraço dele. Fui a última pessoa com quem falou, a última amiga, e não fui capaz de o abraçar.

Baixo a cabeça. Não lhe posso dar a absolvição que ela procura. Eu

também não o abracei, fui indiferente ao último beijo dele. Mas foi ele que se dirigiu à plataforma do metro, foi ele que tomou a decisão de se atirar. E foi ele que decidiu aproveitar-se da Alexia, uma rapariga com metade da idade dele, foi ele que ignorou a Caroline quando ela lhe disse não.

— A responsabilidade é toda dele, Chloe — digo-lhe. — Foi ele que fez tudo isto, foi ele que deitou tudo a perder. Não foste tu, nem a Caroline Napier.

— A não ser que... — começa a Chloe a dizer, mas depois é interrompida.

— A responsabilidade é toda de quem? — atalha de súbito a Madeleine.

Eu e a Chloe damos um salto, recompondo-nos rapidamente.

— Olá — digo-lhe, pondo-me de pé e acercando-me dela. Estendo a mão para a cumprimentar e ela agarra-a com força. Conduzo-a à sala de conferências, a Chloe emitindo sons de boas-vindas algures ao longe, e sento-a à mesa.

— Ainda estamos todos em choque com a...

— Não o diga — interrompe-me a Madeleine. — Não suporto ouvi-lo. Sei o que andam a dizer sobre ele, mas foi sempre muito educado comigo.

Agora que olho realmente para ela, reparo que o seu rosto está mais magro do que o habitual e os olhos estão vermelhos, também. Os dela, os meus, os da Chloe — o regimento de mulheres do Patrick, todas a chorarem a sua morte. Ou algo do género.

— Eu sei. É terrível.

— E foi mesmo suicídio?

— É o que dizem, mas é claro que ainda não foi feita uma investigação, um relatório do médico-legista — respondo-lhe.

— Eu li o *Evening Standard*, mas certamente as acusações não são legítimas? — A voz dela soa trémula, mas percebe-se uma tensão subjacente, algo quase subtil, mas que me faz não querer continuar a discutir o assunto.

— De momento não sei mais nada — digo.

— Mas deve ter uma ideia. — Ela não desiste.

— Sinceramente não tenho, Madeleine. Estou tão chocada com isto como qualquer outra pessoa — replico.

Abre a boca para falar, mas torna a fechá-la. Já estou farta das perguntas dela.

— Agora temos de nos concentrar no seu processo judicial — digo-lhe.

— Mas eu não quero saber do meu processo judicial. De que adianta?

— Sabe muito bem. Pense no quanto o Patrick se aplicou neste processo judicial; não iria querer que a Madeleine desistisse — digo.

Começo a sentir-me impaciente. Se nós conseguimos andar para a frente, por que razão estará a Madeleine a ter mais dificuldade? De todas nós é a que o conhece há menos tempo. Não que o conhecesse de todo, aliás.

— Pois, talvez não. Mas sem ele para me apoiar não sei se conseguirei aguentar — responde a Madeleine. Está a contorcer as mãos. Para dizer a verdade, parece genuinamente perturbada. Pela primeira vez a sua roupa está em desalinho, calças de ganga e uma camisa bege amarrotada e com uma nódoa num dos lados do colarinho.

— Eu estarei aqui e a Chloe também — replico.

— Não gosto dela. Ela não compreende. Não acompanha o processo judicial desde o princípio. Ele visitou-me na prisão, quando eu estava completamente de rastos.

Sou acometida por um acesso de raiva. Não me pagam o suficiente para ter de aturar isto. Ela ainda tem a mesma advogada, e uma solicitadora perfeitamente competente, ainda que não seja a pessoa que tratou originalmente do processo judicial dela.

— Ouça, Madeleine. Compreendo que isto tenha sido um choque para si, mas temos de ser pragmáticos em relação à situação. A apresentação da defesa está agendada para o final desta semana. Sou eu quem tem estado a trabalhar no seu processo judicial. A morte do Patrick é muito triste, mas não afeta o que lhe acontece a si.

— Custa-me a acreditar que consiga ser tão fria. Seria de esperar que a Alison, de todas as pessoas, compreendesse — critica-me ela, pelos vistos decidida a dramatizar ao máximo o sucedido. Mas então desata a chorar, baixinho, mas a sério, o rosto contorcido. A minha raiva dissipa-se, dando lugar a um sentimento de culpa. Deveria ser mais compreensiva.

— Peço desculpa. Eu também estou a tentar aguentar-me. Foi um choque terrível — digo-lhe.

Ela endireita-se na cadeira, aparentemente recompondo-se.

— Eu também peço desculpa. Não estou a ajudar. Não quero arrastar tudo pelos tribunais, em especial o James. Faria tudo para o proteger, acredite.

— Talvez não seja necessário. Há uma hipótese de a acusação aceitar a petição de homicídio simples. Terá de falar com o psiquiatra especialista deles também, mas se ele chegar à mesma conclusão que o seu... E, caso contrário, o relato do James não é propriamente controverso — digo. — Não o iríamos sujeitar a um interrogatório complicado.

— Não quero que seja interrogado de todo — responde-me. — Por nós ou por eles. Detesto a ideia de ele prestar depoimento.

Pego no meu bloco de notas e folheio-o, ganhando tempo enquanto penso no que dizer a seguir.

— Sei que é testemunha da acusação, mas o depoimento dele é útil. Corrobora a descrição geral de violência doméstica. E, claro, a agressão por parte do Edwin nesse último dia é crucial. Portanto...

— Isso não me agrada nada — replica. —irá dar cabo dele, depor contra a própria mãe. — Abana a cabeça. — Não posso aceitar, não quero que o faça. Não quero que seja obrigado a mentir.

— Mas ele está a dizer a verdade. Ou não está? — pergunto, remexendo-me na cadeira. Não estou a perceber. Encaro-a com um olhar fixo e ela sustenta o meu olhar por instantes, mas depois baixa os olhos. Algo muda na expressão dela. — Madeleine?

Ela respira fundo.

— Não quero que o James deponha. Tenho de o proteger — diz-me

—, acho melhor declarar-me culpada.

— Certo — digo. — Eu compreendo isso. Mas quero que considere também outra questão. Quer proteger o James. Eu percebo isso. Ir a tribunal é algo intimidante. Em especial para uma criança. Mas...

— Chega. Chega! Já tomei a minha decisão! — A Madeleine levanta-se da cadeira ao mesmo tempo que grita e depois vira as costas para a sala, olhando pela janela.

A Chloe entra na sala, mas a Madeleine não reage.

A sala mergulha em silêncio e apercebo-me do som das ruas, das sirenes, das buzinas e do ribombar de um avião. A Madeleine continua a olhar pela janela, para lá da sujidade em torno do caixilho, para os telhados e os pátios lá em baixo.

— Lamento que tenha ficado transtornada — digo. — Mas, uma vez que temos estado a trabalhar no sentido de se declarar inocente do crime de homicídio, e que temos preparado a sua defesa com base nisso, é importante que discutamos todos as implicações ao pormenor. Tenho de garantir que a Madeleine compreende tudo isso.

Vira-se para mim, o rosto ruborizado. Avança tão depressa que me retraio, convencida de que me vai bater. Em vez disso, detém-se e torna a sentar-se. Quando por fim fala, a sua voz soa tão desdenhosa como a do Carl no domingo passado.

— Eu compreendo tudo muito bem — diz-me. — E o Patrick também compreendia. Mas ele já não está aqui.

Olho para a Chloe, e a expressão dela aparenta tanta perplexão como a minha.

— O Patrick era a única pessoa que conseguia manter este processo judicial sob controlo. Sem ele não há qualquer esperança. Por isso explique-me tudo, diga-me quais serão as implicações, e depois eu declarar-me-ei culpada, está bem? — diz a Madeleine.

Faço o que ela diz, explicando que não poderei mitigar devidamente a pena se ela se der como culpada de homicídio, que o remorso que poderei expressar em nome dela será limitado, que não seremos capazes de o contextualizar na relação violenta como gostaríamos porque estarei

demasiado limitada no que posso apresentar em tribunal. Enquanto lhe explico a fórmula legal, uma coisa de cada vez, a minha mente está noutro lugar. As frases que ela empregou, a conversa sobre proteger o filho... O papel do Patrick no julgamento e a insistência dele em me instruir para a representar, em vez de optar por alguém mais experiente. Há um momento eureka pairando algures fora do meu alcance e uma grande parte de mim não quer saber, não quer perguntar. Apenas quero que ela diga que compreende a explicação que lhe foi dada e que assine a declaração em como tem a perfeita noção de que, caso se declare culpada, não obstante saber da existência de uma defesa, não poderemos fazer grande coisa. A outra defesa que possa existir é imensa na sua magnitude e absolutamente aterradora.

Enquanto mãe, espero que seja uma situação com a qual nunca tenha de me deparar. Enquanto mãe, e de mãe para mãe, sei que o melhor a fazer é não intervir, deixar a Madeleine levar a cabo o seu sacrifício maternal. Mas enquanto advogada dela... sei que algo não bate certo, que algo me está a escapar, a fugir ao meu ângulo de visão. Paro de falar sobre as limitações da mitigação da pena e preparo-me.

— Está a proteger o seu filho exatamente de quê, Madeleine? — Ela ergue o olhar, apanhada de surpresa. — Quer apenas tentar evitar que ele testemunhe, ou há mais qualquer coisa? — A Chloe está parada atrás dela com uma expressão igualmente perplexa, uma mão estendida como se pretendesse impedir-me. No entanto, eu persisto: — Qual foi exatamente o papel do Patrick nisto tudo? Porque isto não faz sentido, pelo menos neste momento, e gostaria de compreender melhor o que estamos exatamente a fazer.

O rosto da Madeleine fica completamente imóvel. A fúria no olhar dela é tal que numa história diferente eu já teria sido transformada em pedra, sem sombra de dúvida. Sustenho o olhar dela, os meus olhos ao mesmo nível dos dela, recusando-me a deixar-me vencer pela sua fúria. Já aguentei muito pior do que isto: o Carl, o Patrick, tudo isso. Não serei derrotada pela minha cliente, mesmo que tenha sido induzida em erro durante todo o processo.

— Vou fazer-lhe só mais uma pergunta — digo-lhe, numa voz fria. — A resposta que me der será a última que lhe pedirei. Depois disso avançaremos no sentido que a Madeleine mandar. Quero que pense muito bem nisto e em todas as implicações — Ela fita-me durante mais algum tempo e depois baixa o olhar, com um aceno de cabeça em jeito de assentimento. — Foi a Madeleine que esfaqueou o Edwin — pergunto-lhe — ou foi o James?

O silêncio instala-se na sala como nunca antes. Ouço novamente o trânsito lá fora e, mais próximo, a respiração da Chloe, o arrastar dos meus pés no chão e o roçar dos meus collants quando cruzo e descruzo as pernas. A Chloe coça o braço, e o som parece tão alto como a moto que passa na rua lá em baixo. Somente a Madeleine permanece completamente imóvel, num silêncio tal que a ausência de ruído e de movimento se torna quase palpável. Viro o rosto, e o estalar do meu pescoço soa como um tiro na minha cabeça. Conto os batimentos cardíacos, um, dois, três — ela continua em silêncio. Quero falar, mas ao mesmo tempo quero engolir as palavras que proferi, puxá-las para mim e enfiá-las goela abaixo. A Chloe muda o peso de um pé para o outro, ouço o roçar do tecido do fato dela como se estivesse a arrancar uma fita de velcro. Sustenho a respiração.

Estou prestes a sufocar no silêncio, mas então a Madeleine ergue a cabeça e torna a olhar para mim. Sustém o meu olhar de frente e dessa vez sou eu quem se vê obrigada a desviar os olhos, o meu corpo acometido por uma vaga de calor e uma vontade imensa de abandonar a sala, de fugir a sete pés, fingir que nunca a vi na minha vida. Ela inspira e eu sinto o meu batimento cardíaco a aumentar, as minhas unhas cravando-se-me nas palmas das mãos.

— Sim — responde. — Sim, foi o James que esfaqueou o Edwin. O pai dele. O Edwin bateu-me demasiadas vezes, magoou o James pela última vez. Foi o James que perdeu a cabeça, não eu. E, como mãe, o que sugere que eu faça agora? — A pergunta sibilada trespassa o ar tão alto como se de um grito se tratasse.

Uma greta no silêncio e o edifício desmorona-se. A Chloe aproxima-se

da mesa e senta-se. Eu mexo-me para trás na cadeira e respiro fundo. É o que tenho estado à espera de ouvir. É a única explicação que faz sentido.

— Conteí ao Patrick — prossegue a Madeleine. — Conteí ao Patrick quando ele apareceu na esquadra. Ele sabia. Por isso é que me recusei a falar no interrogatório. Estávamos a tentar perceber o que fazer.

— O Patrick estava disposto a induzir o tribunal em erro? — pergunta a Chloe.

— Ele não via a coisa dessa maneira. Sabia que eu precisava de ajuda.

Eu e a Chloe entreolhamo-nos. É perfeitamente claro agora que o Patrick estava metido em mais confusões do que alguma vez imaginámos.

— Isso não é algo que eu esteja preparada para fazer — respondo. — Agora que está dito, não pode voltar atrás. Como tal, teremos de pesar as várias opções.

— Certo, explique-me lá então. Mas tenho a certeza de que são todas uma merda — responde-me a Madeleine.

Fico chocada por instantes; ela raramente diz impropérios.

Explico-lhe tudo, tentando concentrar-me.

— Poderá declarar-se culpada de homicídio, como expliquei antes. A sua mitigação será limitada e receberá uma pena de prisão perpétua. Ou poderá declarar-se inocente e, embora não possamos avançar com uma defesa alternativa para si, podemos pôr a acusação à prova. Isso significa que eles apresentam as provas deles e tentam fazer com que as mesmas reúnam argumentos convincentes contra si. A única coisa que poderei fazer será salientar quaisquer erros factuais. Não poderei sugerir nenhum cenário alternativo para os mesmos ou avançar com uma defesa em seu nome. Portanto, se a acusação não conseguir elaborar um caso convincente, é possível, e somente possível, que resulte numa absolvição. Ou poderá declarar-se inocente e avançar com um julgamento com base no que discutimos antes, com a diferença de que eu ou a Chloe não a poderemos representar. Em alternativa, poderá autorizar-nos a apresentar esta nova prova, o que completaria a

apresentação da sua defesa com base no facto de ter sido o seu filho, e não a Madeleine, a cometer o crime. E depois interrogá-lo nesse sentido. O júri pode não acreditar em si, mas seria uma defesa.

Explico tudo com calma, com ordem, aliviada por poder conferir algum profissionalismo à situação. Mas o horror da situação da Madeleine é impossível de ignorar, colando-se-me ao peito.

— O que faria na minha situação, Alison? — pergunta-me a Madeleine. — O que faria?

Abano a cabeça.

— Não faço ideia. Lamento, mas não lhe posso dizer o que fazer. E também não sei o que eu própria faria.

— Chloe? — indaga ela, mas a Chloe também abana a cabeça. Durante uns longos instantes a Madeleine permanece em silêncio, antes de voltar a falar. — Referiu a possibilidade de me declarar culpada de homicídio simples. O que é que isso implicaria?

Segue-se mais uma pausa. A Chloe olha para mim e eu para ela, a conversa muda mais longa que alguma vez tivemos.

— Diria em tribunal o que nos contou antes, o que contou ao psiquiatra. Mas jamais poderá voltar a dizer o que nos disse agora. — Poças de transpiração formam-se-me nas axilas, a sala demasiado quente, demasiado abafada.

— Se eu fizesse isso, poderão representar-me? — indaga ela. — Apesar de...

E eu sei qual é a resposta certa, sei qual é a minha obrigação profissional. Sei que, se aceitar fazê-lo, estarei a quebrar a regra mais fundamental no código de conduta dos advogados. Não me compete interferir com a justiça desta maneira. Mas só de pensar na violência, no medo, na raiva e no desgosto por que ela e o filho já passaram; só de imaginar todos os homens que, ao longo dos tempos, continuaram a fazer esta merda e a escapar impunes...

— Podemos tentar — responde a Chloe. — Podemos ver se o aceitam sem ir a julgamento. Mas, caso contrário, se pretende evitar correr o risco de o James testemunhar, então terá de se declarar culpada de

homicídio. E arcar com as consequências.

A Chloe é da mesma opinião que eu, sei-o. Pelo menos estamos juntas.

— Isto vai ser muito complicado — digo. — Mas tentaremos resolver a situação.

A Madeleine vai-se embora pouco depois. Parece exausta, mas percebe-se menos tensão em torno dos seus olhos. Essa tensão foi passada para mim e para a Chloe, contando que descobramos a melhor maneira de abordar tudo isto em tribunal.

— Que pesadelo — digo para a Chloe.

— Sim. Mas tu perguntaste. Às vezes acho que essa era uma das maiores qualidades do Patrick.

— O quê?

— Saber o que não perguntar. Já dizia o outro: «Nunca perguntes algo para o qual já sabes a resposta.»

— Ou que não queiras saber — replico.

— Exato.

Guardo o bloco de notas e a caneta dentro da mala e ponho-me de pé. Sinto-me exausta também, agora que já não estou concentrada no processo judicial da Madeleine. A realidade da minha própria situação instala-se novamente à minha volta.

A Chloe junta um molho de papéis e ata-os com uma fita cor-de-rosa, e depois fica momentaneamente a olhar o vazio. Então pega na papelada e pousa-a pesadamente em cima de uma pilha na beira da secretária. A seguir, agarra noutra pilha e começa a estudá-la, mas depois empurra-a para longe com tanta força que essa e a outra pilha caem no chão.

Ela tira uma fotografia da cerimónia de licenciatura do Patrick da prateleira atrás dela e aponta para a imagem.

— Olha para ele, olha bem para ele. Tinha tudo o que poderia desejar, um bom emprego, uma bela clientela, mas não era suficiente. Tinha de andar a meter-se com as pessoas, a fodê-las, a pressioná-las. Podia ter tudo, mas no fundo não passava de mais um violador da merda. — Atira a fotografia contra a parede oposta, mas a moldura faz ricochete e

embate na secretária, caindo no chão em cima dos papéis espalhados.

Fico tão chocada com as palavras dela, tão estupefacta por ouvir aquilo vindo dela, que me rio, um som que explode de mim antes de me conseguir conter. Não consigo parar. Ponho a mão sobre a boca, mas ela já me ouviu.

— Não, tudo bem — diz ela. — Ri-te à vontade. É hilariante com’a merda. Eu solicitadora e tu advogada, ambas com uma carreira em ascensão, e temos de lidar com esta merda? Ele pôs-nos numa situação em que vamos ter de arriscar tudo profissionalmente porque aceitou um processo judicial destes. Deixa-me completamente irritada.

Contorna a secretária e apanha os documentos, endireitando-os numa pilha e pousando-os. Depois, pega na fotografia. Penso que a vai atirar para o caixote do lixo, mas contempla-a por uns instantes, a sua boca esboçando um esgar. Depois abre a gaveta e guarda-a.

Continuo paralisada junto à porta, sem saber muito bem como vai ser.

— Bem, hum, e agora? — pergunto-lhe.

— Vamos avançar com isto. Tenho vários clientes a quem comunicar a morte do solicitador deles. Agora que a Madeleine confessou a verdade, precisamos de descobrir como raio vamos construir esta defesa.

— Vai ser muito complicado — afirmo. — Quem me dera que...

A Chloe suspira.

— Fizeste bem — responde-me. — Havia uma série de incongruências no discurso dela e a coisa acabaria por desmoronar-se. Precisávamos da verdade, independentemente do que faremos com ela. Em especial sem o Patrick para aguentar o barco. Mas fico preocupada em relação aos outros processos judiciais e ao «trabalho de bastidores» que ele possa ter feito com esses clientes também.

— Estava a pensar precisamente nisso — replico. — Há muito a fazer.

Encolhe os ombros e acena com a cabeça. Encolho os ombros também. Não obstante, há um sentimento de afinidade no ar, a sensação de que estamos a construir uma equipa. Ambas temos demasiado em jogo, toda uma série de processos judiciais.

— Havemos de conseguir — digo-lhe. — Havemos de conseguir levar isto a bom porto. Mas, se isto correr bem, se enganarmos realmente o tribunal desta maneira... não sei se conseguirei continuar a exercer.

A Chloe medita sobre as minhas palavras.

— Tenho a certeza de que há muita gente a fazê-lo.

Abano a cabeça.

— Mas eu não. Nós levamos isto a sério, sabes. Não é o Juramento de Hipócrates, mas é importante. Se não houvesse tanto em jogo... Mas, se eu fizer isto, não quero continuar a trabalhar como advogada. É o preço que tenho de pagar, entendes?

Ela parece prestes a rir-se.

— És tão magnânima — diz.

— Eu sei, eu sei. Mas estou a falar a sério. Estou farta de quebrar promessas. Não sei o que farei, mas alguma coisa hei de arranjar. Simplesmente, não posso mentir em tribunal e voltar lá no dia seguinte como se nada fosse.

Aos poucos o sorriso desaparece do rosto dela.

— Compreendo. Podes sempre vir trabalhar comigo, como solicitadora.

Agora é a minha vez de rir.

— Meu Deus, és tão prática.

— Certo, mas não gosto de ver talento desperdiçado. Vou precisar de alguém que me ajude a orientar tudo isto. E se não quiseses ir a tribunal, irei eu. Estou autorizada a representar clientes em tribunal, apenas não o faço com muita frequência. Que se lixe, podemos sempre contratar alguém dos escritórios.

Não me mexo do lugar, entretendo a ideia. Considerando a hipótese. Horas normais, um escritório no centro de Londres. Previsibilidade.

— Sabes que mais? Não é má ideia. De todo. — Damos um aperto de mão, ela puxa-me para si e abraça-me. — Falamos em breve — digo-lhe ao sair, arrastando a mala atrás de mim. — Depois, diz-me o que precisas que faça.

Desço a rua em direção aos escritórios, apercebendo-me a meio de Kingsway de que o meu *trolley* está a prender, em vez de deslizar facilmente no chão. Consigo arrastá-lo, mas está encravado e cada vez mais irritante. Abro caminho por entre umas pessoas e alcanço uma entrada ao lado de um *pub*. A seguir, viro a mala no chão para ver o que se passa. Uma das rodas está presa com um enorme pedaço de pastilha elástica que se enfiou à volta do mecanismo. É cinzenta e viscosa e nojenta, com pedaços de cabelos e de cinza de cigarro à mistura. Até merda de cão teria sido melhor — pelo menos, poderia passá-la por água. Não sei o que fazer com aquilo. Recordo algo sobre congelar a pastilha na peça de roupa, mas um *trolley* é diferente. Não é tão recente como isso, mas fora isso está em bom estado. Puxo o fecho, murmurando palavras entre dentes, e continuo a descer em direção aos escritórios, desistindo de o arrastar e pegando nele.

Assim que chego, dirijo-me ao meu gabinete e atiro a mala para o chão. Tiro tudo do interior da mesma, organizando a papelada tal como deveria ter feito há várias semanas. Está um caos. Ando a transportar coisas de trabalho antigas e coletâneas de jurisprudência, maços de tabaco vazios e inclusivamente o invólucro de uma sandes, com um pedaço de alface castanho colado na ponta. Largo a papelada dentro da trituradora de documentos confidenciais e tento arrancar a pastilha elástica com uma chave de fendas que encontro ao fundo de uma das gavetas da minha secretária. A pastilha não sai do sítio e, impaciente, espeto a chave de fendas de lado, para tentar partir o pedaço. Este oferece resistência, a princípio, e depois a coisa cede, a chave de fendas

voando-me da mão e a roda saltando inteira.

Pego na mala e tento arrastá-la — está torta, mas desliza bem. Está mais do que bom. Lá por não ser perfeita não significa que a tenha de deitar fora. Pousando-a, sento-me à minha secretária e folheio as pastas, com os meus apontamentos sobre o processo judicial da Madeleine. A Chloe tem razão, está um caos. Os relatos dela foram inconsistentes, as conferências com ela foram extenuantes e excessivamente emotivas. Mas, no lugar dela, teria eu agido de maneira diferente? Acredito no que disse em relação aos maus-tratos por parte do Edwin e compreendo o seu desejo básico de proteger o James. Mas pode não ser suficiente. O James está tramado de qualquer das maneiras, quer seja com a mãe presa para o resto da vida, a assassina do pai dele, quer seja ele próprio julgado, lidando com a polícia e os serviços sociais e o tribunal, apesar de ainda ser uma criança, com apenas 14 anos. Imagino-me a interrogá-lo, dizendo-lhe que foi ele quem esfaqueou repetidamente o pai, e sinto uma acidez subir-me à garganta. Mesmo que ela se safe declarando-se culpada de homicídio simples, irá para a prisão, ainda que por menos tempo. Não há finais felizes nisto.

A Madeleine empregou a expressão «enquanto mãe». Trata-se de uma expressão que nunca cai muito bem, por norma introduzida para justificar um pensamento particularmente conservador ou repressivo. Sempre tentei evitar ver-me enquanto mãe. Mas agora faço um esforço consciente para me colocar nessa posição. Gostaria de pensar que me manteria fiel à minha versão se estivesse no lugar da Madeleine, que continuaria a contar a mentira, a arriscar a prisão perpétua. Apercebo-me de que estou zangada com a Madeleine, furiosa por ela não ter feito mais para proteger o filho.

Atento melhor à minha fúria. Posso achar que ela falhou — mas, então, e eu? Falhei enquanto mãe todos os dias, todos os meses da vida da Matilda, ou pelo menos é o que diria o Carl. E, olhando para a situação com sinceridade, é também a minha opinião. Mas uma coisa sei: sempre a amei, ainda que nem sempre tenha sido uma boa mãe para ela. Mas posso mudar. Já comecei a estar mais presente, a cozinhar

e a ir buscá-la à escola, em vez de ir para os copos para fugir à tristeza que sentia. Apesar de ter deitado tudo a perder, talvez não seja tarde demais. A Matilda parece gostar de mim e sei o quanto gosto dela; a sua ausência é uma dor sempre presente.

Então, e o Carl, o papel dele enquanto pai? Será tão bom pai como julga? Dar-me um pontapé não é zelar pelos interesses da Matilda — é porque a quer só para ele. Em vez de as afastar da mente, forço-me a recordar todas as coisas que me disse, todas as vezes em que tentou enfraquecer a minha relação com a Tilly. Inclusivamente, impediu-me de lhe poder dar um irmão, fez-me passar pela tristeza de acreditar que não conseguíamos ter outro filho. A raiva ferve dentro de mim ao pensar nisso. Recordo uma das primeiras histórias que a Madeleine nos contou sobre o marido abusivo, o facto de ele lhe ter dado a pílula sem que ela soubesse. O que o Carl fez não está muito longe disso. Tanto eu como ela permitimos que os nossos maridos nos fizessem sentir mal connosco próprias, carregando toda a culpa de fracassos que também lhes pertenciam.

Não vou permitir que o Carl me afaste. Fui uma mãe de merda até à data, mas isso vai mudar. Irei certificar-me de que a Tilly recebe o amor e o carinho que merece; chega de conflitos e de guerras silenciosas. Vou fazer-lhe frente, lutar pelo que é melhor para a minha filha.

Saio do trabalho e corro para o autocarro, deixando a mala no escritório. O Carl não costuma atender pacientes à quinta-feira, por isso o mais certo é estar em casa. Com a Matilda na escola poderemos conversar como deve ser e resolver esta questão. O autocarro fica preso no trânsito em Angel, pelo que desço rapidamente e entro na estação de metro. Agora que decidi lutar por ela, sinto-me novamente cheia de vida, liberta de toda a indecisão e preocupação.

Desço rapidamente a rua vinda de Archway e chego à nossa casa, a minha casa. Estou prestes a enfiar a chave na porta, mas detenho-me. É uma questão de educação avisar o Carl de que estou aqui. Vou lidar com isto de uma forma tranquila. Toco à campainha e espero que venha

abrir. Não se ouve um único som durante uns instantes, por isso toco novamente. Então ouço passos pesados a descerem as escadas. Ele abre a porta e olha para mim, em silêncio.

— Carl, quero falar contigo. Pode ser? — pergunto-lhe.

Ele mantém-se calado.

— Sei que estás zangado — prossigo —, mas tem de haver uma maneira de resolvermos esta situação. Não vou permitir que faças isto.

Uma longa pausa e depois ele responde:

— Só podes estar a brincar.

— Não, não estou a brincar. Posso não corresponder à tua ideia de uma mãe perfeita, mas posso ser boa o suficiente. A Matilda gosta de mim, tu sabes isso. — A minha voz soa cada vez mais alto. O Carl faz-me sinal para que fale mais baixo, mas continuo: — Não me podes afastar desta maneira. A princípio não lutei, mas agora vou fazê-lo. Não vou permitir que destruas a família desta maneira; temos de falar sobre isto, para ver se há algo que possamos fazer.

Olha em redor. Sei que está a pensar nos vizinhos, no que irão pensar ao verem-me a gritar com ele à porta de casa. Afasta-se como se fosse fechar a porta, mas enfio rapidamente o pé.

— Se não queres discutir à porta de casa, Carl, deixa-me entrar. Porque eu não vou sair daqui. — Empurro o meu corpo contra a porta e, assim que a alcanço com o ombro, ele recua, largando-a. Caio pesadamente no chão do átrio. Em vez de me ajudar a levantar, olha para mim com uma expressão de puro desdém. Não reconheço o velho Carl. Ponho-me de pé, esfregando o ombro, e fico parada no átrio. Pelo menos, estou dentro de casa.

Ele olha para mim.

— É melhor vires para aqui — diz, fazendo-me sinal para a sala de estar como se eu fosse uma estranha, como se esta não fosse a casa onde fizemos sexo e brigámos durante tantos anos.

Sigo atrás dele, passando a mão na parede, recordando o toque do papel de parede e do estuque, o buraco que fiz quando tentámos trazer uma cómoda nova para dentro de casa, o péssimo trabalho de pintura

que fiz nos balaústres. Aponta para o sofá diante do televisor sem dizer uma palavra e, enquanto me sento, retira-se e depois regressa com o portátil. Liga-o ao televisor.

— Queres um chá? — pergunta-me. — Um copo de água antes de começarmos?

— Não, obrigada, estou bem.

— Tens a certeza? Vá lá, eu vou buscar-te um copo de água.

Sai da sala e regressa com um copo. Pego nele e bebo um trago. O ecrã do televisor acende-se.

— O que estás a fazer? — questiono, sem perceber o que se está a passar.

O rosto dele revela tristeza quando se vira para mim.

— Eu não queria fazer isto, Alison, mas não me resta alternativa. Tal como aconteceu com a vasectomia.

— Não querias fazer o quê? — indago.

— Vê — responde-me.

Estou a ver. Mas não compreendo o que estou a ver. O ecrã da televisão transmite o que está no portátil dele. É um *Mac*, há várias janelas abertas, uma fotografia da Matilda a brincar no jardim como fundo de ecrã. Mas não compreendo o que está na janela da frente.

— O que é isto, Carl? — pergunto-lhe, o pânico perceptível na minha voz.

— O que é que achas que é? Sabes muito bem. — Ele tem razão. Eu sei. Mas não quero acreditar. É um vídeo da nossa sala de estar, a sala de estar para a qual acabei de entrar. Foi gravado ao nível do chão, perto do fundo das escadas. — Vou andar para trás, para o caso de não teres visto bem. — Ergo o olhar para o Carl e vejo que esboça um esgar. — Porque é que não descreves o que estás a ver? Adorava ouvir o que pensas disto.

— Eu... Não, tu sabes bem o que estamos a ver — consigo finalmente dizer.

— Alison, diz-me o que estamos a ver. — Há uma malícia tal na voz dele que não consigo aguentar. Ele para o vídeo e senta-se ao meu lado no sofá. A seguir, agarra-me o maxilar, os dedos fixos no meu queixo.

Torna a passar o vídeo durante uns segundos. As duas pessoas no ecrã aproximam-se, beijam-se e tornam a afastar-se. — Quem são estas pessoas, Alison? Diz-me quem é que estamos a ver. — Faz tanta força com os dedos que mal consigo abrir a boca para falar. Está a magoar-me.

— Sou eu. E... o Patrick.

— Quem é o Patrick?

— É o meu solicitador — respondo-lhe.

— Realmente, tem um ar muito solícito. É o tal que morreu há pouco tempo?

— Sim. Mas como é que sabes isso?

— Já vais descobrir. Que vergonha. Ouvi dizer que é um violador. Sabes alguma coisa em relação a isso? — pergunta-me.

Tento abanar a cabeça, mas está a agarrá-la com demasiada força.

Ele recomeça a falar.

— Tem piada, vinha no *Evening Standard* e tudo. Bem, continua a explicar-me o que está a acontecer. Porque é que não descreves o que tens vestido?

Não quero continuar a olhar para o ecrã, mas o Carl não me deixa mexer a cabeça. Olho para mim própria na imagem parada.

— Umas calças de fato de treino e uma t-shirt — replico.

— Não fizeste um grande esforço, pois não? Ainda assim, é de fácil acesso, como iremos constatar em seguida. — A crueldade na voz dele é impressionante; nunca o tinha ouvido empregar este tom de voz. — E o que está a acontecer agora, Alison? — Ele recomeça o vídeo.

— O Patrick está... O Patrick está... está a rasgar-me a t-shirt.

— Ah, sim, é o que estamos a ver. Porque é que não me dizes o que tens vestido por baixo?

Tento mexer a cabeça, mas continua a agarrar-me. Então, leva a outra mão ao meu pescoço e aperta. Eu já estava a debater-me, o pânico e o stress a dificultarem-me as inalações de ar, mas agora não consigo respirar de todo. Sinto o rosto a ruborizar e levanto as mãos, tentando libertar-me das dele. Ele continua durante mais uns segundos e depois larga-me o pescoço.

Tento inalar, recuperar a minha voz.

— Parece que tens um sapo na garganta — diz. — Bebe um pouco. — Estende-me a água e bebo-a de um trago.

— Ora vamos lá tentar mais uma vez — insiste ele. — O que tens vestido por baixo?

De nada serve resistir.

— Nada — respondo. — Não tenho nada.

— Que conveniente para o teu visitante. E o que está ele a fazer agora?

— Está a despir-me as calças de fato de treino.

— Não, não me refiro a isso. Antes disso. O que está a fazer-te, digamos, da cintura para cima?

Quero baixar a cabeça de maneira a esconder-me dentro de mim própria, enfiar-me debaixo do sofá e ficar lá para todo o sempre. Vim aqui para lutar e acabei num autêntico pesadelo. O Carl agarra-me novamente o pescoço.

— Está a acariciar-me os seios — digo.

— Exato — replica. — Linda menina. Aliás, isso deu-me uma ideia. — Empurra-me para o sofá e, sem me largar o maxilar, mexe a mão livre como se pretendesse levantar-me a camisola. Olho para ele, tentando desesperadamente encontrar algum vestígio do Carl que conheço, mas é como se fosse uma pessoa totalmente diferente. O Barba Azul arrancou a máscara. Ele recua. — Pensando melhor — diz —, não estou para isso. Já vi o suficiente para o resto da vida.

Puxa-me novamente para a posição sentada, para que continue a visionar o resto do vídeo. Permaneço direita, pronta para descrever o que estamos a ver. Aqui o Patrick despiu-me, aqui virou-me de costas, aqui está a penetrar-me por trás. Mas o Carl não volta a perguntar. Quando chega ao fim, larga-me e vai sentar-se na poltrona. Esfrego o queixo.

— Onde é que arranjaste isto? — indago.

— Isso não interessa — responde-me. — Mas não é uma má gravação. Não achas?

Fecho os olhos, tentando apagar da mente a imagem das minhas

mamas e rabo, as mãos do Patrick em mim.

— Foi só uma vez — afirmo.

O Carl acena com a cabeça, como se eu tivesse feito uma pequena observação sobre o estado do governo atual. Continua a mexer no portátil.

— É sem dúvida a única filmagem que apanhei — replica. — Mas tudo isto revela que aconteceu muito mais vezes.

A imagem que surge agora no ecrã da televisão está cheia de registos de chamadas e de mensagens, todas entre mim e o Patrick. O Carl clica sobre uma delas e mostra-me o texto completo, uma combinação para nos encontrarmos depois de termos estado no tribunal.

— Parece-me conclusivo, não achas?

— Onde é que arranjaste tudo isso?

— Ah, pois, por acaso fiquei muito satisfeito com isso. Foi depois de teres apanhado uma bebedeira tão grande que ficaste a dormir no escritório. Lembras-te? — Aceno afirmativamente. Lembro-me, sim. — Quando partiste o ecrã do telemóvel? — Torno a acenar com a cabeça. — As pessoas que trabalham nas lojas de reparação de telemóveis são muito prestáveis, em especial quando estão a ajudar um pai preocupado que quer vigiar a filha adolescente problemática. Mostraram-me exatamente o que fazer com o telemóvel para vigiar o que andavas a fazer. Todas as chamadas, mensagens e e-mails. Tudo.

Vasculho a minha mala e tiro o telemóvel. Parece perfeitamente normal. Tal como o Carl parece perfeitamente normal, com a máscara posta. Tiro a capa e espreito a parte de trás do aparelho.

— É um *iPhone* — replico. — Não se pode piratear um *iPhone*.

— Pelos vistos é o que toda a gente pensa — responde-me. — Mas é possível. Pode-se entrar nele, instalar facilmente um *spyware*.

Viro o aparelho nas mãos.

— Isso é ilegal, Carl. Isto é ilegal. Não podes piratear os telefones das pessoas. Não é admissível como prova.

— Mas quem é que está a falar de provas? Não estou a pensar ir a tribunal.

— O que estás a pensar fazer então? — As minhas mãos estão tão frias que me custa segurar o telemóvel. Pouso-o em cima da mesinha de apoio e esfrego-as, o meu rosto tenso.

— Se não te puseres a andar e me deixares a mim e à Matilda em paz, enviarei este vídeo por e-mail a todos os teus contactos — diz. — As tuas mamas ao léu, os pelos púbicos, o teu solicitador de instrução a dar-te por trás assim que o teu marido e a tua filha saem de casa. Acho que vai causar uma certa agitação, não te parece?

— Mas isso é chantagem. Estás a chantagear-me — replico. Tento agarrar no portátil dele, mas ele afasta-o e segura-o acima da cabeça, com uma risada.

— Sim, se calhar é. Mas vais mesmo fazer queixa à polícia? As ações têm consequências, sabes isso. Posso destruir-te, Alison.

Tento agarrar novamente o portátil, mas reconheço a futilidade do meu gesto. Recosto-me no sofá.

— Há quanto tempo sabes? — pergunto-lhe, encolhendo-me o mais possível na ponta do sofá.

— Desde que pirateei o teu telemóvel — responde-me, e é a forma descontraída como se refere ao seu próprio comportamento que me faz perceber a realidade terrível da minha situação atual. — Foi quando tive a certeza. Mas já desconfiava. E agora sei quando é que começou, claro. Tiveste uma conversa particularmente entediante sobre esse assunto. — Pesquisa no registo de chamadas. Vejo o cursor descer a lista no ecrã. — Ah, sim, é este.

Ele clica duas vezes numa data, e o som da minha voz e da do Patrick enche a sala. Levo as mãos aos ouvidos. Ele ri-se.

— Bem me parecia que não eras capaz de lidar com a verdade — diz-me.

Continuo a abanar a cabeça, tentando fazer com que tudo aquilo desapareça.

— Não serias capaz... Eu sei que não. Sou a mãe dela — digo-lhe.

— Também pensei nisso e, sinceramente, decidi que não é importante. Para ti isso não teve qualquer peso. Ela haverá de ultrapassar

o embaraço. Será menos prejudicial do que ter-te na vida dela.

— Não compreendo como podes fazer-me uma coisa destas — digo-lhe. — Nós amámo-nos, em tempos.

— Pois amámos, mas já não. Deixaste-o mais do que claro. E eu acho que és uma pessoa prejudicial, tóxica, Alison. És completamente egoísta. Quase narcisista. A Matilda precisa que estejas bem longe dela, e farei tudo o que puder para garantir isso mesmo.

O choque da situação começa a dissipar-se. Não posso esfregar os olhos e fazer com que tudo isto desapareça. Sabia que tinha irritado o Carl, mas não fazia ideia do quanto me odiava, pelo menos até agora. Olho para o ecrã que mostra todas as minhas chamadas para o Patrick, todas as minhas mensagens, e, ultrapassado o horror da situação, começo a interiorizar a verdade.

— Porque é que não disseste nada no domingo? — pergunto-lhe. — Porque é que guardaste para agora?

— Não pensei que fosse necessário. Estava convencido de que tinhas percebido quão má mãe eras. Perdeste a Matilda. Esperava que o tivesses finalmente percebido.

— Posso ter perdido a Matilda — replico, pondo-me de pé. — Mas foi para mim que ela correu primeiro. É sempre a mim que ela quer. Posso não ser grande coisa, mas ama-me. Não me podes apagar da vida dela.

— É o melhor para ela, Alison. É o melhor.

Desliga o cabo que liga o portátil à televisão. Estou prestes a lançar-me novamente ao computador, mas ele olha para mim e ri-se.

— Está tudo guardado, pronto para ser enviado. Mesmo que apanhes o portátil, não poderás apagar os ficheiros. E, se alguma coisa acontecer, serão enviados de imediato. Enviados a todas as pessoas que conheces e que alguma vez viste. E será tudo por tua culpa.

— Carl, por favor... — começo por dizer, mas é tarde demais.

Ele já saiu da sala de estar, com o portátil debaixo do braço.

— Agora tenho de ir buscar a Matilda à escola — informa-me. — Quero que te vás embora, por favor.

Olho para ele, mas os seus olhos estão inexpressivos, refletindo apenas

a luz proveniente da janela por cima da porta. Não vejo nada por trás deles, nenhum indício de amor ou carinho ou algo do que costumávamos partilhar. Recuo em direção à porta e abro-a, saindo para a rua. Há imensa luz, muito mais do que no interior da casa, e os meus olhos ardem e enchem-se de lágrimas.

Já transpus o portão e o Carl grita-me algo sobre as chaves, mas viro-me e desato a correr, os pés batendo no chão e o ar carregado de fumo de escapes entrando-me pela boca e garganta. Um táxi passa e faço-lhe sinal, pedindo ao condutor para me levar a Covent Garden; enfio-me no banco de trás, na esperança de que ele não me siga. Regresso ao hotel sem mais interrupções.

Quando chego ao quarto, saco automaticamente do telemóvel, mas detenho-me ao lembrar-me de que o Carl está a vigiar-me. Desligo-o e enfio-o debaixo de uma pilha de roupa. O dia pesa-me, e só consigo pensar em quão cansada estou, quão exausta, que a única coisa que posso fazer agora é enfiar-me debaixo das mantas e desaparecer da vista de todos. Parando apenas para descalçar os sapatos, enfio-me debaixo dos cobertores e o sono chega rápido para me livrar dos horrores do dia.

Acordo lentamente, sentindo a minha cabeça pesada. Um feixe de luz emerge do contorno das persianas e lá fora as ruas estão despertas. Estendo a mão para pegar no telemóvel e então recordo, subitamente invadida por um sem-fim de pensamentos.

Quase volto a tapar a cabeça com o edredão para tornar a dormir, mas isso não resolverá nada. Encontro o meu relógio de pulso e fico surpreendida ao constatar o tardio da hora, quase 9 horas. Levanto-me e tomo um duche, deixando-me ficar debaixo do fluxo de água enquanto tento interiorizar os acontecimentos do dia anterior.

Jamais me passaria pela cabeça que o Carl fosse capaz de me tratar daquela maneira, mas sei que agora que o fez continuará a fazê-lo. Já lhe vi aquela determinação no olhar antes: quando fez frente ao cão que ameaçou a Matilda no parque, quando ela tinha 3 anos; quando eu estava a ser assediada por um grupo de miúdos no metro, há uns anos. Ele não vacilou antes e não vacilará agora. Mas instalar *spyware*... Isso é ilícito, mesmo que o justifique com a sua devoção à Matilda. Mesmo que eu estivesse a ter um caso extraconjugal. Saio do duche e seco-me, vestindo umas calças de ganga.

O vídeo que o Carl me mostrou ontem está a passar na minha mente. Tento ser mais analítica, pensar em como é que ele o fez. Deve ter posto uma câmara escondida algures no átrio. Foi filmado ao nível do chão, algures perto do fundo das escadas, imagino eu. Olho em redor do quarto de hotel. Pode haver uma câmara escondida aqui algures. Pode estar em qualquer lado. Pode haver mais do que uma. A minha cabeça está a pulsar.

Assim que me despacho, atravesso Covent Garden em direção à loja da Apple. Embrulhei o telemóvel numa meia, sem saber se o Carl conseguiu pôr-lhe uma câmara também. Tem as imagens do átrio em casa, embora neste momento eu não consiga precisar como é que o filmou. Entro na loja, abrindo caminho por entre a multidão de estudantes estrangeiros, e procuro alguém com uma t-shirt da Apple. Uma mulher na casa dos 20 anos aborda-me; tem três brincos na orelha direita e cinco na esquerda. Contá-los acalma-me e, quando ela acaba de me perguntar se preciso de ajuda, estou pronta para falar, esperando não parecer uma louca.

— Acho que alguém instalou *spyware* no meu telemóvel — digo-lhe, estendendo-lhe a meia.

— Porque diz isso? O telemóvel tem algum problema? — pergunta-me, sem pegar na meia. Apercebo-me de que parece um pouco estranho e tiro o telemóvel da meia. Ela pega nele e fita-o.

— Há maneira de saber se alguém mexeu nele? — indago.

— Nem por isso — replica ela. — Mas parece-me normal.

— Ele disse qualquer coisa sobre tê-lo pirateado e ter instalado *spyware*.

— Quem? — questiona, olhando melhor para o telemóvel e para mim.

— Uma pessoa. De qualquer maneira, pode fazer alguma coisa?

— Não é bem a minha área — responde-me. — Mas, se não se importar de esperar, alguém do Genius Bar poderá ajudá-la. Posso fazer uma marcação.

— Não tenho tempo para marcações.

Ela torna a olhar para o telemóvel.

— Ouça, eu li qualquer coisa sobre isso. Não lhe garanto que resolva o problema, mas se fizer uma reposição das definições de fábrica talvez ajude.

— Pode ajudar-me?

Ela assente com a cabeça e aponta para um banco alto. Então, segue uma série de passos e depois devolve-me o telemóvel, vazio como quando foi adquirido.

— Sabe como voltar a instalar tudo? — diz-me, e assinto com a cabeça.

— Posso utilizar um dos portáteis? — pergunto-lhe, e ela desbloqueia o que está à minha frente.

— Pode utilizar este. Se fosse a si, mudava as palavras-passe. Todas. Em especial a do seu telemóvel.

— É exatamente o que tenciono fazer. — O código foi sempre a data do nosso casamento. Não admira que o Carl conseguisse entrar tão facilmente.

Enquanto faço o download das aplicações para o meu telemóvel, acedo à minha conta de e-mail e mudo a palavra-passe. Assim que está feito, ligo para a minha operadora e pergunto se é possível mudar o número também. Enquanto espero pela resposta, recebo uma mensagem. Leio-a.

«Podes barrar-me o acesso agora, mas isso não muda nada. Ainda tenho o vídeo.»

Ele não assina, mas também não é necessário. Olho para a mensagem e faz-se luz na minha mente, uma explicação para algo que teria percebido ontem à noite se não estivesse tão chocada e cansada.

Penso um pouco e envio uma resposta.

«Foste tu?»

Ele responde pouco depois.

«Fui eu o quê?»

Já sei a resposta, mas quero lê-la.

«Foste tu que mandaste as mensagens anónimas. Porquê?»

Envio a mensagem e, ao mesmo tempo, a operadora volta com a resposta sobre o meu número de telemóvel. Digo-lhe que já não é necessário. Agora já sei de quem se trata. O Carl envia a resposta.

«Tu mereceste-o.»

Agradeço à mulher da loja Apple e saio para a rua. Penso em bloquear o número do Carl, mas de que serve? Os estragos já foram feitos.

Atravesso Covent Garden, passando pela discoteca Swish e pelo beco onde sujei as mãos com merda há uma série de semanas. Atravesso Kingsway. Todas as pessoas à minha volta estão vestidas para o trabalho,

carregando pastas e copos de café descartáveis. O trânsito está parado numa fila ao fundo de Aldwych e avanço por entre alguns autocarros. Lá está Holborn, onde o Patrick decidiu pôr termo à vida. Saberei eu como é que ele se sentia? Espero nunca descobrir. Perdi o Carl, o Patrick também, e a minha reputação está por um fio, mas pensar na Matilda dá-me alento.

Agora estou em Lincoln's Inn Fields, o ribombar do trânsito perdendo-se no verde. Desço até ao snack-bar e peço um café, sentando-me na esplanada. Está frio, mas o céu mostra-se limpo, e preciso do sossego e da calma. Contemplo os telhados do Lincoln's Inn e recordo ter jantado lá, as velhas tradições de Latim e velas e vinho do Porto, a capela onde John Donne pregou. Em tempos fui a menina dos olhos do Carl, e ele dos meus, os nossos corações simples e verdadeiros um com o outro, julgava eu, mas agora esses reflexos estão tão distorcidos como na casa dos espelhos de uma feira popular. Começo a pesquisar online direito da família e regulação de poder parental, mas depois paro, pousando o telemóvel em cima da mesa. Sei que o Carl não tem razão perante a lei, que nenhum juiz me impediria de partilhar a custódia da Matilda com ele, mas também sei que cumprirá a ameaça assim que eu contestar alguma coisa. Esfrego o rosto com a mão, a cabeça a doer-me devido aos pensamentos conflitantes.

— Alison.

O som do meu nome desperta-me a atenção. Olho em redor.

— Alison.

Por momentos não consigo ver de quem se trata. O vento sopra-me o cabelo sobre os olhos, confundindo-me.

Ela aproxima-se e agarra-me no braço. Afasto o cabelo do rosto e vejo que se trata da Caroline Napier. Por instantes abre-se um abismo aos meus pés e quase caio. Então volto a equilibrar-me. Ela não sabe que eu sei. Não há problema.

— Caroline. Olá. Desculpe, estava longe daqui.

— Vi-a e era para me ter ido embora, mas preciso muito de falar consigo.

Olho-a com mais atenção. Não está com bom aspeto, o cabelo oleoso, a pele cheia de manchas na zona do queixo. É como se me visse ao espelho.

— Está tudo bem? — pergunto-lhe, na esperança de soar profissional, mais afastada do que me sinto.

— Eu estou bem — começa por dizer, mas depois cala-se. — Não, não estou. De todo. Importa-se que lhe faça companhia?

Quero responder-lhe que sim, mas não tenho coragem para o fazer.

— Com certeza — replico. — Estava só a beber um café.

Ela senta-se no lugar oposto ao meu, o lenço embrulhado à volta do pescoço. Está a usar luvas sem dedos e traça uma linha na água entornada diante dela na mesa.

— Deve estar a interrogar-se por que motivo quero falar consigo — diz ela.

— Bem, hum, sim. Exato. — Olho em redor dos jardins e concentro-me num menino que segura um balão, ansiosa para olhar para todo o lado menos para ela.

— Sabe, Alison, a questão é que... Meu Deus, isto é tão difícil de dizer... A questão é que eu sei. E sei que a Alison sabe. De certeza que ele lhe disse.

O abismo abre-se novamente à minha frente, mas olho-a diretamente nos olhos.

— Não faço a mais pequena ideia do que está a falar. — É quase possível fazer cubos de gelo com as minhas palavras.

— Vá, já passámos essa fase. O Patrick certificou-se disso quando se atirou para debaixo do comboio.

Não consigo evitar estremecer.

— O que é que ele lhe disse? — questiono. De nada serve negar.

— Que vocês tinham um caso. Que era a relação mais importante da vida dele. — Abana a cabeça, aparentemente atónita com esse conceito. — Havia algo de muito solitário nele, embora na altura não me tivesse apercebido. Estava demasiado embriagada...

— Meu Deus... — exclamo.

— Calculo que lhe tenha dito que não o fez, que era mentira? — Não respondo, mas inclino a cabeça num gesto de concordância. — Foi verdade. Mas não sabia que iria afetar o Patrick desta maneira — diz ela. — Se soubesse...

— Tê-lo-ia denunciado à polícia na mesma?

Ela baixa o olhar para as mãos e remexe numa parte da luva. Está a usar uma aliança de casamento, uma argola de prata simples.

— Sim. Tê-lo-ia feito. Acho — responde. — Quer dizer, o que aconteceu podia ter tantas interpretações. Mas pareceu-me correto contar à polícia e mais tarde falei com o meu psiquiatra, que me disse que, se achava que era violação, então era-o. As ações têm consequências; o Patrick sabia quão vulnerável eu estava, com tantos problemas com o meu marido.

Faço sinal para a mão dela.

— Está a usar aliança.

— O meu marido tem sido muito compreensivo. Percebe agora o mal que fez, que a maneira como me comportei, a embriaguez, o comportamento pouco caraterístico da minha parte, não passaram de um pedido de ajuda. Sente-se muito mal com o que me aconteceu; entretanto voltou para casa — explica-me.

— Portanto, já não se vão separar?

— Não sei. Mas vamos ter orientação psicológica juntos.

— Ótimo. Ainda bem — replico. Não sei se devo perguntar ou não, mas não o consigo evitar. Respiro fundo. — Quer conversar sobre o que aconteceu com o Patrick?

Ela baixa a cabeça.

— Uma grande parte foi culpa minha — desabafa. — Estava muito bêbeda. Ninguém me obrigou a beber aquele vinho todo, ninguém me obrigou a entrar no jardim. Queria beijá-lo, queria ir mais longe. Mas, depois, já não queria. E ele recusou-se a parar. Também estava muito embriagado. Mas disse-lhe que não e ele não me deu ouvidos, e depois disso não tive escolha; fui obrigada a dizer que sim.

Estendo a mão para ela e após uns segundos ela aceita-a. Os dedos dela

estão gelados. Continua a falar.

— E depois fomos presos. Foi um dos momentos mais humilhantes da minha vida, ser arrastada daquela maneira para a esquadra da polícia. Dormi para curar a bebedeira e, quando acordei, percebi o que tinha de fazer. Foi quando aleguei ter sido violada. — A mão dela está a gelar a minha, pelo que a retiro delicadamente. — Era para ter desmentido tudo, logo de imediato. Mas depois falei com o meu terapeuta. Não tinha a certeza se teria tomado a decisão correta, mas ele fez-me sentir muito melhor em relação a isso. Estava decidida a retirar a queixa, mas ele fez-me ver que estava certa. Se eu achava que tinha sido violação, então era violação. E as ações têm consequências. Sei que estou sempre a repetir esta frase, mas é uma das favoritas do meu psiquiatra e acho que é algo que vale a pena termos sempre presente.

O frio que sinto nas mãos estende-se-me aos braços e por todo o corpo. Sinto os pés enraizados no chão. Ouço um zunido nos ouvidos, a sensação de que ela me diz algo que me escapa.

— Deve ter sido muito complicado — respondo. Penso no que o Patrick me contou sobre a questão do anonimato, mas não quero proferir essa palavra. Não é justo. Talvez significasse algo, mas acho que ela está a dizer a verdade.

— E foi. Foi mesmo. E depois descobri que o Patrick se tinha matado. Mas acho que outra rapariga tinha feito queixa também. E saiu em todos os jornais. A carreira dele estava acabada. — Leva a mão à boca e franze as sobrancelhas. Deixo-me estar sentada no lugar, enfiando as mãos nos bolsos. Não digo nada. — Desculpe, Alison. Era só o que lhe faltava ter de ouvir as minhas lamúrias. — Fita-me com os olhos semicerrados. — Também não está com bom aspeto. Deve estar a ser complicado.

Ela podia estar a mentir, mas sei exatamente do que o Patrick era capaz. E não acredito que a Alexia estivesse a mentir, nem por um segundo. Ele andava sempre a pisar o risco, mesmo comigo. Linhas muito ténues, de facto. Exalo.

— Está, sim. Mas concordo com o seu psiquiatra; fez o mais acertado. As ações têm consequências. — E, ao proferir essas palavras, percebo o

que me estava a escapar.

Conheço essa frase. Foi-me dita no dia anterior. A minha mente acelera, ao mesmo tempo que ela continua a falar.

— Digo-lhe uma coisa: vou fazer os possíveis para continuar casada. Não me sinto capaz de lidar com o mundo lá fora.

— Eu talvez não tenha a mesma escolha — digo-lhe. — O meu casamento desmoronou-se.

— Lamento sabê-lo — responde-me.

Então ocorre-me.

— Sabe, eu própria também gostaria de ter alguma orientação. Talvez seja exatamente o que estou a precisar, o que nós estamos a precisar. Como se chama o seu psiquiatra? Parece ser bom.

— Tenho aqui um cartão dele — informa-me ela. Pega na mala e vasculha-a, retirando a carteira. Extraíndo um cartão de visita, estende-mo. — Ele é muito bom; de certeza que conseguirá ajudar-vos.

— Obrigada — respondo-lhe. Pego no cartão e enfio-o dentro do bolso do casaco, sem o ler. — Vou pensar seriamente nisso.

Ela olha para o telemóvel.

— É melhor ir andando. Tenho de estar em Southwark daqui a nada — diz-me. — Talvez nos pudéssemos voltar a encontrar? Para almoçar?

Aceno com a cabeça e digo-lhe que sim. Pode até acontecer, embora duvide muito. Ela toca-me no ombro, antes de se retirar, e fico a ouvi-la afastar-se.

Permaneço sentada à mesa durante mais uns minutos e depois regresso ao trabalho a pé. Encontro-me presa num pequeno instante entre a suspeita e o conhecimento. A resposta está num pequeno cartão no meu bolso. Quero ignorá-lo, fingir que está tudo normal, mas não sei se conseguirei comportar-me com normalidade durante muito mais tempo. Assim que entro no meu gabinete, respiro fundo algumas vezes.

Vou perder a minha filha. Em muitos aspetos, já a perdi. A não ser que ganhe coragem. Sei que o que fiz ao Carl foi péssimo, mas o que ele me fez também foi muito mau — mentir-me, espiar-me e massacrar-me por trás de um escudo de anonimato. Será que quero esta pessoa a

educar a minha filha? E se a fosse buscar à escola e fugisse com ela? Se fôssemos para o norte da Escócia, para uma das ilhas, ele jamais a encontraria. Podíamos ir para a Nova Zelândia, para a Austrália — já pus essa hipótese antes, como advogada conseguiria uma autorização para emigrar. Mas ele impedir-me-ia. Tem a vantagem de uma fortíssima ameaça contra mim.

Mais um inspiração profunda e está na hora. Tiro o cartão do bolso e leio-o. Depois, torno a lê-lo. Pouso-o em cima da minha secretária, paralelo ao rebordo do tampo. A seguir, pouso as mãos de cada lado do cartão e cerro os punhos, com tanta força que os nós dos dedos ficam brancos. Está na hora de lutar.

As palavras no cartão de visita bailam diante dos meus olhos.

Carl Bailey — psicoterapeuta
Terapia de casal / Dependência sexual

Ele era o psiquiatra da Caroline. Ele era o psiquiatra da Caroline Napier e, confirmado por ela, foi ele quem a apoiou para apresentar queixa contra o Patrick. Ele sabia exatamente quem era o Patrick quando ela lhe contou o que lhe acontecera e, em vez de ser objetivo, recusando-se a tratá-la por uma questão de conflito de interesses, aconselhou-a. Apoiou-a na alegação de violação sem lhe confessar o seu motivo mais do que válido para antipatizar com o Patrick, regozijando-se, quase de certeza, em vez de pensar em ajudar a sua cliente. Sinto um arrepio no corpo todo, ao perceber o quanto ele sabe, até onde conseguiu ir.

Pego na minha mala com a roda partida arrumada num canto do gabinete e atiro-a para o chão. Abro-a e vasculho o forro, procurando rasgões ou buracos, um sítio onde pudesse ter sido feita uma abertura. Desvairada, viro a mala ao contrário e examino o exterior. Lá está, o que eu procurava. Um buraco na parte superior, pequeno o suficiente para ser desvalorizado, mas grande o suficiente para cumprir o seu propósito. Torno a pousar a mala na horizontal e arranco o forro, puxando-o com as duas mãos. E lá está, pequena, preta. Uma luz vermelha a piscar. Uma câmara. Uma câmara miniatura, a lente emergindo do buraco. Retiro-a do encaixe que foi feito para ela e saio a correr do gabinete.

Saio a correr dos escritórios, passando pelo Robert e fechando a porta na cara do Mark. Estou a abalroar peões aqui e ali, enquanto corro para o autocarro. Alguém me grita, mas ignoro a pessoa. Não há nenhum autocarro, mas há um táxi.

— Para Archway, se faz favor — digo, e o condutor acelera.

Faço força com o pé no chão do veículo, como que para ganhar mais velocidade.

Já não me importa o que ele tem sobre mim. Meia dúzia de fotografias atrevidas, um vídeo? Que se lixe. Bardamerda para isso. O Patrick era meu solicitador de instrução, não meu oponente. Éramos maiores e vacinados. Toda a geração milénio anda a mostrar as partes íntimas nas redes sociais — hei de sobreviver a isto. De maneira nenhuma irei permitir que o Carl eduque a minha filha. Sou complicada, sou egocêntrica. Menti e traí, bebi e fumei o tempo todo que deveria ter estado com ela, a brincar com ela, a ler-lhe, a ser mãe dela. Mas não sou perturbada. É doentio, saber do meu caso extraconjugal há tanto tempo e não ter dito nada, ter-me espiado e aproveitado esta oportunidade para se vingar do homem que andava a fazer sexo com a mulher dele.

O Carl deve ter sentido uma alegria imensa quando a Caroline lhe contou o que aconteceu. Deve ter-se inclinado para a frente, todo atencioso e diligente: «Como disse que ele se chamava?», terá perguntado ele. «Sim, que situação terrível. Foi sem dúvida violação. Sem dúvida.» Deve ter-se fartado de rir por dentro, pensando nos danos que poderia causar. E não é como se ele estivesse propriamente errado, ao instigar a coisa desta maneira. Não tinha como saber que mais alguém apresentaria queixa — mas também não queria saber. O Carl não estava a ajudar a que se fizesse justiça, estava a causar estragos, a manipular os cordelinhos da minha vida às escondidas.

Apanhamos trânsito em Highbury Corner e tento controlar a minha impaciência. Ele não sabe que eu vou a caminho. Pode nem sequer lá estar. Mas, caso não esteja, vou sentar-me à espera, e, quando ele chegar, vou dizer-lhe para enviar o e-mail. Vou dizer-lhe que vou para casa e que não me poderá expulsar, que vou ser a mãe da Matilda e que não me

poderá impedir. Vou dizer-lhe que farei queixa dele à associação de psicologia por desonestidade e por não ter reportado um conflito de interesses; vou fazer queixa dele à polícia por chantagem, por instalar ilegalmente *spyware* no meu telemóvel e por me filmar sem autorização dentro da minha própria casa. Ele escondeu uma câmara no meu *trolley*, o único objeto que ele sabia que eu teria sempre comigo. E sabe Deus quantas mais câmaras haverá espalhadas pela casa.

O táxi chega à porta da minha casa; atiro o dinheiro pela divisória, agradeço ao motorista e saio a correr. Ele grita algo, mas aceno-lhe com a mão e tento enfiar a chave na fechadura da porta. Não parece estar a abrir, mas tudo bem, não vou permitir que isso me demova, vou sentar-me aqui no degrau à espera de que ele chegue a casa com a Matilda e depois vou tomá-la na segurança dos meus braços, empurrá-lo para o lado para entrar e recusar-me a voltar a deixá-la; está tudo bem, a chave afinal já está a entrar e a rodar e a porta está a abrir e eu a entrar. Bato a porta atrás de mim com força.

Estou cá dentro. Ouço uma pancada surda e depois silêncio, sente-se um forte odor a cigarro no ar. Música ecoa vinda da sala de estar.

Espreito pela porta, mas não vejo o Carl.

Os cortinados estão corridos e a sala mergulhada na penumbra. A única luz provém do ecrã do televisor, que mais uma vez está ligado ao portátil do Carl. Vislumbro-o pousado em cima da mesinha de apoio. Os meus olhos adaptam-se à escuridão, ao ecrã. Examino-o mais de perto, tentando perceber o que estou a ver.

A mulher no ecrã parece morta. Um homem vira-a primeiro para um lado e depois para o outro, agora de barriga para baixo em cima da cama. A câmara faz um grande plano visto de trás, o corpo dela enchendo o ecrã. Ela está quase despida, envergando apenas um soutien e um cinto de ligas. Não tem cuecas. Música soa algures, uma batida ritmada à qual ele se junta, dando-lhe palmadas no traseiro exposto ao ritmo da música, primeiro devagar e depois com mais força. Está a rir-se. Eu conheço aquele riso. É o Carl.

A mão dele surge à frente da câmara, os dedos abertos. A penetração

começa, a câmara focando cada vez mais perto.

Sinto os músculos do maxilar ficarem tensos. Uma série de imagens passa na minha mente, tão velozes como o pulsar do sangue nos meus ouvidos. Cubro o rosto com as mãos e depois forço-me a afastá-las. Preciso de ver.

Saciado, o Carl levanta a mulher da cama e põe os braços dela à volta dos ombros. Começa a dançar, movendo-a de um lado para o outro, a cabeça dela pendendo de lado.

Ela está morta e ele está a cantar, bada-bada-bada-ba-bada bada-bada-bada-ba-bada...

Não consigo tirar os olhos dele.

A canção chega ao fim e ele torna a pousá-la, de pernas abertas, a cabeça pendurada na beira da cama. Ela está morta. Deve estar morta.

Não pode estar morta.

Não pode estar morta porque sou eu, só que não posso ser eu porque estou aqui e não ali no ecrã, e não posso ter lá estado porque algumas das coisas que ele fez eu jamais o teria deixado fazer-me, e é o quarto de hotel em Brighton, mas não me lembro de nada, não sei porque é que não conseguia levantar sequer a cabeça, quanto mais chorar, como estou a chorar agora, arranhando o rosto e pondo os braços à volta do corpo, balouçando-me, até voltar novamente a mim, aqui, segura, pelo menos fisicamente, embora a minha mente esteja a cem à hora.

A música soa alto. Provém da aparelhagem, não do vídeo. Demasiado alto, não aguento mais. Entro na divisão para a desligar, tentando recompor-me. E é então que o vejo.

O Carl. Ele está aqui.

Inspiro, expiro, inspiro, tentando acalmar-me. Não estou morta, estou viva. Sou uma testemunha. Sou testemunha do que ele fez àquele eu que não sou no ecrã, a boneca frouxa que está a manipular, o fantoche.

Acendo a luz. E constato que correu mal. Por muitas vezes que já tenha feito isto e se tenha safado, desta vez correu-lhe mal.

O fantoche agora é ele, meio despido, meio deitado no sofá, a cabeça num ângulo grotesco pendurada de lado num laço, a corda amarrada à

estante de trás. A boca dele está torcida num esgar, com algo de fora. Aproximo-me. Tem o rosto roxo, os olhos esbugalhados, um ténue movimento sendo o único indício de que ainda está vivo. Empurra os braços contra a mesinha de apoio, como se tentasse apoiar-se em algo, mas não está perto o suficiente para impedir o processo de estrangulamento.

Não estou morta, penso. Estou viva, novamente em controlo. Já não há mais manipulador de fantoches.

Ele geme, um som de desespero. Torno a olhar para o ecrã. Se ele tirar os olhos de mim, só por um instante.

Agarro a mesinha de apoio e puxo-a para mim, afastando-a dele. Tenta alcançá-la de novo, mas começa a perder as forças. Deixa-se pender no laço, derrotado pela gravidade. Sinto o cheiro a fumo de cigarro; há um cinzeiro caído no chão, beatas e cinza na alcatifa. Sobreposto a isso, o odor acre a citrinos — vejo os gomos de laranja-de-sangue vermelha em cima da mesinha de apoio, o gomo que ele enfiou na boca.

O vídeo passa em *loop*, o troféu dele. Penso na quantidade de vezes que poderá ter acontecido, todas as noites em que julgava ter perdido os sentidos por ter bebido demasiado.

Agora cheira a merda na sala. O rosto do Carl passou de roxo a azul.

O tempo passa. Sento-me sobre os calcanhares e fico à espera. Não há de demorar muito mais. Então, chamarei uma ambulância, a polícia.

Bastará um instante.

Cinco meses depois

— Ontem à noite sonhei com o papá — diz a Matilda, enquanto toma o pequeno-almoço.

— Ai, sim? — pergunto-lhe. — E que tipo de sonho foi?

— Foi um sonho bom — responde-me. — Estávamos a passear na praia e fizemos um castelo de areia; depois ele disse que tinha de se ir embora, mas que voltaria em breve.

Contorno a mesa e abraço-a. Ela vira-se e abraça-me também.

— Tenho saudades dele — diz, a voz abafada no meu corpo. — Quem me dera poder vê-lo na vida real.

— Eu sei, querida. Eu sei.

Abraço-a durante mais um pouco, até ela se mexer. Depois, continua a comer o pequeno-almoço. Explicaram-me que seria exatamente assim, explosões de dor, períodos de rotina normal. Estou com ela praticamente todo o tempo em que não está na escola, e ela tem conseguido aguentar-se.

Caminhamos juntas até à escola.

— Esta tarde vais para casa da Salma — digo-lhe. — Vou lá buscar-te às 18 horas. Está bem?

— Eu gosto de ir para casa da Salma — replica. — Gosto dos gatos deles. Podemos ter um gato?

Quase lhe respondo que não, instintivamente. Essa foi sempre a resposta. Mas depois lembro-me. Era o Carl quem se opunha a isso. Paro e agacho-me ao lado da Tilly.

— Acho que seria muito agradável. Deixa-me pesquisar um pouco, para ver o que descubro. Se calhar devíamos arranjar dois, para fazerem

companhia um ao outro.

O rosto dela ilumina-se de alegria e ela abraça-me.

— A sério?

— Sim, a sério. Acho que poderíamos proporcionar um lar muito feliz a uns gatinhos.

Depois de deixar a Tilly, dirijo-me para Holborn. A Chloe já está no escritório, a tratar de papelada.

— Estás pronta? — pergunta-me.

— Estou pronta. E estou a falar a sério, é a última vez que abro a boca em tribunal.

— Pois, pois, já sei. Já mo disseste.

— Mas estou a falar a sério. Não vou voltar a fazer isto — digo-lhe, com firmeza. Entreolhamo-nos até ela assumir a derrota, rindo-se.

— Tudo bem. Também só te quero por tratares da papelada.

Sei que não é problema para ela. Gosta de representar clientes em tribunal e eu não me importo de gerir o escritório e de me ir mantendo a par dos processos judiciais. Trabalho imenso a partir de casa — foi uma dádiva dos céus, na verdade. Posso acompanhar a Tilly e também pagar as contas, à justa.

— Esse fato fica-te demasiado largo — diz-me a Chloe.

Mexo no cós da saia. É verdade. Perdi praticamente 12 quilos desde que encontrei o Carl. Desde que deixei morrer o Carl... Ele persegue-me a ponto de não me deixar dormir ou comer. Noite após noite sento-me na cama da Matilda, observando-a enquanto dorme, revivendo os últimos dois anos na minha cabeça, interrogando-me sobre o que poderia ter feito de maneira diferente para mudar o resultado final. Tantas vezes me interroguei se deveria ter percebido, o que me escapou. Nunca me apercebi dessa escuridão nele, não até ser tarde demais. O que nunca saberei é quanto tempo estive adormecido antes de começar a ganhar forma e emergir da escuridão. Durante tantos anos acreditei que me amava, mas agora jamais lhe poderei perguntar quando é que esse amor desapareceu, ou se o ódio estivera sempre presente, à espera.

A chegada da Madeleine desperta-me dos meus devaneios. Ofereço-lhe

um café, mas ela abana a cabeça. Está parada junto à porta do escritório, um *trolley* pousado ao lado dela.

— Trouxe tudo — digo-lhe.

Ela aponta para a mala.

— Sim, estou pronta.

Ela e a Chloe abraçam-se e as duas descemos em direção ao Old Bailey. Quando nos aproximamos do edifício, estico o pescoço para olhar para a estátua da Justiça, escarranchada em cima do tribunal. Algumas estátuas da Justiça têm uma venda, mas esta não. Ela está a pesar as provas, imparcial. E empunha uma espada.

— Aqui vamos nós — diz a Madeleine assim que entramos no edifício.

— Sente-se bem? Está satisfeita com a maneira como as coisas estão a correr?

— Estou, sim. E, Alison, obrigada. Por tudo o que tem feito neste processo judicial e por todo o seu apoio.

Dirigimo-nos para a sala de detenção e despeço-me dela com um aceno de mão.

A Chloe ligou-me há um mês. Eu estava numa aula de natação, a ver a Tilly nadar *crawl*. Saí do edifício para atender a chamada.

— Vão aceitar a petição — disse-me ela, a voz a rebentar de entusiasmo.

— Qual petição?

— A da Madeleine. Vão aceitar a petição — repete ela.

— Estás a gozar... A sério?

— A sério. Aquele merdas do Flynn, o advogado da acusação, foi suspenso por ter sido apanhado a conduzir sob o efeito de álcool. Por isso, os processos judiciais deles foram distribuídos. O dela passou para a Alexandra Sisley; sabes quem é?

— Sei, sim — respondi-lhe, acometida por uma onda de alívio. O carma é lixado.

— Ela é muito sensata. Já a instruí em alguns casos no passado. Bem,

parece que examinou toda a documentação. Já te disse que o relatório psiquiátrico deles foi positivo para nós, certo?

— Disseste, sim — repliquei.

— Bem, correu tudo bem. Vai correr tudo bem.

A Sisley está a abrir a pasta. Faz uma recapitulação dos factos tal como acordado entre nós, acrescentando que «parece claro à acusação que a réu foi vítima de uma relação abusiva». Viro-me para a Madeleine. Está a chorar, percebo-o pelo ligeiro tremer dos ombros dela, mas está composta. Embora enfrente uma pena de prisão, apresenta melhor aspeto do que nunca, o rosto mais cheio, o pescoço menos tenso. Ela sabe que o James está seguro; deve ter sido isso que lhe tirou o peso de cima.

Agora é a minha vez de me pôr de pé. Na minha mente ainda ouço o «culpada» que a Madeleine proferiu quando lhe foi lida a acusação de homicídio simples. O juiz assente com a cabeça enquanto falo e então concluo: «Como eu sei que o Meritíssimo bem sabe, a defesa de perda de controlo em caso de homicídio é um elemento de legislação ainda relativamente recente. E pelo qual a minha cliente está muito grata. Ela, tal como eu, tem a plena noção de que noutros tempos o Meritíssimo não poderia fazer nada e que o mais certo seria ela ser acusada de homicídio e sentenciada à obrigatória prisão perpétua. Mas a evolução da lei permite um preceito mais misericordioso. A minha cliente sabe que não há alternativa a uma pena de prisão. Está aqui hoje preparada para esse resultado final. Mas peço ao Meritíssimo que tenha em mente todas os acontecimentos que antecederam a perpetração deste crime e que imponha a sentença mais leve possível de acordo com essa série de acontecimentos, não apenas com base nas ações da minha cliente nessa noite.»

A Madeleine está a chorar a sério quando desço às celas após a sentença. Lança-se a mim, limpando o ranho no ombro da minha toga. Não quero saber.

— Cinco anos — diz ela. — Cinco anos! Quando poderia ter sido

prisão perpétua.

— Quer então dizer que está bem — respondo-lhe.

— Estou bem, sim. Vi o James há uns dias — informa-me ela.

— Como é que está ele?

— Também está bem. Diz que tem saudades do pai, às vezes, mas outras vezes sente-se aliviado...

— Ele vai morar com a Francine quando não estiver no colégio?

— Às vezes. Mas tem um grande amigo na residencial onde está a morar e ofereceram-se para receber o James sempre que ele lá quiser ir. Já os conheci; a mãe é muito simpática. Cães, gatos, cavalos, um cercado enorme e bosques à volta da casa. O tipo de casa de família que nós poderíamos ter tido...

— Hão de construir a vossa própria casa de família — digo-lhe —, a vossa própria unidade familiar. A Madeleine e o James. Estará em liberdade em menos de três anos, se se portar bem.

— Sim. E como é que vocês têm estado, a Alison e a sua filha?

— Bem, temos estado bem também.

É claro que a Madeleine sabe. Não há ninguém que me conheça, que me conhecesse, que não saiba. A notícia da morte do Carl espalhou-se como um incêndio florestal. «MAIS UM STEPHEN MILLIGAN», gritaram os cabeçalhos dos jornais. Mas a polícia não facultou todos os pormenores.

Revi esse dia milhares de vezes na minha mente, tentando conversar com o Carl sobre isso na minha cabeça, tentando compreender no que ele estaria a pensar quando prendeu o laço, cortou a laranja-de-sangue, acendeu o cigarro. Já o pesquisei, li todos os artigos que consegui encontrar.

Asfixia autoerótica. Um método para potenciar a excitação sexual restringindo o fornecimento de oxigénio ao cérebro. Mais comum do que seria de esperar.

Mais mortes do que alguma vez poderia imaginar.

Pode parecer disparatado, mas são os preparativos dele que dão cabo

de mim, a parafernália utilizada. A maneira como fortalecera a estante dos livros e a fixara à parede. A quantidade certa de corda de maneira que, desde que se mantivesse no mesmo sítio no sofá, a medida fosse a correta, sufocando-o um pouco, mas não demasiado. Até mesmo a laranja-de-sangue; ele deve ter lido online os mesmos artigos que eu. Deve ter feito pesquisa. O Carl não era pessoa para correr riscos. Ao morder o citrino, o ácido fá-lo-ia despertar antes de algo poder correr mal.

Deve ter resultado, uma vez atrás de outra. Até eu ter fechado a porta com toda a força ao entrar em casa e ele ter dado um salto, caindo.

O enforcado.

Como é que ele se meteu nisso? Quando é que o sexo normal deixou de ser suficiente? Li sobre a dependência sexual — talvez ele sofresse disso, motivado pela necessidade de arriscar situações cada vez mais extremas, as coisas normais sendo demasiado entediantes para lhe causarem alguma sensação. Talvez.

Mas sei que odiava o meu trabalho, odiava o facto de ser financeiramente dependente de mim. Ele queria recuperar o seu poder.

A polícia levou o portátil dele. Perguntaram-me se queria ver mais algum dos vídeos que encontraram de mim, mas respondi-lhes que não e perguntei-lhes se podiam destruí-los. Disseram-me que havia outros vídeos, com outras mulheres. Estão a investigar o grupo de terapia dele. Foram feitas mais detenções. Sinceramente, prefiro não saber.

Serve-me de pouco consolo, mas o vídeo mais antigo de ele a violar-me tem a data de um ano antes de eu ter começado a dormir com o Patrick. O que eu andava a fazer era errado. O que ele andava a fazer era muito pior.

E estou a fazer os possíveis para compensar a Matilda, ser a mãe que sempre deveria ter sido.

— Foi exatamente assim que o encontrou? — perguntaram-me quando os deixei entrar na casa.

— Sim — respondi.

— Tinha conhecimento destas câmaras? — perguntaram-me uns dias mais tarde, fazendo sinal para todos os pontos secretos nas paredes que eles tinham descoberto, os esconderijos atrás de livros e de molduras. Até uma caneca térmica tinha uma câmara escondida, a que estava sempre pousada no balcão lateral da cozinha.

— Não, não tinha — respondi.

Era a verdade.

E talvez eles tenham visto as gravações de todas aquelas câmaras, talvez tenham visto um registo temporal. Talvez soubessem que cheguei mais cedo. Apenas um pouco mais cedo. Somente um instante. Talvez tenham visto uma marca na alcatifa, onde a mesinha de apoio não foi posta exatamente na posição original.

Talvez.

Mas nunca sequer me perguntaram.

E eu jamais contarei.

— Mamã, mamã! — A Matilda corre para mim assim que chego a casa da Rania para a ir buscar.

— Divertiste-te?

— Sim!

— Obrigada por teres ficado com ela — digo à Rania. — Ela adora brincar com a Salma.

— Gosto muito de a ter cá. Ela diz que vocês vão arranjar uns gatinhos?

— Sim, assim que tiver tratado das coisas. Com sorte talvez dentro de duas semanas. É essa a ideia. Depois terão de ir lá vê-los.

— Gostaríamos muito.

Despedem-se de nós com um aceno de mão, enquanto descemos o caminho de acesso e regressamos à nossa casa.

— Tens fome? — pergunto-lhe depois de entrarmos.

— Um bocadinho — responde-me. — Mas não muita. Temos laranjas-de-sangue?

— Temos, sim.

Vou buscar-lhe uma, ponho-a num prato. Dou-lhe uma faca de mesa para a descascar.

Vejo-a enfiar a faca na casca, recortando cuidadosamente um círculo na parte de cima e dois círculos a atravessá-la. As mãos dela trabalham devagar e com firmeza. Agora já sabe como se faz.

Desta vez não há sangue.

Agradecimentos

Devo um agradecimento enorme a muitas pessoas: à minha agente Veronique Baxter, pela sua fé constante e precoce no livro, e a Henry Sutton, pela sua supervisão astuta e apoio constante. Um agradecimento imenso às minhas fantásticas editoras, Kate Stephenson, da Wildfire, e Lindsey Rose, da Grand Central Publishing, e respetivas equipas, e a Alex Clarke e Ella Gordon. A Georgina Moore, a Andy Dodds e a Jennifer Leech, assim como às equipas de marketing da Headline e da Grand Central, muito obrigada pelo vosso trabalho árduo. A Jason Bartholomew, a Nathaniel Alcares-Stapleton e à Hachette Subsidiary Rights Team, uma imensa gratidão pelo trabalho fenomenal que fizeram na venda do meu livro para tantos territórios internacionais. Permitiram-me realizar o sonho de uma vida, e não tenho palavras para vos agradecer.

Obrigada ao curso de Mestrado em Escrita Criativa da Universidade de East Anglia —Romances Policiais, a Laura Joyce e a Tom Benn, e ao grupo de 2015, Caroline Jennett, Trevor Wood, Kate Simants, Geoff Smith, Suzanne Mustacich, Merle Nygate, Marie Ogée, Jenny Stone, Steven Collier e Shane Horsell. E obrigada a Emily Pedder e a Jill Dawson pelo apoio inicial.

Estou muito grata a Dan Brown e a Helen Hawkins pela inspirada sugestão para o título. Daniel Murray e Richard Job foram incrivelmente tolerantes e generosos ao responderem às minhas inúmeras questões sobre o processo legislativo — quaisquer erros são da minha responsabilidade. Nunca fui grande advogada...

Recebi um apoio imenso por parte dos meus amigos e primeiros

leitores: Sarah Hughes, Pinda Bryars. Louise Hare, Maxine Mei-Fung Chung, Anya Waddington e Petra Nederfors. Katie Grayson, Sandra Labinjoh, Norma Gaunt, Susan Chynoweth-Smith, Russel McLean e Neil Mackay mantiveram-me ativa com vinho e encorajamento; Amanda Little e Liz Barker com ar fresco e exercício regular; Jaynee San Juan e Viktoria Sinko com uma valente dose de apoio prático. O meu profundo agradecimento a todos vocês, e a Damien Nicol e Matt Martys por se certificarem de que continuo a avançar na direção certa.

E à minha família. Aos meus pais por me terem proporcionado uma vida de leituras e um fascínio permanente pelos romances policiais e pelo direito penal. Ao meu irmão por ser uma sólida fonte de motivação. Aos meus sogros por serem uns amores e nunca reorganizarem os meus bibelots. E, acima de tudo, ao meu marido e aos meus filhos, o meu *sine qua non*, uma pausa essencial da desgraça e disfunção do meu mundo ficcional. Jamais o conseguiria ter feito sem a vossa ajuda.

Edição original

Título: *Blood Orange*

Texto: © 2019 Harriet Tyce

Capa: 20Ten Creative Ltd.

Fotografia da capa: Shutterstock

Publicado pela Wildfire, uma chancela do Headline Publishing Group, Londres.

Todos os direitos reservados.

Edição em português

Título: *Laranja de Sangue*

Tradução: Marta Mendonça

Revisão: Rui Azeredo

Paginação eletrónica: Wonder Studio

ISBN edição impressa: 978-989-668-759-5

ISBN edição ePub: 978-989-564-113-0

1.^a edição: fevereiro de 2020

Versão 1.0 • abril de 2020

© 2020 **Topseller**, uma chancela da **20|20 Editora**. Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização da editora.



Rua Alfredo da Silva, 14 • 2610-016 Amadora • Portugal

Tel. +351 218936000 • GPS 38.742, -9.2304

contacto@topseller.pt • www.topseller.pt • [f topseller.pt](https://www.facebook.com/topseller.pt)

Garantia incondicional de satisfação e qualidade: se não ficar satisfeito com a qualidade deste livro, poderá contactar diretamente a Topseller, juntando a fatura, e será reembolsado sem mais perguntas. Esta garantia é adicional aos seus direitos de consumidor e em nada os limita.

Laranja de Sangue é uma obra de ficção. Nomes, personagens e episódios resultam da imaginação da autora ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas, acontecimentos ou locais reais é pura coincidência.